

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

**ECOS DE SI – O CORPO DO ANALISTA COMO SEMÂNTICA
DO SENSÍVEL**

IVAN GUILHERME HAMOUCHE ABREU

ORIENTADOR: PROF. DR. FRANCISCO MARTINS

BRASÍLIA/DF

2012

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

**ECOS DE SI – O CORPO DO ANALISTA COMO SEMÂNTICA
DO SENSÍVEL**

IVAN GUILHERME HAMOUCHE ABREU

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de Brasília, como requisito parcial
para a obtenção do título de Doutor em Psicologia
Clínica e Cultura.

ORIENTADOR: PROF. DR. FRANCISCO MARTINS

BRASÍLIA/DF

2012

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Francisco Martins
Universidade de Brasília - UnB
Presidente

Prof. Dr. Gilberto Safra
Universidade de São Paulo - USP
Membro externo do programa

Profa. Dra. Maria Izabel Tafuri
Universidade de Brasília - UnB
Membro interno do programa

Profa. Dra. Deise Matos do Amparo
Universidade de Brasília - UnB
Membro interno do programa

Profa. Dra. Maria do Rosário Varella
Universidade Paulista - UNIP
Membro externo do programa

Prof. Dr. Ileno Izídio da Costa
Universidade de Brasília - UnB
Membro Suplente

AGRADECIMENTOS

Reverencio e agradeço, afetosamente, à *Nazinha* dos paraenses, que arrasta, da Sé à Nazaré, a cidade de corpos festivos, suturados nas cordas metareligiosas dos Círios de Belém.

Agradeço à ...

Flávia Rode Nogueira;

Francisco Martins;

Isa Paula Hamouche Abreu;

Izabel Hamouche Abreu;

José Guilherme de Souza Abreu (*In memoriam*);

Maria Izabel Tafuri;

Zena Daibes Hamouche (*In memoriam*).

E, ademais, agradeço às crianças que repousam nas minhas lembranças e narrativas.

Pois, cada uma dessas pessoas, ao seu tempo, ofertou-me:

A delicadeza da escuta;

A eloqüência do gesto;

A estética da palavra;

A utopia;

A sabedoria;

A arte do silêncio.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	4
RESUMO.....	6
ABSTRACT.....	7
INTRODUÇÃO.....	8
PROPOSIÇÃO TEÓRICA.....	11
<u>CAPÍTULO 1</u>	
O CORPO DO ANALISTA: COMOÇÃO, INVENÇÃO E AMBIENTE DE TRATAMENTO.....	12
<u>CAPÍTULO 2</u>	
O MOVIMENTO, AS FORMAS E O CORPO.....	22
2.1 – WEIZSAECKER E A DISPOSIÇÃO PÁTHICA PARA AS FORMAS.....	26
2.2 – MERLEAU-PONTY E O SENTIDO IMANENTE DO SENSÍVEL.....	48
2.3 – LANGER E AS FORMAS SIGNIFICANTES.....	68
<u>CAPÍTULO 3</u>	
A PREVALÊNCIA DA FORMA COMO UNIVERSO POTENCIAL DE TRANSFORMAÇÃO.....	86
3.1– REORGANIZAÇÃO PERFORMÁTICA.....	93
<u>CAPÍTULO 4</u>	
REPRESENTAÇÃO-COISA: TRADUÇÃO DO SENSÍVEL.....	99
4.1– O PROTAGONISMO PULSIONAL E AS REPRESENTAÇÕES SENSÍVEIS.....	99
4.2 – O CORPO DO ANALISTA: REPRESENTAÇÃO-COISA PARA A CRIANÇA.....	131
4.3 – INSCRIÇÕES ARCAICAS E TRADUÇÕES.....	142
<u>CAPÍTULO 5</u>	
O CORPO DO ANALISTA ACONTECE COMO SEMÂNTICA DO SENSÍVEL.....	163
5.1– ESTÉTICA DO SIMBÓLICO.....	179
<u>CAPÍTULO 6</u>	
TESSITURAS PRECOSES DO EU.....	201
CONCLUSÕES.....	229
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	242

RESUMO

O trabalho investiga a função do analista, tomado em seu corpo, desperto no encontro com a criança ensimesmada e sem fala, encontro considerado como experimentação sensível de formas em movimento (*Gestaltung*). A clínica psicanalítica com essas crianças reacende a fenomenologia do movimento, enigma a ser desvelado por meio da semântica do sensível. O corpo do analista, nessa circunstância clínica, torna-se ambiente favorável à reconstrução estética do psíquico e dos laços de humanização. Recuar a esse estado de coisas sugere uma certa anomia. A existência autística provoca o analista, a ponto de levá-lo a revisitar porções e possibilidades de seu corpo desconhecidas em sua geografia psíquica. Ao tempo em que o analista se volta para essas insígnias de seu corpo, sem o saber, ele se reposiciona, em condições de desfraldar gestos de semântica e terapêutica equiparáveis ao ambiente psíquico da criança. Com a apresentação de cenas clínicas, busca-se demonstrar esse modo estético de existência, no encontro analista-criança.

Palavras-chave: psicanálise, autismo, estética, psicopatologia, sensação.

ABSTRACT

The paper investigates the role of the analyst, taken into his body, awake in the encounter with the self-absorbed and speechless child, meeting considered as a sensitive trial of shapes in movement (*Gestaltung*). The psychoanalytical clinic with these children rekindles the phenomenology of the movement, puzzle to be unveiled by the semantics of the sensible. The body of the analyst, in this clinical circumstance, becomes favorable environment for the aesthetic reconstruction of the psychic and of the bonds of humanization. Receding this state of affairs suggests a certain anomie. The autistic existence provokes the analyst, taking him to revisit portions and possibilities of his own body, which are unknown in his psychic geography. By the time the analyst turns himself to those badges of his body, without knowing it, he repositions himself in conditions to unfurl gestures of semantic and therapeutic equivalent to the psychic environment of the child. With the presentation of clinical scenes, it is sought to demonstrate this aesthetic mode of existence, in the analyst-child encounter.

Keywords: psychoanalysis, autism, aesthetic, psychopathology, sensation.

INTRODUÇÃO

Mas, agora, feita a folga que me vem, e sem pequenos dessorseços, estou de range rede. E me inventei neste gosto, de especular idéia. (Guimarães Rosa)

No trabalho de dissertação de Mestrado, intitulado *Origens Autísticas do Psíquico: tramas de sensações e pulsações*, procuramos compreender as manifestações da vida autística e das crianças pequenas sem fala, como tecido sensível que, por algum meio, nos informa sobre o auto-engendramento da vida psíquica, em um tempo arcaico, quando corpo e psique parecem urdidos em complexa cumplicidade.

Cabe lembrar que, ao iniciar o trabalho analítico com crianças, o fizemos partindo justo da clínica na qual as crianças ingressam, em geral, despossuídas da fala e mantidas em diferentes graus de ensimesmamento. Se por um lado, tal entrada reduz a ampla variedade de experiências da linguagem que pululam, no campo simbólico descrito por Freud, como psiconeurótico, por outro, esse acesso nos coloca em estreita relação com fenômenos que repercutem na esfera do corpo. Pois é essa provocação, dirigida tanto ao corpo do analista quanto ao corpo da criança, quiçá havida no espaço intersubjetivo desses corpos – aí, portanto, encontrando-se a ânima, a mais antiga – que reconhecemos para a realização desse trabalho.

A experiência analítica ensina que vem da clínica o extrato que reveste e irriga a teoria. A clínica, em psicanálise, convida, semeia ou faz brotar, em reedição, as efrações do sujeito. No trato com as crianças, algumas ainda sem fala, suas aparições singulares, tantas vezes, se fazem em porções do corpo aderidas às suas produções sensíveis. Um método clínico que favoreça o

encontro com essas produções será aquele que implica o analista com seu corpo, e, assim, quem sabe, possa ele habitar, junto com seu pequeno paciente, um corpo que resulte do gesto criativo de ambos, imanente à situação analítica. Não há como prescrever esse estado de coisas, mas há como dar o testemunho do que aí se passa. Do trabalho clínico, surge a oportunidade para narrar a história de um tratamento, mesmo que seja um fragmento, posto que, nesse conto, nessa ficção, se revela a teoria, que outra coisa não deve ser senão a contemplação desse encontro, havido num tempo emoldurado pelas produções humanísticas inalienáveis de seus atores.

Nossa intenção não é a de demonstrar à exaustão um caso clínico, mas, sim, destacar cenas avulsas da clínica. O interesse, o de capturar situações do vivido. Para tanto, procuramos colher, com essas narrativas clínicas, circunstância que supomos genética do psíquico e da função ambiente. Por exemplo, observamos a dobra do tecido que cobre uma peça do mobiliário da sala de sessões. A dobra desvia o destino da bola lançada, pela criança, da inclinação desse mesmo móvel. A física desse fato é tão importante quanto o corpo da criança que ainda não se desdobra em palavras, embora se incline ao *movimento* e à *forma*, quando experimenta em si a ação dessa mesma bola. Queremos examinar esse campo de experimentações, pois supomos que, nessas dobraduras do sensível, a criança poderá encontrar um destino para o corpo, e ele será concordante com o psíquico, tanto mais possa o analista fazer-se presença viva para a criança, pelas medidas, ressonâncias e provocações dirigidas ao seu próprio corpo. O que propomos é contar a história dessas peripécias clínicas, do que julgamos ser a estética dessa clínica, com vistas a aproximá-la da proposição de que as *formas em movimento*, geradas no encontro analista-criança, são fundamento para a constituição psíquica.

As vinhetas clínicas não serão apresentadas em seqüência cronológica. Com o interesse de trazer ao primeiro plano a cena clínica, queremos privilegiar o tempo vivido, e, como veremos, o tempo tomado, fenomenologicamente, por vivido, não o é no sentido da demarcação linear dos

ponteiros do tempo. A pretensão é a de capturar um tempo arcaico, tomado no fluxo imediato da experiência. Pretensão difícil de se cumprir, pois como sabê-lo à margem da ordem lógica? Não obstante essa dificuldade, consideramos esse entendimento necessário para tratarmos com o domínio dessas vivências.

Provavelmente, todo analista que tiver a oportunidade de realizar o tratamento de uma criança ensimesmada e fora do campo da palavra não estará livre de experimentar seu próprio corpo se pronunciando ou ocupando o ambiente de tratamento. O analista torna-se escasso em associações ou se desgarrar frente à exuberância de suas próprias ocorrências sensíveis, não impedidas, de todo, de se converterem em expressões semânticas que podem dar acesso à criança. Ora, esse estado de coisas e os fenômenos que dele se desdobram merecem nossa atenção, de modo a voltarmos à investigação para essa função do analista, que recepciona o corpo da criança. Nosso trabalho convida a visitar o que se passa nas ante-salas do corpo, quando tudo resta estético, nas tramas do movimento que faz e desfaz o tecido da existência.

O trabalho está organizado em seis capítulos, distribuídos nas seguintes matérias. No primeiro capítulo, tecemos considerações preliminares sobre a clínica da criança ensimesmada e sem fala, clínica que reputamos deva ser ocupada pelo corpo do analista, ainda que assolada por incertezas epistemológicas. No segundo capítulo, consultando o campo fenomênico, tratamos da disposição *páthica* para o movimento, o contato e a composição da *forma significante*, consonantes com a constituição da corporeidade. No terceiro capítulo, procuramos examinar o universo das formas em movimento, à luz de um estrato de etnografia da prática xamã, onde se prolata a eficácia dessa moldura estética. No quarto capítulo, a expressão *tradução do sensível*, afeita ao corpo e ao encontro da criança com o analista, tem o condão de nos remeter ao *pulsional*, à *representação-coisa* e às *mensagens enigmáticas*, todos termos desse hiato do sensível, havido entre o sujeito e o aporte de um outro. No quinto capítulo, tratamos de

intervenções clínicas pela via do corpo do analista, em presença das *formas autísticas*. No sexto capítulo, consideramos a função do movimento, do ritmo, do entorno da situação clínica, na qual se inclui o analista como função ambiente, indispensáveis às tessituras do Eu, em um tempo tomado como arcaico. As vinhetas clínicas se acham repartidas ao longo desses capítulos, onde são analisadas em concordância com o objeto que neles se desenvolvem.

PROPOSIÇÃO TEÓRICA

O corpo do analista acontece como semântica do sensível favorável à geração de formas em movimento, constitutivas do psiquismo da criança.

CAPÍTULO 1

O CORPO DO ANALISTA: COMOÇÃO, INVENÇÃO E AMBIENTE DE TRATAMENTO

Meu corpo não é meu corpo, é ilusão de outro ser. Sabe a arte de esconder-me e é de tal modo sagaz que a mim de mim ele oculta (Drummond).

Na clínica com a qual tratamos nos deparamos com a estética do corpo, o que possa haver aí de *esteses* e essa irreduzível vocação de constituição do humano condensada no mais tênue, irreconhecível e livre gesto para criar. O domínio *estético*, para o qual nos voltamos, atende a duas linhas de significação: *invenção e esteses*. Assim, consideramos a experiência de invenção intersubjetiva do corpo idiossincrásico de cada um de nós, posto que só se pode proclamá-lo ou inventá-lo na presença de outro humano que o possa testemunhar. A propósito, a disposição para testemunhar constituir-se-á, em nosso entender, na quintessência do que há por fazer e sofrer na clínica com essas crianças.

Faz-se mister dizer que o significante *corpo*, assim como o correlato *psíquico*, traciona uma rede imponderável de significados, de modo que, quando dizemos *corpo*, restam ainda adjetivações, qualificações a se fazerem em favor da melhor compreensão daquilo que queremos dizer. Sabemos do corpo biológico dos órgãos; do corpo tegumentar; do corpo de sensações que brota das camadas envoltórias e dos aparatos especializados; do corpo alucinado e imaginário; do corpo simbolizado e matizado pela presença de um outro; do corpo de identidade fragmentária pela assunção da engenharia cibernética; da palavra corporificada; e, sucessivamente, de outros

enunciados, conduzindo-nos a núcleos onde já não é possível distinção entre a sutileza da matéria e a textura do psíquico.

Por todos os títulos, a realização da clínica que transcorre no universo supostamente pré-simbólico expressa uma gama extensa de questões que não se mostram tão dóceis e acessíveis ao trato teórico-clínico. Quando procuramos qualificar simbolicamente certas produções das crianças destituídas de fala, em situação de ensimesmamento, e que se mantêm em circuitos de conduta repetitiva, faz-se necessário qualificarmos vocalizações sonoras, rituais, movimentações e deslocamentos no espaço; enfim, o corpo em movimento e ação. De igual maneira, passa pelo corpo do analista a extensão do ambiente de tratamento, do qual podem advir os primeiros gestos criativos da criança. Em nossa compreensão, é a qualificação desses signos do universo sensível que nos desloca de uma perspectiva sindrômica ao encontro de modalidades de simbolismo infra-lingüístico ou não discursivo, conceito que nos chamou atenção na obra de Susanne Langer, autora que se inscreve em um campo diverso da psicanálise. Com maior radicalidade, também somos levados para fora dos limites do símbolo, ao assêmico e daí à unidade da excitação.

Quando nos debruçamos sobre o tratamento das crianças, não raro, nossos recursos teóricos e discursivos parecem pálidos. Essas crianças, em geral, meninos e meninas entre três e seis anos, cobrem em corridas variadas o espaço clínico – a vontade é a de estar com elas sem paredes. Descrevem rotas conhecidas. Repetem. Ensejam gestos. Assumem direção. Ocupam posição. Promovem toque e contato. Muitas não falam. Outras o fazem em palavras rudimentares. Outras, ainda, vestem-se em som e movimento. O mundo lhes chega à boca, aos lábios, à língua, à textura da saliva, à tez do rosto, à mão, à pontinha do dedo, enfim, à superfície da pele. Ou todas essas partes vão ao encontro do mundo para dar lugar ao sensível de cada expressão. Em algumas vezes, o analista repete seus gestos; noutras, mantém-se ao lado delas. As crianças passam pelo colo, esgueiram-se até alcançar as pernas, inclinam-se em angulações multifárias.

Ocorre também de serem tomadas por um ‘colapso psicológico’, sem motivação que se possa supor de imediato e, assim, depois de um tempo, encontram o seu termo. Nessas horas de expressa impotência do analista, resta estar com elas nesse desvão de desamparo, e cuidar para que não se machuquem.

A pesquisa que procura compreender a posição *páthica* das crianças insuladas, sem fala, em articulação com as funções do corpo do analista, por certo, haverá de qualificar toda sorte de fenômenos em que o corpo projeta-se ao encontro de pré-organizações sutis da ordem psíquica, que se fracionam em corpos matizados; tantos outros, humanizados; por vezes, deserotizados; e até descontinuados. Entre ruínas e vazios de constituição da vida anímica, é certo que o contato com a clínica psicanalítica dessas crianças abre para um domínio da existência que, em geral, não se mantém tão ativo na vida sobressaltada dos nossos dias. Envolta em tantos enigmas e plena em manejos, gestos e movimentos cujo teatro descerra o estreitamento dos corpos da criança e do analista, essa cena da vida analítica parece revelar a conspiração de um fundo estético por onde transitam a virtuosa e viciante malha do sensível, de onde, suspeitamos, se desdobram os primeiros fios da atividade psíquica.

A expressão clínica do corpo da criança em sofrimento autístico é demasiadamente intrigante quando age sobre o corpo alheio do analista, desalojando-o de suas rotas domiciliares e revelando-lhe regiões desabitadas para as quais se encontra despreparado e até desabilitado. Não raro, as contingências clínicas demandam do analista que ele deixe de ser o intérprete da vida interior e passe à condição de testemunha das composições estéticas que ambos, analista e criança, são capazes de elaborar como resultado da integração de sensações geradas na situação analítica. Causa espécie constatar que, no trabalho clínico com essas crianças, o corpo do analista passe à condição de ambiente favorável ao tratamento. Esse corpo, vazado pelo simbólico, também pode se ver desperto como modulador das excitações da criança. Há toda uma seriação

de objetos que, ao passarem pelo corpo do analista ou partirem dele, assumem o efeito provocador de despertar o próprio corpo da criança. Tais constatações ou impressões clínicas nos conduzem aos extremos, às bordas ou às dobras do ser. Cuida-se de uma região de claudicação teórica, de incertezas epistemológicas; contudo, ocupada por um eloqüente fenômeno clínico que não cede e nem se cala em face das hesitações e dúvidas que sobre ele incidem.

A renomada psicanalista inglesa, Frances Tustin, que prestou inestimável contribuição ao estudo e tratamento de crianças em estados autísticos e confusionais, pode ser encontrada, em seus registros clínicos, às voltas com a participação de seu corpo, em sua prática analítica com as crianças. Anote-se que, em uma de suas passagens clínicas, o caso John, Tustin (1975) se vê oprimida entre a ação empática e a reação reflexiva – a primeira move a analista, em globo, ao encontro da corporeidade; enquanto a segunda enceta escrúpulos que retêm prováveis composições estéticas que possa realizar com a criança, o que a faz se justificar em favor do ato de interpretar.

A realização da clínica com essas *crianças atmosféricas* (Tustin, 1975) não concede ao clínico amplos benefícios de abstinência. Referimo-nos com isso à participação do corpo do analista, indispensável à composição estética da situação-ambiente de tratamento. Ainda que mantendo o próprio corpo ou faces de seu corpo desabilitado, o analista, muito provavelmente, ver-se-á surpreendido quando requisitado, ou, se preferir, apensado às evoluções da criança. Há toda uma vida psíquica fossilizada que é trazida às falas, nas movimentações do analista, e que se encontra, por sua vez, com as expressões psíquicas da própria criança. Essas porções psíquicas, feitas de movimento e forma, que a criança, porventura, vem a construir com o corpo do analista e com os demais objetos, determinam verdadeiros ciclos, o que Weiszaecker (1958), médico alemão, consagrou em seu ensaio *Der Gestaltkreis (O ciclo da forma ou Le cycle de la structure)*

e Hans Prinzhorn (1984) dedicou atenção a esses ciclos pulsionais que resultam em formas plásticas, para as quais ele reservou, igualmente, a derivação alemã *Gestaltung*.

Para a produção de *Gestaltung*, na situação clínica, a presença viva do analista – que embora possa parecer qualquer móvel da sala, como certa feita observou Klein (1996), no tratamento de Dick, assinalando as diferenças dele com a criança neurótica – cria condições de passagem à produção de formas constitutivas do ambiente. O ambiente e a atmosfera melhor podem ser pensados com referência à noção de *Stimmung* (atmosfera vital do vivente) que está na base do mover, do proceder e do agir dessas crianças. Nosso trabalho tem por intenção debruçar-se sobre essa função do corpo do analista. Nessa investigação, pretendemos problematizar esses aspectos em que a corporeidade do analista se vê envolvida e chamada a se pronunciar. Por certo, nessa clínica, os embates e as intrigas afetivas que dão contorno às representações do corpo anistiam aquilo que a assunção da linguagem tornou exilado.

O atributo estético, em primeira mão, vê-se suscitado, na clínica com a criança – em especial, dessas crianças das quais estamos a falar, mas não exclusivamente. As aquisições da fala, da linguagem e do simbólico nos impõem a deposição de uma extraordinária vida, que Abraham (1995) nos lembra em sua assertiva: “recalca-se a criança como se respira” (p. 304). A criança, aqui, a tomamos como o signo mais bem acabado do vivido no imediato da experiência. Ora, o sintoma da criança reposiciona o sentido que o corpo em movimento tem para a constituição da vida psíquica. O movimento, com as devidas escusas para a extravagância da afirmação, é o que há de psíquico na criança, tal o seu domínio nos primórdios da vida. Não se trata do ir e vir alcançado pela maturidade, mas, antes, a permanência, o estar aí, a capacidade de manter a existência na fruição do simples gesto – dentre muitas, eis aqui uma definição do ser criança.

A bem da verdade, reconhecemos o quanto há do corpo pulsional na promoção da linguagem. Não obstante, consideramos indispensável todo propósito que procure desvelar o que há de dissimulação na linguagem, dissimulação enquanto cidadela erguida para se proteger do ataque pulsional, operada na forma de uma *recusa à criança*. Portanto, à guisa de compreender o mencionado recalçamento, arremata Abraham (1995): “a linguagem – com exceção da poesia, talvez – constitui um instrumento vivenciado desde os tempos imemoriais para operar em cada um de nós o recalçamento incessante do sentido que aí se acha excluído, o sentido da Criança” (p. 304).

Ora, a criança que se deposita em nós como o infantil é o que há de mais *genuinamente pulsional*, e o pulsional está em estreita vinculação com o movimento. Destarte, quando procuramos ou queremos promover a atividade psíquica que se acha obstruída na criança com sintomas autísticos, é justo essa dimensão do movimento que se apresenta como *o fio de Ariadne* passível de conduzir ao encontro de uma expressão singular. Aquilo que uma pequenina criança realiza com o seu corpo, deslocando-se nos eixos de tempo e espaço, em parte, adiante, será subsumido pelo regramento e deslizamento das palavras. Sabe-se que, no primitivo desenvolvimento de uma criança, o movimento que leva ao encontro de objetos ou partes do corpo do outro, como o seio da mãe, por exemplo, resta, pelo efeito da ilusão, como projeções de seu próprio corpo, espécie de capilaridade psicológica a serviço de colher a matéria com a qual ela equacionará o seu *Devenir*.

A partir de Freud, amplas pesquisas psicanalíticas se debruçaram sobre a participação do corpo na vida psíquica. De trabalhos como os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico* (1911), *Além do Princípio do prazer* (1920), *O ego e o id* (1923), partem diversas linhas de pesquisa, que visam a alcançar alguma compreensão do que aí se passa. Nesse particular, há uma confluência na leitura de diferentes

autores, e ela se faz com relação à importância desse terreno afetivo de continuidade entre a mãe e seu bebê, capaz de envolvê-lo em uma manta narcísica que pode lhe prover as condições de sustentação e cuidado, especialmente quando vive a queda da desilusão idílica. Conhecimento esse que nos dá suporte teórico para a clínica com as crianças que não falam. Consideramos que, em Freud, o conceito de *representação-coisa* inconsciente marca a dimensão do corpo de todos nós e revela a participação da dimensão sensível e do sentido na constituição da vida anímica. Especialmente, quando consideramos com Laplanche (1988), que essa *representação-coisa* deriva de significantes aportados pelo outro na penumbra do inconsciente.

Os objetos na vida de um neonato são fragmentos impregnados da experiência vivida: quase nada passa por sua vida sem sofrer as determinações de sua corporeidade habilitada pela rede sensível que emana de sua presença viva em contato com outros humanos. No início da vida, aquilo que se objeta ante a criança são reflexos especulares de seu corpo. Tais reflexos são assimiláveis à imagem da própria criança e de sua mãe, que para ela se inscreve como uma extensão ilusória. Assim é que o leite, que chega à cavidade oral, é metabolizado juntamente com todo esse semblante humanizante e imagético que envolve a criança.

Aqui nos deparamos com o problema hermenêutico de conhecer essa vida, tratar com ela, compreendê-la em seu solavanco, em possível *desraizamento traumático* (Tustin, 1975, p.60), esse que faz ruir, precoce e subitamente, a indispensável experiência ilusória do indivisível ser-mãe-bebê. Esse aspecto da compreensão se reveste de uma delicadeza sem par na clínica com as crianças, justo porque, no *setting*, as coisas gozam de uma estreiteza entre elas capaz de empanar qualquer sentido de objetividade que se queira imprimir. As tradicionais problemáticas relacionais sujeito-objeto, sujeito-sujeito, sujeitos em dissimetria ou sujeitos em simetria encontram um campo fértil para a reflexão. Nos cuidados voltados a essa clínica e nas observações que dela possamos haurir, cabe registrar que as expressões da corporeidade se

confundem com o universo dos objetos, e ambos, por sua vez, com os estatutos do psíquico. Portanto, encontramos-nos em um ambiente onde o trabalho se realiza tendo essas dimensões muito próximas, e isso, ao nosso sentir, reclama a necessidade de uma elaboração. Acreditamos que esses são marcos da vida que emprestam sua inteligência à compreensão tanto das escalas primitivas quanto de modalidades mais avançadas de produção humana.

Lembremos que nosso próprio corpo implica um ato de compreensão. Esse ato de compreensão, no mais das vezes, se equaciona por um gesto de invenção. Quando nos referimos ao registro da corporeidade, não há racionalidade que possa fazer frente às faltas, lacunas que se abrem no curso de uma dada historicidade, pois são os hiatos do ser. O nosso corpo é, quase sempre, tecido roto, que aguarda até a excruciante dor para se ver revestido com a matéria de nossa imaginação.

As modalidades de existência autística – essas que não se cingem ao setor psicopatológico e podem ser vividas em outros domínios, como das artes – provocam o analista, a ponto de levá-lo a revisitar regiões desertificadas havidas em sua geografia psíquica. Ao tempo em que o analista se volta para essas insígnias de seu corpo, sem o saber, ele se reposiciona, em condições favoráveis de desfraldar gestos terapêuticos que ultrapassam as interpretações endereçadas à angústia da criança. Portanto, compreender aqui é refazer-se em novas texturas psíquicas que, a rigor, podem se traduzir em tenras experiências de Eu. Esses sítios, deduzidos do encontro com nossas lacunas de erotização – supostas na criança e surpreendidas no analista – são matéria *nova e renovada*, pronta a formar e ocupar o ambiente de tratamento.

Lembramos do *furor sanandi*, para o qual nos adverte Freud, em inúmeras ocasiões. Esse *furor* que, ao nos visitar, nos inclina a aceitar que nossa tarefa terapêutica deva se voltar à eliminação de sintomas. Contudo, na tradição freudiana, a causalidade psíquica, formadora do sintoma simbólico, faz desse um produto paradoxal. Primeiramente, o sintoma, tal qual nos

aparece extemporaneamente, já se fez contemporâneo em prestigiosos lapsos temporais de nosso intrincado desenvolvimento, seja como função constitutiva, mantenedora ou reguladora de nosso estrato psíquico. Assim é que se podem considerar o delírio, a alucinação, o recalque, a perversão, a cisão e, por fim, para citarmos apenas esses, a estética autística. Ademais, o sintoma, para o caso da criança ensimesmada e sem fala, revela uma descontinuidade sofrida em desfavor da realidade, mas o faz ao tempo em que, simultaneamente, desvela o lugar para onde a criança se retirou, sua morada na qual realiza a continuidade de seu ser. A simples liquidação dos sintomas; a narcotização com vistas a aplacar uma suposta hipercinesia; o treinamento ou a pedagogia que espreeita a extinção da repetição ou reprodução ecológica; essas e outras condutas que visam à higiene comportamental da criança padecem da abolição da capilaridade criativa que está a serviço de irrigar uma certa produção sem par, o que seria, em nosso entender, abolir a própria criança.

A função do analista passa pela instituição de seu corpo. Mas essa instituição é feita de recortes e suturas, como de resto é dado acontecer em qualquer plano subjetivo. Consultá-los! Não há como recomendar. Contudo, em algum momento de todo o extenso tratamento, esbarrar-se-á neles. Ainda, no contato com a criança, produzir-se-ão tantos outros. Ao que nos parece, entre analista e criança podem nascer formas preliminares que não se erguem como a fascinante catedral do Eu. Mas, sendo o Eu um objeto, ele pode se inventar em fragmentos, em frações de outros objetos que se convertem à *ipseidade*. Esses, por sua vez, nem sempre assimiláveis integralmente ao universo da cultura.

Enfim, quando *Narciso* vê-se inebriado pela imago refletida nas águas imaculadas da fonte de *Téspias*, ecoa dentro de si um anelo que não é aquele do apelo amoroso que lhe dirige a ninfa *Eco*. A sua dor está na impossibilidade de se separar dessa que ama. O filho do rio *Cefiso*, rio de curvas exuberantes que atraíram *Liríope*, sua mãe, não se curvou à consecução do amor

aprisionado em si, posto que a realização daquele amor convidava ao encontro com *Eco*. Pois *Eco*, amaldiçoada pela Deusa *Hera*, cumpre um destino que, talvez, nem a divindade dele suspeitasse a essencialidade que lograria entre humanos – pois não seria *Eco* que faria materializar, repercutir e ecoar fora de nós o que em nós teria sua fonte.

E foi assim que, em tempos imemoriais, Ovídio (1983) fez-nos crer que a fascinação opera *metamorfoses* em nossos corpos. Assim é que, em *Eco*, restaram-lhe *a voz e os ossos*, esses últimos transformados em pedras. Por seu turno, no lugar do corpo inerte de *Narciso*, havia uma *flor dourada, rodeada de folhas brancas*. A experiência trágica da alienação cruza, em errantes direções, a cena de constituição dos humanos – quem sabe, em seus limites, possamos encontrar o entusiasmo para a colação daqueles que se retiraram para um corpo, em cuja propriedade lhes falta justo a dimensão da tragicidade, aportada pelos ecos de um outro. A expressão *ecos de si*, referida à situação clínica, reflete esse algo essencial que, inventado pela criança, dela se torna próprio, quando se faz *eco* pelo corpo em comoção do analista.

CAPÍTULO 2

O MOVIMENTO, AS FORMAS E O CORPO

O trabalho do analista com crianças, em especial com aquelas ensimesmadas e sem fala, demanda o reconhecimento do corpo do analista como *forma* à disposição da criança, que pode favorecer a sua constituição psíquica. Essa *forma*, a queremos investigar e nos assegurar de seu caráter simbólico, em uma direção diversa daquela da palavra. Positivamente, nos filiamos à compreensão de que podemos encontrar no corpo o instituto com referência ao qual apreendemos e compreendemos as *coisas* tangíveis do mundo e, igualmente, aquelas que, partindo de nosso corpo ou passando por ele, restam como o intangível próprio de nossa atividade psíquica. Nesse campo, a fenomenologia avançou com importantes contribuições, procurando compreender o intervalo do *entre*, que vai do sujeito ao outro e desses com referência às coisas que se estendem pelo mundo.

O fenomenólogo Edmund Husserl (1912/2005), ao considerar a formação da *realidade animal*, destaca que tal realidade tem por estrato a *Res extensa*, ou seja, a realidade estendida, a coisa física; a essa vem se acrescentar a propriedade anímica, deixando em suspenso a possibilidade da distinção entre estrato sensível (estético) e outro propriamente psíquico (p. 62). Ao entrar em contato com o mundo físico e humano, o corpo vê-se tomado pelo fenômeno identificado pelo filósofo como *Ubiestesias*. No alemão arcaico, *Ubiestesia* remetia à *Empfindniss*, que tinha por sinônimo *Empfindung*, no sentido corrente da língua, significando *sensação*. Contudo, ao retomar esse termo, Husserl lhe confere um sentido particular e renovado. *Ubiestesia* refere-se àquilo que acontece ao corpo quando ele é tocado, o que faz sentir com o

corpo ou dentro do corpo, o que já não acontece, por óbvio, no entrechoque das coisas meramente materiais: “As sensações localizadas não são propriedades do corpo como coisa física, mas, por outro lado, são propriedades da coisa corpo, e justo propriedades de ação” (p. 186, tradução nossa). No exemplo oferecido pelo autor, quando a mão direita toca a mão esquerda, revela-se uma constituição dupla do corpo: por um lado, têm-se a percepção de propriedades físicas da mão esquerda, isto é, *Res extensa* dada pela coloração, calor, dureza, aspereza etc – essas propriedades reais de sensações táteis pertencem à mão direita, ou seja, pertencem àquela mão que desferiu o toque; por outro lado, na mão esquerda, essa que foi tocada, encontram-se sensações táteis que não são físicas, mas que estão localizadas nela, são “sensações de toque” que se levantam nesse sítio da mão. Ainda, noutro exemplo, reforça o autor:

“A mesma sensação de pressão na mão que descansa sobre a mesa <é> apreendida em um caso <como> percepção da superfície da mesa (propriamente de uma pequena parte da mesma), e dá por resultado, em ‘outra direção da atenção’, na atualização de outro / estrato de apreensão, sensações de pressão do dedo. Igualmente se comporta o frio da superfície da *coisa* e a sensação de frio no dedo” (Husserl, 1912/2005, p. 186, tradução nossa).

A corporalidade está pavimentada por essas glebas de *Ubiestesia* sensível que se pronunciam no corpo ou dentro do corpo, e são propriedades de ação constitutivas do próprio corpo, despertadas pelo toque das coisas sobre o corpo. A *Ubiestesia*, prossegue o filósofo,

“Não pertence em absoluto ao esquema sensível. A *ubiestesia* tátil não é estado da *coisa* material mão. Senão precisamente a MÃO MESMA, que para nós é mais que *coisa* material, e a maneira em que ela está em mim traz consigo que eu, o ‘sujeito do corpo’, diga: o que é coisa da *coisa* material é coisa sua e não minha. Todas as ubiestesias pertencem a minha alma, todo o estendido à *coisa*

material. Nessa palma da mão sinto eu sensações de toque e similares. E precisamente por isso ela se manifesta imediatamente como meu corpo. {...} Pois as ubiestesias não desaparecem. Somente o *real* desaparece do ser” (Husserl, 1912/2005, pp. 189-190, tradução nossa).

No exemplo trazido acima, a percepção tátil da mesa faz nascer o corpo naquela localização. O toque da mesa cria algo no corpo ou cria o corpo, que por sua vez recria a coisa que o tocou com a propriedade de ação inerente ao próprio corpo, naquele ponto de toque em que a fenomenologia do acontecimento dá lugar à *Ubiestesia*. Portanto, ainda assevera Husserl (1912/2005), em suas considerações constitutivas do corpo, em sua natureza de ser animal:

“O tema das seguintes considerações será agora a constituição da *REALIDADE NATURAL HOMEM* (o ser *animal*), isto é, do homem como se oferece na consideração naturalista: como *corpo* material sobre o qual se edificam novos estratos de ser, os anímico-corporaes” (p. 183, tradução nossa).

“Todos esses grupos de sensações têm, como *UBIESTESIAS*, uma localização corporal imediata; para todo homem, portanto, *PERTENCEM DE MODO IMEDIATAMENTE INTUITIVO AO CORPO ENQUANTO SEU CORPO MESMO*, como uma objetividade subjetiva que se diferencia da mera *coisa* material corpo por todo esse estrato das sensações localizadas” (p. 192, tradução nossa).

Ao toque, acrescentam-se ao corpo estratos de ordem sutil ou edifica-se o corpo de natureza sutil, isto é, o corpo que a fenomenologia de Husserl considera como *corpo vivido*. O *corpo vivido* nasce nesses lugares do corpo cobertos pela rede de *ubiestesias*, que são lugares de contato e de despertar sensual. Essa coisa que tem localização espacial e orientação, e que dá ensejo ao “sujeito do corpo” – que é o sujeito do *corpo vivido* –, considerado em suas moções afetivas, compõe um terreno de fundação do Eu. São fartas as considerações do filósofo à

orientação que o *corpo vivido* dispensa ao Eu. Assim, é tal o enlace da consciência ao corpo, que a aparição das *coisas* encontra nele a referência para tornar-se objeto da consciência. Até mesmo o psíquico, acrescenta Husserl (1912/2005), acontece segundo uma localização espacial:

"Os homens e os animais não são fragmentáveis. Os homens e os animais estão LOCALIZADOS ESPACIALMENTE; inclusive o psíquico neles tem localização espacial, pelo menos em razão do fato de estar essencialmente fundado no corporal" (p. 63, tradução nossa).

"{...} todo o *real-cósico* do mundo circundante do eu tem sua referência ao corpo" (p. 88, tradução nossa).

Os lugares do Eu no corpo são cambiantes, em função do centro organizador e orientador do sujeito em relação aos outros e ao mundo circundante. O Eu se desloca em acordo com os movimentos do sujeito. As estimulações internas de nosso corpo, combinadas com nossos deslocamentos no espaço/tempo, determinam modos de apercepção, e as apercepções de nosso corpo são nossas primeiras impressões do Eu. As *coisas* revelam-se ao corpo, com a mesma força que torna o corpo capaz de influenciar a aparição dessas *coisas* em nosso aparato anímico. Martins (2012a) contribui nos seguintes termos com essa importante distinção da fenomenologia da constituição:

"O corpo efetivo material é um dado imediato sensitivo, mas você tem um corpo capaz de prazer, gozo, imaginação, experiência. Corpo biológico produzindo efeitos. Mais que um corpo vivo, é um corpo vivido. É um objeto mais do nosso trabalho como psicoterapeutas do que dos médicos que se tornaram somente engenheiros do corpo. O Psicoterapeuta está ligado ao corpo como Erlebnis, experiência vivida de si mesmo" (p. 8).

Não resta dúvida de que a *experiência vivida do analista* é fundamento para a clínica que trazemos à consideração nesse trabalho. Queremos examinar as disposições afetivas do corpo do analista à luz do contato com a criança, essa que *impõe* o reposicionamento do corpo vivido daquele outro. Daí que passaremos a examinar, na seqüência do capítulo, a dimensão do movimento, do toque, de aspectos aperceptivos que se ligam à rede de *ubiestesias*. Na organização perceptual, a visão e a audição estão submetidas a essa primeira dimensão do tato. Mesmo porque, ainda adverte o filósofo, o corpo só pode constituir-se, primordialmente como corpo, mediante a introdução das *ubiestesias* do palpar. Fora da experiência vivida da tatilidade, o corpo passa a ser uma coisa dentre outras. A dor, por exemplo, é indispensável nesse processo constitutivo. O toque, a pressão e a dor fundam o corpo (Husserl, 1912/2005, pp. 190-191). Essa dimensão imaterial do corpo – *ubiestésica* – é definitiva. Quanto ao *real*, desfecha o pensador, assinalado acima, seu destino é sucumbir no ser.

2.1 – WEIZSAECKER E A DISPOSIÇÃO *PÁTHICA* PARA AS FORMAS

Com referência à disposição afetiva humana para as formas do movimento e da percepção, torna-se indispensável consultar o pensamento clínico de Weizsaecker (1958), em sua obra *Le Cycle de la structure (Der Gestaltkreis)*. Nessa empreitada clínica e filosófica, o autor retorna à biologia para encontrar a disposição genética que desencadeia, no humano, a vocação para a *formação das formas*. Viktor Von Weizsaecker (1886-1957) foi médico alemão, sendo considerado um dos fundadores da Medicina Antropológica. Viveu a maior parte da vida na cidade de Heidelberg, onde se doutorou e ocupou a cátedra de medicina. Destaca-se, também, como um dos principais teóricos da medicina psicossomática na Alemanha, sendo influenciado pela teoria psicanalítica.

Na abertura da obra de Weizsaecker (1958), o prefácio de Henry Ey nos convida a examinar a *antropologia biológica* do autor com os seguintes termos:

“O movimento é o princípio da forma, porque não há a estabilidade da forma. Há transformações incessantes da forma, que constituem a geração das formas pelas formas. A noção de reflexo congelou esse ciclo vital, fixando-o sob seu aspecto puramente morfológico, objetivo e, sobretudo, ‘fechado’ e ‘vazio’. Trata-se, ao contrário, nos diz Weizsaecker, de se colocar em uma perspectiva decididamente nova que retira o movimento e suas formas sucessivas e intrínsecas desse esquema esclerosado. Não se trata, em efeito, de uma simples estrutura em círculo (*Kreisgestalt*), mas de uma ‘*Gestaltkreis*’, quer dizer, de um ciclo da estrutura. Esse novo termo é escolhido de propósito, porque ele é muito elástico para se adaptar ao aspecto mais profundo da existência humana, que é uma passagem do ser ao *devenir* desse ser (expressão que é, eu creio, de Jaspers), de tal sorte que o sujeito é, aí, como a forma e o conteúdo mesmo dessa estrutura, cujo o movimento faz desaparecer a oposição de ‘*psyché*’ e de ‘*physis*’, no interior mesmo da existência humana, que assume uma renovação perpétua de suas relações subjetivo-objetivas” (p. 11, tradução nossa).

O que aqui se anuncia é que toda consideração à *forma* far-se-á no sentido de um processo que, despertado no contato do sujeito com as circunstâncias do mundo, não encontra termo em uma imagem acabada e, tampouco, alcança alguma estabilidade formal, a não ser provisória. Com efeito, a *Gestaltkreis*, seguindo a genealogia da palavra alemã atestada por Schotte (apud Martins, 2012b), situa-se no universo das *ciências páthicas*, que tem por característica a pluralidade de pensamento e a equivocidade, especialmente pelo interesse que tem na dimensão do contato e na compreensão das nuances do sofrimento humano. Nessa modalidade de pensamento, reconhece-se a multiplicação de vozes emanadas dos fenômenos da existência

humana e a irredutibilidade ao modelo das ciências físicas, essa última que prefere privilegiar a organização hierárquica e sistêmica.

A tradução para o francês – *Le Cycle de la structure* –, se não atende plenamente, deixa entrever a idéia de Weizsaecker de que na gênese da forma não conhecemos nem início e nem fim. O termo *Kreis*, do título original em alemão *Der Gestalt(kreis)*, traz a idéia de círculo, mas também de um círculo democrático onde tenha lugar a pluralidade de pensamento, tal quando nos referimos a um grêmio. O pensamento clínico vê-se também contemplado com a noção de *Gestaltkreis*, vez que tem por horizonte a abertura para os modos de proceder aos fenômenos clínicos e a liberdade para associá-los. Os móveis do *métier* clínico não se combinam ou se deixam consumir pela idéia de um sistema fechado ou de um círculo esotérico, tampouco, acudiria ao clínico, interpretações totalizantes. Com esse espírito, pretendemos seguir em nosso trabalho, pois os aspectos teórico-clínicos sobre os quais nos debruçamos – o corpo do analista e o corpo da criança edificados no acontecer estético da clínica das experiências autísticas – não nos parecem recobertos pelos achados de uma teoria solteira ou de práticas e sistemas que se queiram eugênicos. Não raro, nessa clínica, a posição do analista é a daquele que está, quase sempre, em seu cotidiano, desvalido em face da convivência e da lida com sentidos humanos móveis e voláteis, outros tantos imudáveis, assumidos na produção da vida de cada um, enraizados nos tempos do corpo, nos lugares da palavra, na estética das formas. A figura do círculo há de ser compreendida não somente pela evocação de sua geometria elegante, mas especialmente por se oferecer para nós como signo dos ciclos da vida em constante *Devenir* – *Devenir* que, no círculo virtuoso humano, compreendemos como aquilo que faz acontecer o ser, sem jamais ser.

Quando adotamos o sentido do *Devenir*, vemos que o processo de formação dos movimentos não atende ao princípio da sucessão temporal, daí a inadequação de estabelecê-lo

nos termos da causalidade. Contrariamente, no lugar de causalidade, dever-se-á aceitar a *coincidência* e a *imediaticidade* do movimento. Assim, entre fluxos e refluxos e influência mútua havida entre o organismo e o meio, resulta o ciclo que Henry Ey define, acima, como “a geração das formas pelas formas”. Se pudermos falar da estabilidade alcançada pela *boa forma*, logo haveremos de reconhecer que tal estabilidade será rompida pela consequência de um novo ciclo. Esse precisamente é o ciclo do vivido em suas repetidas formações e reconfigurações. Nas palavras do próprio Weizsaecker, por *Cycle de la structure* se deve compreender “a gênese das formas de movimento dos organismos” (p. 171, tradução nossa).

A crítica deitada pela pena de Weizsaecker reclama que os movimentos do corpo humano, desde a introdução da ciência moderna no século XVI, são comparados aos movimentos da matéria inerte, isto é, são, nessa interpretação, destituídos de sujeito – organismo passivo despertado pela ação do estímulo exterior. O empreendimento teórico do clínico pretende restituir o protagonismo do sujeito no ensejo de seu movimento, o que o fará considerar que todo movimento em sua singularidade é, em verdade, um automovimento. Esse automovimento não resulta da cadeia de causa e efeito, mas decorre de um ato espontâneo.

O autor considera a *Gestaltkreis* no registro *páthico* da vida, e o faz contrastando-o ao registro *ôntico*. Na experiência *páthica*, o vivido encontra-se em transformação, assim o é no contexto do sofrimento que leva à crise. Nessa condição, todo o sentido de permanência abre passagem para aquilo que, pertencente à vida daquele que sofre, se faz presente enquanto potência, potência para *Devenir*, isto é, para tornar-se e transformar-se, o que é diferente de assumir o engessamento da noção *ôntica* do ser. A experiência *páthica* arrasta consigo essa dimensão do *automovimento*. Não há experiência *pathica* sem mobilização interna. O que está na base do sofrimento, Weitzsaecher o encontra na origem da palavra *causa*, que em alemão recebe a seguinte grafia: – *Ursache*, sendo *Ur* a origem e *Sache*, a *coisa-aí*. O que está ante a *coisa-aí*

não é somente uma ação, mas a partir dessa ação engendram-se novos começos. Reforça o autor da *Antropologia Médica*, que o sentido dinâmico do sofrimento, o movimento implicado na ação de sofrer, padecer restou apagado com o tempo, prevalecendo o sentido fixado e estático do *ôntico*, no qual o adoecer torna-se ação do verbo “ser”, sendo que o “ser” perde em mobilidade, se destituído do movimento do verbo “tornar-se”.

A crise, continua o autor de *Der Gestaltkreis*, situa-se no pêndulo do tempo entre a liberdade e a necessidade. Haver-se nesse conflito entre liberdade e necessidade nos impele à origem e nos move para um novo recomeçar. O *páthico* encena a revolução entre a liberdade do “querer” e a necessidade do “dever”. Por esse caminho, chega-se às duas vias metafísicas que ele define como: vontade e graça – a primeira, voluntarista, acentua o “querer poder”; a segunda, espiritualista, expressa “o querer se concedido o poder para querer”. Dessa metafísica, deduzem-se as categorias do vivido ou categorias *páthicas* que se colocam em oposição ao *ôntico*. O *páthico* define-se, então, na interseção do conflito vivido entre o querer, o poder e o dever. Assim, *O ciclo da estrutura* decorre da dialética que se opera pelo atributo *páthico* desses verbos, que imprimem movimento ao sujeito, e daí a afirmação de Weizsaecker: “o ser em estado de crise é nada *atualmente*, é tudo em potência. O estado *páthico* é no fundo sinônimo de uma desapareção do *ôntico*” (p. 220, tradução nossa).

Com atenção para a inserção desse aspecto na clínica, Martins (2005) ressalta a dimensão *páthica* como dano humano envolto na força, na organização, na disposição que move o sujeito ao encontro de certos sentidos que o fazem descrever percursos insólitos, às vezes, radicais, tantos outros, bem sucedidos, mas essencialmente, que trazem o traço indelével de uma memória para a qual estamos sempre despreparados e surpresos com o seu desenrolar. É parte de seu trabalho contribuir para o que considera o alargamento do campo *páthico*, esse que se reduziu pela hegemonia do sentido de doença. Por seu turno, Oury (2000) destaca o conceito de

Weizsaecker, considerando que “é preciso já ‘ser aí’ para estar no *páthico*” (p. 3, tradução nossa), o que ocorre quando se está atravessado por sentimentos primordiais, sendo, portanto, o *páthico*, o que qualifica o encontro. Nesse sentido, ele ainda prefere avançar ou recuar um tanto, propondo a seguinte leitura: “quando a gente está em relação com alguém, a gente deve se sentir em um nível *pré-páthico*, mais originário que o *páthico*” (p. 3, tradução nossa).

Iluminados pela compreensão dessa dimensão *páthica*, procuraremos conhecer o que o olhar clínico de Weizsaecker nos revela com respeito à percepção e ao movimento, aspectos que se revestem de importância, posto que o interesse de nosso trabalho situa-se na relação de contato e movimento do corpo do analista com o corpo e a percepção da criança, isso querendo dizer essencialmente que o *páthico* é movimento com vistas ao contato.

O ato de perceber é para Weizsaecker um ato de viver. O que aparece como percepção resulta de como o espaço e o tempo foram vividos pelo sujeito em um dado momento; portanto, em nada coincidindo com a construção de um conhecimento objetivo. Weizsaecker nos apresenta, por meio de exemplos tirados da experiência perceptiva, a contradição entre o objeto visual e o objeto físico, isto é, não há uma correspondência entre o percebido e o que está estabelecido pela física do objeto. O meio no qual se dá nossa percepção, quando nos movimentamos, não nos aparece em repouso, mas em deslocamento. Assim é quando nos deslocamos ao encontro de uma janela. Nesse caso, podemos acompanhar o quadro da janela se deslocando contra a paisagem. Em geral, não tomamos a sério essa percepção e a desconsideramos. Para Weizsaecker, tanto do ponto de vista geométrico quanto biológico, faz-se necessário que abandonemos a percepção produzida por esse *automovimento*.

“Nós temos, por isso, primeiro revelado uma característica biológica do automovimento, a saber, quando eu me movo, eu ‘me faço aparecer’ de movimentos. Na medida onde o automovimento e o movimento, que aparecem,

estão em correlação estável, a gente pode então designar também esta percepção pelo nome de “autopercepção”. No entanto, o uso falado monopoliza já “autopercepção” para um certo sentido. Essa palavra significa a percepção de seu próprio corpo ou de sua própria alma (Weizsaecker, 1958, p. 44, tradução nossa).

O que Weizsaecker acaba por nos instruir é que, em nossa ação de perceber, nós nos tornamos colados ao meio, e por isso unimos, num mesmo ato, visão e movimento. O movimento engendra o que chegamos a perceber, e a percepção decorre da *auto-atividade*. Nosso movimento cria o mundo percebido, o que é diferente de copiá-lo em nossa percepção. O que está em Weizsaecker é que o ato perceptivo decorre de um entrelaçamento entre o processo motor e a aparição do objeto em nossa consciência.

“Observamos a maneira na qual um órgão do tocar, *a mão*, que, por sua vez, sente e pega, se molda sobre o objeto e, ao mesmo momento, o agita de um lado a outro; ela parece conhecer já esse que ela quer explorar. A gente não sabe se é a sensação que guia o movimento, ou se é o movimento primeiro que determina o lugar e o momento de cada sensação. Pois o movimento, como um escultor, cria o objeto, e a sensação o recebe como num êxtase” (Weizsaecker, 1958, p. 195, tradução nossa).

Não há como separar a sensibilidade da motricidade. Juntas, elas formam a unidade da experiência vivida de cada sujeito; portanto, percepção e movimento são indissociáveis para a constituição daquilo que toma forma em nosso psiquismo. Note-se que o psiquismo, no excerto acima, prolonga-se até a mão. O psíquico é aquilo que se molda na mão que desenlaça o toque. A aparição do objeto, no âmbito *Der Gestaltkreis*, não é tributária das explicações lógicas da física e da fisiologia. O objeto não vem se impor à consciência passiva daquele que experimenta o

objeto. Ao contrário, ele é gestado no tato. E a ordem de vida do palpar é fundamental à constituição do corpo, tal como, acima, a encontramos em Husserl. Na descrição, vemos que a sensação não é um evento primário. Não há continuidade entre o estímulo e a sensação. A noção de sensação sofre contundente crítica, aqui posta a reboque do movimento, porque dependente dele. A unidade dinâmica percepção-movimento dá vida ao objeto, e a forma na qual ele aparece – *forma em formação* pelo toque de mão – define o espaço e o tempo de sua aparição. Enfim, o aforismo dessa filosofia do movimento pode assim ser arrematado: automovimento e percepção inventam o objeto que já estava lá, antes de fazer-se novo pela ação do tocar.

Esse fabuloso achado conceitual da fenomenologia de Weizsaecker, que empresta renovado significado à experiência do contato humano, pode ser aproximado à psicanálise, o que pelo menos nos parece em linha com a *expertise* clínica de Winnicott (1975a), ao afirmar que a mãe disponibiliza o seio real lá onde a pequena criança pode criá-lo para si mesma. O ato de criação do bebê é o gesto vital para a consecução de sua existência. Contudo, isso se torna possível porque da parte do cuidador também se realiza a autopercepção de seu corpo, o que o faz colocá-lo à disposição da criança por meio do seu automovimento. Sendo assim, é porque essas duas vidas se colocaram em automovimento, que se pode dizer que se constitui um campo de experimentação favorável à circulação do sensível e à edificação de suas *formas*. Guardamos a importância dessa passagem, pois com ela podemos situar o corpo do analista como dispositivo clínico que se empresta à criança – não por graça, mas por vontade – para que ela possa inventar o seu próprio corpo, e com isso constituir o seu psiquismo em um encontro *páthico*.

No ato de tocar, que abre as portas à percepção, encontramos uma das acepções daquilo que entendemos por psíquico. A percepção aparece no encontro, que vemos se tratar de um contato, do Eu com o mundo, o que de maneira mais contundente diz da diluição da fronteira entre esses pólos. O Eu faz-se aparecer ali nos pontos de contato do corpo com o mundo, no

toque de mão, e o ato de perceber renova *o reencontro histórico entre o Eu e o mundo*. O Eu, concebido segundo *Le cycle de La structure*, é a unidade biológica fundamental que tem por função estabelecer o equilíbrio entre o organismo e o meio. O Eu só existe em relação ao seu meio, e o meio só existe na medida em que é referido a um Eu. O Eu é, por isso, volátil. Ele é a função de mediação entre o sujeito e o meio, paradoxalmente, mediação do que ocorre, no exemplo acima, no imediato da experiência de tocar. A faculdade de autogeração do sujeito, na zona de contato pelo toque, dá origem ao objeto, mas também faz nascer a experiência do Eu ou de um sentimento de Eu. Faz-se mister notar que o objeto e o sentimento de Eu, referidos ao contato, tem lugar no corpo e compartilham o mesmo tempo. No ciclo de um contato – na reversibilidade incessante entre tocar e ser tocado – inventam-se as formas do psíquico e as formas da realidade.

Segundo a concepção do autor em foco, quando, por exemplo, tocamos algo, duas ordens de impressão acontecem: uma diz respeito às afetações de nosso próprio corpo e a outra diz da ocorrência de fenômenos no exterior. O primeiro processo ele chama de somatização ou subjetivação, e o segundo, de projeção ou objetivação das sensações (Weizsaecker, 1958, p. 156). Mesmo quando, por algum motivo, existe uma separação entre esses meios, a percepção encarrega-se de reunificá-los, sendo isso a que o autor denomina de *coerência da percepção*.

Há um contraste irreduzível entre a interpretação das ciências físicas e aquela outra das ciências biológicas com respeito à percepção e ao movimento. Nosso aparato biológico nos habilita à produção de *formas*. O humano, o corpo humano, enfim, o legado biológico no qual se encerra um ser vivo, está geneticamente devotado ao movimento de *formação de formas*. Tal constatação nos faculta pensar que a existência humana, pela propensão que dispensa à criação de *formas*, está destinada a se ultrapassar, está destinada a ultrapassar o corpo no qual se encerra

para alcançar o corpo vivido no qual se projeta em arranjos e desarranjos de *forma*, o que restitui e dá sentido, a cada vez que se repete, ao nosso acontecimento estético no mundo.

Por todos os títulos postula-se, como já assinalado, a interdependência do organismo e do meio, a influência mútua entre ambos; contudo, essa interdependência não pode ser expressa pela lei de ação e reação. Um exemplo introduzido pelo autor trata de um casal de dançarinos. A dança, em sua ampla plasticidade, traz também o desenho em círculo realizado pelos parceiros. À medida que o casal se desloca, operam-se *deslocamentos relativos* entre o corpo dos parceiros e o meio, mas, mesmo assim, suas evoluções não os desatrelam um do outro, eles conservam o contato. Insiste o filósofo que as respostas aos estímulos do meio seriam insuficientes para dar conta dessa verdadeira estruturação bio-psíquica.

Contrariando a hipótese de viés mecânico, o círculo dos dançarinos é qualificado pelo autor como signo *páthico*, quer dizer, singular, espontâneo e afetivo, que encontra lugar na *gênese das formas*. Assim, os dois parceiros não só respondem ao meio, mas, eles próprios, com automovimentos, participam na orientação e reconstrução do meio que se desestabiliza com suas evoluções. Entre o corpo dos parceiros e o meio circundante, ocorrem *deslocamentos relativos*, os quais permitem a percepção de movimento, mas que logo são compensados pelos dançarinos, de tal sorte a manter o contato entre eles. A compensação se faz pela ação que o automovimento dos parceiros tem sobre o meio, automovimento que gera formas capazes de equilibrar a relação. Se pudéssemos acompanhar a curva do comportamento dos dançarinos em relação ao ambiente, veríamos que num momento ela se estabiliza; em seguida, sofre desestabilização, para, num instante imediatamente posterior, ver-se corrigida pela ação das formas desenhadas pelo corpo. O espaço adjacente ao tempo vivido pelos dançarinos, morto e vazio, torna-se pleno pela ocupação dessas composições estéticas emprestadas pelo corpo em revolução.

Em sua pesquisa de fenômenos dessa natureza, Weizsaecker lembra que, se pedirmos para uma pessoa desenhar um círculo, entram em ação diferentes esquemas anátomo-fisiológicos, do tipo esquema de contração de músculos, de inervação, de excitação central. Contudo, nenhum esquema isoladamente, e mesmo que sejam sobrepostos, oferece como resultado a figura de um círculo. Cada um desses esquemas fornecerá uma figura própria, mas nenhuma comparável àquela que presidirá a forma final. Conclui o pensador que o movimento orgânico, para chegar à sua forma acabada, passa por uma série de transformações determinadas, “seu princípio formal reside na constância não de uma forma, mas de uma mudança de forma” (Weizsaecker, 1958, p. 167, tradução nossa).

Outros exemplos desse fenômeno são relacionados pelo autor, o do cavaleiro e seu cavalo ou, ainda, aquele outro experimento em que um sujeito é colocado em uma cadeira rotatória ao mesmo tempo em que uma cabine gira em sua volta. Em todos esses casos, o que se observa é que o movimento orgânico procura gerar formas que tenham identidade com o meio, a fim de manter a *coerência* com o que o circunda, não importando se está em jogo uma ação motriz ou uma percepção sensível. O que importa é que o movimento orgânico decorre de um complexo sensorio-motor que leva à produção de formas, essas que mantêm o contato do organismo com o meio. O automovimento sempre realiza alguma coisa que resulta em algo maior que o próprio movimento, e esse algo é a *forma* que ele engendra. Enfim, há uma inteligência biológica que preside incessantemente a metamorfose das *formas*, para a qual o autor reserva a palavra alemã *Gestaltung*.

Um exemplo de *Gestaltung*, produzido na clínica psicanalítica, pode ser recolhido nessa passagem notável registrada no atendimento de uma criança de nome Guili. Cuida-se do tratamento de um menino de quatro anos, conduzido pelo autor do presente trabalho, iniciado em 2005, com duração aproximada de três anos, e levado a cabo no Centro de Atendimento e

Estudos Psicológicos (CAEP) do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília. Na época, Guili freqüentava o Centro de Ensino Especial da rede pública e havia passado da turma de estimulação precoce para a turma de condutas típicas, onde dois professores acompanham três alunos. Na fenomenologia do seu modo de existir, encontravam-se: ausência da fala; reduzida interação social; estereotípias, como, por exemplo, interesse persistente por objetos em movimento; atividade reduzida de brincadeiras sociais; envolvimento instrumental com o outro; falta de interesse em compartilhar realizações com outras pessoas; e comportamento auto-agressivo e heteroagressivo, que se seguiam, às vezes, a alguma contrariedade.

Segundo o depoimento da mãe, com pouco mais de um ano, Guili apresentou o que para ela teve o sentido de uma regressão. A criança, que até então apresentava desenvolvimento esperado – sentou por volta dos seis meses, engatinhou com desenvoltura e andou com um ano, além de que falava palavras soltas como cavalo, água, Ucas (irmão), papá, mamã etc –, deixou de falar e atender comandos. Sendo Guili o filho do meio de uma prole de três irmãos, a mãe relacionava as transformações ocorridas com Guili ao nascimento da irmã mais nova, pois considerava que, mesmo sendo uma mãe desvelada, deparou-se com a dificuldade de cuidar de dois bebês ao mesmo tempo. Por conta da gravidez da mãe, a amamentação de Guili foi interrompida aos 4 meses. Conforme, ainda, o relato dos pais, era comum observar Guili absorto em atividades recorrentes como: assistir ao mesmo filme um número infindável de vezes; acumular coisas; encher baldes com brinquedos de sua preferência e depois derramá-los; interessar-se por brinquedos em miniatura; acumular terra e lançar pedras. A cena clínica que se segue teve lugar no segundo ano de tratamento:

Guili deparou-se com os livrinhos de histórias infantis.

Dentre eles, tomou o livro do Bambi e do Ursinho Puff, e, por sua

vez, o associou a um pequeno boneco com pinta de super-herói. A manobra consistia em colocar o boneco dentro do livrinho, realizada com uma acuidade que sugeria não deixar por menos nenhum detalhe, seja da capa do livro na qual aparecem Bambi e o Ursinho Puff, seja do pequeno boneco acomodado entre as páginas do livro. Pois bem, com esse conjunto, Guili aproxima-se do circulador de ar, inicialmente fazendo girar suas palhetas, movimento que eu procuro realizar junto com ele, mas que, algumas vezes, evita, afastando minha mão. Assim, recostado sobre mim, Guili dá início à seguinte formação: ao mesmo tempo em que gira as palhetas do circulador, ele quer aproximar seu rosto dessas palhetas em movimento, como se num ponto qualquer pudesse encontrar ou retirar dali algo. Ainda como se faltasse um elemento que levasse ao resultado esperado, ele tenta acrescentar o livrinho com o boneco dentro, aproximando-os das palhetas que mantém girando. O resultado visual dessa complexa coordenação motora mostra Guili deitado com o rosto encostado ao circulador, que faz girar com uma das mãos, sendo que a outra mão mantém o livrinho com o boneco próximo ao circulador

em rotação, na tentativa de colar todo esse conjunto à face de seu rosto.

Conta-se uma cena avulsa da clínica, até poderia passar despercebida, não fosse o fato de que algo efetivamente faz o analista voltar-se para ela. É importante dizer que esse algo o leva a colher com espanto a preciosa insinuação humanística da criança, qual seja, a produção, equiparável a um mosaico, composta por diferentes texturas do sensível, na qual se incluem partes do corpo, peças e objetos. Poderíamos ainda metaforizá-la como espécie de texto antigo, ou melhor, de *forma antiga*, que não aguarda passivamente o momento de ser decifrada para produzir os seus efeitos. A capacidade da criança de realizar tal montagem já a coloca em vias de uma reconstrução psíquica. Por parte do analista, se por um lado não se cuida de decifrar a criança, é essencial decifrar o seu próprio corpo, pois essa disposição o coloca em condições de participar da montagem da criança. Então, o que acontece ao corpo do analista, ante a iniciativa da criança, tem a qualidade para despertar o próprio analista ou seções de seu corpo que se achem, porventura, inconscientes. No caso em foco, a criança transmite ao analista a capacidade de erguer uma *forma* pelo tato e pelo contato do rosto. Tal artifício pode parecer estranho ao analista. Contudo, se ele consegue avançar para além da estranheza, poderá, com proveito, consultar essa capacidade em seu próprio corpo, supostamente esmaecida ou não estabelecida pela prevalência de outras modalidades de percepção, como comumente ocorre em nosso processo civilizatório com o domínio do contato pela palavra e pela visão. Voltando-se para essas insígnias de seu próprio corpo, o analista coloca-se em condições clínicas de participar da composição estética da criança. Isso, portanto, compreendemos como decisivo para a atitude clínica do analista, sendo o que o move ao encontro daquilo que a criança realiza. Mas não

apenas se encontra na associação com a criança o efeito clínico da cena; mais que isso, despertado em seu corpo, o analista pode devolver à criança àquilo que, vindo dela, circula por ele e retorna, em condições favoráveis de levá-la a apropriar-se de seu próprio corpo ou de partes de seu corpo que se encontrem libidinalmente desertificadas.

Em continuação, o que pretendemos demonstrar com essa passagem clínica é que o pequeno protagoniza a ordenação e a colocação em *forma* de vários elementos contidos na cena, notadamente do seu corpo, do corpo do analista e dos demais objetos com os quais se acha envolvido. Essa atividade, dimanada da criança, tem por solução uma composição original de inestimável valor heurístico. Cuida-se de um ponto essencial, qual seja, o de reconhecer o recurso da criança para gerar uma *organização em forma* que é a própria *organização psíquica* na qual ela se aloja. O que aí se passa podemos considerar como *Gestaltung* gerada nas tramas do automovimento da criança. Tal produção não nos parece redutível à relação de causalidade devida a um simples estímulo exterior, pois, nessa cena, tem assento a geração espontânea da criança que inventa com os atributos de seu corpo, recostada no corpo do analista, uma superfície sensível que, na imediaticidade daquele encontro, é a própria tentativa de reconstrução de sua existência psíquica. Se ainda, nessa página, dedicada a uma leitura fenomenológica, quisermos fazer apelo ao veio psicanalítico, dir-se-á que a geração dessa *Gestaltung*, na criança, está determinada pulsionalmente.

A aludida tentativa de reconstrução psíquica se refere ao modo com que a criança reorganiza o seu corpo em presença do analista. A criança ganha em expressividade quando se faz aparecer de insólitos movimentos. Com isso, se introduzem ritmo e cadência à sua ação. É o que ocorre, exemplarmente, ao combinar e sincronizar seu corpo com o giro das palhetas do circulador, sustentando na mão contrária, com esforço, outra peça que figura e dá acabamento à sua composição estética. Em sua tentativa de integração, o sensível transita na reunião dessas

diferentes superfícies, compreendidas pelo corpo do analista, pelos materiais usados pela criança e pelo seu corpo, como se algo estivesse aí a se deslocar de um lugar a outro à procura de certa estabilidade com o meio. A criança, com seus movimentos orgânicos, procura se reconstruir com o ambiente, que se tornou desestabilizado em sua vivência *páthica*. Assim, a criança cria a *forma-objeto* em presença do analista, ou melhor, o objeto em questão não *ob-jeta* a criança, pois o objeto em face do qual ela se compõe é o termo de uma expressão vivida. Expressão de aparição fulgurante e crítica; claudicante e insuficiente que seja, mas revestida de singularidade e, portanto, de sujeito. Assim, ao inventar essa *forma em movimento*, ela se faz acontecer em sua atividade psíquica, podendo ser encontrada no embalo dessa *Gestaltung*.

No estudo de Weizsaecker, vemos que não há como dissociar a sensibilidade, a motricidade e a percepção do movimento, pois, reunidas, elas formam uma unidade e dão lugar à experiência vivida de cada sujeito. O movimento do pequeno Guili desvanece as demarcações entre o corpo físico e o psíquico, a ponto de não sabermos distinguir o sujeito de sua própria produção, sendo o resultado dessa composição a experiência do vivido no corpo da criança e no corpo do analista. Ademais, para reprisar nossa convicção, já não nos parece satisfatório falarmos da simples criação de um objeto, quando, em nosso entender, o que o analista testemunha – aquilo que toca a sensibilidade de seu corpo, que é, nesse então, sua própria consciência – é que a criança está, vive ou transita em sua invenção. Ela está naqueles movimentos, naquelas coisas e formas; ela vive na composição daquela estética; nesses *lugares*, portanto, podendo ser alcançada. *Lugares* que não são exclusivamente nem físico e nem psíquico, pois ambos, a um só tempo, dão *forma* à unidade do vivido da criança.

Em outra variante de nossa interpretação, ainda no trecho clínico em exame, encontramos que a composição da criança não tem o caráter de um jogo, pelo menos naquele sentido mais usual da representação, em que uma coisa é trazida para o lugar de outra. As formas estéticas que

brotam do corpo da criança nos convidam a pensar que não se trata de representação psíquica, mas sim de tentativa de constituição psíquica. À frente, no Capítulo 4, falaremos de *apresentação psíquica* vinculada à atividade imediata e criativa. Há pouco, vimos Weizsaecker afirmar que o movimento, a exemplo de um escultor, cria o objeto. Se levarmos mais adiante essa metáfora, ainda será possível deduzir dela, mantendo seu sentido *páthico*, nossa compreensão de que o movimento é o escultor do psiquismo da criança, e não deixa de sê-lo na passagem dessa experiência autística.

Prosseguindo na consulta das anotações que fizemos ao pensamento de Weizsaecker, temos que ao tocarmos um objeto com a mão, o que resta como nossa percepção é a forma significante que se moldou em nossa mão, não mais o objeto real, esse último inacessível. Identificamos, na elaboração de Guili, uma tentativa de remodelamento de sua vida psíquica pelo retorno que sua composição estética, apoiada pela presença do analista ou pelo corpo do analista, opera na tessitura de seu psiquismo, o que podemos tratar como tessituras precoces do Eu. Mas o que está em questão é que, quando a criança toca esses objetos com a sua mão e o seu corpo mais completamente, isso que se torna o seu corpo, pelo ato de tocar, acaba por tocá-la igualmente. Ao ser tocada pelas zonas de capilaridade desse contato, acreditamos se insinuar, na criança, as preliminares da *ipseidade*. Sem embargo, o desenrolar clínico dessas crianças não nos permite garantir se o que tomamos aqui como preliminares da *ipseidade* ganhará ampliação e posterior desenvolvimento. Certo, em nossa compreensão, é que essas passagens de teor *estético-psíquico* atuam como organizadores do que, concomitante, concorrente ou justaposto, poderá acrescentar-se alhures e ulteriormente na continuação de sua vida psíquica. Não esqueçamos de que o analista, visto em seu corpo, compõe e dá provimento ao ambiente e à cena de onde se desfiavam os filamentos desse insipiente sentimento de Eu.

Em acordo com a leitura de Husserl (1912/2005), a *ubiestesia* é aquilo que acontece ao nosso corpo quando ele é tocado. O que se deixa tocar ou aquilo que é tocado em nosso corpo não é mais puramente físico, pois se torna, no dizer do filósofo, propriedade de ação. O corpo tocado não é o mesmo corpo físico anterior ao despertar pelo toque. Nos lugares de toque, o corpo se ergue com propriedade de ação, isto é, com propriedade de ação constitutiva, que nós qualificamos como ação constitutiva de fazer acontecer o psíquico e de levá-lo a ganhar uma localização no corpo. Portanto, o corpo humano tem um destino *páthico*, que ultrapassa de muito a matéria e a função na qual, pretensamente, o consideramos encerrado. Não se encerrando no real das partes, peças e funcionalidade que o ordenam, ele se agita e se desarranja pela propriedade de ser um *corpo páthico*, isto é, um corpo que se afeta e que se move ao mesmo tempo em que induz o movimento de outros corpos; ainda, um corpo que tem a propriedade de inventar-se a si mesmo nos lugares de contato com o corpo alheio. As zonas de contato e atrito de nosso corpo revelam-se a ignição de nossas significações, transtornando-nos aos lugares da atividade psíquica. Como já firmado por Husserl (1912/2005), o psíquico tem localização espacial, e essa localização está nos lugares de contato e fundação do psíquico no corpo.

Em prosseguimento à clínica da criança, esses lugares do psíquico no corpo de Guili são *forma em movimento*, ensaio para constituição ou reconstituição de seu próprio aparato anímico. Tal fato nos sugere um tempo originário no qual esses *lugares psíquicos* foram desertificados ou não chegaram a se constituir, pela insuficiência de um aporte humanizante que não se realizou na plenitude do encontro esperado pela criança e desejado por um outro. Hipótese que não significa atribuir incompetência ou inconsistência a nenhuma das partes envolvidas na cena desse encontro. Ademais, no ponto de contato, o toque é, por si, o fenômeno gerador de um terceiro lugar, um lugar intersíquico, não sendo a reprodução fiel dos atributos dos atores que o ensejam; ele pode nascer ou não como lugar novo, assentado no corpo daqueles que compartilham a cena

de construção intersíquica. Para reprisar nossa convicção, aquilo que se produz com os atributos *páthicos* de uma tal *Gestaltung* – que é a realização inadiável, incompleta e indeterminável do vértice psíquico da criança num dado momento – repercute no corpo do analista e o provoca, a ponto de levantar nele regiões igualmente desertificadas havidas em sua geografia psíquica. Ao tempo em que o analista se volta para essas insígnias de seu corpo, sem o saber, ele se reposiciona, em condições favoráveis de desfraldar gestos terapêuticos sintônicos com a vida estética da criança.

A leitura que adotamos do fato clínico aqui trazido à apreciação do leitor, nos impõe a compreensão de que: toda higiene comportamental da criança, voltada à extinção dessa cena estética originária e ordinária de sua vida ensimesmada; a eliminação do sintoma que, no caso em exame, é a composição harmônica e inventiva da criança; a redução que as abordagens sindrômicas impõem ao fenômeno que identificamos como composição estética, catalogando-o simplesmente como estereotipia; a provável ortopedia aplicada à correção de seu corpo; enfim, a preferência por tais condutas, que consideramos desafortunadas, nos levam a acreditar que, com isso, corremos o risco de abolir a própria criança.

O aspecto destacável do pensamento de Weizsaecker, que aqui temos procurado esposar, é que a *Gestaltung* surge não a partir de um vetor de força atuando sobre o organismo; diferentemente, ela é inventada na relação *páthica* do sujeito com o ambiente. Para dizer um pouco mais, ela é o engenho que surge da relação de encontro do organismo com o meio, oportunidade em que o sujeito realiza a sua existência. A *Gestaltung* está em permanente *Devenir*, o que implica refazimento a todo momento. Assim é o tempo *páthico*, vida e morte no *hic et nunc* da experiência vivida.

A interdependência entre o organismo e o meio é de tal ordem que, se por um lado, afirma-se o automovimento do sujeito, por outro, é preciso reconhecer que esse automovimento

move o meio circundante e, reciprocamente, ao movimento do meio circundante corresponde um automovimento do sujeito. Quando nós nos movemos, nós nos projetamos ao encontro de um corpo, de uma coisa, de um mundo, de um sujeito que, em sua alteridade, por igual, move-se por si mesmo. Quando nós nos movemos, move-se todo aquele e tudo aquilo que se acha em relação de encontro conosco e vice-versa: mover-se por si mesmo é encontrar-se com aquilo que, estando em nós, é ponte para um outro.

Com referência ao processo de *Gestaltung*, Hans Prinzhorn (1886-1933), psiquiatra alemão, contemporâneo de Weizsaecker, e estudioso da história das artes, notadamente a produção artística de pacientes asilares, lança uma ampla articulação com vistas a demonstrar a impulsão humana devotada às produções plásticas. O termo alemão que melhor poderia ilustrar essa inclinação seria o célebre *Trieb*, do qual Freud (1905) veio a se valer para traduzir a força sensual endógena e idiossincrásica da condição humana. Contudo, em Prinzhorn (1984), essa força está associada às inclinações da expressividade humana que se realizam desde os modos cotidianos da vida, entre rabiscos e grafismos, até as consideradas artes plásticas. A *Gestaltung* se constitui pela expressividade do corpo, sem que para tanto seja presidida por qualquer sentido de finalidade, e a efetivação desses movimentos expressivos se traduz em aspirações de ordem psíquica. A *Gestaltung* realiza o psíquico através do movimento ou, com maior precisão, o movimento se constitui à feição do domínio psíquico, ele é o psíquico e faz o psíquico em sua expressão sutil, e ao mesmo tempo publicável para um outro humano. Dentre as tendências para o movimento, duas ele considera como afluentes íntimos do processo de *Gestaltung*: a *pulsão de jogo* (*pulsion de jeu*) e a *pulsão de ornamentação* (*pulsion de parure*).

Como já mencionado, essas vertentes pulsionais dizem da atividade plástica não mantida por nenhum sentido de finalidade ou ordenamento formal, racional ou objetivo. A *pulsão de jogo*,

fundada no movimento, revela-se na invenção de formas pela ação livre desligada de qualquer arranjo sistemático. Trata-se daquilo que, em termos da psicanálise, escapa à censura psíquica.

Se a criança pequena realiza um certo rabisco ou conforma um desenho, ela o faz não porque, necessariamente, queira representar algo, mas, antes, porque o brincar e a atividade expressiva têm um fim em si mesmo. A propósito, o que se inicia e termina em si mesmo é parte da economia psíquica da criança, porque mantido energeticamente pela *pulsão de jogo*. De modo geral, essa tendência está presente em todas as pessoas; contudo, nas crianças, mostra-se dominante, e podemos dizer que se extrai dessa fonte uma expressão de nossa inventividade.

A *pulsão de ornamentação*, a outra anotada por Prinzhorn, é um desses exemplos que faz ver que o movimento pulsional humano extravasa os limites daquilo que se tem por utilitário. O sujeito tem a necessidade de transpor o limite do útil, e isso o leva a um acréscimo, que pode se fazer no seu próprio corpo ou no ambiente. Esse acréscimo nos envolve pelo seu efeito de embelezamento, a bem da verdade, a subtração de algo ou o rearranjo do que se oferece no ambiente também são contados como ações ao encontro da beleza e da harmonia estética. Por tudo, o que importa é o movimento pulsional de inserção daquilo que é vivido por cada pessoa na extensão do próprio corpo e do meio que a circunda. Essa inserção no mundo, à guisa da ornamentação e da beleza, a partir do vivido em si mesmo, está performada por uma certa subversão da ordem da natureza. Trata-se de uma impulsão erguida no desenho raso do corpo, à flor da pele e lavrada no afeto intenso da corporeidade de cada um, sem a qual não seríamos capazes de reconhecer princípios de disposição serial, alternância, ritmo, simetria, proporcionalidade etc. As moções pulsionais de ornamentação se impõem de modo que “o homem, no lugar de se inserir imediatamente e passivamente no meio, sente a necessidade de imprimir nesse mesmo meio a marca de sua existência para além do campo da atividade útil” (Prinzhorn, 1984, p. 78, tradução nossa).

A exemplo de Weizsaecker, Prinzhorn rejeita a noção de representação como reprodução de dados objetivos, só então e a partir dos quais esses seriam transformados pelas tendências de *Gestaltung*. Ele prefere adotar o termo “imagem visual” em vez de representação. Na apreensão sensível, essa imagem visual toma forma e começa a se organizar. No caso do artista, isso é o que corresponde à sua intuição pré-artística: “nossa imagem visual não é formada por tal ou qual objeto exterior, mas a partir desse objeto, segundo um esquema pessoal, nós formamos uma imagem visual pessoal” (Prinzhorn, 1984, p.91, tradução nossa). O que convém anotar com o pensamento de Prinzhorn é que a formação de nossas imagens, nascidas nas produções do mundo, dentre as quais poderíamos relacionar não só a arte cultivada, mas com maior interesse para nós, a atividade de brincar, decorrem de dinâmicas pulsionais que visam a se compor com o *Umwelt*. Essa composição não está afeita à qualidade técnica ou ao conhecimento objetivo daquele que se deixa elaborar por essas tendências; contrariamente, elas se fazem por vias diversas, que dispensam essas qualificações, pois são afiançadas por força imperiosa e inventiva (*Trieb*) que imprime direção ao alcance das produções de interesse estético e valor significante.

A passagem clínica, trazida a lume, nós a colhemos como elaboração da criança à feição de uma *Gestaltung* em composição com o *Umwelt*, com a qual deixa transparecer a marca de sua existência. Com isso, ela reconfigura sua posição no ambiente, onde se inclui o analista, e o faz sem que possamos tributar à sua montagem um sentido teleológico ou de finalidade. O trabalho do analista, para fazer apelo a uma imagem plena em movimento e forma, é o de se colocar para a criança como o dançarino que se ajusta a sua parceira, no exemplo *páthico* observado por Weizsaecker. Esse, efetivamente, é um exemplo eloqüente para falarmos do engajamento do analista na situação clínica. A exemplo da dança, aqui também podemos pensar que há formas em constante movimento à guisa de estabilidade relativa. Quando esses parceiros entram em interação com o ambiente, eles reformam a própria *atmosfera vital do vivente* (*Stimmung*). Não

são raros os momentos de sincronismo em que o corpo do analista e o corpo da criança se movimentam no ambiente de tratamento, sendo que essas disposições *páthicas* do movimento alcançam a composição de formas estéticas que nascem espontaneamente e se acham equilibradas com o ambiente. Não seria demasiado dizer que essas formas singulares passam a renovar o ambiente de tratamento. Digamos que elas erguem um ambiente *ad hoc*, dado pelo encontro sensível do corpo de um com o corpo de outro, isto é, corpo vivido ou revivido e partilhado tanto pelo paciente quanto pelo analista. Usemos a expressão *corpo ambiente* para nos referir a essa *Gestaltung* que resulta da ação inventiva dos corpos em movimento na situação de tratamento. Assim, a criança faz de seu corpo, escorada na presença do analista, o lugar privilegiado de *gênese das formas*, formas desenhadas pelo corpo, com as quais ela intenta se refazer, redesenhando a ameaçadora realidade que a envolve.

2.2 – MERLEAU-PONTY E O SENTIDO IMANENTE DO SENSÍVEL

Após visitarmos o pensamento de Weizsaecker, situado nesse domínio do corpo que, em contato com o meio circundante, revela-se talentoso para a fabricação de *formas*, *formas* que transformam a experiência do corpo e diluem as fronteiras do próprio corpo, passaremos a refletir sobre o trabalho intelectual de Merleau-Ponty que, ressalvadas as diferenças, igualmente versa sobre os enlacs do corpo vivido, o que nos permite colocá-los em diálogo e conexão.

Como já assinalamos, nosso trabalho qualifica o movimento e o contato dos atores na situação de tratamento. O corpo do analista, tomado como constitutivo do ambiente de tratamento, constituir-se-á em *coisa* que faz as vezes de um referente para a fala que, naquele

momento, em algumas crianças, ainda não floresceu. A criança encontra, no corpo do analista, o equivalente a um elemento cinético organizador. É com atenção à dialética que envolve o sujeito, o corpo e as coisas, que procuraremos acompanhar os estudos de Merleau-Ponty, em especial suas idéias que instruem nossa cogitação clínica de que há um espaço intercorporal e intersíquico, constituídos pela ação do analista e da criança.

Em uma de suas primeiras obras, *Fenomenologia da percepção*, Merleau-Ponty (1971) considera a perspectiva fenomenológica, tratando das *coisas* que se constituem e se pronunciam em nossa percepção, percepção essa tomada como ato de existência. Para ele, a percepção não enseja representação, posto que decorre da existência do sujeito em relação à coisa percebida. O sujeito deve ser encontrado em sua *facticidade*, e isso significa a virtude de poder chegar à existência das coisas, quando o sujeito é levado a existir no ato de apreendê-las. A existência tem lugar quando nos transportamos para o existente, o que o leva a concluir que: “O mundo não é o que penso, mas o que vivo” (p. 14). Destarte, nessa obra ainda marcada pela noção de consciência – que, em textos tardios, será desconstruída, a exemplo de outras noções que sofrerão esse mesmo desgaste, tais como: sujeito, Ego, representação e outras –, veremos que, para o filósofo francês, nossas projeções, associações não resultam de uma síntese ou química mental, como pretendem empiristas ou mentalistas, mas estão fundadas *a priori* em algum “caráter intrínseco do objeto” (p. 41).

É esse *caráter intrínseco do objeto* que o leva, a exemplo de Weizsaecker, a desacreditar a noção de sensação, posto que essa não se refere à nossa experiência imediata e, sim, resulta de nossa reflexão sobre aquilo que foi percebido. Não temos, aí, consciência de sensações e, sim, de objetos. Portanto, completa o filósofo:

“A pura sensação, definida pela ação dos estímulos sobre nosso corpo, é o ‘efeito último’ do conhecimento, em particular do conhecimento científico, e a

cremos anterior ao conhecimento. Ela é a maneira necessária e necessariamente enganadora a partir da qual um espírito representa sua própria história. Pertence ao domínio do constituído e não ao espírito constituinte” (Merleau-Ponty, 1971, p. 53).

Assim, o sensível deixa de ser o efeito de um estímulo exterior e a percepção se converte na procura desse “sentido imanente ao sensível”, anterior à imaginação e ao juízo. Portanto, corroborando o pensamento de Langer (2004), a quem dedicaremos atenção ainda neste capítulo – que afirma a ação de prontidão de nosso aparato perceptual com vistas a um *processo de formulação*, ou seja, certa elaboração da *coisa* a ser apreendida –, Merleau-Ponty (1971) pensa que a percepção realiza, em ato, um trabalho de semantização. Pelo menos é o que podemos depreender de sua conclusão: “a percepção é justamente este ato que cria de um só golpe, com a constelação dos dados, o sentido que os une – que não somente descobre o *sentido que têm* mas ainda faz com que *tenham um sentido*” (p. 53). Como tal, o ato de perceber doa sentido ao mundo. Situando-nos ainda na *Fenomenologia da percepção*, constatamos a centralidade do corpo na apreensão das coisas do mundo, o que tem sua originalidade na fundação do pensamento fenomenológico erguido por Husserl, e seguido nesse então por Merleau-Ponty (1971):

“Esses esclarecimentos permitem-nos finalmente compreender sem equívoco a motricidade como intencionalidade original. A consciência é originariamente não um ‘penso que...’ mas um ‘eu posso’ {...}. O movimento não é o pensamento de um movimento, e o espaço corporal não é um espaço pensado ou representado {...}. No gesto da mão que se levanta em direção a um objeto está englobada uma referência ao objeto não como coisa representada, mas como esta coisa muito determinada em direção à qual nos projetamos, junto à qual estamos antecipadamente e que buscamos. A consciência é estar na

coisa por intermédio do corpo. Um movimento é apreendido quando o corpo o compreendeu, isto é, quando ele o incorporou a seu “mundo”, e mover o corpo é visar através dele as coisas, é deixá-lo responder a sua solicitação, que se exerce sobre ele sem nenhuma representação. A motricidade não é pois uma serva da consciência, que transporta o corpo ao ponto do espaço que representamos primeiramente” (pp. 148-150).

O corpo que movemos não é o corpo objetivo dos órgãos. Trata-se de um corpo fenomenal – assim, é no dizer de Merleau-Ponty. O corpo fenomenal se desloca com referência ao mundo circundante. Por exemplo, o comportamento de imitação do analista, tão frutífero como um dos recursos na clínica com a criança ensimesmada, é uma tentativa de levar a criança a experimentar o seu próprio corpo, a partir do que ela possa apreender do corpo do outro, como *sujeito motor* que ela é. Por certo, no caso da criança com a qual tratamos, não se trata de uma apreensão inteira e global do corpo, mas de como isso possa se dar em medidas parcelares do sensível, dirigidas ao campo do outro, como teremos oportunidade de examinar, ao longo desse trabalho. Pois, com referência à imitação, Merleau-Ponty destaca novamente a direção assumida pelo corpo ao encontro das coisas do mundo. A projeção do corpo ao encontro do outro, por si só, já implica uma *direção de sentidos*, o que o faz afiançar que “dispomos de nosso próprio corpo não como uma massa de sensações, duplicada por uma imagem cinestésica, mas como um *meio sistemático* de ir aos objetos (e do olhar como meio de inspecionar os objetos). A imitação explica-se enquanto o outro utiliza os mesmos meios que nós para atingir o mesmo objetivo” (Merleau-Ponty, 1990, p. 41). Quando, por exemplo, o corpo fenomenal volta-se para um objeto, e esse se encontra com sua face voltada para o corpo do observador, ao mesmo tempo esse objeto se dispõe para outros objetos, como se mostrasse para os outros objetos faces que são invisíveis para o vidente que intenta apreendê-lo. Justa face invisível revela a tomada de outros objetos circundantes, e por eles se vê revelada. Tudo se passa como se esses outros objetos “olhassem”

para o objeto visado pelo sujeito. Justo naquele ponto em que, para ele, esse objeto se torna invisível. Portanto, as qualidades visíveis atribuídas ao objeto dizem desses diferentes ângulos de visão, tanto daquele alcançado pelo sujeito quanto daqueles outros “olhos” que, não sendo os seus próprios, enlaçam o objeto de tal forma a resultar desse conjunto uma rede em perspectiva espacial, de onde haverá de emanar o visível.

A importância dessa observação está em estabelecer nossa extensão com referência às coisas do mundo. Damos vida ao mundo inanimado, e ao fazermos obtemos dele a parcela que anima o nosso corpo e a nossa percepção, essa que não é percepção *sobre* o mundo, mas sim, percepção *sob* o mundo, nas dobras do mundo, mas é esse mundo invisível que nos faculta o que se dá a ver. A *iniciação cinética* é, assim, um modo de constituirmos o objeto em nossa percepção. De outra forma, diríamos que ela doa significado ao mundo. O movimento abre a relação com o mundo, os outros e as coisas. O circuito se fecha quando o visível se enlaça ao corpo.

“A experiência motora de nosso corpo não é um caso particular de conhecimento: ela nos fornece uma maneira de chegar ao mundo e ao objeto, uma ‘praktognosia’ que deve ser reconhecida como original e talvez como originária. Meu corpo tem seu mundo ou compreende seu mundo sem ter de passar por ‘representações’, sem se subordinar a uma ‘função simbólica’ ou ‘objetivante’” (Merleau-Ponty, 1971, p. 152).

A afirmação do filósofo francês é estimulante, pois podemos cogitar formas de compreensão do corpo que não se alinham apenas à função simbólica. Portanto, o corpo, se não está recoberto pelo simbólico, ainda assim, mantém a expressão e a direção de movimentos com atributos capazes de ensejar, em sua pragmática, contornos semânticos do mundo, que podem se fazer de imediato ou no transcurso do tempo. O movimento do corpo, especialmente quando

recepcionado em uma relação de alteridade, reforma não só os objetos para os quais ele se dirige como também o próprio corpo daqueles que se vêem envolvidos na experiência motora. Avançando ainda nessa concepção, podemos chegar a constatar que o corpo pode se oferecer como *função de enlace* de um outro sujeito. Se tomarmos como foco a situação clínica sobre a qual nos debruçamos, que sinaliza o encontro com a criança desvalida ou limitada em sua função simbólica, esse achado conta com a possibilidade da criança de se haver com a originalidade de seus movimentos. Nessa situação clínica, o desafio está em conseguirmos nos liberar da intenção de interpretar, decodificar ou traduzir o que vemos, tocamos ou sentimos, passando à disposição de mergulhar nas extensões dessas experiências sensíveis, na presença da criança. Pois é essa disposição que autoriza falarmos na originalidade do movimento do corpo à espera de um complemento, o que pode ser assinado por meio do corpo do analista animado libidinalmente, oportunidade em que se efetiva uma *função de enlace* anterior à palavra.

No livro organizado a partir de notas datilográficas de alunos de Merleau-Ponty (2000), ministradas no *Collège de France*, intitulado *A natureza*, são reprisadas idéias do autor encontradas em outros escritos, mas merece reportarmo-nos a elas para dizer desse lugar que o corpo humano assume no universo circundante (*Umwelt*), isto é, corpo que além de coisa entre outras coisas é corpo que se move, e esse corpo, que tem por primado o movimento, entra em empatia com as coisas, o que o faz descortinar, nas palavras do autor, sua estrutura estesiológica. O corpo humano não tem um *Umwelt* pré-estabelecido, não é prescrito. É ao mover-se que ele próprio define sua ação e as trocas que se farão com o meio exterior.

As notas coligidas, no último texto citado, ainda nos servem para recolocar em outros termos, mas na mesma direção, a questão, mencionada parágrafos acima, com a qual lidamos na feitura de nosso trabalho. Trata-se da correlação entre corpo e simbolismo. Antecipamos que, em tópico posterior, Langer (2004) nos fará ver a importância de reconhecermos uma modalidade de

simbolismo não discursivo, que ela denominou de “simbolismo apresentativo”. Nesse ponto, parece que mais uma vez encontramos a convergência, já identificada, entre o pensamento da filósofa e o texto do autor em tela, e isso se torna um pouco menos enigmático, quando Merleau-Ponty reitera, em suas aulas, que o corpo é uma expressão simbólica, ao tempo em que, *mutatis mutandis*, a linguagem é um segundo corpo. Com isso ele quer dizer que:

“sem *Auffassung* (apreensão, concepção) prévia do significante e do significado supostos separados, o corpo passa no mundo e o mundo no corpo: o sentir ou o prazer, porque o corpo é móvel, isto é, poder de estar alhures, são desvelamento de *algo*. Um órgão móvel dos sentidos (o olho, a mão) já é uma linguagem porque é uma interrogação (movimento) e uma resposta (percepção como *Erfüllung* – realização, preenchimento, cumprimento – de um projeto), falar e compreender” (Merleau-Ponty, 2000, p. 341).

Verdadeiramente, o pensador francês indagava a existência de um simbolismo infra-linguístico, o que o faz cogitar a ocorrência de duas modalidades de simbolismo: num primeiro, dito “natural”, símbolo e simbolizado estariam colados, e o sentido restaria informado pela organização do corpo; sendo a outra modalidade o simbolismo de linguagem, convencional. O corpo humano é simbólico não nesse último sentido convencional de estar no lugar de uma outra coisa, mas, sim, porque é expressivo de um outro (Merleau-Ponty, 2000, pp. 352-353). Enfim, digamos que essa concussão de eventos intercorpos, porque a organização do corpo de um sujeito se faz abalada pela percepção do corpo de um outro, o levaria a acreditar que “a vida da linguagem reproduz num outro nível as estruturas perceptivas. Fala-se para preencher as lacunas da percepção” (Merleau-Ponty, 2000. p. 342). Contudo, essas supostas lacunas são complementadas pelo ato que expressa uma outra coisa ou um outro corpo.

O corpo, assim situado pelo filósofo, faz-se referente para o processo de significação. No prosseguimento de seus argumentos, agora na fronteira com o pensamento de Freud, o corpo é atestado em seu caráter libidinal, de projeção, de introjeção, identificação; enfim, a percepção, por seu turno, fenômeno do corpo, torna-se “uma relação de ser e não de conhecimento”, arremata a nota do anônimo aluno do filósofo no *Collège de France* (Merleau-Ponty, 2000, p. 340).

Quando cotejamos o que conseguimos reunir do pensamento de Merleau-Ponty, com sua obra inconclusa e derradeira intitulada “O visível e o invisível”, originalmente encontrada na forma de notas pessoais de trabalho, vemos que ele amplia sua diatribe voltada à filosofia reflexionante, confirmando, com novos conceitos, sua especulação sobre as bases que antecedem à própria reflexão. Portanto, a filosofia de Merleau-Ponty pretende se instalar num instante anterior à reflexão e à intuição, quando sujeito/objeto, interior/exterior e essência/existência são indistinguíveis. Dessa forma, consolidando, em nosso entender, esse lugar psíquico que não é nem de dentro, nem de fora, mas, por excelência, tem por topografia esse território do “entre”. Perspectiva essa já arrostada pelo pensamento de Weizsaecker.

O corpo torna-se objeto do mundo e, está nele, por princípio, a sede de nossas percepções; essas que estão tanto menos em nossas cabeças quanto acreditamos lá encontrá-las, afirma o filósofo em “O visível e o invisível”. Para ele, as percepções não são obra do sujeito e nem devem ser tomadas por objeto. Mas é nesse fluxo incessante entre um e outro, nessa influência recíproca que se dá muito antes do efeito produzido entre um pensamento e seu objeto, entre *cogito e cogitatum*, que se faz o comércio com o mundo. Desse modo, ele nos dirá daquilo que já estava lá nas coisas e no mundo do qual participamos, muito antes delas terem nascido para a nossa percepção, a *coisa* está aí, vive na indiferença e não aguarda a nossa percepção ou atenção para existir (Merleau-Ponty, 2009, p. 59).

Há, portanto, um domínio que está para alguém ou para além do visível e do sensível, mas é esse domínio, que não se dá a ver, que permite ver e sentir o que se apresenta para nós. Quando o filósofo fala de “um sentido inicialmente cativo na coisa e no mundo” (Merleau-Ponty, 2009, p. 44), cuida-se de um sentido original, pré-objetivo, sendo que esse sentido original não deve ser substituído pelo pensamento, tanto que, observa Merleau-Ponty (2009): “A filosofia reflexionante substitui o ‘mundo’ pelo ‘ser pensado’” (p. 51). Na filosofia pré-reflexiva o Eu não está situado pelo pensamento. Digamos que ele se levanta da experiência vivida que temos das coisas.

“O mundo, as coisas, o que existe, diremos nós, é, por si, sem medida comum com nossos “pensamentos”. Se procurarmos o que quer dizer para nós “a coisa”, veremos que ela é o que repousa sobre si mesmo, que ela é exatamente o que é, inteiramente em ato, sem qualquer virtualidade nem potência, que é, por definição, “transcendente”, colocando-se fora de toda interioridade, à qual é absolutamente estranha (...). Se devo existir em *ek-stase* no mundo e nas coisas, é preciso que nada me retenha em mim mesmo longe delas, nenhuma “representação”, nenhum “pensamento”, nenhuma “imagem”, nem mesmo essa qualificação de “sujeito”, de “espírito” ou de “Ego”, pela qual o filósofo me quer distinguir absolutamente das coisas, mas que no entanto se torna, por sua vez, enganadora, já que, como toda designação, acaba por recair no positivo, por reintroduzir em mim um fantasma de realidade e por fazer-me crer que sou *res cogitans* – uma coisa muito particular, inapreensível, invisível mas, assim mesmo, coisa. A única maneira de assegurar meu acesso às próprias coisas seria purificar inteiramente a minha noção de subjetividade: não há nem mesmo “subjetividade” ou “Ego”, a consciência não tem “habitante”, é mister que eu a liberte inteiramente das apercepções segundas que fazem dela o avesso de um corpo, a propriedade de um “psiquismo”, e que a descubra como o “nada”, o “vazio”, capaz da plenitude do mundo, ou melhor, que dela necessita para carregar sua inanidade” (Merleau-Ponty, 2009, pp. 58-59).

A filosofia reflexiva, aqui criticada pelo autor, interpõe entre o sujeito e o mundo certos conceitos que nos impedem de compreender a vivência que temos das coisas no verdor com que elas ocorrem. Como já mencionado acima, são exemplos desses dispositivos conceituais: sensações, representações, pensamento, consciência etc. Quanto ao que se cogita classicamente como essência, para o filósofo “o ser da essência não é primeiro, não repousa sobre si mesmo, não sendo ele que nos pode ensinar o que seja o ser” (Merleau-Ponty, 2009, p. 109). A essência, portanto, se bem compreendemos o autor, deve estar subordinada à experiência. Quando apreendo o *Ser* não o faço com distância dele, como o faria um mero observador. Contrariamente, sou enlaçado pela coisa que pretendo apreender.

Para Merleau-Ponty (2009), o ato de ver abre ao mundo interior a possibilidade de ver-se; o sentir, de sentir-se; e o tocar, àquela de ser tocado. Mas essa deflexão sobre nós mesmos nos faz experimentar as lacunas de nossa própria imagem, do nosso próprio corpo sensível ou do nosso próprio corpo tátil. Lacunas que serão compensadas ou complementadas pela realização da visão, do sentir ou do tocar nas “coisas” do mundo exterior. Assim é que em sua existência lacunar, o corpo projeta-se ou vê-se capturado pelo mundo, ao tempo em que os orifícios do corpo, para exercerem a sensorialidade que lhes é peculiar, completam-se incorporando intencionalmente o mundo. As coisas, antes distantes, têm sua distância reduzida pela intenção de nosso corpo em vivê-las nessa reciprocidade corpórea, que, a cada vez, restitui ou renova em nós a unidade com o mundo.

Ao recusar as noções de interioridade e de exterioridade, passando a ressaltar essa reciprocidade corpórea, o filósofo parte para privilegiar a atmosfera intercorporal que resulta do plano da atividade sensível, dada pelo encontro do sujeito com as coisas do mundo ou os outros no mundo. Trata-se de algo que se produz para além daquilo que se vê ou para além daquilo que se toca. O conceito de *intercorporeidade*, que aparece desde o ensaio de Merleau-Ponty intitulado

“O filósofo e sua sombra”, no ano de 1959, expressa o efeito de reversibilidade que as coisas ou os corpos têm uns sobre os outros – quando tocamos somos tocados por aquilo que tocamos, quando vemos somos vistos pelo objeto visível –, a um só tempo somos sujeitos ativos e passivos nos atos de apreensão que damos causa, e em tais atos somos igualmente causados. Essa reversibilidade faz com que o vidente se veja no visível, e isso vale para toda a extensão sensível, o que faz da ação de sentir o retorno sobre nós do sensível alhures.

“Com a reversibilidade do visível e do tangível abre-se, pois, se não ainda o incorporal, ao menos um ser intercorporal, um domínio presuntivo do visível e do tangível, que se estende além das coisas que toco e vejo atualmente.

Há um círculo do palpado e do palpante, o palpado apreende o palpante; há um círculo do visível e do vidente, o vidente não existe sem evidência visível; há até mesmo inscrição do palpante no visível, do vidente no tangível e reciprocamente; há, enfim, propagação dessas trocas para todos os corpos do mesmo tipo e do mesmo estilo que vejo e toco – e isso pela fundamental fissão ou segregação do sentiente e do sensível, que, lateralmente, faz os órgãos de meu corpo entrarem em comunicação, fundando a transitividade de um corpo a outro” (Merleau-Ponty, 2009, pp. 138-139).

A propósito dessa transitividade, digamos terceira, consignada como *intercorporal* ou *intercorporeidade*, a transcendência tem lugar como “acesso a um ser e fuga de si”, ou seja, a identidade do sujeito e todos os termos que nos valem para emprestar algum caráter de estabilidade identitária ao sujeito (como, por exemplo, o Eu) tornam-se assim questionáveis. Diríamos, a partir do filósofo, que a identidade não se faz como aquisição perene ou constituição inviolável. De outra forma, deve ser entendida como passível de perecimento ao fim de cada ciclo de experiência sensível. O intercorporal deve-se entender pelo efeito que a apreensão das coisas promovem em nosso corpo. O corpo vê-se aberto para os outros corpos e tal é esse enlace que o

nosso corpo também está constituído pela corporeidade de um outro corpo, e, assim, são “corpos-coisas, penetração à distância dos sensíveis pelo meu corpo. As coisas como aquilo que falta ao meu corpo para fechar o seu circuito” (Merleau-Ponty, 2000, pp. 351-352).

O autor de “Visível e invisível” reserva suas últimas anotações para o conceito de carne. O corpo suscita o reconhecimento de que há um correspondente invisível a toda extensão visível do corpo. Pois, é essa extensão invisível, alicerçada no movimento e no sensível do corpo, que o coloca como exposto e aberto ao mundo; no caso da visão, é por excelência ela que nos faz ver – nem olho, nem alma. Vemos porque, tocados por aquilo que queremos tocar, projetamos nossa carne para o mundo. Revestimos o mundo com a pele sensível de nosso corpo, e é desse revestimento sensível que emana o sentido, a significação. Voltando a consultar os registros de aulas proferidas pelo mestre, lá encontramos: “o sensível é a carne do mundo, isto é, o sentido no exterior. {...} A carne do corpo nos faz compreender a carne do mundo” (Merleau-Ponty, 2000, p. 351). Esse conceito de carne ganha importância no pensamento do filósofo, o que promove uma inflexão no modo de compreender as coisas do mundo e a participação de nosso próprio corpo no estabelecimento da já referida intercorporeidade. O sentido encontra-se no sensível – de nosso corpo –, e encontra-se com o sensível – a coisa percebida.

Ao propor o conceito de carne, o filósofo não quer com isso cuidar de algo material. Essa carne advém do empréstimo do corpo às coisas. Trata-se de um enlaçamento entre o corpo e as coisas, de tal sorte a levar o próprio corpo a ter uma visão de si. É como se as coisas, os seres do mundo apresentassem o corpo, daquele que intenciona apreendê-los, para ele mesmo. Assim é que, ao tocar as coisas com os olhos ou o tato o sujeito vê-se apresentado para si, porque despertado em seu próprio corpo pela carne do mundo. A carne compreende o circuito formado entre o sensível e o sentiente, ou seja, o corpo que é tocado e que em sua reflexividade toca aquele que o tocou ou, ainda, a rede que se estende entre tocado e tocante. A carne seria o

regresso das coisas em texturas multiformes, que dão contorno ao corpo, o apresentam para nós mesmos e o presentificam como “visibilidade do invisível”, feita de sutilezas.

A reversibilidade do sensível é, por igual, matéria tratada pela observação fenomenológica de Weizsaecker, assim vimos, parágrafos acima, quando o movimento molda na própria mão o sensível que ele pretende capturar, de maneira que resta à mão um *objeto* inédito em suas formas, criado pelo movimento da mesma e que, na leitura de Merleau-Ponty, acaba por apresentá-la para si mesma. Essa passagem de Weizsaecker é anotada por Martins (2012b) com os seguintes detalhes:

“A idéia dos seres vivos como vivendo em comércio continuado com o meio ambiente é essencial em Weizsaecker. A grosseria de pensar sujeito objeto como sendo algo lógico mas não do vivente deve ser notada. A noção de objeto percebido é diferente do ponto de vista páthico, que se apóia na idéia do trato e do contacto. Já o objeto do ponto de vista ôntico-cognitivo tem como idéia a visão de algo externo substantivando-se em cadáver. Vejamos a palpação de um órgão. A forma que se sente não é o órgão mas a forma que se delinea na mão. Esta apreensão é que dá a noção de objeto e não a coisa em si. Neste sentido o *ob-jeto* não objeta tão somente. Ele se faz no psiquismo daquele que toca e é portanto tocado formando uma troca que Weizsäcker chama de comércio continuado. De um ponto de vista páthico, todo aquele que toca se toca” (p. 2).

Seja pela pena de Weizsaecker, seja pela pena de Merleau-Ponty, acompanhamos a elaboração de um pensamento – na linhagem fenomenológica de Husserl – que nos aporta ao protagonismo do corpo na constituição do enlace psíquico. Assim, creditamos ao corpo a inventividade que o faz se apropriar de si mesmo e das coisas do mundo. Notamos, contudo, que partimos da clínica da criança sem fala, por certo, não inabilitada totalmente em sua função inventiva, pois essa é signo inalienável de humanidade. Não estando o corpo dessa criança

assinalado pela palavra, haveremos de nos perguntar em que condições esse corpo, impermeável em suas porções à afetividade do outro, poderá resultar enlaçado pelo corpo desse outro detentor de linguagem?

Na oportunidade dessa discussão, procederemos à apresentação dos irmãos gêmeos Tomás e Thiago. Os gêmeos possuíam uma irmã mais velha e contavam com a idade de três anos, ao iniciarem tratamento no Centro de Atendimento e Estudos Psicológicos da Universidade de Brasília (CAEP), em agosto de 2007, na frequência de duas sessões semanais. Realizavam-se também, periodicamente, sessões com os pais, acompanhados das crianças e em separado. Inicialmente, até julho de 2008, as crianças foram atendidas em co-terapia pelo autor do presente trabalho e por uma colega. No período de agosto de 2008 a março de 2009, alternaram-se, semanalmente, atendimentos individuais e sessões realizadas em conjunto, sendo que, nos atendimentos individuais, Tomás seguiu acompanhado pelo analista e Thiago prosseguiu no tratamento individual com a colega. A opção clínica de atendê-los inicialmente juntos e posteriormente separados deveu-se à constatação de que os irmãos gêmeos desfrutavam de uma intensa convivência na vida cotidiana com os pais, o que avaliamos como condição favorável para o desenrolar dessa primeira fase do tratamento, em que a produção simbólica das crianças mostrava-se incipiente. Na medida em que as crianças alcançaram maior expansão psíquica, com o engajamento em jogos e brincadeiras, observou-se a necessidade de prosseguirem o tratamento separadamente, com ganhos nas suas relações de alteridade.

Os irmãos gêmeos apresentavam modos distintos de estar em presença dos analistas. Tomás se encontrava bem mais pronunciado para o mundo de relações, se comparado ao maior isolamento de Thiago. Quando juntos, Tomás ocupava maior espaço na cena clínica, pois já trazia consigo o recurso à fala. A bem da verdade, tratava-se de uma palavra ainda fragilizada em sua força simbólica, caráter que veio a ganhar contornos de maior efetividade com o transcorrer das

sessões. Por seu turno, Thiago chegou sem o recurso à fala e num quadro de inibição mais acentuado. Nos primeiros encontros as crianças chegavam tímidas, e transpareciam evitar as imprevisibilidades do ambiente. Em meio às alamedas de circulação da Universidade, os irmãos, franzinos e pequenos, caminhavam para os nossos encontros, conduzidos pelas mãos dos pais e de uma secretária. Algumas vezes, nós os aguardávamos à entrada da clínica. Nesse périplo, arrebatavam o encanto dos passantes que se detinham para admirar a graça com a qual se deslocavam. Com o passar do tempo, a inibição de movimento dos primeiros encontros deu lugar à desabalada carreira, que encetavam do ponto em que avistavam os analistas até o estreitamento dos corpos com esses. No corpo e na compleição física, os irmãos atestavam certas simetrias, mas a ânima de um e de outro demonstrava uma disposição que os colocava em diversidade afetiva, especialmente quando Thiago se mostrava semicerrado em seu pedacinho de mundo.

As crianças, que pareciam alimentadas por um dínamo alheio à ordem da ciência, resistindo nessas intrigantes modalidades do existir, ainda toparam, antes de chegarem à clínica, com o vaticínio lúgubre de avaliações psiquiátricas, que lançaram desalentadoras previsões sobre o futuro deficitário das crianças e a impossibilidade de conquistas autonômicas, com as quais os pais tiveram que se haver e sofrer. Com vistas às avaliações diagnósticas realizadas no primeiro semestre de 2007, por neurologista e psiquiatra, essas indicaram o quadro de *Transtorno Invasivo do Desenvolvimento* (DSM-IV). Posteriormente, avaliadas por fonoaudióloga e psicóloga, levantou-se a hipótese diagnóstica de *Transtorno Autista*. A avaliação diagnóstica que adotamos considerou a presença de sintomas autísticos nas crianças, sendo que, essas manifestações, no início do tratamento, levavam a uma disposição *páthica* que, no caso de Thiago, sinalizava para o isolamento e a satisfação autística; já em Tomás, se verificava importante disposição para o contato com os outros, o que estaria facilitado pelo uso de uma fala rudimentar, adquirida,

naquela oportunidade, com entretons que variavam da pregnância da fala, como recurso de estimulação sensível, até a ocorrência de um simbolismo incipiente.

No início, Thiago não falava, apenas emitia sons. Seguiram-se vocalizações e a fase de mussitação, em que pronunciava palavras soltas em voz muito baixa. Ao retornar das férias de julho de 2008, identificou-se uma melhora na impostação da voz, na inteligibilidade das palavras pronunciadas e na adequação ao contexto. Já desde as primeiras consultas, Thiago demonstrava manejos e feições de bebê, o que lhe garantia ternas carícias dos que dele se aproximassem. Quando se oferecia a oportunidade, aconchegava-se e adaptava-se ao colo dos analistas, com a intimidade de quem houvesse estabelecido morada nesses ângulos desenhados voluntariamente pelo corpo em movimento de acolhimento. Assim também se apresentava no convívio com os pais. Contudo, se por um lado gozava desse desprendimento para encontrar abrigo e moldar-se ao corpo alheio; igualmente lhe acontecia embarcar no movimento e nas texturas dos objetos que manuseava ou observava, quando se mantinha inviolável em seu solipsismo. Justamente para demonstrar esse balanço afetivo da criança, introduzimos a seguinte narrativa clínica, que tem lugar nos primeiros meses de tratamento, quando as crianças eram atendidas conjuntamente:

Em seguidas sessões, Thiago, estando de bruços no chão ou deitado de lado, movimentava um grande caminhão com uma das mãos, mantendo-o em aceleração lenta e uniforme para frente e para trás. Enquanto isso, tendo o braço repousado no chão, sua outra mão realiza um maneirismo, no qual seus dedos oscilam repetidamente, como se estivessem submetidos a um comando involuntário. A

montagem se completa quando o caminhão passa à frente de seu rosto e ele fixa o olhar no giro das rodas, eventualmente, chegando a levar um dos dedos às rodas voltadas para si. Na seqüência dos dias, essa composição estética ganha variações, às vezes da posição do corpo da criança, outras vezes da velocidade de deslocamento do caminhão. Contudo, a cena ganha contornos de importante diferenciação, quando a analista disponibiliza seu corpo, deitando-se na posição em espelho de Thiago e voltando-se para o arranjo da criança. Assim, ela se mantém em silêncio e em espera. A criança dá curso à sua montagem, deslocando o caminhão, que agora passa entre os rostos da dupla. Pelo efeito do movimento de vai e vem do caminhão, surpreendentemente, o rosto da terapeuta passa a aparecer e desaparecer para Thiago. Na seqüência da cena, seus olhos se deslocam do giro das rodas do caminhão para se projetarem para o rosto e os olhos da analista. No trânsito do caminhão, dirigido pela mão de Thiago, cortinam-se e descortinam-se o enlace pelo olhar, que um novo rearranjo do corpo passa a esperar.

O dispositivo que resta montado entre o corpo da criança e o corpo da analista assemelha-se a um relé (dispositivo elétrico) que, quando acionado, passa da posição aberta para a posição de contato fechado. Assim, o olhar, o rosto e o corpo de um aparecem e desaparecem para o outro. O conjunto, compreendido pela analista e pela criança, se abre e se fecha acompanhando o movimento de vai e vem do caminhão comandado pela criança. Esse dispositivo acaba por favorecer o contato entre a dupla, que se expande para uma disposição afetiva voltada ao outro, o que se verifica: no tônus corporal da criança; na ocupação espacial diferenciada, assumida pelo corpo dessa; e na direção dos olhos, que culmina com o contato pelo olhar. Ainda que toda essa cena se mantenha em curto tempo, sua frequência aumenta com o desenrolar do tratamento, o que deixa ver a importância para a economia psíquica da criança e a constituição da situação analítica.

O enlace corporal, que se forma preliminarmente entre analista e paciente, não está representado, pensado ou refletido. A analista dispõe seu corpo à criança, mas o faz sem qualquer sentido de finalidade, que não seja o de se compor em brincadeira com o pequeno. O brincar, nesse caso, não está imediatamente representado, pois o espírito que o preside é da esfera constituinte e não de algo já constituído, como o prefere dizer Merleau-Ponty (1971), de algo que está em curso de formação. O corpo, na perspectiva dessa clínica, está em processo de constituição – diríamos que ele é uma ponte e não um destino. Inclui-se, nesse processo de constituição, o próprio corpo da analista, pois ela se abre para uma experiência sensível que, na sua própria história pessoal, pode estar esmaecida. Portanto, é o corpo constituído da analista, esse que se redesenha em seus matizes libidinais, pelas inusitadas experiências sensíveis, não obstante falhas fortuitas, que a faz se inclinar com seu gesto ao encontro da criança, lá onde o sintoma se extravasa. A oportunidade da companhia da criança e do vivido pela criança a faz despertar para uma nova geografia psíquica de seu corpo, o que ocorre quando a analista se

depara com funções ou percepções de seu corpo para as quais se achava inconsciente, mas que podem acontecer, até com regularidade, como fenômenos autísticos, no desenrolar da vida *normophática*, como por exemplo: um olhar pode lambe a pele; um som pode ser reconhecido pela sua textura ou pelo seu sabor; uma palavra pode ser encontrada pela experiência tátil. Enfim, quem melhor nos poderia ajudar, nessas intrigantes veredas da percepção vivida em seu avesso, senão um Manoel de Barros (2010), *habitué* na deformação das (des)medidas do mundo, com seu indefectível astigmatismo poético, inventor de liberdades: “Hoje eu desenho o cheiro das árvores”.

A cena clínica, se vista exclusivamente pelo viés sindrômico, afirmaria a estereotipia da criança ou a repetição obsessiva de movimentos. Entretanto, nós a vemos como uma oportunidade de encontrar a criança em sua repetição estereotipada, isto é, de esperar que aconteça, junto à estereotipia da criança, e com a criança, a oportunidade de constituir uma cena viva ou uma cena do corpo vivido, na qual possa emergir essa própria criança, o que se faz, no mais das vezes, não necessariamente na globalidade do corpo, mas com formas estéticas parciais, como essa do contato pelo olhar. O movimento da analista, em meio à movimentação estereotipada da criança, ao deitar-se diante dessa última, é a intervenção psíquica que ela, a analista, realiza com seu corpo, abstando-se da fala, e que logo a fará descobrir-se dentro da cena erguida pela criança. A ação psíquica da analista, afirmada por meio da motricidade, tem o condão de promover uma certa consciência que acontece quando ela se volta para a criança e comparte seu corpo com ela. Por sua vez, a criança enlaça a analista com o corpo, o que é vivido por meio de um fulgurante olhar. A analista torna-se atravessada pelo corpo da criança, quando tocada pelo olhar dessa última, ao tempo em que essa mesma criança recebe, em complemento, o corpo da analista. A cena se completa, como fenômeno vivido, quando o corpo de ambas é percebido na complementaridade de um vivido insólito, antes impróprio àqueles corpos.

Ainda em Merleau-Ponty (1971), vimos que a motricidade, por si só, tem por apanágio dotar-nos de consciência, quando nos dirigimos às coisas e ao mundo, sem que para tanto precisemos fazer recurso às categorias do pensamento ou da reflexão. Por isso, a consciência, remarca o filósofo, “é estar na coisa por intermédio do corpo” (pp. 149-150). A analista empresta sentido à montagem de Thiago, quando dirige e posiciona o seu corpo na cena clínica. O que entendemos por função de enlace se demonstra quando a analista realiza, por meio de seu corpo, um movimento de consciência, colocando-se diante de Thiago, no silêncio da palavra e na eloqüência do olhar de seu corpo, e não da visão de seus olhos. A analista, em sua expressão imediata, pela presença de movimentos que a levaram junto à criança, complementa a montagem inventada pela criança, e esse complemento empresta sentido ao corpo de Thiago. Recordamos que em Weizsaecker e Merleau-Ponty, a motricidade e a percepção são faces componentes de uma mesma alma. Dizemos alma porque, para eles, esses atos polinizam o mundo e o fecundam de sentido. Reputamos a validade dessa compreensão, para o caso em que o movimento da analista facilitou o enlace com a criança e renovou a percepção da cena pelo contato do olhar, revestido agora de sentido, que é o sentido da criança encontrada na vida de seu olhar e não extraviada na visão de seu sintoma. O olhar do pequeno Thiago desvia-se da visão repetida, do estrabismo fugidio, pois ele, agora, tem direção de sentido, que é a direção de sua libido ao encontro da analista. O vetor do olhar soma-se ao vetor da visão estereotipada, cuja resultante vetorial da percepção é uma abertura à consciência semantizada, o que mais tarde voltaremos a nomear como a tentativa da criança de edificação de um sentimento de Eu. A cena clínica, contemplada pela filosofia de Merleau-Ponty (1971), arremata o ato de perceber como ato de criação e invenção de sentidos do que se apresenta ao campo da percepção e, pela efetiva movimentação do corpo, torna-se campo da consciência, dotado de sentido. Cuida-se de consciência referida ao corpo vivido e não tomada como *res cogitans*.

Verificamos, ainda, que o enlace, que ocorre entre os corpos da analista e da criança, sobre o qual estamos a dissertar, bem se presta ao conceito de *intercorporeidade*, oferecido pelo filósofo, no qual uma rede sensível se estende e se tece entre os diferentes pólos emanadores de uma dada situação vivida, na qual: o ver abre a possibilidade de ver-se; o tocar, de tocar-se; e essa reversibilidade sensível nos leva ao encontro daquilo que está alhures, para além do que se vê, do que se toca, do que já não é mais nem interno e nem externo ao próprio corpo. Essa transitividade de um corpo a outro, nós a reivindicamos para a compreensão do vértice que mantém a cena clínica. O corpo da criança, antes fechado em sua incompletude, torna-se, pelo movimento da analista, aberto em sua incompletude, isto é, sujeito à complementaridade de um corpo alheio. Enfim, a criança volta a olhar-se; quando tocada, se vê pelo olhar-corpo da analista. Olhar, que não é outro senão o seu próprio olhar, que se volta para ela, após contornar o corpo daquela que lhe contempla. Assim, a experiência autística acontece, dando passagem para a experiência do corpo vivido, erigido nas malhas de uma tal transitividade intercorporal.

2.3 – LANGER E AS FORMAS SIGNIFICANTES

A pensadora americana Susanne Langer (1895-1985), seguidora de Ernst Cassirer, iniciou os seus trabalhos teóricos nos anos 20 do último século findo. Ela dedicou-se a compreender expressões humanas, tais como: mitos, rituais, e especialmente voltou-se à crítica de artes, para nesse campo investigar a produção das *formas significantes* e da linguagem. O termo linguagem, seguindo a orientação da autora, o devemos reservar às modalidades de representação verbal, que possuem atributos distintos das demais modalidades simbólicas (Langer, 2004, p. 103). As moções de Susanne Langer correm no leito dos pensadores que propõem um alargamento do

campo simbólico, dentro do qual ocorrem modalidades distintas da linguagem, o que tem procedência quando nos voltamos para os signos que se elaboram próximo ao corpo, distintos daqueles que reconhecemos de pronto, pelo domínio e prevalência da palavra, que, não raro, pode servir ao cultivo da distância e evitação das produções paradoxais de sentido do corpo. Por conseguinte, acreditamos que o simbólico, esperado exclusivamente na linguagem, silencia a própria face da palavra voltada ao corpo, e atravessada pelas urgências e aflições de nossa *intercorporeidade*. Nos dias correntes, afirmar que a existência humana se distingue das demais expressões de vida por trazer, em si, uma determinação irremediável para o simbólico, beira a obviedade, principalmente se considerarmos toda a produção teórica devotada a esse tema no último século. Todavia, essa evidência ganha ares intrigantes quando, a despeito de concordarmos com esse aforismo, somos levados a considerar, especialmente no domínio teórico da psicanálise, que certo alguém, em sua existência *páthica*, não ingressou no simbólico ou não acedeu à linguagem.

Aprendemos, com Freud, que o complexo de Édipo impõe uma estreita passagem que dá acesso à humanização e fere o humanizado, pelo inevitável encontro da vida infantil com diferenças de sexo e geração. Vamos admitir que se trate de um encontro agendado pela cultura, à revelia do desejo de criança, desejo esse que será pautado pelo confronto com outros desejos e/ou pelo desejo de outros. O complexo de Édipo, para aqueles que admitem que ele transporta, além do regramento, a qualidade da *forma*, pode ser encarado como *Gestaltung* em incessante atividade processual, que se rebate da infância para o infantil da existência.

O repertório de diferenças com os quais tem que se haver um *infans*, desde a sua vida mais tenra, mesmo quando ele se encontra abrigado na indiferenciação dos continentes psíquicos de seu corpo e do corpo de sua mãe, desperta uma propensão para as conversões que, depois da leitura que nos oferece Susanne Langer, nos compete dizer: *conversões simbólicas*. Com o aporte

de Freud, referimo-nos ao universo do *simbolismo pulsional*, o que convém ler como simbolismo afetado pelo corpo pulsional e atravessado pelo inconsciente. Portanto, quando refletimos sobre a vida pulsional das crianças e o automovimento (Weizsaecker, 1958), esse último, sentença cabal do pulsional, temos indicações para comemorar com mais antecedência as efemérides do simbólico. O automovimento já traz em si uma propensão para o símbolo, ainda que não representável pela palavra, mas articulável pelo *círculo das formas* singulares de cada sujeito. É essa propensão simbólica que torna, tão mais acentuada, a diferença entre dois rebentos humanos, do que àquela que se constata entre o filhote de uirapuru da floresta amazônica e a cria do rinoceronte da savana africana.

O estudo que Langer (2004) empreende da função simbólica, comparativamente à falta dessa propensão nas espécies animais, incluído, aí, o macaco como espécie próxima aos humanos, reporta a quão a vida dirigida dos animais, para objetivos de sobrevivência, seria por demais perturbada pelas condutas que animam a atividade psíquica dos humanos. Invertendo a lógica do pensar que, em geral, evolui dos animais inferiores para os humanos, a filósofa volta atrás para, hipoteticamente, considerar que as *excentricidades da mente palavreira* – arte, magia, rituais, crenças, sonhos, entre outros – constituir-se-iam, se aplicadas à vida animal, num emaranhado destituído de sentido teleológico e prático, a menos que coubesse admitir, no arco de causalidade que governa essa vida, um parênteses para o entretenimento, o que não tem procedência e nem prevalência no mundo animal (p. 46). Mas, para nós, os humanos, tais produções não se constituem em diversionismo retórico, e é, por isso, que inventar e brincar são verbos de ação imprescindíveis às nossas fundações psicogênicas. Assim, afirma ela: “Na realidade, a simbolização não é o ato essencial do pensamento, mas um ato *essencial ao pensamento*, e anterior a ele” (p. 51).

Na gênese da linguagem, lembra a autora, a companhia de falantes em torno do bebê, que o tornam imerso no universo da linguagem, parece ser uma condição fundamental e indispensável para que uma criança pequena alcance a palavra. Os macacos, por exemplo, pela capacidade de perceber relações causais, embora possam chegar às portas desse limiar, como demonstram certas pesquisas, não se experimentam no rumo da simbolização. Os grandes símios podem se comunicar com seus pares, e o fazem por meio dessas relações de causalidade. Mas a produção simbólica está para além da causalidade, por ocupar o domínio do arbitrário, da similaridade, da comparação, da invenção etc. A seguinte inserção de Langer (2004), demarca com clareza essa ação psíquica, que falta a esses que são considerados os nossos predecessores na curva da evolução das espécies:

“O macaco não alimenta nenhum desejo instintivo de balbuciar na primeira infância. Não brinca com a boca e a respiração, como procedem as crianças humanas; não há qualquer som expressivo de bem-estar e murmúrio, nenhum “gu-gu”, “ba-ba” e “do-de-da” na sua *nursery* que, sob outros aspectos, é ruidosa. Conseqüentemente, não existem quaisquer sons e sílabas que lhe agradem ou o assustem por seu puro caráter estético, como é agrado, assustado ou confortado por vistas puramente fenomenais. Por estranho que pareça, é exatamente porque todas as suas expressões vocais possuem *significação* – todas são pragmáticas ou emocionais – que nenhuma delas jamais adquire *significância*. Nem sequer por brincadeira imita sons, como imita gestos e macaqueia seriamente práticas que não lhe são de utilidade.” (p. 123).

A atividade de balbuciar dos bebês parece indicar, desde cedo, uma propensão para a linguagem. Langer (2004) acredita que as lalações do bebê são experimentações dirigidas ao simbólico. O bebê brinca com os sons, com a saliva e os movimentos da boca, e não o faz com um sentido de finalidade. Ele brinca com as lacunas de significação que estão ao seu alcance,

com aquilo que não está dado imediatamente pela necessidade e, tampouco, elencado no campo cultural das utilidades. Nessas lacunas do saber, toda criança deve ser esperada com a produção de *peças humanísticas*, elaboradas nas associações sinestésicas de seu corpo e nas sínteses que consegue alcançar nos contatos precoces e de alteridade com aqueles que compõem o seu ambiente. Notemos a importância e a repercussão dessa observação da autora: o bebê alcança a *significância* de suas expressões vocais, justamente porque emana sons não teleológicos, ao que, acrescentaríamos: porque é dotado de *automovimento* (Weizsaecker, 1958); porque faz rabiscos e grafismos com sons, verdadeira *Gestaltung* (Prinzhorn, 1984); porque é surpreendido em *gesto espontâneo e criativo* (Winnicott, 1975b), esse que voltaremos a mencionar; enfim, porque é pulsão (Freud, 1905) em *Devenir*. Ainda, Langer (2004) observa que “a infância é o grande período de sinestesia; sons, cores e temperaturas, formas e sentimentos podem ter determinados caracteres em comum, pelos quais uma vogal pode ‘ser’ de certa cor, um tom pode ‘ser’ grande ou pequeno, baixo ou alto, claro ou escuro, etc” (p. 129). O *infans* não guarda fidelidade entre os estímulos e os órgãos da percepção, posto que ele é levado a realizar associações entre percepções que, para um psiquismo adulto, seriam inconcebíveis. Ele cruza impressões perceptivas de um órgão a outro, e essa associação entre percepções já é um primeiro ensaio semântico.

“No entanto, precisamente este jogo doido de associações, esta confusão não-crítica de impressões, é que exercita os poderes de transformação simbólica. Projetar sentimentos em objetos externos é a primeira maneira de simbolizar e, destarte, de *conceber* os referidos sentimentos. Tal atividade pertence aproximadamente ao mais antigo período da infância que a memória é capaz de recuperar. A concepção do “eu”, geralmente considerada a marca inicial da memória real, talvez dependa desse processo de resumir simbolicamente nosso sentir.” (Langer, 2004, p. 130)

A sonoridade lúdica dos bebês não tem utilidade prática, mas nessa atividade despreziosa pode se encontrar a gestação de futuros símbolos. A experiência sinestésica, difícil de ser apreendida no regime da razão, não só dá passagem a uma fase da vida da criança, como também pode comparecer na atividade poética motivada pelo infantil da existência. Mais uma vez, nossa ilustração vem da lavra de Manoel de Barros. Se consultarmos esse fazedor de palavras, para quem a “poesia é voar fora da asa”, lá encontraremos pródiga referência à miscelânea sinestésica, oportunidade de sua prodigiosa e, porque não dizer, graciosa e dolorosa chispa poética. Não temos, por certo, que o poeta concordaria com a afirmação, de que ele se afeta pelas palavras com jeitos de criança, mas, sem embargo, somos instruídos com o “explicar” de seu fazer poético:

“No descomeço era o verbo.
Só depois é que veio o delírio do verbo.
O delírio do verbo estava no começo, lá onde a criança diz:
Eu escuto a cor dos passarinhos.
A criança não sabe que o verbo escutar não
funciona para cor, mas para som.
Então se a criança muda a função de um verbo, ele delira.
E pois.
Em poesia que é voz de poeta, que é a voz
de fazer nascimentos - O verbo tem que pegar delírio.”
(Barros, 2010, p. 301)

A experiência de associação sinestésica – de crianças, adultos, poetas, enfim, daqueles que mantêm ativa essa modalidade de existência própria às formações arcaicas de nosso psiquismo – é o que consideramos entre as modalidades da vivência autística. O adjetivo autística qualifica a

geração da vida sensível das crianças, especialmente no desenvolvimento precoce, quando mantidas em estreito vínculo com as atividades do próprio corpo e do corpo de seus cuidadores. Essas atividades primitivas podem se inscrever como tentativa de remodelar uma realidade supostamente ameaçadora, ou a intenção de prolongar um regime de gratificação, ou, ainda, concomitantemente, medida de promoção e fundação do psíquico. Assim, elas se voltam para a geração dessas experiências, que as revestem com renovada pele sensível, laboradas em ritmos e cadências sinestésicas; associações de impressões perceptivas; produção de contatos; enfim, a reinvenção do próprio corpo. Isso firma a base do corpo simbólico da própria criança; simbólico esse que adotamos com o alargamento que nos quer fazer ver Susanne Langer. O reconhecimento do desenvolvimento autístico de nosso psiquismo, que pode restar como uma capacidade em nosso desenvolvimento neurótico, nos convida a recusar o termo “autista”, tomado, atualmente, na exclusividade do viés sindrômico, o que pouco acrescenta substantivamente, e, menos ainda, esclarece o acontecer da vida das crianças consideradas dentro dessa entidade clínica.

Em continuação às suas considerações, a autora de *Filosofia em nova chave* lembra que o cérebro trabalha ininterruptamente, não havendo como reduzi-lo a um painel de ligações sinápticas. Diferentemente de uma complexa central telefônica, que entraria em repouso caso não fosse acionada, ele não se acha quiescente enquanto o restante do organismo dorme. Em vez de restringir-se ao monitoramento de funções fisiológicas – digestivas, respiratórias e outras ligadas à cinestesia de membros, olhos etc –, o cérebro produz volumes incomensuráveis de idéias e pensamentos, e jamais abdica da função para a qual é nascido: transformar experiências em símbolos.

“Na verdade, porém, a fala é o fruto natural de uma única espécie de processo simbólico. Existem transformações de experiência na mente humana que possuem términos manifestos assaz diferentes. Findam em atos que não são

nem práticos nem comunicativos, embora possam ser tanto efetivos quanto comunais; refiro-me às ações que chamamos de rituais” (Langer, 2004, p. 55).

A transformação simbólica encontra outras soluções *apresentativas*, diversas daquela que nos notabilizamos por privilegiar, isto é, a fala. Como teremos oportunidade de apresentar linhas abaixo, um ritual de cura religiosa encontra uma forma, esquadrinha uma moldura, e essa, sem palavras, é a manifestação que formata uma linguagem. O encontro entre Lévi-Strauss (que será introduzido no próximo capítulo) e Susanne Langer sugere ser fecundo para o estudo do simbólico, em especial no que tange a haurir de suas contribuições uma face estética do símbolo. Quando pensamos nos processos de conversão dos dados da experiência sensível em símbolos, imediatamente se impõe a constatação de que simbolizar é, por excelência, criar realidades, pensar o mundo até o limite de sua reinvenção. Langer (2004) considera os aspectos lógico e psicológico do significado, e o que dizer do aspecto estético do significado ou do significante de um símbolo? Em seu aspecto psicológico, o símbolo precisa afetar alguém. Ele precisa que alguém o reconheça em sua função pragmática. Já em seu aspecto lógico, ele deve encerrar a capacidade de transmitir um significado. Contudo, alerta a autora, embates de meio século voltados ao *significado do significado* ainda não foram capazes de pacificar esses conceitos, daí porque acrescenta: “os dois aspectos, o lógico e psicológico, são cabalmente confundidos pelo ambíguo verbo ‘significar’; pois às vezes é apropriado declarar ‘isto quer dizer’ e às vezes ‘eu quero dizer’ ” (Langer, 2004, p. 64).

Essa constatação tem valor inestimável quando nos reportamos ao universo da criança e da clínica psicanalítica que procuramos demonstrar com a participação do corpo do analista. Com maior interesse nos cabe compreender e qualificar o automovimento da criança em favor de composições nas quais o corpo tem papel central, quando retraídas em experiências autísticas e despossuídas do recurso à fala. Não raro, essas crianças são desestimadas em suas faculdades de

criação. Por conseguinte, seus interlocutores só encontram óbices à comunicação, quando uma pequena abertura em suas concepções do signo lhes poderia, com proveito, encaminhar ao encontro de produções da criança que sinalizam a possibilidade da transformação simbólica da experiência vivida em presença do outro ou do analista. Essas composições da criança se apóiam justo nessa face estética que, mais adiante, poderá vir a ser a face estética do símbolo. A face estética da criança pode se exprimir desde o exercício das funções vitais (respiração, sucção, defecação etc), passando pelas posições e angulações assumidas pelo corpo, chegando às composições polifônicas encontradas nas vocalizações, até o desfrute de imagens e contatos sensíveis – em todo esse extenso território do existir, *há estilo* a anunciar a presença inventiva e significativa da criança. Insistimos que as vinhetas clínicas de Guili e Thiago corroboram a esperança de que uma experiência autística pode operar na direção da transformação simbólica. Para tanto, não poderemos dispensar o selo testemunhal do analista, como esse outro a pontificar, no mínimo com seu corpo, o sentido dessa história condensada no automovimento perseverante e, tantas vezes, repetitivo ou ecolálico da criança.

Torna-se oportuno tratar do que, sendo arrazoado até aqui, ainda não fora tomado como posição teórica sistemática. Para tanto, continuaremos apresentando o trabalho de Susanne Langer, com o qual ainda nos beneficiaremos, pois é em seu pensamento que vamos encontrar, com clareza meridiana, o que reiteramos como o alargamento da concepção do simbólico, que bem pode emprestar vértebras a soerguer e ordenar os argumentos que tramitam no presente texto.

“Tal é, em essência, a atitude daqueles lógicos que investigaram os limites da linguagem. Nada que não seja “linguagem”, no sentido da definição técnica que lhe deram, pode apresentar o caráter de expressividade simbólica (embora possa ser “expressivo” no sentido sintomático). Conseqüentemente,

nada que não possa ser “projetado” em forma discursiva é de algum modo acessível à mente humana, e toda tentativa de entender qualquer coisa exceto o fato demonstrável é ambição inútil. O cognoscível é um campo claramente definido, governado pelos requisitos da projetabilidade discursiva. Fora desse domínio, encontra-se o reino inexpressível do sentir, dos desejos e satisfações informes, experiência imediata, eternamente incógnita e incomunicante. Um filósofo que olha nesta direção é, ou deveria ser, um místico; nada exceto contra-senso pode ser transmitido da esfera inefável, visto que a linguagem, nossa única semântica possível, não revestirá experiências que eludam a forma discursiva” (Langer, 2004, p. 94).

Evocamos, por oportuno, o que ocorre em nosso trabalho como material clínico *não representável*, que foge à formação da metáfora, não obstante se impor à vivência clínica do analista ou do corpo do analista, o que procuramos dar publicidade com a apreciação das vinhetas clínicas introduzidas ao longo desse trabalho. Assim, parece de bom alvitre reconhecer que essa manifestação da autora ampara os fenômenos clínicos para os quais dedicamos nossa atenção. Nem sempre o fruto de nossos achados clínicos encontra guarida no raio de incidência luminosa das palavras. Aquilo que não desfruta das virtudes e do poder de figurar com palavras, aquilo que se ressent de não transbordar conteúdos metafóricos, ainda que pleno em suas *formas e sentimentos*, tem sido endereçado ao limbo, não sem antes receber um nome que o possa acomodar e, por vezes, até domesticar: “indizível”, “imensurável”, “inexpressivo”, “intangível” etc. Mas a tarefa a qual nos propomos é a de nos aventurarmos pela devassidão oceânica que mantém, em si, o simbolizar. Nas palavras da filósofa:

“Na melhor das hipóteses, o pensamento humano é apenas uma minúscula ilha limitada pela gramática, no meio de um mar de sensação expressa por “Oh, Oh” e puro balbucio. A ilha tem uma periferia, talvez, de

lama – conceitos fatuais e hipotéticos, decompostos pelas marés emocionais no “modo material”, uma mistura de significado e contra-senso. A maioria de nós vive a maior parte da vida nesse brejo de lama; mas em estados de ânimo artísticos nós nos dirigimos à profundidade, onde nos enleamos por todos os lados com exclamações sintomáticas, que soam como proposições sobre a vida e a morte, o bem e o mal, a substância, a beleza e outros tópicos inexistentes” (Langer, 2004, p. 95).

Langer considera que, na ação de nosso aparato perceptual, há de pronto um *processo de formulação*, o que leva a crer que não conhecemos o verdor da experiência sensível, sem que sobre essa recaia uma elaboração, com vistas a certo ordenamento e compreensão da *coisa* a ser apreendida. Em contrário, completa a pensadora, com a expressão colhida de William James, viveríamos em uma “zumbidora florescente confusão” (apud Langer, 2004, p. 96). O tratamento mental que ocorre nas extremidades de nosso sistema nervoso é equivalente àquele que ocorre no centro do sistema, qual seja: em presença de estímulos sensoriais, nosso aparelho receptor tende a perceber *formas*, ao invés de uma constelação de impressões ou da discriminação desses estímulos. Sendo assim, o que resulta de uma experiência sensorial são *formas* abstraídas *pronta e inconscientemente*, de maneira a logarmos uma inteligência do todo experimentado, que se revela para nós nos termos de uma *coisa*.

“Mas essa apreciação inconsciente das formas é a raiz primitiva de toda abstração, que, por sua vez, é a tônica da racionalidade; assim, parece que as condições para a racionalidade jazem na profundidade de nossa pura experiência animal – em nosso poder de perceber, nas funções elementares de nossos olhos, ouvidos e dedos” (Langer, 2004, p. 97).

A continuação desse parágrafo é para nós, igualmente, instrutiva. Ao se referir às experiências repetidas, a autora considera que uma experiência sensível é irreplicável. O suposto evento repetido é, em verdade, um análogo que procura se ajustar à *forma* abstraída quando da primeira aparição desse evento. Se agora aduzirmos a essa constatação, a meio caminho entre a fisiologia e a filosofia, uma porção de psicanálise, encontraremos que o ingresso da criança no circuito pulsional está ligado àquilo que Freud (1925a/1996) julga ser a perda do objeto de satisfação. Então, decorre desse primeiro objeto de satisfação a tentativa de reencontrar um objeto perdido – que, para Laplanche (1985), sofre um deslizamento do objeto de autoconservação, objeto da fome, para um objeto deslocado à sexualidade. Daí porque, completa: “o objeto perdido não é o mesmo que aquele que se deseja reencontrar. Aí está a força do ‘engodo’ essencial que se situa no início da procura sexual” (p. 27). Posto assim, podemos cogitar que esse objeto perdido encerra uma *forma*, conservada na sensibilidade do sistema perceptivo que compõe nossa realidade psíquica. Todavia, ainda que eludida do campo de prospecções do *ego-realidade*, essa forma primeva tem força simbólica, dela se destacam significados capazes de transformar, criar, emprestar movimento e arte até os infindáveis limites da imaginação.

Por fim, supomos que Freud (1925a/1996) assentiria com esse último achado de Langer, que relaciona *a apreensão de formas com o pensamento racional*, caso em que ele considera a ação de *julgar* como impondo cobro ao adiamento do pensamento. Esse adiamento, afirma ele, é aquilo que o Ego realiza

“como uma ação experimental, uma apalpação motora, com pequeno dispêndio de descarga. Consideremos onde o ego utilizou um tipo semelhante de apalpação anteriormente, em que lugar aprendeu ele a técnica que agora aplica em seus processos de pensamento. Ocorreu na extremidade sensorial do aparelho mental, em conexão com as percepções dos sentidos, pois, em nossa

hipótese, a percepção não é um processo puramente passivo. O ego envia periodicamente pequenas quantidades de catexia para o sistema perceptual, mediante as quais classifica os estímulos externos e então, depois de cada um desses avanços experimentais, se recolhe novamente” (p. 268).

Sim, o Ego, ao se projetar para a extremidade sensória, assimila os modos do pensar que são próprios a esses dispositivos de sensibilidade, eis aí a formulação de Freud. Agora, por todos os títulos, temos razões para afirmar que nossa atividade perceptiva, como já afirmaram Weizsaecker e Merleau-Ponty, verdadeiramente, não é passiva, o que nos permite avançar no sentido de estabelecer que as *formas* erigidas a partir de nossos órgãos do sentido, ou do sentir, possuem caráter simbólico. *A nova chave para a filosofia*, postulada por Susanne Langer, como ela própria reconhece, *outros já a tocaram*. O que há de novo? A insistência renovada para legitimar a ocorrência de um simbolismo não-discursivo. Esse simbolismo decorre da ação sensível, e as *formas* são os elementos que o compõem. As extremidades de nosso aparelho psíquico, tal qual concebido por Freud, são tão propensas à atividade cognitiva, intelectual e afetiva quanto o são as topografias do consciente, do inconsciente ou, numa concepção mental, os centros nervosos – pensamos com a pele, com a ponta dos dedos; quem sabe até chegemos à sublevação, com a inteligência auditiva das cores, a visão e textura cognitiva dos sons, e assim por diante. Esses elementos, e tantos outros com essas características, são passíveis de *articulação complexa*, a exemplo do que ocorre na linguagem com palavras.

Quando retoma o tema da música em sua obra *Sentimento e Forma*, a autora americana encontra nessa um bom exemplo da articulação complexa da experiência sensível. A música germina e é germinada por toda sorte de sentimentos humanos. A forma dos sentimentos, afirma a autora, encontra equivalência no andamento da música. Contudo, ela não seria o que se poderia dizer uma “linguagem dos sentimentos”, pois para a autora, enquanto a linguagem está

organizada por palavras, signos convencionais ligados a um referente no mundo, a música se compõe de elementos destituídos dessa característica semântica das palavras. A *forma significativa* da música é alcançada não porque seus elementos tenham referências fixas próprias como na linguagem das palavras. Contrariamente, torna-se possível articular elementos audíveis, que isoladamente não tem vida significativa, em um conjunto harmonizado pela dinâmica da percepção, o que confere à música forma e significação. Senão, vejamos como esses *sentimentos em forma* ganham expressão na música e na leitura dessa partitura afetiva, tal como descrito por Langer (1980):

“{...} formas de crescimento e atenuação, fluência e estagnação, conflito e decisão, rapidez, parada, violenta excitação, calma, ou ativação sutil e lapsos sonhadores – não alegria e dor, talvez, mas a pungência de cada uma e de ambas – a grandeza e brevidade e o passar eterno de tudo o que é sentido de maneira vital. É esse o padrão, ou forma lógica, da ‘senciência’; e o padrão da música é essa mesma forma elaborada em sons medidos, puros, e silêncio. A música é um análogo tonal da vida emotiva” (p. 28).

O neologismo “senciência”, explica a autora, refere-se ao que “sente ou é sensível”. A música é a expressão dessa “senciência” do compositor, o que é diferente de ouvi-la como expressão sintomática de sentimentos (Langer, 1980, p. 30). Na diversidade dos movimentos tonais da música, podemos dizer que encontramos, para juntar a essas considerações o conceito de Merleau-Ponty, a história de uma dada *corporeidade*. E não seria essa o aspecto que empresta corpo aos componentes tonais da música, e que a torna afetada pelos *sentidos* humanos, *sentidos* esses que podemos entender como movimento que leva consigo tanto a acepção perceptiva quanto a acepção semântica?

As proposições de Langer (1980) para a teoria da música, ela acredita que possam ser generalizadas para a arte em suas diferentes manifestações, arte que ela define como “a criação de formas simbólicas do sentimento humano” (p.42). Para a autora, as formas artísticas tem um conteúdo, e esse conteúdo é o sentimento. Essas formas simbólicas são plenas de “senciência”, de maneira que arremata a autora:

“Nisso reside a “estranheza” ou “alteridade” que caracteriza um objeto artístico. A forma é dada imediatamente à percepção, porém ela vai além de si mesma; é semelhança, mas parece estar carregada de realidade. Tal como a fala, que não é nada fisicamente além de pequenos sons zumbidos, ela está preenchida por seu significado, e seu significado é uma realidade. Num símbolo articulado, a significação simbólica permeia toda a estrutura, porque cada articulação dessa estrutura é uma articulação da idéia que ela transmite; o significado (ou, falando com exatidão, de um símbolo não-discursivo, o importe vital) é o conteúdo da forma simbólica dado, como que junto com ela, à percepção. (pp. 54-55)

A autora nos convida a pensar que a *forma* está além de si mesma. Nossa percepção constitutiva das *formas* cria uma ilusão que é plena de significação. A significação é o efeito da articulação das partes ou dos componentes da estrutura. Por exemplo, em uma arte pictórica, cores se articulam com linhas e contornos geométricos, e isso não estava lá, foi promovido pelo artista, e é esse espírito um “sentimento simbólico” ou uma “forma significante”. Se voltarmos a lembrar Weizsaecker, diremos que é pelo automovimento que nossa percepção se articula, para dar lugar a esse “espírito”, essa “ilusão”, que é a própria *forma da significação ou significação em forma*. Assim, abrindo a perspectiva de sua teoria das artes, Langer (1980) afirma:

“A permanência da forma, então, é o alvo constante da matéria viva; não o objetivo final (pois é o que, no final, falha), mas a coisa que está perpetuamente sendo realizada é sempre, a cada momento, uma realização, porque depende inteiramente da atividade de “viver”. Mas o próprio “viver” é um processo, uma contínua modificação; se se imobiliza, a forma desintegra-se – pois *a permanência é um padrão de modificações*” (p.69).

A forma é arte páthica. O movimento é o princípio da forma, e a transformação é a sua vocação. Essas idéias animariam uma suposta conversa entre Weizsaecker e Langer, pensando a *forma* para além de si mesma. O que dá *forma* à *forma* é uma *forma* alhures. A *forma* não está onde nós a vemos. Quem sabe esteja onde nós a sentimos, em *permanente padrão de modificação*. Não há como recusar o interesse desses achados para a atividade clínica, especialmente quando queremos entendê-la como reciclagem das *formas*, inclusive nas vezes em que certas *formas* nem mesmo são consideradas no horizonte de possibilidades do clínico e do consulente. A oportunidade de refletirmos sobre a clínica, em diálogo com a atividade artística, não reside na discussão do valor estético de uma dada produção clínica, mas sim do quanto a arte de inventar *formas*, em presença do outro, analista, pode ter o valor de testemunho, que o analista realiza ativamente com as percepções de seu corpo, a serviço da reconstrução psíquica da criança. A atividade clínica com a criança torna-se arte não pela atenção ao rendimento de um produto, mas sim pelo estabelecimento de um processo, na medida em que a clínica com a criança é *atividade de viver* em continuada articulação de elementos do corpo em composição com a realidade material, o que levanta o sentimento da criança e do analista e pode dirigir a produção de sentido de uma dada *Gestaltung*. Os exemplos clínicos de Guili e Thiago demonstram que não precisamos apelar para a concepção de *representação* a fim de reconhecermos uma *forma* *significante*. Essas crianças constituíram, junto a seus analistas, um *tour de force*, que para nós estabelece um campo estético, erguendo *formas* e sentidos que estão para além de si mesmas, isto

é, para além do corpo do analista e da criança, especialmente para além do corpo dessa última, tomada na experiência exclusiva do isolamento ou do encapsulamento autístico. Enfim, o que esperamos de nossa atuação clínica é que a criança possa ser pensada pelo corpo do analista.

Faz-se mister sumariar o que recolhemos do pensamento de Langer. A autora, em sua pesquisa, considera que há fenômenos semânticos que não podem ser reduzidos às expressões da linguagem discursiva. O simbolismo da linguagem dispõe de um vocabulário de palavras. Essas, por sua vez, segundo uma sintaxe, se organizam em frases. São inumeráveis os arranjos entre as palavras, sendo que o uso, o contexto, operações de referência e significação, com efeito, enlaçam palavras e mundos, além de levar à interpretação e invenção de tantos outros universos materiais e psicológicos. Pois bem, esse é o registro do simbolismo discursivo. Por outro lado, preconiza-se a existência de um simbolismo não-discursivo, intitulado *simbolismo apresentativo*. Nessa versão, os elementos que compõem um objeto, por exemplo, não têm vida significativa independente, como ocorre às palavras – a sombra, numa representação pictórica, ganha significado apenas enquanto participando do todo da composição imagética. O símbolo, convém insistir, gerado pela articulação das partes, produz significado apenas por esse efeito de integração, não sendo possível incidir sobre ele uma tradução, como ocorre em um discurso do simbolismo verbal. Outra característica, que decorre da anterior, refere-se à simultaneidade com que todas as partes são apresentadas, sendo que, nas modalidades discursivas, isso se dá de maneira serializada, uma palavra depois da outra. No simbolismo apresentativo, as *formas* do sensível não têm uma lei arbitrária de ordem, comparável à sintaxe do simbolismo discursivo. Contudo, as impressões que brotam nessas formulações encontram um sentido de ordem e articulação.

Esses achados têm particular valor heurístico para a clínica psicanalítica. As *formas* da criança em contato com o analista, edificadas ou reeditadas na situação de tratamento, precisam

ser consideradas também sob o prisma dessa abertura para o simbolismo apresentativo. Se assim for, as produções estéticas da vida infantil, como a todo símbolo é dado acontecer, haverão de ofertar-nos elementos de entendimento do mundo, que ostentam conceitos de rigor lógico, ainda que não conheçam distância entre o sentimento e a razão, dispensando-nos, portanto, de qualquer apelo ao obscurantismo.

CAPÍTULO 3

A PREVALÊNCIA DA FORMA COMO UNIVERSO POTENCIAL DE TRANSFORMAÇÃO

Depois de ultrapassado o primeiro século de criação da psicanálise, por certo, reconhecemos que as constelações psíquicas sofreram, com as aquisições dessa *ciência*, rearranjos tais, que nossa perspectiva ante o *corpo* sofreu equivalente revisão de sentido. Referimo-nos ao *corpo*, recriado em psicanálise, que se desdobra das *traduções de traços mnêmicos*, dos revestimentos especulares narcísicos e das determinações recíprocas da linguagem. A psicanálise lapidada pelas mãos de Freud se revela em todo o seu esplendor quando quer descer, quando quer escalar, quando quer, pelo recurso à interpretação, transitar nas irregularidades de planos que a vida psíquica sugere à mentalidade de seu explorador: aqui, prospecções arqueológicas; adiante, defesas; acolá, descidas verticais ao inferno abissal.

Seja pela imagem às constelações que nos faltam ao tato, seja pelo recurso à distância que nos separa desses territórios verticais, estamos, depois de Freud, convidados a consultar as *ciências do vivido*, em seu capítulo privilegiado das profundidades, e a nos exceder no elogio dessa profundidade que impregna nossas concepções do psíquico. Inspirados pela multiplicação de vozes que a obra de Freud ecoa, e evitando o apelo às metáforas de profundidade que dominam nossas concepções acerca dos sistemas anímicos, o interesse que nos move será o de ascender com alguma claridade à dimensão estética que transita nos territórios rasos do corpo e nas superfícies psíquicas. Acreditamos que seja essa *a utopia, o sem-lugar* que significa e

empresta eficácia – com igual valor conferido à dimensão semântica da linguagem – a certas práticas psicoterápicas, em especial, à psicanálise com crianças ensimesmadas e sem fala.

Entendemos por estética, no âmbito desse trabalho, a dimensão sensível engendrada a partir do corpo, capaz de inventar formas e movimentos, um outro corpo estésico e móvel, não mais como o corpo dos órgãos, com o qual a criança ou o adulto equacionam a sua existência em presença de um outro humano. Essa superfície estética, a envolver o corpo da criança, tal qual uma manta narcísica que se desdobra, dinamicamente, na intersecção da função materna, encontra correspondência ou equivalência em noções desenvolvidas por autores da psicanálise (*eu-pele*, D. Anzieu; *envelope psíquico*, D. Houzel; dentre outros). Para nós, essa dimensão estética, nascida na criança ensimesmada e sem fala, precisa de um outro para se tornar símbolo sensível. Ao testemunhar a dimensão estética da criança, com sua presença e com o seu próprio corpo, o analista emerge para a criança, e a criança, igualmente, emerge para o analista. Nesse momento, o analista pode se tornar desperto, pela ação sensível da criança, naquelas regiões desertificadas eroticamente de seu próprio corpo. Pois são essas *formas estéticas*, quando reconhecidas, eliciadas no encontro entre o corpo do analista e o corpo da criança, que podem valer a título de universo potencial de transformação. Em meio à clínica psicanalítica com crianças, reunida ao longo do texto, introduziremos o exame dessa dimensão das *formas* com atenção a um estrato de etnografia das práticas de cura.

Se ampliarmos essa investigação ao encontro das práticas de cura, esbarraremos de imediato em Claude Lévi-Strauss e, portanto, convidados seremos a consultar suas pesquisas acerca do xamanismo e dos mecanismos ou estruturas que jazem e que tornam possível, na pena desse autor, o protagonismo que aí se desenrola. Uma breve apresentação de conceitos da fonologia, porém, poderá nos ajudar a palmilhar os caminhos que nos levarão a Lévi-Strauss, marcando a relação entre a lingüística e o seu trabalho antropológico, do qual recolheremos um

fragmento para ressaltar a conveniência e prevalência da *forma*, quando se cuida de urdir símbolos que têm efetividade, tanto na realidade material quanto nas mudanças de estado da atividade psíquica.

As bases da fonologia foram introduzidas por Nikolai Trubetzkoy. Os fonemas exercem uma função na língua e esse estudo está a cargo da fonologia. Já a fonética estuda os próprios sons da fala.

“A usual classificação da fonologia como ciência da estrutura lingüística, em face da fonética como ciência da atividade da fala, mostra-se assim insatisfatória. A fonologia está para a fonética na relação de uma ciência da forma, ou, se quiserem, da função, para uma ciência da substância vocal. A forma radica-se na estrutura lingüística, mas também figura necessariamente no manuseio da fala, pois do contrário não haveria fala mas emissões inarticuladas. Os sons vocais são evidentemente mera substância. Ao contrário, o fonema, como todos os demais valores glóticos, para nos servirmos da denominação de Jespersen, entra tipicamente no conceito de forma e função” (Jakobson, 1967, p. 22).

O processo fônico confere não só limites a uma palavra, mas também tem a função de ordenar, hierarquizar e até indicar, numa frase, considerando a entonação com que é expressa, se essa se acha no início ou no fim. Além do que, ensina Jakobson (1967), “um sinal fônico de divisão contém em si também, ao mesmo tempo, um valor semântico” (p. 25). Portanto, um fonema constitui-se num signo que ocorre dentro da palavra, essa que, por sua vez, se revela, em sua totalidade, como signo para um objeto. Entretanto, essa condição sígnica do fonema, segundo Jakobson (1967), “não encerra em si nada de positivo, de uno e constante, senão o simples fato de ser outro” (p. 45).

Após a Primeira Grande Guerra, o estudo da fonologia, ramo da lingüística, passou por renovações conceituais que levaram de uma concepção *atomista* para uma compreensão sistêmica de seus elementos, o que imprimiu grande transformação na perspectiva lingüística. Para Lévi-Strauss (1967), essas transformações foram de tal ordem que alcançaram outros domínios da ciência, como, por exemplo, as ciências sociais; e, nessas, tiveram um papel que pode ser comparado àquele que a física nuclear desempenhou nas ciências exatas (p. 47). Os princípios basilares propugnados pelos lingüistas que participaram desse movimento intelectual, denominado Círculo Lingüístico de Praga, são assim anotados por Jakobson (1967):

“{...} a) se estabeleceu o problema do sistema fonológico como um conjunto de leis estruturais; b) se substituiu a noção psicológica dos elementos fonológicos (a chamada psico-fonética) por uma orientação sociológica; c) se deu à fonologia sincrônica o suplemento de uma fonologia histórica” (p. 13).

Lévi-Strauss vale-se desses princípios para refletir sobre o universo antropológico. Assim é que ele encontra em um artigo-programa de N. Trubetzkoy, um dos líderes do Círculo de Praga, esses fundamentos revolucionários consignados nos seguintes termos:

“Em primeiro lugar, a fonologia passa do estudo dos fonemas lingüísticos conscientes ao estudo de sua infraestrutura inconsciente; ela se recusa a tratar os termos como entidades independentes, tomando, ao contrário, como base de sua análise as relações entre os termos; introduz a noção de sistema {...} enfim, visa à descoberta de leis gerais” (Lévi-Strauss, 1967, p. 48).

Ganha força em Lévi-Strauss, a orientação estrutural, que ele procurará adaptar às suas pesquisas etnográficas, com destaque para as relações de parentesco e para o que ele considerará

nos termos da eficácia simbólica. Contudo, aqui poderia se levantar a questão da conveniência de trazer Lévi-Strauss, quando o interesse desse capítulo é tratar da dimensão formal, para nós estética, que está na base da superfície psíquica que gostaríamos de destacar. Não nos move qualquer sentido de filiação às categorias do estruturalismo, muito provavelmente porque nenhuma filiação teórica seria capaz de dar conta das problemáticas encontradas no estudo que empreendemos. Mas o que faremos, após passarmos em revista uma amostra do pensamento desse autor, é dar visibilidade justo para o vértice, não imediatamente apreensível, mantido pela forma e pelo movimento do personagem que logo faremos desenrolar.

Uma das curiosas narrativas de Lévi-Strauss (1967) traz à cena, colhido do registro autobiográfico de cultura indígena da região de Vancouver, no Canadá, um personagem que, na letra do pensador, ganha uma força empática magnetizante. Cuida-se do feiticeiro Quesalid, esse que se pôs a desconfiar da prática dos xamãs, movido pelo desejo de desvendar a natureza, que ele supõe fraudulenta, desses promotores de cura. Quesalid se lança a uma aventura romanesca. Recolhido em sua dúvida, mas tal qual um etnólogo contemporâneo o faria, Quesalid ingressa no universo pedagógico de formação dos xamãs, para logo obter a confirmação de que não fora traído por suas suspeitas: por detrás dessa canhestra pedagogia, tudo o mais se mantinha como simulação. Em lugar de vocação ou ascensão a um poder extraordinário e mediúnico, Quesalid encontra técnicas de dissimulação: vômitos e crises; uso de secretos informantes que bisbilhotam a vida do doente; e tufo de penugem à boca, que, depois de misturado ao sangue provocado pela mordida das gengivas ou da língua, é cuspidado frente ao doente e à assistência que acompanha essas evoluções, como a prova do corpo patológico que causara a moléstia ou o embaraço do enfermo.

Entre seus compatriícios, podemos considerar que esse Quesalid era um fruto de ciência *avant la lettre*. Ora, o aprendiz de feiticeiro queria conhecer, desejava investigar e estabelecer os

mecanismos de cura ou, o que ele acreditara ser o mais provável, acusar a prática charlatã. O que Quesalid não esperara era que, à medida que sua formação progredira, ele se tornasse reconhecido em sua competência, e solicitado a realizar intervenções de cura com as técnicas que aprendera. E, porque assim, acumulara sucessos, despertou a cobiça de feiticeiros experientes de outras tribos, que em nada se comparavam ao tirocínio com que ele próprio se conduzira. Aqui, se acrescenta a dimensão inusitada. Enquanto Quesalid procurava pelos conteúdos que se descortinavam à sua frente, ele participava, inconscientemente, de um complexo sistema sócio-psíquico, resultado das evoluções que se realizavam em uma composição triádica: a experiência psicossomática do xamã, a vivência do doente, e a posição patética do coletivo a circundar e atravessar o ato representacional (Lévi-Strauss, 1967, p. 207).

Dentre as conformações teóricas de Lévi-Strauss, encontra-se a de que o xamã oferece uma *linguagem*. Assim, prossegue o pensador, a relação promovida nessa situação não encontra paralelo naquela outra corrente em nossa sociedade. Quando explicamos aos nossos doentes que seu estado mórbido deve-se a um vírus ou bactéria, esses entes externos ao corpo, quando conhecidos, não têm sobre o doente o mesmo efeito daquele apreciado entre os tribais. Nesse último caso, o agente externo encerra uma relação de causa e efeito, e essa relação pretende dar conta do mal que assola o doente. Diversamente, a *linguagem* promovida pelas peripécias do xamã cria as condições de possibilidade para o soerguimento de uma relação simbólica tramada no interior, no ambiente psíquico do doente. Nessa relação de significação, confeccionada em crenças e mitologia coletiva, o indígena pode exorcizar os agentes internos demonizados pela ação da doença. Destarte, é com os signos dessa linguagem que o doente reinscreve ou reordena, ao encontro de um efeito liberador, o mito que o mantém aferrado a uma moléstia física.

Adiante, em suas considerações, Lévi-Strauss propõe confrontar a experiência de uma psicanálise com essa da cura xamanística. Nesse cotejamento, encontra afinidades e diferenças.

Por oportuno, ele considera que o efeito de *ab-reação*, referido à psicanálise, também encontra abrigo no manejo da cura xamã. Senão vejamos. É essa catarse a culminância de acontecimentos e experiências que se organizam de tal sorte a assomarem à consciência do doente, em forma de associações que até então faziam a descontinuidade da consciência ou se mantinham nas lacunas do inconsciente.

“É a eficácia simbólica que garante a harmonia do paralelismo entre mito e operações. E mito e operações formam um par, onde se encontra sempre a dualidade do doente e do médico. Na cura da esquizofrenia, o médico executa as operações e o doente produz seu mito; na cura xamanística, o médico fornece o mito e a doente executa as operações” (Lévi-Strauss, 1967, p. 232).

A *eficácia simbólica*, garante o autor, seria tributária dessa *propriedade indutora* que faz com que *estruturas formalmente homólogas* influenciem-se. Adiante, no confronto que realiza com a psicanálise, ele nos propõe a seguinte imagem: de um lado, tem-se um vocabulário individual, que são conteúdos pré-conscientes, tais como pulsões, emoções, representações etc (o termo encontrado na tradução é subconsciente); de outro lado, o inconsciente, que faz incidir sobre esse léxico de palavras privadas suas próprias leis, que o tornam organizado na forma de um discurso. Logo, ele assim conclui a sua comparação: “o vocabulário importa menos do que a estrutura” (p. 235).

É de somenos importância se o embaraço, para o qual se dirige o ritual, se situa em matéria afeita ao corpo ou se abriga sutilezas psíquicas, posto que se cuida de edificar uma estrutura equivalente àquela que age *in absentia*. O inconsciente seria essa *função simbólica* capaz de ordenar, emprestar significação, enfim, *impor leis estruturais* a toda pletora de conteúdos formados nas reservas do pessoal ou nas transações coletivas. É nesse sentido que se

opera para produzir algo equivalente àquela *estrutura preexistente* ou, assim assinalado pelo antropólogo, *leis de estrutura* que conformam um dado complexo do vivido. Estamos, portanto, a se confirmar essa interpretação, submetidos ao *império da forma*.

“O inconsciente deixa de ser o inefável refúgio das particularidades individuais, o depositário de uma história única, que faz de cada um de nós um ser insubstituível. Ele se reduz a um termo pelo qual nós designamos uma função: a função simbólica, especialmente humana, sem dúvida, mas que, em todos os homens, se exerce segundo as mesmas leis; que se reduz, de fato, ao conjunto destas leis” (Lévi-Strauss, 1967, p. 234).

Na oportunidade dessa interpretação da psicanálise realizada por Lévi-Strauss, destaca-se o privilégio às leis estruturais, à dimensão formal que se apresenta na composição de um ritual, que deve ser procurada não só em sua versão coletiva, ainda que sua leitura da contemporaneidade o leve a pensar que, “na civilização mecânica, não há mais lugar para o tempo mítico, senão no próprio homem” (p. 236).

3.1 – REORGANIZAÇÃO PERFORMÁTICA

A efetividade da linguagem, mencionada pelo antropólogo, merece ser avaliada em, pelo menos, dois planos aqui pronunciados: um que diz respeito à linguagem como representação semantizada, que tem lugar no campo psíquico dos protagonistas; e outro, no qual a performance é a moldura da cena simbólica, de onde se conclui pela ação motora e pragmática da linguagem,

que se realiza, no caso antropológico em foco, no campo externo de operações e evoluções constituído pelo feiticeiro e seu doente – essa consideração tem destacada relevância e foi assinalada pelo Prof. Francisco Martins, como contribuição oral, em um de nossos encontros de trabalho.

A linguagem que nos interessa assinalar é essa que se ergue da ação pragmática do feiticeiro Quesalid. Pela leitura que fizemos de Langer (1980, 2004), vimos que ela prefere reservar o termo linguagem para as modalidades discursivas. Contudo, o que dizemos ser a moldura da cena é a performance dos entes envolvidos, moldura simbólica que podemos qualificar como *forma significante* ou expressão de *simbolismo apresentativo*. A performance de Quesalid desenha essa moldura, e ele a desenha com as suas evoluções, em sintonia com os movimentos da pessoa doente. O corpo em movimento de Quesalid prepara e reorganiza a cena de cura, sobre a qual se assenta um conteúdo mítico. Observamos que as formas que restam impressas no ambiente, pela movimentação do corpo de Quesalid, são, elas próprias, conteúdo simbólico não representado pela linguagem falada, sendo que sobre essa moldura significante se deposita o conteúdo semantizado de uma dada história mítica.

A conveniência do que foi apresentado como um fragmento de teoria etnográfica está em recrutarmos dessa passagem o vetor formal que dirige e dá consistência à experiência mítica. Interessa-nos, com vistas ao presente estudo, a promoção e invenção do *ambiente*, que a movimentação desses diferentes agentes – de cura, de sofrimento e de expectativa – são capazes de realizar. Trata-se de *reorganização performática*, não importando se o mito em questão está assinado pelo sujeito ou pelo coletivo. Por igual, não cabe nesse ensejo dedicar atenção à polaridade xamã-analista trazida pelo estudo de Lévi-Strauss, até porque a direção que escolhemos foi a de colher, no trabalho do xamã, aquilo que para nós se torna essencial no tratamento analítico de crianças ensimesmadas e sem fala, isto é, a performance do analista

dirigida pela sensibilidade semantizada de seu corpo. Pelo contrário, em vez de nos determos na inversão de polaridades que a análise de Lévi-Strauss enseja, na comparação xamã-analista, acreditamos que no âmbito das *terapias*, deva haver mais circularidade do que oposição estanque entre esses diferentes *agentes de cura*. Quando consideramos o fundo antropológico, no qual germinam as mais diversas *terapias*, que se estendem com ênfases que vão do corpo à palavra; do mito coletivo e impessoal à história particular; ou outras referências, não é de todo estranho que possamos encontrar aproximação entre as *práticas de cura*. As *formas significantes* se assentam com a realidade de que não somos apenas um corpo de órgãos, mas, com efeito, um corpo sensível em rede de contato com outros corpos sensíveis – *sentiente* (Merleau-Ponty, 2009), *senciência* (Langer, 1980). Essa transitividade sensível de um corpo a outro, que Merleau-Ponty (2009) denominou *intercorporeidade*, aí, sim, parece restar algo que comparece em nossas práticas de tratamento e que evocam as mais arcaicas *formas antropológicas*, que são formas sensíveis e significantes, espécie de propedêutica imotivada, presente no encontro do xamã com a indígena enfeitiçada, do psicanalista com a paciente neurotizada, do psicoterapeuta com a criança encapsulada, e de tantos outros que têm por entusiasmo a ação de *curar*, de transformar, de significar ou de, complexamente, *estetizar*. Na oportunidade dessa discussão, as palavras de Pierre Fedida soam apropriadas, colhidas em uma entrevista concedida pelo psicanalista, a quem haveremos de retornar no Capítulo 5:

“Atualmente tenho con-vivido bastante com a idéia desse texto de 1947, de Lévi-Strauss, sobre ‘psicanálise e xamanismo’. A idéia de então era a de que os psicanalistas ainda não tinham podido integrar o corpo na prática do tratamento. Lévi-Strauss toma o exemplo de Madame Sechehaie, que trata de seus esquizofrênicos, que põe a face de um esquizofrênico contra a sua. Lévi-Strauss diz ser um gesto altamente simbólico, que penetra o inconsciente.

Deixemos a Lévi-Strauss a responsabilidade sobre o que ele diz. Teria a psicanálise esquecido essa inspiração xamanística?” (Fédida, 1999)

Nesse trabalho, consideramos inoportuna a reprodução da discussão da tese do estruturalismo e da crítica acerba que lhe fizeram prestigiados autores, dentre os quais, Green (2005). Aproveitamos a leitura de Lévi-Strauss para dar passagem à dimensão do corpo em movimento, e do quanto esse movimento do curandeiro é capaz de constituir a situação de tratamento. Por certo, a *inspiração xamanística* pode nos restituir o que teria sido esmaecido com o açodamento da palavra e da excessiva interpretação nas práticas analíticas. Mas não seria justo a dimensão do corpo, considerado na acepção da *intercorporeidade*, que nos aliviaria do engessamento de formas fixas (estruturas), lançando-nos ou fazendo-nos retornar às fontes pulsionais e às formas eliciadas pelo movimento pulsional? O corpo vivido nas indeterminações da vida pulsional, quando tomado em suas evoluções, reconstitui cenas de sensibilidade originária. Acreditamos serem essas cenas verdadeiras fendas originárias que se abrem enquanto *formas sensíveis* para a recepção do mito xamânico, da história analítica ou até mesmo de um simples fragmento sensível que possa se converter com o valor de signo, esse último demonstrado com a clínica de Guili, Thiago e demais cenas apresentadas ao longo do texto.

O que procuramos reter, do exemplo oferecido pelo trabalho de Lévi-Strauss, é esse aspecto de um sujeito que, se movendo nos eixos de tempo e espaço, encena deslocamentos e reposicionamentos, até encontrar uma seqüência de gestos que, ordenados, operam a favor de uma certa *Gestaltung*. Esse termo alemão, que preferimos, depois do estudo que empreendemos no Capítulo 2, sugere *formas em movimento*, que jamais alcançam um resultado último, dirigidas que são pelo labor *páthico* que governa a vida de todos nós. Relembrando a saga de Quesalid, vemo-lo alienado para as determinações das *formas* – quando sua atenção voltava-se para conhecer o conteúdo daquele saber. A *forma* de sua atuação se revestira no garante de sua prática.

Entretanto, sua azáfama por conhecer, fazer e explicar, o impedira de reconhecer essa desconcertante efetividade das *formas*. Quesalid atua com seu corpo. Ele não se vale de palavras, mas *faz falar*, com suas *formas*, uma *forma* que se encontra ausente. Nessa performance, ele conta uma história que dedica à sua consulente, e concita, à participação, tanto ela quanto a platéia que o assiste. A coordenação de seus atos favorece o soerguimento de um ambiente, e é nesse ambiente que o tratamento deve se dar.

Situando-nos na clínica psicanalítica com a criança, com destaque para a compreensão da participação do corpo do analista na situação de tratamento da criança ensimesmada e sem fala, no leito dos argumentos tirados do exemplo etnográfico que analisamos, sublinhamos o que poderíamos chamar de uma *montagem* – a qual diz respeito a toda dimensão estética que compõe o ambiente de tratamento, alicerçada pelo vetor sensível. Atende-nos, por ora, o que sugere a expressão *montagem*. Mas, de tudo, o que gostaríamos de manter vivo, ao longo do estudo que empreendemos, é a *prevalência da forma* como universo potencial de transformação, invenção e broto da realidade psíquica.

Essa *montagem* denota uma construção que se efetiva na continuidade dos encontros. É comum observar que a criança sinaliza o espaço com seus gestos. Deposita sua saliva nas peças e brinquedos levados à boca. Arremessa objetos e brinquedos. Emite sons variados que ecoam nas paredes. Replica esses sons. Sua circulação cria um revestimento para o ambiente, o qual define um território, e esse território dá lugar à situação de tratamento. Por sua vez, o analista, igualmente sem palavras, responde às injunções da criança em seus sucessivos deslocamentos. O faz também quando se apresenta a oportunidade para imitar uma ação, um comportamento, um som emitido pela criança. Por fim, nada comparável ao ambiente que se criou pelo encontro desses atores estava dado ali, antes de suas chegadas.

O ambiente de tratamento ergue-se por meio de signos da ordem da corporeidade. Em outras palavras, essa situação-ambiente de tratamento resulta do protagonismo da criança e do analista e se vê edificada nas parcelas do corpo de um e de outro, e esse é, por conseguinte, um modo de transpor, para a situação de tratamento, uma historicidade inscrita nas camadas psíquicas superficiais da corporeidade. Ao longo de um tempo, toda essa prosódia se repete. O corpo do analista, viciado na repetição, ainda não encontra uma janela de comunicação com o corpo da criança habituado àquelas reproduções irreprimíveis. Trata-se de um encontro onde o corpo do analista, vazado pelo simbólico, atravessa e torna-se atravessado pela criança, que não habita o corpo que tem, mas pode ser procurada, e até encontrada, na periferia sensível de seu ser.

CAPÍTULO 4

REPRESENTAÇÃO-COISA: TRADUÇÃO DO SENSÍVEL

A expressão *tradução do sensível* tem o condão de introduzir os aspectos que gostaríamos de tratar nesse capítulo e que haverão de contribuir para a compreensão do corpo do analista como componente de significação sensível da situação analítica, em especial, com crianças ensimesmadas e sem fala. Um desses aspectos diz respeito ao conceito de Freud de *representação-coisa*, que será prestigiada naquilo que possa nos informar acerca das parcelas sensíveis do corpo vivido. No pensamento de Jean Laplanche, encontraremos o segundo aspecto, e ele vem de sua teoria deduzida de Freud de que a pulsão sexual se apóia na auto-conservação, no não sexual. Veremos aí que aquilo que, para Freud, é *Teoria do Apoio*, tornar-se-á, para Laplanche, *Teoria da Sedução Generalizada*.

4.1– O PROTAGONISMO PULSIONAL E AS REPRESENTAÇÕES SENSÍVEIS

A conveniência de passarmos das concepções do *Ser* às formulações do *Devenir*, acima discutida em Weizsaecker (1958), tem por corolário a restituição do corpo sensível e de contato como *formação somato-psíquica* de valor semântico. Contudo, o valor semântico do corpo sensível e de contato, em acordo com o anteriormente lido em Merleau-Ponty (2000), não se encontra apenas na sabida conceituação do símbolo como sendo aquilo que está no lugar de uma

outra coisa, mas exatamente esse valor semântico se pronuncia também na medida em que *o corpo humano é expressivo de um outro*.

O corpo sensível é simbólico porque tem a propriedade de se expressar, sendo que essa expressão não se cinge à expressão de um suposto si-mesmo, uma vez que ele vaza, alcança e se deixa alcançar pelo *outro* com o qual está em relação de contigüidade e afetação. Da expressão sensível do corpo, emana a síntese criativa na qual ele próprio, o corpo, é elaborado no contato com um *outro* corpo, esse *outro* que se traduz em um componente, por assim dizer, de caráter alter-erótico. O corpo humano, aberto que está para se completar com os objetos do mundo, torna-se, quase sempre, a expressão de um encontro, o que não significa preterir os desencontros, dentre os quais se acha o recolhimento da vida autística. Por diminuta que seja a participação do *outro*, a *intercorporeidade* se atualiza e se muda na imediaticidade do contato. O *outro* é a testemunha presencial viva do corpo daquele e do *infans* em vias de se revestir de sentido.

A ênfase para o domínio *páthico* da existência ressalta justa dimensão do corpo vivido nas tramas do contato inter-humano, ao tempo em que restitui o protagonismo do sujeito pelo seu *automovimento*. Em nossa perspectiva do sofrimento humano, acreditamos que repercuta no corpo vivido, quase sempre, parcela originária, ante a qual o humano não só encontra a insólita *verdade* de uma vida, mas também a efetividade de um estado *páthico*, que se apresenta como potência e ação de transformação. Consideramos que, ao dizer dessa parcela originária e *páthica* do humano, estamos às portas da *representação-coisa* concebida por Freud.

Faremos uma breve passagem por alguns conceitos de Freud que possam nos conduzir à sua concepção da representação-coisa. A obra freudiana considera o *aparelho psíquico* – que Laplanche (1992) traduz como *aparelho da alma* – o lugar destinado às transações da vida anímica, sendo que esse aparelho encontra-se sob o impacto de uma força constante, para a qual Freud reservou o termo *Trieb*, de antiga tradição. A pulsão (*Trieb*) pressiona esse aparelho, e essa

ação excita e concita a esfera psíquica a trabalhar na direção de uma malha de representações. Na seção mais antiga desse aparelho, aquela na qual se deposita o herdado, o constituído e o recalçado, se agitam as pulsões que se levantam da organização somática. Freud consigna o termo *representação-coisa* ao registro impresso nessa instância inconsciente.

Acreditamos que a noção de *Devenir*, tomada como atividade incessante da vida, bem se casa com aquilo que Freud concebeu nos termos da atividade pulsional. Na breve introdução ao artigo metapsicológico “*Pulsões e Destinos da Pulsão*” (1915/2004), Freud discute as bases da ciência, preparando o leitor para a apresentação de um conceito – *Trieb* – retirado da tradição consuetudinária do pensamento alemão, mas também de sua própria intuição clínica, conceito esse que não chegou a alcançar uma delimitação epistemológica concisa. Em conferências mais tardias, Freud (1933a/1996) nos faz lembrar o caráter especulativo desse construto, indispensável à coerência metapsicológica – essa última que compreende a construção teórica da psicanálise para além da psicologia da consciência de sua época – o que se pode acompanhar no extrato abaixo:

“A teoria dos instintos é, por assim dizer, nossa mitologia. Os instintos são entidades míticas, magníficos em sua imprecisão. Em nosso trabalho, não podemos desprezá-los, nem por um só momento, de vez que nunca estamos seguros de os estarmos vendo claramente. Os senhores sabem como o pensamento popular lida com os instintos. As pessoas supõem existirem tantos e tão diversos instintos quantos aqueles de que elas necessitam no momento – um instinto de auto-afirmação, um instinto de imitação, um instinto lúdico, um instinto gregário e muitos outros semelhantes. As pessoas os pegam, por assim dizer, fazem cada um deles desempenhar sua função particular, e, depois, os dispensam novamente. Sempre se nos impôs a suspeita de que, por trás de todos esses pequenos instintos *ad hoc*, escondia-se algo sério e poderoso, do qual gostaríamos de nos aproximar com cautela.” (Freud, 1933/1996, p. 98).

Pela própria indicação de Freud, do uso disseminado desse termo, no cotidiano, acrescido do estudo de Hanns (1999), dedicado a essa matéria, encontramos que o termo *Trieb* tem efeito polissêmico e aplicação vasta na tradição da língua e da cultura alemã, o que o faz incorporado aos mais diversos setores do pensamento. O protagonismo dessa força encontra história e tradição desde princípios gerais do universo até as particularidades da vida. Assim, ela se aloja na história filogenética da espécie, manifesta-se nas leis da natureza e alcança a especificidade do ser, ao exprimir-se pela idéia de “vontade”. Todo esse núcleo semântico, levantado pela pesquisa de Hanns (1999), parece ter interessado a Freud na escolha do termo para encenar a dinâmica de *Eros* a *Tânatos* que ocupa o campo somato-psíquico humano. A palavra *Trieb* resulta da combinação dos radicais *Trip* (*o que impele*) e *trift* (*o que é impelido*), o que evoca a idéia de um “pólo impelente” e de um “pólo atrator”. Essa ordem impelente ou “força que coloca em movimento” inventa rotas fabulosas e descreve circuitos ao encontro de seu alvo. Tal estado de coisas atesta que todo ser pulsional o é de movimento.

Torna-se essencial reter o enunciado de Freud (1905/1996), quando reputa que “a hipótese mais simples e mais indicada sobre a natureza da pulsão seria que, em si mesma, ela não possui qualidade alguma, devendo apenas ser considerada como uma medida da exigência de trabalho feita à vida anímica” (p. 159). A pulsão em si não tem forma e direção pré-estabelecida. Não obstante, dirige a *formação das formas*, que identificamos como *Gestaltung*. É algo que brota nas fontes insondáveis do corpo, pressiona, coloca o ser em movimento e está marcada pelo sinal do que é arcaico. A pulsão se presentifica, mas não se materializa. Ela está dotada de atributos que inclinam o humano e que são capazes de torcer o corpo histórico, concretar a palavra psicótica, sem que para tanto se imponha sua própria materialização, redução a um objeto, precisão de um local – *a pulsão é virtude que faz acontecer o ser em Devenir, sem jamais ser no existir*.

O movimento pulsional compreende o trânsito das zonas somáticas às esferas psíquicas, o que se traduz no brotar da excitação, passando por acúmulos de energia libidinal, pressão, circulação, até a conseqüente descarga que alcança o prazer e a satisfação. No *processo psíquico primário*, que é próprio ao funcionamento inconsciente descrito por Freud (1915/1996), a soma pulsional, envolvida em deslocamentos e condensações, visa à descarga da energia livre, o que predispõe à adesão, à fixação e ao movimento incessante de cargas entre o inconsciente e os circuitos associativos pré-conscientes. No *processo psíquico secundário*, que diverge em seu modo de tramitação daquele caracterizado pela ampla mobilidade de cargas que operam no inconsciente, a energia pulsional (libido), antes livre no inconsciente, se torna aqui vinculada, fazendo com que a soma de excitação dos traços mnésicos inconscientes caiam numa malha de representações pré-conscientes, o que complexifica a realização das moções pulsionais. Como ainda veremos adiante, nas palavras do próprio Freud (1915/1996), ao traço mnésico inconsciente investido de energia pulsional, reserva-se o termo *representação-coisa*, enquanto àquele referente à instância pré-consciente denomina-se *representação-palavra*.

Como consignado na interpretação de Henry Ey (cf. excerto do Capítulo 2), o movimento dissolve os impedimentos que se possam fazer nas transições entre o corpo material e o corpo psíquico. Pulsão e movimento definem-se em relação de reversibilidade incessante, o que bem se presta a indicar a condição sempre inacabada de nossa existência imaterial, que não encontra termo em nenhum dos arremates associativos que lhe servem de ponte ou de passagem. A falta de arremate não implica a ausência de destino. O movimento pulsional alimenta as engrenagens da vida que fazem girar a roda do destino. Essa questão que atribui fado à pulsão foi tema de interesse de Freud, especialmente pela preocupação que teve em deslindar os destinos pulsionais. Mais recentemente, Martins (2005) trata desse enredo quando considera que a disposição *páthica* está permeada pela atividade pulsional. Tomar o humano em sua extensão *páthica* tem o sentido

de sobressaltar a dimensão do contato, o que, por sua conta, nos leva a firmar que o contato é o fundamento da vida pulsional. Pois, não seria o contato da criança com o corpo da mãe que a faria entrar em movimento pulsional? O pulsional brota nas extensões de contato do corpo de um, que seja a criança, com o corpo de outro, que seja o de sua mãe, contato esse de tal estima que, na fenomenologia desse acoplamento, não conseguimos distinguir a ação de perceber da sofreguidão de desejar.

No campo freudiano, vê-se desfeita, com a introdução da noção de pulsão, o grande abismo que poderia se supor entre dimensões materiais e imateriais da vida. A instituição do corpo, do psíquico, da linguagem, da coisa, do objeto, dentre outras, ganha um revestimento novo, por assim dizer, uma feição difusa. Esses atributos estreitam-se entre si, deixam-se vaziar uns sobre os outros e tornam-se interpenetráveis. O que dizemos tem por propósito situar o instituto do corpo, que nos interessa ao longo de nosso trabalho, ao tempo em que procuramos rever o conceito de pulsão em Freud. Já fizemos recurso, ao longo do texto, ao *corpo vivido*. Cuida-se, agora, de informar que, para nós, o *corpo vivido* é o corpo pulsional experimentado na atividade imediata da excitação e estendido à passividade mediada da pessoa em sofrimento. A representação-coisa é a “presentação” no inconsciente do próprio corpo vivido ou de parcelas, restos da atividade de excitação do corpo. Se uma criança tem uma experiência que ultrapassa sua capacidade momentânea de processamento representacional, quer dizer, se ela não tem, em sua história, uma experiência que possa ser rerepresentada junto àquela que a excita ou faz sofrer, então seu recurso será o de afastar essa experiência para o inconsciente, no verdor com que foi vivida e sem chance de pronta significação, lá restando como *representação-coisa*. Há, portanto, uma distinção a se fazer entre a experiência do bebê que, no exemplo clássico de Freud (1911), alucina a realização de um desejo, acionando as vias mnêmicas que restaram assinaladas pela primeira experiência de prazer/desprazer, havida no contato sensível com o cuidador, daquele corpo de bebê que,

arrebatado pelo impacto pulsional, tornou-se gratificado pela vez primeira, no frescor da experiência sensível. Para os que assim o preferem, vez originária e única. Hanns (1999) complementa essa leitura do texto freudiano, lembrando que, quando o processo psíquico secundário se amplia, essa energia pulsional – energia retida nesses complexos de *Vorstellung*, “algo como a sensação de desconforto, choro e odores, imagens de ser amamentado, o alívio e a saciação” (p. 86) – encontra rotas mais complexas para a sua realização, que já não se fazem tão imediatas, do que decorre a ligação da energia pulsional às idéias e imagens, e “é esta vinculação da pulsão a certas *funções*, que garante que a pulsão possa adquirir *sentido*” (p. 94). Temos, assim, o corpo vivido na imediaticidade do contato e o corpo vivido pela reconstrução da lembrança fantasmática. Essa distinção tem interesse, quando compreendemos a experiência autística se passando na ante-sala da fantasia. O texto de Freud (1900/1996) é elucidativo quando evoca a noção de *identidade perceptiva*, no trecho abaixo.

“Um componente essencial dessa vivência de satisfação é uma percepção específica (a da nutrição, em nosso exemplo) cuja imagem mnêmica fica associada, daí por diante, ao traço mnêmico da excitação produzida pela necessidade. Em decorrência do vínculo assim estabelecido, na próxima vez em que essa necessidade for despertada surgirá de imediato uma moção psíquica que procurará recatexizar a imagem mnêmica da percepção e reevocar a própria percepção, isto é, restabelecer a situação da satisfação original. Uma moção dessa espécie é o que chamamos de desejo; o reaparecimento da percepção é a realização do desejo, e o caminho mais curto para essa realização é a via que conduz diretamente da excitação produzida pelo desejo para uma completa catexia da percepção. Nada nos impede de presumir que tenha havido um estado primitivo do aparelho psíquico em que esse caminho era realmente percorrido, isto é, em que o desejo terminava em alucinação. Logo, o objetivo dessa primeira atividade psíquica era produzir uma “identidade perceptiva” – uma repetição da percepção vinculada à satisfação da necessidade” (pp. 594-5).

A título de especulação, examinamos a movimentação da criança ensimesmada, com atenção para essa noção de *identidade perceptiva*, que nos ajuda a pensar os primórdios da atividade psíquica. Como se coloca essa busca por uma *identidade perceptiva* na clínica com a qual tratamos? A pergunta se justifica por supormos que os traços mnêmicos ou os referentes de fundação do aparelho psíquico da criança não se acham bem estabelecidos. Para tanto, recordamos nova passagem de Guili, no período em que a criança estava mantida por irrefreável oralidade.

Guili pega uma cobra de plástico e a leva à boca. Com volúpia, ele aperta a cabeça da cobra entre os dentes. Morde forte. Procura acertar os dentes numa pequena saliência da cabeça da cobra. Seguem-se repetidas mordeduras combinadas com puxões, enquanto a presa é mantida entre os dentes cerrados. A seqüência de objetos levados à boca é incessante, um após o outro – canetas, letras de plástico e mais insistentemente uma borracha de cor laranja, que morde com muita vontade. Contudo, toda essa seqüência é interrompida quando Guili está sentado no sofá e, como que desolado, começa a chorar de uma forma nunca antes presenciada por mim. Não se trata de um choro de protesto, seguido de atos

agressivos e rebeldes. É um choro sentido. As lágrimas descem e Guili permanece imóvel. Apenas uma das mãos está levantada em direção ao meu rosto, que ele toca suavemente num gesto meigo e delicado, enquanto aquele choro miúdo vai mostrando a sua dor...

Também, nessa sessão, Guili alterna momentos em que me parece muito mais sonoro. Acompanho e reproduzo a emissão dos seus sons. É notável como Guili passa a sua saliva em diferentes partes da sala e dos objetos. Quando, não, controla a saliva na boca ou a coloca na mão, para em seguida esfregá-la sobre as superfícies do chão, do vidro da porta ou até mesmo do próprio corpo. Em certa ocasião, leva a língua diretamente ao chão. Quando está diante do espelho, mais uma vez a língua desliza na superfície plana que reflete a sua imagem. Ao tempo em que realiza essa atividade, eu me situo atrás dele, sentado. Quando está com o rosto colado ao espelho, por um instante, quase imperceptível, parece se encontrar com a sua própria imagem, ao dirigir, furtivamente, sua atenção à imagem especular dos olhos perdidos no abismo insondável daquela película refletora. Ou quem sabe possa até ter encontrado a minha imagem e

percebido que eu o enlaçava com o meu olhar? Tudo isso conduzido em uma fração diminuta de tempo. Toda essa atividade está combinada e permeada pelas mudanças de estado, quando vem aninhar-se junto a mim. Ele se deita sobre meu colo. Às vezes, passa a mão no meu rosto, alterna as posições de encaixe junto ao meu corpo e, um tanto inopinadamente, logo deixa para trás toda essa coreografia, quando o automovimento impõe voltar, à boca, a borracha, a caneta, a flecha de plástico, o carimbo, ou qualquer outra peça adaptável a essa voluptuosa atividade de devoração. Noutros momentos, pega minha mão de forma a me conduzir até a porta. Eu lhe digo que compreendo seu desejo de sair da sala, mas considero que o tempo da sessão ainda não se esgotou. Em muitas dessas tentativas, ele acaba por se distrair com outras coisas, inclusive retornando ao meu encontro e deitando sobre minhas pernas. Até que chega o ponto em que ele protesta violentamente com o gesto de bater com as duas mãos sobre a lateral da cabeça, dirigindo o olhar choroso e raivoso para mim. Repito seu gesto, batendo sobre minha cabeça. Guili pára e observa. Em seguida, parte para cima de mim e

tenta beliscar ou apertar o meu rosto e o meu pescoço com as mãos.

Algumas vezes, me defendo, segurando suas mãos; noutras,

mantendo certa distância dele.

Numa mesma sessão, registram-se várias mudanças de estado da criança. Entretanto, resta a impressão de uma busca infrene. Poderíamos conjecturar que o choro miúdo e sentido, ao lado do analista, após seqüência extenuante de objetos levados à boca, corresponde ao desalento de quem não encontrou, a contento, equivalente sensível para as marcas mnêmicas originárias, das quais teria se afastado ou nas quais teria se perdido, no percurso de seu desenvolvimento. Nesse caso, o desapontamento de Guili poder-se-ia entender como alvissareiro, pois apontaria a tentativa de restituição do que marcou pela ausência, quando vai procurar refazer-se junto ao corpo do analista, transparecendo a capacidade, inédita até aquele momento, de se entristecer. Toda a ação sugere a tentativa de despir os objetos das características que encerram, a fim de transferi-los, enquanto experiência *ubiestésica e mnésica*, para o próprio corpo, tentativa que se estende à experimentação pelo som, chegando mesmo ao choque com o corpo do analista, quando se vê desvalido em sua procura. O que supomos é a ação da criança à cata de uma *identidade perceptiva*, que, nesse caso, consultaria um fragmento sensível, uma *representação-coisa*, se não ausente, não inteiramente estabelecida enquanto marca negativa originária. Para deixar cair em si essa *representação-coisa*, que a um só tempo é o sujeito e a coisa, e que dá acesso ao seu próprio corpo, ela, em verdade, precisa do movimento, dos objetos em seu entorno e da presença do analista, conjunto esse passível ao enlace pulsional. A *mimesis* do analista encena para a criança a sua procura, mas não só, ela própria, a imitação, pode ser recepcionada pelo corpo da criança como *coisa* que lhe possa recair como referente psíquico, nos termos de uma tal *representação-*

coisa extraviada. Quando Merleau-Ponty (1971) afirma a realização da consciência pelo *sujeito motor*, deixa firmado o que observamos aqui na criança, isto é, sua ação de ir aos objetos, sem que para tanto seu corpo ou o corpo do outro necessitem estar representados para ela. É uma leitura que, sabidamente, não esgota a complexidade dos fenômenos que se apresentam a essa clínica. Tão-somente propõe hipótese e modelo que nos ajudem a compreender a participação do corpo do analista, na clínica dessas crianças. Nesse sentido, façamos registrar o quão interessante constatamos a demarcação realizada por Guili com o fio de sua saliva, que se faz acompanhar por um certo incremento na produção sonora e na diversidade com que se apresenta, revestido de sons. Acreditamos que, seguindo esse fio, possamos compreender uma certa mobilidade pulsional que vai se incrementando com a procura a qual nos referimos, ao que se acrescenta a demarcação de um território que inclui o próprio corpo do analista. É nesse teatro de operações, digamos, que ele tenta a passagem da antes exclusiva capacidade de conviver com suas próprias sensações, para essa outra capacidade, igualmente distinta, de ingressar no circuito pulsional à guisa de referentes psíquicos dos quais se ressentente.

A movimentação, as mordeduras e as demarcações de Guili com sua saliva, ações que se vão desenrolando, espremidas entre a tentativa de vinculação pulsional e a constituição da *coisa* e identificação do objeto, podem ser novamente apreciadas, à luz do pensamento de Freud. Nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905/1996) estima que “a índole e o valor do objeto sexual passam para segundo plano. O essencial e constante na pulsão sexual é alguma outra coisa” (p. 141). Nessa altura de seus comentários, o autor abre uma nota de rodapé, que, à primeira vista, supomos algo despreziosa, mas que, em verdade, levanta um contraste instigante, endereçado ao processo civilizatório, na adesão da humanidade à pulsão e ao objeto sexual.

“A diferença mais marcante entre a vida amorosa da Antiguidade e a nossa decerto reside em que os antigos punham a ênfase na própria pulsão sexual, ao passo que nós a colocamos no objeto. Os antigos celebravam a pulsão e se dispunham a enobrecer com ela até mesmo um objeto inferior, enquanto nós menosprezamos a atividade pulsional em si e só permitimos que seja desculpada pelos méritos do objeto” (p.141).

Ainda que esse comentário de Freud possa soar enigmático, não deixa de suscitar interessantes associações com as questões e interrogações que enfrentamos aqui. Se tomarmos a problemática da vida autística, veremos que, em muitos casos, a criança cola as suas vivências de satisfação ou o seu *Devenir* à mobilização pulsional. É no fruir incessante dessa força, que ela (a criança) encontra o oásis tranqüilizador para as angústias ameaçadoras que a atravessam, e isso, no mais das vezes, registramos como ensimesmamento. Na clínica, impõe-se distinguir certos estados da criança, e o critério, trazido à luz por Freud, na discussão do conceito de pulsão, como estando ao centro da psicanálise, nos ajuda nessa tarefa, permitindo que reflitamos sobre essa *alguma outra coisa*, no trâmite da pulsão, que não se situa, exatamente, no objeto a que ela visa.

Nos distintos modos autísticos de estar no mundo, que observamos em certas crianças, ou em diferente fase de uma mesma criança, o objeto entra na sucessão de estímulos a serem ordenados e dirigidos pela moção pulsional, essa que se impõe e se dispõe com fim em si mesma, a despeito dos próprios objetos pelos quais ela passa. Desse lado, uma certa epifania da pulsão sexual se opera, nos termos de uma exaltação *da atividade pulsional em si*, em detrimento às qualidades dos objetos. E tantas vezes vemos a criança enobrecer, como diz Freud, detalhes e arranjos entre os objetos, que, em um primeiro julgamento, nos parecem anódinos. O resultado das ações a que a criança dá curso torna-se uma figuração secundária, em face de uma força incessante que, em si, é capaz de produzir gestos inadiáveis, sentidos infra-linguísticos para si mesmo, ainda que distantes, eles possam estar das formações discursivas. Por outro lado,

observamos crianças ou também certa fase da criança em que ela não se detém no fluxo da atividade pulsional, o que a torna menos apaziguada e mais dependente dos fluxos do mundo externo. Daí a circulação que a faz atravessar de um objeto a outro, sem privilegiar o influxo pulsional e as formações estéticas que esse possa estabelecer. A bem da verdade, esse achado de Freud encerra um belo ensinamento clínico, que não se esgota na clínica da criança e tampouco no campo psicopatológico. Enquanto uns encontram a oportunidade de seu ensimesmamento – quiçá de sua alienação, para subirmos a um plano cultural – no atributo do objeto, outros o fazem, por certo, com ganho de apaziguamento criativo, atrelados à virtude da pulsão. A pulsão, nessa última hipótese, é *verbo* intransitivo, cuja ação intransitiva dispensa o complemento do objeto. Prosseguindo nessa intrigante crítica de Freud, pensamos na falta de lugar, transmutada em estranheza e indiferença, que a experiência autística desperta. Se por um lado, a experiência autística é constitutiva de todos nós, a exemplo de Fédida (1991), que a toma como paradigma do psíquico, por outro, haveremos de concordar que o *movimento* e a *forma* seguem erodidos na vida contemporânea, com degradação da experiência vivida, pelo efeito de coisificação que os encantos da mercadoria têm sobre nós.

Para voltarmos ao ponto de nossas reflexões sobre a *representação-coisa*, é preciso dizer que ela guarda a lembrança em escombros da experiência vivida, mormente por conter essa recriação do corpo historicizado pelo movimento, pelo contato, pelas formas estéticas até, enfim, o nascer do açulamento pulsional. No excerto de Vergote (1994), vê-se que o desenvolvimento da psicanálise se faz acompanhar de uma desconstrução do corpo compreendido no silêncio de sua versão anátomo-fisiológica:

“Uma das primeiras observações surpreendentes que fez a psicanálise foi essa da composição fantasmática do corpo vivido. Nas doenças psíquicas em todo caso, o corpo presente à autopercepção e à representação, o corpo que a

psicanálise chama freqüentemente “a imagem do corpo”, não corresponde à realidade anátomo-fisiológica. O corpo vivido é uma recomposição operada por toda uma via significativa feita de prazer, de sofrimento, de desejo, de angústia e da apropriação de figuras percebidas no mundo ou colhidas nas informações mais ou menos científicas” (p. 181, tradução nossa).

O que temos procurado esquadrihar é a precedência desse corpo vivido, quando se trata de compreender fenômenos do campo clínico da psicanálise. Acrescentamos que ao corpo vivido, próprio dos processos avançados de mediação semiótica, lembrado por Vergote como fantasmático, haveremos de admitir que se ajunta ao corpo representado imagetivamente, ou se antecipa a ele, o corpo que se constitui como *semiosis* no vivido imediato dos fenômenos somato-psíquicos.

Vergote (1994) suscita o sintoma simbólico que Freud confere àqueles sofrimentos do corpo pulsional, que se abrem onde a palavra falta ou onde a trama de associações cede a um hiato. Nesse plano, os acontecimentos do corpo já são vividos como reação e tentativa de formação de signos que possam eludir tais lacunas psíquicas. Eis, portanto, o arremate de Vergote (1994): “(...) o corpo não fala, ele faz falar” (p. 183, tradução nossa). Agora, por último, estamos a dizer de um plano do corpo que não é exatamente aquele que intervém na clínica das crianças sem fala; porém, são proveitosas as análises de Vergote que consultam o pensamento de Freud e nos ajudam a deduzir outros envelopes do corpo, que se montam ou desmontam para além daquele que a ciência convencionada como sendo o corpo físico de alguém. Martins (2007) lembra certas dimensões da corporeidade, corporeidade à qual ele confere “principalmente os signos com participação efetiva da experiência vivida no seu frescor originário” (p. 95). Essa definição fenomenológica da corporeidade torna-se bastante conveniente para o nosso trabalho por trazer à luz os signos, em termos semânticos, geridos em diferentes planos de afetação do corpo vivido, o que está assim organizado por ele:

“Deve-se diferenciar de imediato a corporeidade em pelo menos três dimensões e, não somente em duas como a literatura o faz de costume. Elas seriam respectivamente a corporeidade enquanto:

- 1- *sensorialização do corpo*;
- 2 - *imaginarização do corpo*;
- 3 - *simbolização do corpo*” (Martins, 2007, p. 95).

A problemática com a qual lidamos nesse trabalho incide, no mais das vezes, nessa *sensorialização do corpo*, ou pelo menos se encontra ao redor dela, o que preferimos entender como sendo da ordem da corporeidade estética, pois já tivemos oportunidade de observar que a sensação, na crítica que lhe faz a fenomenologia (Weizsaecker, 1958; Merleau-Ponty, 1971), não corresponde a um evento primário, àquilo que acontece imediatamente ao corpo, tratando-se de acontecimento tardio na experiência da percepção. As diferentes corporeidades são, em verdade, modalidades de *tradução do Körper ao Leib*, essas noções do alemão que Vergote recordará a seguir. Esses termos da língua alemã procuram conotar a divergência enfrentada pela condição humana em face da materialidade de um corpo que só pode ser consultado, especulado, percebido, falado e afetado, como corpo traduzido, decifrado ou inventado em *formas imateriais*. A vida vivida no corpo está a vazar e se transladar para tantos corpos imateriais quantos se fizerem necessários a ela. A vida do corpo está alhures, detalhe conceitual que podemos acompanhar em mais um trecho da pena de Vergote (1994), ressaltando que essas considerações do autor parecem dar maior atenção à passagem entre a *imaginarização do corpo* e a sua *simbolização*.

“O sofrimento que faz falar do corpo coloca esse em questão. O contraste entre esse corpo objetivo e o corpo que faz falar do mundo evoca evidentemente a distinção que fez G. Marcel entre o corpo que a gente tem e o

corpo que a gente é. O alemão dispõe de dois termos para designar essas modalidades de se referir ao corpo humano : *Körper et Leib*. Pessoalmente eu não gostaria de reduzir essa distinção à expressão de somente dois pontos de vista sobre a mesma realidade. Isso seria esvaziar o problema da corporeidade com muita facilidade. Tomando a distinção pertinente de G. Marcel, eu dou a ela um sentido realista. Duas realidades distintas estão em causa aqui, mas que a gente não gosta de chamar ‘componentes’, precisamente porque não se trata de realidades de mesma ordem. De outra forma, a fronteira entre as realidades assim designadas é porosa. Já a excitação nervosa por uma ferida fisiológica ou por uma satisfação passa do corpo que a gente tem para o corpo que a gente é, e toma a qualidade afetiva da dor e do prazer. Mas qual dos dois corpos disse respeito ao sofrimento físico, do qual a gente pode dizer que ele ‘grita’ no lugar da palavra tornada muda pelo recalçamento ? Pessoalmente eu diria que, nesse caso, a gente assiste à precipitação no corpo-*Körper*, esse do qual a gente fala, de um trauma que teve seu lugar oculto no corpo-*Leib* e no qual esse guarda a lembrança.” (p. 183, tradução nossa).

Todos esses diferentes matizes do corpo encontram sua vez e expressão, fundamentalmente, pelo jogo da pulsão. A partir de 1905, precisamente nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud passa a adotar o conceito de pulsão, deduzido de sua acurada observação da sexualidade humana. A indicação de que o homem está determinado, ou melhor, torna-se indeterminado pela ação de uma força que nasce no interior do próprio homem e o impele ao encontro de seu destino, parece inaugurar mais uma vertente original do pensamento de Freud. Trata-se da confecção do conceito de *pulsão*, essa força que se extravasa pressionando até a abertura das veias da condução psíquica, que são as rotas de sua realização. Veias errantes, de linhas insondáveis e criativas, que nessa apresentação, já não lembram mais o sangue a correr segundo ritmos biológicos demonstráveis e previsíveis, pois, nessa versão, abrem-se à ininterrupta pulsação que leva à formação das tramas da vida psíquica representacional humana.

O conceito de pulsão traz consigo aquele das formações representacionais humanas, e Freud, às voltas com sua metapsicologia, procura compreender a articulação entre a pulsão, a representação e os objetos. Conforme nota do Editor Inglês da obra de Freud, *Vorstellung* é a palavra alemã que corresponde ao ato psíquico que “abrange os termos ingleses ‘*idea*’ (idéia), ‘*image*’ (imagem) e ‘*presentation*’ (apresentação)” (Freud, 1915/1996, p. 178). Para a psicanálise, essa *representação* não corresponde àquela tratada no campo das disciplinas da consciência, justo porque o ato psíquico, em psicanálise, não é tributário de uma operação exclusiva de consciência, pois está determinado por um movimento pulsional que se inicia e se processa noutra instância, e segundo aquilo que sabemos do *processo psíquico primário*.

“A suposição psicanalítica a respeito da atividade mental inconsciente nos aparece, por um lado, como uma nova expansão de animismo primitivo, que nos fez ver cópias de nossa própria consciência em tudo o que nos cerca, e, por outro, como uma extensão das correções efetuadas por Kant em nossos conceitos sobre percepção externa. Assim como Kant nos advertiu para não desprezarmos o fato de que as nossas percepções estão subjetivamente condicionadas, não devendo ser consideradas como idênticas ao que, embora incognoscível, é percebido, assim também a psicanálise nos adverte para não estabelecermos uma equivalência entre as percepções adquiridas por meio da consciência e os processos mentais inconscientes que constituem seu objeto. Assim como o físico, o psíquico, na realidade, não é necessariamente o que nos parece ser. Teremos satisfação em saber, contudo, que a correção da percepção interna não oferecerá dificuldades tão grandes como a correção da percepção externa - que os objetos internos são menos incognoscíveis do que o mundo externo.” (Freud, 1915/1996, p. 176).

Freud, nessa passagem, alinha-se aos fenomenologistas de boa cepa, alguns dos quais referidos no Capítulo 2, discutindo exatamente o que aqui transparece como sua preocupação.

Essa passagem de Freud autoriza o leitor a supor que o emprego que faz de *Vorstellung* não guarda identidade com a representação de tradição empírica, na qual o objeto percebido, que chega à consciência, é tomado como cópia do real. Laplanche (1992), na mesma direção, desestimula pensar que o termo *Vorstellung* tenha, em Freud, a acepção da filosofia clássica de representar subjetivamente um objeto. Ele lembra que Freud confere à memória características inovadoras, que a levam a reproduzir-se em distintas séries associativas, de tal sorte que, o que resta como registro mnêmico ou traço mnésico mantém fraca ligação com as qualidades sensoriais do objeto (p. 449). A representação em Freud é uma representação pulsional. Não sendo o retrato do real, ela é uma expressão do corpo vivido, e o corpo vivido é o corpo tecido com as nervuras de uma outra cena, que não aquela exclusiva do tecido nervoso e epitelial. Por certo, ainda aduzimos, *a realidade é a dimensão inconsciente* da vida psíquica mais difícil de se alcançar ou de se apreender. A seguir, acrescentamos mais um comentário de Vergote (1994), que empresta clareza e complementa o que temos reunido, com vistas ao uso do termo *Vorstellung* por Freud:

“O associacionismo que Freud elabora, por exemplo na obra inaugural da psicanálise: *A interpretação dos sonhos*, é infinitamente mais complexo que esse dos empiristas ingleses e mesmo que esse da fenomenologia das sínteses passivas. O mais notável é que para essa psicologia “das profundezas” Freud dá um novo conteúdo ao conceito de corpo. Ainda que ele o escreva no capítulo teórico conclusivo da *Interpretação dos Sonhos*, existe um lugar do psiquismo – “do aparelho psíquico” – que funciona segundo leis que não são nem essas da linguagem, nem aquelas do corpo neurofisiológico, mas essas pertencentes aos processos primários; dizemos em resumo: leis associativas {...} de todo modo o corpo que a psicanálise deixa vir à fala não é nem esse que a gente é, nem esse que a gente tem. Ele é o misto *du Körper et du Leib*, uma realidade híbrida para

aquela nossa linguagem que não tem, sem dúvida, palavras apropriadas.” (p. 185, tradução nossa).

Trata-se, em psicanálise, de um corpo de *realidade híbrida*, afirma o autor, por certo envolvendo diferentes processos que atuam na elaboração do corpo vivido, sejam eles neurofisiológicos, somáticos, sensoriais, imagéticos, de simbolização. Um maior alargamento da compreensão do termo *Vorstellung* pode ser encontrado no estudo que Hanns (1999) empreende das distintas acepções desse conceito em Freud. Hanns (1999) encontra diferentes conotações para a “representação”, na obra de Freud, expressas pelos seguintes vocábulos alemães: *Darstellen*, *Vertreten/Vertretung*, *Vorstellung*. O primeiro sentido refere-se à *Darstellen*, que “remete à ação de colocar algo, que ainda não está apreensível, na dimensão apreensível da linguagem (linguagem sensorial, pictórica, auditiva, cinestésica, etc), e em seguida, mostrá-lo” (p. 79). Trata-se, nesse caso, de dar forma e mostrar algo que não está previamente constituído. Ele lembra que Freud usa o termo quando fala da figurabilidade/representabilidade na formação dos sonhos. O que se destaca desse sentido é o trabalho criativo de produção de imagens e formas pela ação da pulsão. No segundo sentido, a escolha recai sobre o verbo *Vertreten* e o substantivo *Vertretung*. Mostra Hanns (1999) que, nessa acepção, o sentido privilegiado é o de estar no lugar de outro. Aqui, a expressão indica que a pulsão se manifesta por procuração ou delegação na esfera psíquica, na forma de imagens ou palavras. Na mesma direção semântica, ocorrem em Freud os termos *Repräsentieren*, *Repräsentant* e *Repräsentanz*. Por fim, o terceiro tipo está ligado ao substantivo *Vorstellung*, cujo “verbo correspondente é *Sich Vorstellen*, que significa reproduzir/repetir/reativar internamente uma imagem já disponível. O verbo “*Vorstellen* significa literalmente ‘colocar diante de si’” (p. 80). Alerta Hanns (1999) que a diferença em relação ao sentido de *Darstellen* é que, nesse caso, o trabalho de elaboração da imagem se faz a partir de

algo que já foi anteriormente constituído, quando se pode falar de representação (reapresentação). Assim, conclui Hanns (1999) que:

“(...) quando Freud diz que a pulsão é psiquicamente ‘representada’, pode, conforme a palavra alemã utilizada, referir-se a um dos três sentidos: a pulsão é *darstellbar* (traduzível, exprimível, configurável) em imagens, *vertretbar* (substituível, delegável, simbolizável) por essas imagens e essas mesmas imagens são *Vorstellungen* (representações internas, reproduções mentais, são imagens guardadas na memória que reproduzem objetos ou ações aos quais a pulsão se liga e que são ativáveis).

Em geral, trata-se em Freud destes dois últimos sentidos; a pulsão é representada (*vertreten, repräsentiert, repräsentanz*) através de representações (*Vorstellungen*)” (p. 83).

Os termos *Repräsentanz e Vorstellung* carregam sutilezas de sentidos da língua alemã que, junto às nuances da própria psicanálise, por vezes se tornam irreconhecíveis pela conversão de uma língua a outra. Assim é que *Repräsentanz* parece exprimir a função de *apresentação psíquica* da pulsão. Cuida-se de traduzir e fazer chegar à esfera psíquica o corpo sensível, que levado a efeito pelo movimento pulsional, dá lugar a esses corpos, dos quais falávamos, de *realidade híbrida*. Essa *apresentação psíquica* da pulsão (*Repräsentanz*) tem como derivados a parcela de representação (*Vorstellung*), já anunciada, e a parcela de carga afetiva ou *quota de afeto* associada a tal representação. Ainda ocorre em Freud o uso conjugado *Vorstellung Repräsentanz* para se referir à *apresentação representativa* da pulsão. Ricoeur (1977) oferece um esclarecimento dessa passagem:

“Há um ponto em que a questão da força e a questão do sentido coincidem. Esse ponto é aquele onde a pulsão se designa a si mesma, torna-se

manifesta, dá-se numa apresentação psíquica, isto é, num algo psíquico que “vale pela” pulsão. Todos os afloramentos no consciente não passam de transposições dessa apresentação psíquica, desse “valer por” originário. Para designar esse ponto, Freud forjou uma excelente expressão: a de *Repräsentanz*. Há algo de psíquico que “apresenta a pulsão” enquanto energia, pois o que chamamos representação, isto é, a idéia de algo, já é uma forma derivada desse índice que, antes de representar algo – mundo, corpo próprio, irreal –, anuncia a pulsão como tal, apresenta-a pura e simplesmente.” (p. 117).

A interpretação de Ricoeur, desse detalhe do pensamento freudiano, permite destacarmos, agora pelo viés da própria psicanálise, aquilo que, pertencente à natureza psíquica, pode não estar, de imediato, associado a uma representação. Uma observação especulativa pode encontrar lugar a partir do que aqui está postulado. Tal aspecto diz respeito à suposição de que a pulsão pode estar representada no psíquico, ou melhor, produzir seus efeitos de *apresentação psíquica*, mas pela força de certa singularidade não ser representável ou faltar a ela correspondente parcela de *Vorstellung*, que a faria figurável no psíquico. Nessa conjectura, a pulsão se manifestaria no psíquico, se apresentaria em sua atividade, mas não decorreria dessa atividade uma conformação psíquica passível de tradução, transposição ou substituição. Martins (2006), no estudo que realiza na intersecção entre semiologia e psicanálise, com alguma variação do que foi apresentado acima, ressalta o aspecto da realização de uma atividade criativa envolvida na *apresentação da coisa*, conforme interpretação que faz desse termo, no trecho a seguir:

“O termo representação (*Vorstellung*) deve ser entendido como uma apresentação da coisa mesma e não como uma re-apresentação. Na apresentação existe uma atividade de criação original e não simplesmente uma reapresentação da coisa. Os termos alemães *Repräsentanz* e *Repräsentant*, ambos de origem latina, asseguram o sentido mais conhecido de representação,

nas línguas latinas, como sendo um representante de algo, um substituto representante de algo ou alguém. Outro termo alemão utilizado por Freud é *Darstellung*. Este diz respeito aos meios de apresentação, de desempenho de papel, tal como dizemos que um artista de teatro desempenha ou representa bem o seu papel” (p. 22).

Por fim, e para evidenciar mais uma vez a pertinência da distinção apresentada acima, ele afirma:

“Deve-se então distinguir pontualmente o conceito geral de “representância”, que envolve os representantes dos interesses da pulsão no psiquismo (*Tribrepräsentanz*) do conceito de “representação” (*Vorstellung*). No entanto, é significativo que a representação é dependente, submetida à dimensão energética, seja por seu representante psíquico da pulsão, seja pela ligação do afeto à representação” (p. 23).

Todas essas passagens, que procuram recapitular essa noção de *Vorstellung*, deixam firmada a idéia de que há um primeiro sentido desse termo, ou talvez possamos dizer, sentido primevo, no qual se cuida de colocar em imagem algo que não está previamente constituído, o que é evocado pelo termo *Darstellen*. Mas vimos também que o próprio conceito de pulsão envolve o sentido de uma *apresentação psíquica* da pulsão (*Repräsentanz*), sem que possamos entendê-la como reapresentação de algo. Nesse caso, encontramos que, nesse processo, ocorre uma atividade criativa. Essa atividade criativa se alimenta do que é, em princípio, originário. Dissemos também que o trabalho de tradução, que a realidade de nosso corpo impõe, é justo o que qualifica a vida psíquica ou a constituição de um aparelho psíquico que, num esforço de síntese para defini-lo, está continuamente devotado à atividade de tradução das moções pulsionais, à guiza de criar outros *topos* não somáticos, tessituras sensíveis do psíquico, tramas

associativas (*Vorstellung*), dentre outros esforços com vistas à realização de significações – é esse o âmbito no qual laboramos, na clínica com a criança ensimesmada e sem fala. Trata-se, portanto, de que esse *aparelho de alma*, em irrefreável *Devenir*, é um aparelho de tradução, sobre o qual Laplanche (1992) propõe o seguinte juízo:

“O que é que há nesse aparelho? Recordarei que as representações psicanalíticas se caracterizam por serem superposições, sobre-impressões de domínios perfeitamente heterogêneos que qualquer pessoa sensata se recusaria a fazer figurar numa mesma folha de papel. O corpo no mesmo esquema que o recalçamento, que o ego, que o inconsciente, que as palavras, que o cérebro, que a moral, que o id, etc.” (Laplanche, 1992, p. 162).

E, mais adiante, Laplanche (1992) ainda assenta que nesse, lembrado por ele, “saco do id”, a linguagem, por certo, ocupa um lugar, mas não convém dar-lhe destaque nesse platô de desordens, completando seu raciocínio com a seguinte inquietação: “Vejam, pois, que dizer, por exemplo, que o id ou o inconsciente é o lugar da linguagem, é andar depressa demais; visto que, justamente a própria linguagem encontra-se, no id, representada entre outras coisas e no mesmo plano que outras coisas {...}” (p. 163). Logo, é claro, ele mostrará que, em Freud, essa desordem tem uma lei de formação, que são leis de “derivação” e “representância”. Ainda, nesse diapasão, ele mostra o seu desacordo com a fórmula que define o inconsciente como “discurso do outro”, pois a criança não introjeta pura e simplesmente o discurso-desejo da mãe, já que ele propõe compreender o inconsciente como constituído por um processo de *metabolização* da criança em face do que lhe é *comunicado*, embora não sabido pela mãe, aspecto a que voltaremos com maior detalhe no próximo subitem desse capítulo.

Em seus estudos metapsicológicos, Freud (1915/1996), após justificar a hipótese do inconsciente como indispensável à compreensão das produções de sentido humano, relaciona três

modalidades de *Vorstellung* afeitas a cada uma das instâncias que dão contornos topográficos ao aparelho psíquico, sendo elas: representação-coisa (*Sachvorstellung*), representação-palavra (*Wortvorstellung*) e representação-objeto (*Objekvorstellung*).

“Agora parece que sabemos de imediato qual a diferença entre uma apresentação consciente e uma inconsciente. As duas não são, como supúnhamos, registros diferentes do mesmo conteúdo em diferentes localidades psíquicas, nem tampouco diferentes estados funcionais de catexias na mesma localidade; mas a apresentação consciente abrange a apresentação da coisa mais a apresentação da palavra que pertence a ela, ao passo que a apresentação inconsciente é a apresentação da coisa apenas. O sistema Ics. contém as catexias da coisa dos objetos, as primeiras e verdadeiras catexias objetais; o sistema Pcs. ocorre quando essa apresentação da coisa é hipercatexizada através da ligação com as apresentações da palavra que lhe correspondem. São essas hipercatexias, podemos supor, que provocam uma organização psíquica mais elevada, possibilitando que o processo primário seja sucedido pelo processo secundário, dominante no Pcs.” (Freud, 1915/1996, p. 206).

A sistematização proposta por Freud tem fundamento em observações clínicas. O que podemos constatar no último capítulo do artigo metapsicológico dedicado ao *Inconsciente* é que a organização dos sintomas psicóticos, com destaque para a esquizofrenia, chama a atenção de Freud e o ajuda a identificar as disposições inconscientes e a composição dessas diferentes modalidades de apresentação psíquica. Nos exemplos apresentados por Freud, se observa a prevalência do pensamento e das palavras. Não há, como um caso de histeria poderia supor, uma encenação pela via do corpo. As palavras fazem as coisas, ou melhor, as palavras são as próprias coisas ou, predominantemente corporificadas, perdem o poder de comunicar. A palavra, Freud dirá, está contaminada e invadida pelas sensações do corpo, retidas nas apresentações-coisa do

inconsciente. As palavras esquizofrênicas, retorcidas na psicose, equivalem, na neurose, ao corpo histérico distorcido e convulsionado.

“Se perguntarmos o que é que empresta o caráter de estranheza à formação substitutiva e ao sintoma na esquizofrenia, compreenderemos finalmente que é a predominância do que tem a ver com as palavras sobre o que tem a ver com as coisas (...) O que dita a substituição não é a semelhança entre as coisas denotadas, mas a uniformidade das palavras empregadas para expressá-las. Onde as duas – palavras e coisas – não coincidem, a formação de substitutos na esquizofrenia diverge do que ocorre nas neuroses de transferência.” (Freud, 1915/1996, pp. 203-205).

O estudo dessas questões levou Freud (1915/1996) à compreensão de que a apresentação consciente do objeto é composta pela representação-palavra e pela representação-coisa. Para ele, a hipercatexização dessas apresentações-coisa é que levam à ocorrência do pré-consciente e da conseqüente catexização das apresentações-palavra associadas, chegando à aquisição e introdução no universo da linguagem. Prosseguindo na reflexão acerca da produção do sintoma na esquizofrenia, essa composição permite explicar o fato de que, ao retirar o investimento dos objetos, voltando-o ao Eu, o sujeito mantém o investimento na representação-palavra, sendo que a dimensão significativa dessa palavra e a referência ao mundo dos objetos sofrem um rompimento ou uma degradação, pois passa a ser privilegiado o elo com a cadeia inconsciente das apresentações-coisa. Seguindo a afirmação de Freud (1915/1996), o inconsciente *contém as catexias das coisas dos objetos, as primeiras e verdadeiras catexias objetais*. Portanto, o sujeito, em sua atividade psicótica, encontra-se em íntima relação com os restos dessas percepções objetais, em contato direto com os escombros da atividade psíquica que resultou das *traduções* dos objetos e de seu próprio corpo tomado como tal. Nesse sentido poderíamos dizer que o Eu

psicótico é um *Eu-corporal* ou um *Eu-sensível*, repartido em fragmentos arcaicos da atividade incessante de constituição e reconstrução psíquica.

Eis o que podemos coligir desse estudo de Freud dedicado à esquizofrenia: há uma prevalência da palavra tomada pelo sujeito como a própria coisa. A palavra excita o corpo, sensorializa o corpo a ponto de, numa situação radical como a da esquizofrenia, tornar-se a matéria do próprio corpo. A representação-coisa deposita-se no inconsciente como vestígios, restos de percepção que, por algum motivo, acarretaram a excitação do corpo próprio. Quando o aparelho psíquico se abre na esquizofrenia, as apresentações-coisa colam-se às apresentações pré-conscientes, tornando a palavra, essencialmente, excitação ligada ao corpo, o que torna degradada a comunicação e a face metafórica da palavra. As palavras, sensorializadas pelo corpo, voltam-se contra o próprio corpo e passam a atacá-lo. Na antípoda dessa desorganização, vê-se que subsiste no sujeito um investimento que visa à *cura* ou à recuperação de um suposto “objeto perdido”, o que não escapa à observação de Freud (1915/1996):

“Acontece que a catexia da apresentação da palavra não faz parte do ato de repressão, mas representa a primeira das tentativas de recuperação ou de cura que tão manifestamente dominam o quadro clínico da esquizofrenia. Essas tentativas são dirigidas para a recuperação do objeto perdido, e pode ser que, para alcançar esse propósito, enveredem por um caminho que conduz ao objeto através de sua parte verbal, vendo-se então obrigadas a se contentar com palavras em vez de coisas.” (p. 208).

Acreditamos que, se Freud trata da esquizofrenia no texto *princeps* do Inconsciente, é porque essa entidade psicopatológica ajuda a compreender acerca das fundações do Inconsciente e da formação (ou deformação) da linguagem humana. Entretanto, resta ressalvada a função criativa que atua tanto na constituição do psíquico quanto na formação do sintoma simbólico. O

que lemos em Freud é que a produção esquizofrênica, de semblante desagregado, traz em si uma *organização* que podemos entender como uma *tentativa de cura*. Em meio a tanta desordem, não se extravia do sujeito a capacidade, quem sabe última, para erguer, num ato criativo, o próprio sintoma. Mas a *tentativa de cura* não jaz no sintoma, ela repousa na *estilística* de sua fabricação, nessa dimensão que é capaz de subjetivá-lo, de singularizá-lo no sintoma, e até, por sorte ou por arte, de oferecer uma saída criativa e elaborada para o sofrimento devastador – ato criativo, mínimo que seja, personalizado e preservado da devastação, imperceptível às câmeras remotas dos saguões psiquiátricos.

No estudo de Martins (2006), já mencionado, lê-se que, *na apresentação, existe uma atividade de criação original e não simplesmente uma re-apresentação da coisa*. Ele atribui essa atividade de criação a uma forma discursiva clássica:

“Freud defronta-se na sua clínica com as três formas discursivas referidas pelo filósofo clássico: *epistemé*, *phronesis* e *poiesis*. Ao falar, necessariamente se produz modalidades de conhecimento que não são somente da ordem do conhecimento científico, que seria uma dimensão mais específica do que chamamos *epistemé*. Já *phronesis* diz respeito ao conhecimento prático derivado das práticas e costumes, estando por isto mesmo intimamente relacionada com as falas de ordem moral e ética. *Poiesis* implica, como o nome indica, a produção mais radical do sujeito, estando intimamente relacionada à poesia e até ao sangue, posto que é fabricado nos tecidos hematopoiéticos.” (p. 6).

Conforme podemos apurar de seu ensino, essa atividade de *poiesis* está referida ao corpo próprio e ao narcisismo do sujeito, digamos, à dimensão pulsional, situando-se predominantemente num plano infra-lingüístico. De tal atividade pode advir toda uma produção de imagens que não encontram abrigo imediato no universo da linguagem discursiva, não

obstante pertencerem ao fundo estético da existência de cada sujeito. Impõe-se para nós a observação de que a definição da atividade *poiética*, pensada da perspectiva estética que a compõe, pode se aplicar ao trabalho psicogenético do bebê – a exemplo da alusão feita à atividade hematopoiética, que se inicia nas primeiras semanas de gestação, gerando as células componentes do sangue fetal. Portanto, a atividade *poiética*, podemos situá-la, precocemente, se a entendermos na direção do auto-engendramento de constelações criativas e significantes fundadas na excitabilidade do corpo da criança, que se ampliam até os limites de uma malha estética das *formas significantes* (Langer, 1980) do tocar, do ver, do mover, do agitar, do saborear, do cheirar, que são os atos do pensar do *infans* ou a disposição para pensar com esses atos. O ato de pensar pelo movimento e com o movimento torna-se possível desde que esse verdadeiro trabalho de semiotização do sensível possa ser eliciado, sustentado e testemunhado pela presença do outro, nos cuidados indispensáveis à vida e no ofício da maternagem, pois não há como supormos, nos tempos imemoriais da psicogênese, um tempo “auto” que não seja co-extensivo de um tempo “alter”.

Ao voltarmos ao exemplo da esquizofrenia, consoante à observação de Freud, vemos que o desarranjo discursivo do sujeito deve-se, em parte, à tentativa de encontrar na palavra o objeto outrora perdido, já que, no arranjo do aparelho psíquico da esquizofrenia, a representação-coisa encontra-se aderida à representação-palavra. A representação-coisa, em nossa compreensão, é um ente estético, formado pelas primeiras constelações significantes, fecundadas entre a atividade perceptivo-motora do bebê e as injunções do cuidador. A tentativa do sujeito, em sofrimento psicótico, visa a recuperar a existência de uma certa representação-coisa, supostamente registrada como *objeto perdido* ou extraviado, em um tempo originário ou mítico, do conjunto dos registros da atividade precoce de semiotização do lactente.

A representação-coisa torna-se a própria *representação sensível e significativa*, apurada nos envelopes psíquicos do corpo da criança ou, de mesma forma, engendrada criativamente no adubo fértil da função de maternagem, que, tal qual uma manta, recobre a criança de significantes primordiais e narcísicos. Mais uma vez podemos evitar, como já assinalamos ser de nossa preferência, as metáforas de profundidade que dominam as concepções psicanalíticas da vida psíquica, deslocando também para a superfície estética do corpo, a noção de representação-coisa, costumeiramente pensada na verticalidade do inconsciente. Realmente, consideramos de extrema valia, para a clínica da criança encapsulada na experiência autística, esse achado paradigmático do pensamento de Freud, precisamente quando considera que o sintoma pode trazer em si uma elaboração em direção à *cura*, constatação que entendemos extensível à compreensão do ensimesmamento autístico. A concepção que temos da vivência autística não se cinge à sua face sindrômica, pois consideramos que essa experiência é constitutiva da vida psíquica de todos nós e parte do percurso da criança em sua primeira infância. Evocamos, em nosso socorro, uma cena que foi sendo tecida na intersecção de diferentes aportes teóricos do campo psicanalítico, para a qual contribuem: Freud (1911), Winnicott (1975c), Mahler (1977), Tustin (1984), Anzieu (1989), dentre outros. Trata-se de uma cena ordinária da vida neonatal ou mesmo de meses posteriores, ao nosso ver, paradigmática da satisfação autística: uma mãe sustenta o seu bebê ao colo, olha para ele, faz gestos e movimentos em torno dele, até chega a manusear objetos apresentando-os à criança. Além do que, envolvem o bebê cheiros e aromas, sons e vocalizações da mãe e do ambiente, e outros tantos modelamentos do contato se fazem pela pele e pelo tecido das roupas. Por seu turno, o bebê olha para a mãe, inventa sons e movimentos, repete o seu agir e parece retirar-se para dentro dessa cena feita de *representação-coisa* ou, para arriscar com uma corruptela da noção, *representação-forma*.

A cena tem assento no encontro dos corpos despertos pelo vetor sensível, em cujo invólucro repercutem: cenestesias – sensações internas, consciência imediata do próprio corpo, dada pelos interorreceptores; cinestesias – sensibilidade nos movimentos, dada pelos propriorreceptores; e sinestesias – associação espontânea entre sensações. Há também a sensibilidade protopática associada à temperatura e à dor, essa última com receptores – nociceptores – espalhados por grande parte do corpo. Tendo por suporte esse equipamento perceptivo, o sujeito labora a serviço daquilo que, nos parece oportuno recordar, Theodor Fontane, lembrado por Freud, no ensaio *O mal-estar na civilização*, considerava como as indefectíveis *construções auxiliares*, indispensáveis ao suporte da vida e aos agravos do sofrimento: “não podemos passar sem construções auxiliares” (apud Freud, 1930/1996, p. 83). Por certo, o invólucro psíquico que reveste mãe-criança está na conta das formações auxiliares; quiçá possamos dizer que não há como encontrar o sujeito fora do círculo das próteses estéticas formadoras da vida psíquica ou, salvo melhor entendimento de Weizsaecker (1958), *círculo das formas* (*Der Gestaltkreis*), visto que, na alvorada da vida, o *páthico* se faz aparecer com formas estéticas, desde que a criança possa ser pensada e apresentada para si por um outro alguém.

Nas penumbras da imaturidade e do desamparo, nosso hipotético bebê labora para a tessitura de *formas significantes*, embebidas nesses vestígios humanos fragmentários da percepção, e essa atividade psíquica o reveste, repetimos, tal qual *envelope* ou *manta narcísica*, na qual desenrola o seu viver, regula o seu vivido e dirige o seu pensar. Nas vezes em que essa manta rompe ou esgarça, o que é esperado no curso psíquico de toda criança, mas, na ausência de contenção materna devida ao derramamento narcísico que a experiência de desilusão idílica implica, os estados autísticos podem ser vividos com maior radicalidade. Dizemos, aqui, estados e não necessariamente o autismo como entidade substantivada e suposta como síndrome. A experiência autística, como já frisado, antes de ser uma síndrome, é uma experiência de

constituição da vida anímica, modelada na perspectiva de *formas significantes* que se auto-engendram em cenas semelhantes ou equivalentes a essa que descrevemos acima. Na etiopatogenia dos estados autísticos, haveremos de encontrar, em nossa compreensão, tentativas de recomposição desse envelope psíquico ou envelope do corpo, cuja falha não socorrida pela função de maternagem, acaba por interromper o desenvolvimento primário de um senso de Eu. Ao nosso ver, vale reaplicar a aguda observação de Freud (1915/1996) de que, no jogo de forças do psiquismo, certos sintomas intentam *caminhos de cura*, o que, para o sintoma autístico, mostra-se como tentativa de refazer supostas rupturas ou graves desenlaces sofridos na constituição ou manutenção desses envoltórios psíquicos. Ainda, à frente desse texto, teremos oportunidade de compartilhar, com Tustin (1984), o pensamento de que o sintoma autístico pode se revelar como tentativa de composição do Eu ou de um senso de Eu. Para tanto, a criança desenvolve mecanismos de proteção e satisfação sinalizados pela retração social e pela grande excitabilidade, que se apresentam como estereotípias, ecolalias ou irrefreáveis excitações motoras. O que fazemos questão de observar é que a excitabilidade dos movimentos deve ser apreendida não apenas como sintoma das dificuldades encontradas em seu desenvolvimento psíquico, mas, paradoxalmente, pode ser considerada como tentativa de constituição ou reconstituição de seu psiquismo.

4.2 – O CORPO DO ANALISTA: REPRESENTAÇÃO-COISA PARA A CRIANÇA

O desafio de acompanhar crianças, das quais sejam esperadas, em um desenvolvimento regular, muito mais do que vocalizações sonoras fora do alcance da linguagem, é, por certo, patentear uma instigante variação do modo de se trabalhar como psicanalista. Mas não é outra nossa intenção senão compreender, com a trama de nosso estudo, os recursos do psicanalista que aceita declinar do vesgo para interpretar em um ambiente infra-lingüístico – o que Tafuri (2003) propõe como *analista não intérprete* –, ambiente que, não obstante, elicia, arbitrária e singularmente, modalidades simbólicas que não alcançam a distância da palavra, por se fazerem junto ao corpo. Acudindo-nos de uma contribuição oral do Prof. Francisco Martins, incumbe dizer que, no ofício em questão, não se trata precisamente de análise, decomposição ou quebra de uma formação; em contrário, o que temos é a participação ativa junto à criança na composição de formas sensíveis, arranjo de partes, combinação de elementos, disposição para prover das frações de excitação às sínteses estéticas – vamos da síntese à análise. A propósito dessa noção de composição, recorreremos a uma ilustração, trazida pela figura de um *móbile*, arte levada a efeito por ligações frágeis e hastes delgadas, de materiais e texturas diversas, que balançam, se misturam ao vento e, assim, ganham flutuação ou alcançam a sua significação pelo movimento. Valemo-nos de uma metáfora, para dizer que a clínica com a qual tratamos aqui não encontra a sua direção na profundidade das metáforas. Por certo, é de qualquer outra *coisa* de que se trata. Essa *coisa* diminuta, que colhemos no exercício da atividade clínica, temos a ilusão de recolhê-la com o viço das coisas primeiras. Essa ilusão não nos assusta. Ela é o princípio do pólo materno, sem a qual não haveria manta narcísica a recobrir a tenra criança. Para demonstrar esse trabalho do analista, trazemos a lume, em seguida, mais um instante do acontecer clínico, uma amostra das

movimentações do analista, em composição com os modos de estar da criança, que oferece a oportunidade para compreendermos que o enlace libidinal pode ser possível frente às modalidades de satisfação autística. Vejamos, então.

Joaquim iniciou tratamento aos dois anos de idade. Filho único, sua mãe procurara ajuda, alegando certa estranheza no desenvolvimento da criança. A queixa dos pais centrava-se na ausência da fala e na conduta de isolamento do pequeno, que também não respondia às solicitações dos outros. Quando queria alguma coisa que estivesse fora do seu alcance, conduzia a mão do adulto para obter o seu intento. Não se registram intercorrências importantes desde o nascimento da criança, e os exames neurológicos realizados não apontaram alterações ou disfunções significativas. No início das consultas, o menino não freqüentava a escola, ingressando no maternal logo após iniciar o tratamento.

Durante as primeiras consultas, identificamos o ensimesmamento da criança nas evitações de contato afetivo, condutas repetitivas, ausência de fala e comunicação não-verbal insuficiente. Ao estar pela primeira vez na companhia do analista, na ausência da mãe, não apresentou sinais de angústia de separação. Quanto às primeiras explorações do ambiente, Joaquim demonstrou interesse imediato por pequenos sapos de corpo de madeira e pernas de arame. Era comum vê-lo experimentar a textura desses e de outros objetos ou revestimentos do ambiente, em seu rosto ou em outras partes de seu corpo. O pequeno tinha um andar claudicante, o que denotava certa instabilidade em seus deslocamentos. Valia-se de comportamento instrumental, pegando a mão do analista para realizar alguma operação de seu interesse. Ocorria também de retirar-se, na posse de algum objeto, postando-se afastado das pessoas. Na escola, especialmente em seu primeiro ano, esse comportamento era relatado pelas professoras. Ao longo de aproximadamente dois anos de tratamento, a criança fez aquisições importantes até a culminância da fala. Mais recentemente, o pequeno tem mostrado interesse pela palavra falada, embora ainda não fluida. Com o advento

da linguagem, passaram a ocorrer ecolalias e a construção de frases ainda não é completa, mas suas palavras já carregam a intenção de significar o mundo. Juntem-se a isso interesses setorizados. Na época da copa do mundo ele repetia o nome dos países competidores. Depois, seu interesse voltou-se para a marca e o modelo de carros. Ao aparecimento da fala, em processo de expansão, combinou-se o recurso à leitura de pequenas frases e palavras soltas, essas, muitas vezes, fora do que seria esperado para o círculo de comunicação ordinária de sua faixa etária. Ainda, nessa expansão, inclui-se a escrita ou montagem de certas palavras que ele realiza, na situação clínica, manuseando, quando solicitado ou espontaneamente, letras avulsas de um tabuleiro de abecedário – acham-se, nesse repertório, palavras como: bola, vaca, casa, o nome próprio, papai etc.

Em seguida, descreveremos uma passagem clínica, ao final do primeiro ano de tratamento, que merece detida reflexão psicanalítica, por provar a capacidade da criança de realizar, na época com a idade aproximada de três anos, uma importante situação de jogo libidinal, que culmina com mais uma conquista no desenrolar de sua vida psíquica. Ao longo desse trabalho, outros recortes desse tratamento ainda serão apresentados, com foco para a transição entre a posição de maior ensimesmamento da criança e o galgar de posições mais avançadas da atividade simbólica.

Joaquim veio à sessão com sua mãe. Logo de início, me dirigi a ambos, solicitando que, por um tempo, eu e sua mãe acompanhássemos a movimentação e a atividade da criança, sem que, para tanto, nos valêssemos da fala, posto que ele próprio ainda

não houvesse, naquela oportunidade, acedido a essa. Depois, conversaríamos sobre essa experiência e demais assuntos. Superadas essas preliminares, o pequeno descortinou suas peripécias. Escalou a cadeira do analista e inclinou-se sobre o encosto do divã. Como de costume, lançou-se, deslizando na inclinação da peça, até encontrar-se completamente deitado. Passou pelos sapos de arame que, dotados de uma ventosa, saltam quando pressionados sobre a superfície da mesa. Como os sapos, gozam também de sua preferência dois grilos. Esses, a bem da verdade, foram, desde a primeira sessão, o dispositivo sensível de eleição de Joaquim. Foi pela repetição desse jogo que ele fez sua entrada na situação de análise. Sem esquecer também as bolas coloridas que, mais recentemente, ele toma da caixa e solta na parte superior do encosto do divã, apreciando o rolamento da esfera que desce com velocidade e direção irregular, dadas pelo atrito das dobras e rugas do tecido que se estende sobre o móvel. Todos esses jogos, que nessa época garantem o balanço psíquico de nossos encontros, são reproduzidos nessa sessão. Devo acrescentar que é parte do circuito percorrido por Joaquim uma grande bola, que

tem diâmetro aproximado de 60 cm, e que rola solta na sala de atendimento. No princípio, eu me sentava sobre essa bola e realizava um balanço, batendo sobre a lateral da mesma e dizendo: – Boooo-la. Joaquim tomava distância e observava esse movimento com certo prazer, esboçando um sorriso. Em seguida, eu me detinha parado. Ele se precipitava sobre esse conjunto e pulava em meu colo, pegava em minha mão e tudo fazia para que esse mecanismo, que ele assistia com grande interesse, voltasse a funcionar. Com o tempo, eu dizia a primeira sílaba da palavra bola e esperava que a conclusão da palavra viesse de Joaquim. Então, de forma muito acanhada, ele completava, num tom sibilante, e, assim, era possível colher a vocalização de um “lá”. Depois, essa bola passou a rolar atravessando a sala, quando eu e seu pai nos sentávamos de frente, estando Joaquim ora no colo de um, ora no colo de outro. Nesse arranjo, a bola era lançada de um para o outro. Primeiro, com participação tímida de Joaquim. Por fim, partia das suas mãos ou dos seus pés o impulso que fazia a bola cruzar a sala até a posição contrária, eventualmente, acompanhado pelo “lá”.

Eis que, em presença de sua mãe, Joaquim se posta sentado ao chão, num dos extremos da sala. Essa indicação me leva a sentar no outro extremo. Joaquim, estando na posse da grande bola, a empurra, fazendo-a rolar em minha direção. Ato contínuo, eu a devolvo. Contudo, antes de empurrar a bola ou devolvê-la novamente, Joaquim, que se acha encoberto e eclipsado pela extensão da esfera, desloca o tronco para a direita, e, no gesto de se vergar, dirige o olhar para o ponto em que me encontro e, só depois desse gesto, libera o movimento da bola.

A situação clínica apresentada é um retrato da expansão da atividade psíquica da criança, levada a termo pelo movimento, o que define o plano de acontecimentos da atividade pulsional. Nessa página de sua vida, a criança é impelida ao movimento, ao tempo em que também impele movimento aos objetos. No ambiente psíquico de forças impelentes e atradoras, ela é levada a desenhar, com originalidade, rotas pulsionais, iniciando atividades de jogos e brincadeiras, que são as bases para a refundação e regulação de sua atividade psíquica. Essa ação ao encontro do outro já vinha sendo desenvolvida ao lado do analista, o que ela é capaz de repetir, nessa sessão, também em presença da mãe. Assim é que Joaquim começa a ser encontrado em seu brincar. O jogo, para ele, é atividade prazerosa e de costura de seu psiquismo, fundamento com o qual apreende as coisas com referência ao seu corpo. Ele precisa do movimento das bolas para compreender o seu corpo ou, de outro modo, ele compreende a ação de rolamento das bolas

coloridas porque experimentou essas cores, essas texturas e a cinestesia do movimento pela ação de seu corpo – pelo mesmo vão inclinado que ele se lança, ele faz descer as bolas coloridas. Contudo, perguntemos! Onde se encontra o analista?

É preciso dizer que a cena, aqui descrita, abre a série de sessões que se sucedem com variações em relação a esse jogo inicial. A partir dessa sessão, o analista passa a percorrer, com suas próprias experimentações corporais, o caminho aberto pela sensibilidade de Joaquim. A energia que Joaquim empresta às bolas não é apenas energia cinética, pois é também energia libidinal. O caminho assinalado libidinalmente por Joaquim é experimentado pelo analista em seu próprio corpo. Então, o analista, que já pertence à cena como testemunha ativa e componente do ambiente de tratamento, passa a lançar as bolas coloridas pelo encosto do divã, revezando-se nessa atividade com Joaquim. Na seqüência das sessões, esse jogo assume variações. Em uma delas, o analista propõe que, ao rolares pelo divã, as bolas caiam na caixa onde são guardadas, e que, para tanto, está posicionada próxima ao divã. O jogo se reveste de maior importância na medida em que a criança lança vários outros objetos por esse vão, fazendo-os deslizar pelo caminho aberto em seu desejo, que aqui devemos entender como desejo marcado pela experiência sensível. Assim, seguem-se, por exemplo, habitualmente e durante várias sessões, o lançamento de três carros de tamanhos diversos, dentre os quais um grande caminhão, que o analista apara, sentado ao divã, para os devolver à criança, que os volta a lançar da parte de trás do móvel.

O movimento, para recordar Merleau-Ponty (1971), abre a relação com o mundo e torna válida nossa experiência de vida, mesmo antes que, criança, tenhamos alcançado o estatuto das representações-palavra, e o circuito se fecha quando o sensível, engendrado pelo movimento, brota nas relações de alteridade e de trocas culturais, se enlaçando ao nosso corpo. No caso em exame, o movimento abre o rosto alegre e expressivo da criança, ao ver o sapo de arame saltar no

ar, a bola rolar pela peça inclinada do divã, o analista devolver às suas mãos o caminhão descaído na inclinação desse mesmo móvel. Toda essa plethora de movimento motor, dirigida às pequenas sínteses simbólicas, a criança vê acontecer na conjunção imediata de seu agir, de maneira que se pode dizer que há originalidade em sua ação, e que, nesse instante, consideramos o movimento da criança como automovimento. Logo observamos a sua surpresa com o seu próprio descortino, o que é, freqüentemente, sinalizado pela vocalização de uma interjeição curta e comezinha: – “Ah!”. Em posição patética, o analista deixa transparecer júbilo e admiração, ao ver as evoluções do menino, participando das cenas da criança, seja realizando gestos de imitação; seja incrementando as brincadeiras iniciadas; seja, ainda, como dissemos, admirando o agir do menino. A exclamação “ah!” é o acabamento da cena protagonizada pela dupla. Com tal manifestação, a criança atesta que tanto ela quanto o analista participam da ação, ou melhor, são eles os promotores da semiótica que se enraíza próxima ao corpo desses protagonistas.

Em meio ao protagonismo da dupla, a criança coloca-se em condições de refazer as experimentações originárias de seu aparelho psíquico, pois seus movimentos ganham sentido em presença do analista. A função significante, que reivindicamos para essa situação clínica, além de estar calçada nos aportes teóricos que informaram nossas análises clínicas anteriores – Weizsaecker, Merleau-Ponty e Langer –, está assentada no ambiente criado pelo encontro analista-criança que, quando proveitoso, é capaz de tecer essa manta narcísica, a qual nos referimos como tecido de onde podem ser desfiados os significantes sensíveis que dão direção à experiência. Como já mencionado, essa manta narcísica está tecida no cuidado do analista dispensado à criança, na atenção aos seus movimentos e na expressão de admiração que envolve a relação com ela. Tal círculo de sustentação pelo corpo, pelo movimento, pelo gesto, enfim, pela disposição *páthica* do analista, o torna componente sensível da realidade da criança. Ele aparece à criança como corpo ou como parcela sensível do corpo, mas ele pode acontecer ao psiquismo

da criança como a *representação-coisa* que falta, ou mesmo que “fala”, ao fundamento psíquico dela. O caminhão, devolvido tantas vezes pelo analista às mãos da criança, já não encerra mais a realidade de um simples caminhão. A repetição, por sua vez, também não é a reprodução infinda de um mesmo gesto. O valor gerado pela atividade repetitiva da criança, em presença do analista, pode estar além das forças que a levam a repetir, se acreditamos que há um componente de acréscimo que se produz nesse trabalho psíquico. Em nosso exemplo, há sempre pequenas variações introduzidas pela presença do analista, que as realiza sem que, tantas vezes, ele próprio as possa identificar, seja pela maneira com que devolve a bola colorida à criança; seja pela dedicação com que aprecia o rolamento da mesma esfera; seja pelo toque libidinal que sua própria ação dispensa aos circuitos do menino. Mas é esse valor sensível excedente, agregado pelo analista à atividade de repetição da criança, que consideramos passível de conversão às *representações-coisa* da própria criança.

A “mais-valia” do trabalho do analista, gerada como componente excedente e dissonante da repetição, no ponto de contato analista-criança, pode ser apropriada pela criança como *apresentação sensível, significativa e criativa*, originada pelo movimento e pela ação. Portanto, o analista, agora recepcionado como *coisa sensível*, também gestado no invólucro psíquico que abriga a criança, pode se tornar a *representação-coisa* capaz de cerzir, pelo contato, prováveis desvãos havidos na formação psíquica da criança. Joaquim, em sofrimento autístico, buscaria recuperar a existência das *representações-coisa* que formam as primeiras camadas de impressão do Inconsciente, em tempo originário. A atividade dos sistemas de defesa, pelo isolamento e encapsulamento, convive com a atividade para obter das coisas uma inscrição original, nem que seja a invenção de uma curta sensibilidade, inelutavelmente extraviada dos ciclos da repetição. O que define a *representação-coisa* é a coisa vivida com os recursos de uma época, inscrita como invenção do sujeito no psiquismo. As representações, em psicanálise, conforme já anotado pela

observação de Laplanche (1992), são *superposições* de experimentações, daí porque o *objeto* que se presta a ordenar uma experiência do Ego pode, em tempo, recair como *coisa* no Inconsciente. Em perspectiva, o corpo analista pode ganhar o estatuto psíquico de *representação-coisa* para a criança, fazendo notar que o inconsciente se constitui na imediaticidade da experiência vivida de todos nós, o que também podemos cogitar como nossa experiência autística de constituição.

Nos debruçaremos agora sobre o detalhe clínico do jogo com a grande bola azul. Nesse recorte clínico, lemos que Joaquim, estando de frente para o analista e antes de devolver a bola, vendo-se encoberto pela grande esfera, desloca o tronco para a direita, dirigindo o olhar para o lugar do analista. Só então, certificado pela sua percepção, libera o movimento da bola. Notamos que há, nessa tomada da criança um *approach* que nos permite tentar a articulação entre o corpo, o olhar e o outro. Num rasgo de intuição fenomenológica, poderíamos dizer que vale mais saber olhar a cena do que sabê-la explicar. Quando o analista registra o olhar da criança, e antes mesmo de completa a revolução da grande bola, reconhece que ali se operara uma transformação. Assim, o que o analista estava prestes a receber já não era apenas a bola em sua materialidade. Aquela criança acabara de subverter o mundo condensado naquele objeto. O analista esperava a devolução de uma bola. Era apenas um jogo tantas vezes repetido, era apenas a contabilidade de mais uma reprise. Mas a criança, com seus traços de fenomenologia autística, embaralhara a nossa *ciência* com o seu olhar. Senão, vejamos! Temos o gesto da criança, que verga a cabeça e muda seu ponto de visão. Ao fazê-lo, ela desliza sobre planos que vão da realidade material da bola, passando pela imagem de seu corpo até, quem sabe, os portões de uma realidade mediada pelo corpo do analista. O “corpo é um eu natural” (Merleau-Ponty, 1971, p. 213), o que permite afirmar que a toda percepção exterior corresponde uma percepção do corpo e, *mutatis mutandis*, aliam-se às percepções do corpo as linguagens com as quais se percebem o mundo exterior. Portanto, vemos com os olhos, mas olhamos com o corpo. O olhar não representa a visão, ele está

alhures, em errância com o ponto de visão – todo olhar é vagabundo. Com maior elegância, Quinet (2004) sintetiza: “O olhar é o invisível da visão” (p. 43). A bola, que oculta a visão da criança, permite que ela olhe com os olhos da pulsionalidade escópica, o que transparece sua vontade de passear seu olhar pelo objeto de desejo e sua satisfação de ter o corpo olhado pelo outro, esse outro que ela procura com seu olhar e que fora qualificado por ela. Nesse instante, o analista nada enxerga na criança, apenas olha, com os olhos da pulsionalidade com que ela o enlaçara. Ao olhar, a criança dá-se para ser olhada, e ela só pode olhar pela presença de um anteparo que a impediu de ver – um corte que subtraiu a sua visão. Não nos parece exagerado dizer que, nesse tempo fulgurante, realizou-se a função de enlace da pulsão. As filigranas teóricas, para as quais fizemos apelo nesse capítulo, da pulsão à representação-coisa, estão aqui justificadas, pelo simples movimento do pequeno Joaquim, que desloca a angulação de seu olhar. Ele desejava impelir movimento à bola, e ao fazê-lo ele próprio viu-se capturado pela lente intempestiva da direção pulsional de seu corpo, confrontado que estava pelo corpo do analista. O que estava perdido em sua visão ajudou-o a encontrar-se consigo mesmo em seu olhar – isso, o pulsional.

O que se comemora com esse recorte clínico é a possibilidade de a criança projetar o seu corpo próprio na ação de seu olhar, e ela o faz dirigindo sua intenção ao analista. Essa capacidade de enlace pelo corpo consideramos um dos fundamentos para a genealogia da palavra. Contemporânea a essa conquista, na mesma cena clínica, a linguagem começa a aparecer em jogos sibilares, tais como esse do “lá”, com o qual a criança completa a palavra “bola”. O olhar, na perspectiva dessa clínica, é um precursor do enraizamento do corpo no registro psíquico, o que fertiliza o terreno para o cultivo da palavra. Trouxemos o olhar porque é ele que se destaca nesse exemplo clínico; contudo, poderíamos falar de outros significantes primordiais como o tato, a sonoridade, o paladar, que são transmitidos ao registro psíquico ou remodelados criativamente,

tal qual Joaquim foi capaz de remodelar a visão na perspectiva do olhar. Joaquim dissociou o olhar da visão, ao se desviar da visão estrábica, freqüente em crianças com dificuldades autísticas, que usam do estrabismo para evitar o corpo alheio e o seu próprio corpo. Ao fazê-lo, ele deu início à desconstrução da versão anátomo-fisiológica de seu corpo – o que todos os humanos são levados a operar desde o rebento da vida –, cedendo à realização do corpo vivido nos influxos do sofrimento, do desejo e da satisfação.

4.3 – INSCRIÇÕES ARCAICAS E TRADUÇÕES

A inscrição da representação-coisa, que tem por base experiências precoces, volta-nos à rede psíquica que se estende no contato da mãe e seu bebê, e que, repleta de elementos significantes, evoca experiências traumáticas e não passíveis de representação à consciência, com as quais mãe e criança haverão de lidar. Na formação do mundo interior, como já mencionado anteriormente, o introjetado resulta do processo de recriação do experimentado. O mundo interior do *infans* não é o depositário de lembranças fidedignas às experiências reais. O processo de introjeção, fundamento das formações psíquicas, opera sobre essas *coisas*, sendo que aquilo que passa a constituir o psiquismo não é a memória passiva dessas *coisas*, mas a versão idiossincrásica dessas *coisas* construída pelo sujeito. Lembramos, como exemplo, que o bebê gestado na análise por Melanie Klein não é o mesmo bebê observado por ela em seu desenvolvimento *in natura*. O bebê que emerge da realidade psíquica não é a cópia mnésica do bebê com o qual lidamos na vida material, conclui Laplanche (1988, p. 54), a quem devemos essa última consideração.

A partir daquilo que já está indicado no texto de Freud, a oportunidade do pensamento de Jean Laplanche se apresenta, posto que ele passa a especular acerca desse momento primário da vida psíquica inconsciente, digamos, anterior à cisão da tópica psíquica, ou daquilo que Freud considerava o recalçamento secundário propriamente dito. Laplanche opera com assiduidade a aproximação entre a introjeção primária e a atenção dispensada à criança pelas pessoas que se ocupam dela, a título de cuidados maternos, em geral, exercidos pela própria mãe. O trecho, retirado de Freud (1933b/1996), dá causa à problemática que se segue:

“No período em que o principal interesse voltava-se para a descoberta de traumas sexuais infantis, quase todas as minhas pacientes contavam-me haverem sido seduzidas pelo pai. Fui forçado a reconhecer, por fim, que tais relatos eram inverídicos, e assim cheguei a compreender que os sintomas histéricos derivam de fantasias, e não de ocorrências reais. Apenas mais tarde pude reconhecer nessa fantasia de ser seduzida pelo pai a expressão do típico complexo de Édipo nas mulheres. E agora encontramos mais uma vez a fantasia de sedução na pré-história pré-edipiana das meninas; contudo, o sedutor é regularmente a mãe. Aqui, a fantasia toca o chão da realidade, pois foi realmente a mãe quem, por suas atividades concernentes à higiene corporal da criança, inevitavelmente estimulou e, talvez, até mesmo despertou, pela primeira vez, sensações prazerosas nos genitais da menina” (pp. 120-121).

A partir dessa consideração de Freud, na qual reconhece a sedução exercida pelo cuidador, ainda que não intencionada pelo mesmo, Laplanche desenvolve o conceito de sedução com interesse na formação do psiquismo, chegando a propor a *Teoria da Sedução Generalizada*. Outra referência de Freud, que abriga essa concepção de Laplanche, trazida por nossa observação, situa-se na *Carta 52* de Freud (1950/1996) endereçada a Fliess, na qual o aparelho psíquico é estratificado em termos de tradução de um registro a outro. A noção de tradução, para

a qual aduziremos detalhes em seguida, é outro aspecto igualmente nodal que, junto à noção de sedução, dão contornos para esse desenvolvimento de Laplanche.

A consideração de Freud suscita em Laplanche a reflexão acerca desse primeiro momento de inscrições arcaicas que se efetivam no terreno de manobras da sexualidade e recebem tradução para o campo do Inconsciente. O tempo de fundação do Inconsciente, no qual tem lugar o assim denominado por Freud, recalçamento originário, refere-se ao material significativo levado ao Inconsciente antes da constituição fatiada do aparelho psíquico, material que funcionará como pólo atrator dos futuros conteúdos, a serem dispensados para essa instância, quando posteriormente operar o recalçamento secundário.

A freqüentada passagem histórica, acima narrada por Freud, da sedução à fantasia, recebe, em Laplanche, um aporte conceitual que vem enfatizar um aspecto, por certo, encontrado em todo o desenvolvimento da psicanálise realizado por Freud, mas que ganha, com o pensamento de Laplanche, um contorno de destacada importância. Trata-se da participação do *outro* na constituição do aparato psíquico da criança. Todos sabemos a importância que Freud concede ao jogo das identificações que têm lugar na cena edípica. Contudo, veremos com Laplanche (1988) que, na pré-história edípica, a presença do adulto já se faz marcar junto à criança, ao promover a implantação de representações que, advindas do universo societário, que informa as práticas e os cuidados com a criança, restarão depositadas no inconsciente infantil como significantes desses contatos entre o corpo da mãe e o corpo da criança. Quando dizemos corpo da mãe, incluímos, aí, a palavra da mãe que chegará à criança igualmente como mensagem corporificada da própria mãe. Assim, Laplanche (1992) situa essa presença fundamental do *outro* na vida do *infans*:

“Vocês sabem que, de minha parte, tenho a maior repugnância em admitir – o que, por vezes, um certo freudismo foi levado a desenvolver – a idéia de que seria necessário fazer sair o mundo adulto de uma espécie de

mônada fechada sobre si mesma e narcísica. Penso que o estado objetal, até mesmo a objetividade, desenvolve-se a partir de modalidades de presença, evidentemente uma presença ‘não-tética’, para falar como os fenomenólogos, mas uma presença no mundo. Pois bem, o que é importante para o recalçamento originário é que – nesse estado de uma certa presença, estado pré-consciente-inconsciente anterior à distinção de um sistema pré-consciente e de um sistema inconsciente – aparecem representações sublinhadas, delimitadas, fornecidas, implantadas, pode-se dizer, pelo mundo dos adultos; sendo a primeira e a mais importante dessas representações, evidentemente, o seio” (p. 62).

O que Laplanche propõe, no ponto em que Freud reconhece o caráter excitante da mãe voltada à criança, é uma autêntica cena de linguagem, embora as palavras, enquanto signos metafóricos, possam não ocorrer no desenrolar da mesma. O que tem lugar para além das eventuais palavras é principalmente o manejo da criança pela mãe, a higiene de seu corpo, o asseio de suas partes genitais, a nutrição pela via de um órgão que é também sexual; além do que todo o ambiente do corpo da mãe e do espaço físico feito de odores, cores e texturas, tudo, enfim, a serviço de uma “sedução necessária”, lavrada pelo sentido e pelo desejo, em face dos quais o *infans* há de confirmar a vocação inalienável da condição humana, a saber, aquela de traduzir a vida e o mundo para dentro de si, lembrada afortunadamente por Laplanche (1988): “o ser humano é e não cessa de ser um ser autotradutivo, autoteorizante” (p. 120). Para nós, essas letras são guias a evitar filosofias, pedagogias e biológicas que esfriam a capacidade de interpretação inventiva, quando desestimam o versar das crianças, em vias de erguer o corpo como morada de si – corpo no qual *são*, mas que nem sempre é *corpo são*, pelo menos na vista das disciplinas sanitárias da vida. As crianças versam sobre o que, por vezes, jamais chegarão a compreender, já que a *incompreensão* é o apanágio primeiro e último da sexualidade humana.

A sedução, resgatada por Laplanche, por nenhum título deve ser confundida com práticas pedofílicas do adulto. A propósito dessa afirmação, Laplanche (1988) considera que o desinteresse de Freud pela teoria da sedução, no ano de 1897, deve-se ao fato de que o próprio Freud não pôde, naquela época, alcançar a importância da sedução como dimensão estruturante e originária do aparelho psíquico, o que o impediu de discriminar a sedução abusiva da situação de sedução generalizada, tal qual, anos mais tarde, o próprio Freud foi levado a reconhecer, como podemos acompanhar na amostra, registrada acima, de uma de suas conferências de 1933.

Laplanche (2006) define a circunstância delimitada pelo encontro entre a tenra criança e o adulto, que, para ele, ultrapassa de longe a relação pais-filho, como da ordem de uma *relação antropológica fundamental*. Ao enunciar essa relação precoce, Laplanche não admite aquilo que, em outros autores, encontramos sob o título da *simbiose*, posto que, de imediato, o não-eu pode ser distinguido dos limites pessoais da criança. Nesse tempo inaugural, pronuncia-se a psicogênese sexual do aparelho psíquico, compreendida pela reativação das pulsões sexuais que se mudam no adulto, de tal sorte a aportarem à criança, que se encontra aos cuidados e atenção dos pais ou substitutos, voltados a sua sustentação afetiva e material. A transação que aí se dá tem a qualidade de uma comunicação, mas como em toda comunicação, sujeita a ruídos e restos ininteligíveis, tanto para o adulto quanto para a criança, que Laplanche (2006) consigna com a expressão: *mensagens enigmáticas*. Alerta o autor que não são exatamente mensagens inconscientes, mas que têm um *compromisso para o inconsciente*. A mensagem adulta não encontra tradução imediata por parte da criança. Assim se dá no modelo do aleitamento, quando, a um só tempo, temos: “amor e ódio, apaziguamento e excitação, leite e seio, seio ‘continente’ e seio excitado sexualmente, etc” (Laplanche, 2006, p. 12, tradução nossa).

Laplanche (1988) diverge da teoria do apoio, na qual a pulsão sexual tem origem na autoconservação. Em sua fórmula, “a única verdade do apoio é a sedução originária” (p. 80). Para

a compreensão dessa cena originária da sexualidade do *infans*, a observação do referido autor faz notar, justamente, a sedução que se depreende e se desprende do adulto, mas que do próprio adulto é desconhecida e, está claro, não intencionada. O adulto não conhece o código desses *significantes enigmáticos* e a criança não o possui. Na interpretação do autor, ao não conseguir explicar a si mesmo essa sexualidade que ocupa o sujeito sem que ele o saiba, a conduta parental torna-se traumatizante para a criança. O cenário que descortina essas tramas do originário é assim narrado por Laplanche (1988):

“Pelo termo sedução originária qualificamos, portanto, esta situação fundamental na qual o adulto propõe à criança significantes não-verbais tanto quanto verbais, e até comportamentais, impregnados de significações sexuais inconscientes. Do que chamo significantes enigmáticos, não é necessário procurar longe para encontrar exemplos concretos. O próprio seio, órgão aparentemente natural da lactação: podemos negligenciar ainda seu investimento sexual e inconsciente maior pela mulher? Podemos supor que este investimento “perverso” não é percebido, suspeitado, pelo bebê, como fonte deste obscuro questionamento: que quer ele de mim?” (p. 119).

Há todo um excitatório que decorre do encontro com o *outro* (seio) ou dos cuidados dispensados pela mãe em favor do bebê. Ao visar à nutrição, o bebê esbarra com esses significantes de caráter excitante, sexual e traumatizante, o que faz com que o *outro* participe com o seu inconsciente, que, na forma dessas *mensagens enigmáticas*, invadem o neonato, deixando marcas no psiquismo em formação, e um remanescente excitatório que o impulsionam na busca da descarga. Para o autor, a inscrição desses *significantes enigmáticos*, que emanam do inconsciente da mãe ou do cuidador e aportam no inconsciente da criança, constitui o primeiro tempo do recalçamento originário. O segundo tempo, que se efetiva *après-coup* (*a posteriore*),

ocorre quando “o trauma se converte em autotrauma e provoca o recalçamento” (p. 63). O que, em verdade, recai sobre o inconsciente como representação-coisa é o resíduo não tradutivo desses significantes originários. Nesse primeiro tempo, por não se tratar de um recalçamento propriamente dito, essas representações assumem um tipo de *estatuto em espera* ou de *limbo*, aguardando a oportunidade de tempo, em que esse remanescente não redutível à simbolização será afastado para o inconsciente e lá restará como representação-coisa. Representação-coisa que Martins (2006) compõe nos seguintes termos:

“Eles são os restos da atividade sensorial e perceptiva, com elementos visuais, auditivos, tácteis, olfativos, gustativos, em especial as experiências prazerosas e de evitação de desprazer, gravadas nos primórdios da vida psíquica infantil. Interpretamos essas primeiras experiências como sendo da ordem da corporeidade sem mediação, sem re-representação. Elas são as ativações dos traços de memória que foram significativos do ponto de vista pulsional” (pp. 23-24).

No desenvolvimento de Laplanche, acostado a Freud, a representação-coisa seria a parcela de *atividade sensorial e perceptiva* que, tendo entrado pelo aparelho perceptual, não conseguiria transpor os vários registros da atividade psíquica até a emersão à consciência, porque sobre esse resíduo atuaria uma recusa de tradução, sendo isso o que restaria como *representação irrepresentável*, intraduzível da experiência humana – já tecemos considerações a respeito do termo representação e da importância de salvaguardar o caráter vivo da experiência, que, com o uso de um neologismo se faria *presentação*. O que está assim assentado não só constitui um enigma da vida, como também a propulsão e a revolução da atividade psíquica. A representação-coisa é a coisa recriada, transcrita e que não se gasta nas inúmeras tentativas de tradução, que esse *intradutível* concitará pelo desfraldar da vida psíquica de cada um.

“É assim que comento o problema de tradução que nos coloca a Sachvorstellung de Freud, que é, evidentemente, representação de coisa no sentido intencional, mas que no inconsciente se torna uma verdadeira representação-coisa. Este movimento da representação de coisa à representação-coisa significa precisamente esta fixação para além de todos os sentidos, até mesmo para além de toda referência, como dizem os lingüistas” (Laplanche, 1988, p. 74).

A afirmação de Laplanche confirma a transformação da percepção encetada pela atividade inconsciente ou, poderíamos dizer, as várias transformações, pois compreendemos que a propositura de Laplanche se faz com atenção à leitura do modelo “tradutivo”, como já indicamos, proposto por Freud, em 1896, esse que recordaremos em poucas linhas. Quando revisitamos a célebre carta 52 de Freud (1950/1996), dirigida a Fliess, lá encontramos uma organização do aparelho psíquico feita em diferentes estratos, apresentação que depois viria a se consolidar na *Interpretação dos Sonhos*, no capítulo dedicado à *Psicologia dos processos oníricos*. Nessa missiva, o aparelho psíquico é apresentado em termos de estratos, que encontrariam o seu melhor arranjo em conformidade com as *retranscrições* que se fizessem sobre os traços de memória, que se desdobram do sistema percepção/consciência. Portanto, essa noção de *retranscrição* ou *tradução* ganha corpo na interpretação de Laplanche, o que passamos a apresentar.

Freud assevera que a atividade psíquica desses distintos registros – que incluem estratos perceptuais (*W e Wz*), um estrato inconsciente (*Ub*), um estrato pré-consciente (*Vb*) e a consciência (*Bews*) – sofrem retranscrições quando passam de um nível ao outro. Quando as atividades de prazer/desprazer, ligadas à conservação humana e à sexualidade, colocam em ação a roda da vida, as leis da “representância” dão ensejo aos registros que repousarão sobre esses estratos. O acontecer da sexualidade, com o desenvolvimento, incrementa o prazer e o desprezer a eles vinculados, sendo que, quando o desprezer de uma dessas experiências é reconhecido num

estrato subsequente, ocorre a inibição da transcrição desse conteúdo, que permanece impedido e funcionando no modo de registro precedente, operação que tem por fito afastar o desprazer, sendo que essa recusa, na progressão da tradução, é a própria identidade da ação de recalque.

Quando continua a elaborar esse sistema na *Interpretação dos sonhos*, Freud lembra que esses registros se fazem, nesses estratos, segundo diferentes relações, por exemplo: simultaneidade, causalidade, similaridade. O que tem interesse para a compreensão dessas lembranças é que elas não são o conteúdo *ipsis litteris* das percepções. Freud nos diz se tratar, nesses registros, de algo mais do que aquilo que incide no sistema perceptual, e o que resulta acrescido desse algo mais é que se designa “associação” (Freud, 1900, p. 569). O que Freud apresenta é um modelo semiológico, confirma Laplanche (1988). As percepções fazem signos, transformam-se em traços, depois, em marcas de linguagem, e, assim, se sucedem nessa escansão psíquica que as tornam aceitas, ou não, em uma inscrição posterior.

Então, conforme vimos, aquela *mensagem enigmática* que espreitava as condutas da mãe voltadas à criança acaba por se fazer intrusão psíquica no *infans*. A intrusão do outro dá a partida na atividade auto-erótica da criança, fundamenta seu inconsciente e tudo se passa sem ciência e sem consciência. Aprendemos com Laplanche que esses significantes que vêm do outro, que vêm do corpo, que vêm do ambiente social, são traumatizantes, não por conta de seus conteúdos, pois são desqualificados nesse mérito, mas pela energia capaz de desestabilizar, pela excitação, a criança. Daí, conclui ironicamente o autor, a mãe é, por princípio, “insuficientemente boa” (lembrando a máxima de Winnicott). Mas isso não deve desvanecer a esperança de que possa se converter também em

“‘suficientemente boa’, para assim aliviar esse “insuficientemente boa” que está como que implícito em sua função. Assim, o problema da bondade, do apoio, do *holding*, do apego, certamente não deve ser negligenciado, como

fundo que permite a esse traumatismo não ser pura e simplesmente desestruturante, mas {...} é que a mensagem é necessariamente traumatizante, pois tende a se comutar em energia pura, em pura excitação” (Laplanche, 1992, pp. 101-102)

O que há de contradição nessas *mensagens enigmáticas* e traumatizantes, aportadas pela mãe, põe em marcha o trabalho de tradução e a procura por novos códigos, já que são insuficientes aqueles dos quais a criança dispõe. A maneira particular com que a criança é tomada nessa comunicação e os destinos dessa tradução e de seus resíduos operam no sentido de desenhar uma primeira versão do aparelho psíquico. O que alcança a tradução forma um nível pré-consciente. O trabalho de tradução compreende-se como a própria *historicização* da criança, e esse é, por excelência, o registro do Eu.

Laplanche (2006) preconiza *Três acepções da palavra “inconsciente” no âmbito da Teoria da Sedução Generalizada*, esse mesmo o título do artigo em que o autor examina o destino das excitações ancoradas ao imaturo bebê. A tradução dessas mensagens-excitação ocorre nas mesmas bases em que Freud descreve o esquema do traumatismo: um primeiro tempo de inscrição, no qual a mensagem fica mantida por uma consciência tênue; e um segundo momento em que esse conteúdo é revivido. Mas o esforço de tradução deixa atrás de si restos, e são esses restos que se depositam no inconsciente, coincidindo com aquilo que Freud define como sendo o *inconsciente recalçado*. Essa, portanto, a primeira acepção do inconsciente.

Uma segunda acepção decorre do fato de que, ao lado desse fracasso parcial de tradução, que dá origem a esse *inconsciente neurótico-normal*, Laplanche (2006) nos fala da possibilidade de um fracasso radical. Esse fracasso radical se coloca em melhores condições para a compreensão do campo psicótico, onde a *denegação* é privilegiada em desfavor do recalçamento propriamente dito. Portanto, assim teria lugar o chamado *inconsciente enclave*, portal de entrada

do aparelho psíquico. Para esse inconsciente acorreriam as mensagens provindas do *outro* e que seriam mantidas, às ocultas, por uma espécie de franja de inconsciência. O acervo dessa dimensão inconsciente seria constituído por todas aquelas mensagens que, dando entrada nesse sítio, não alcançariam a transcrição para o nível pré-consciente e, nem tampouco, sofreriam as vicissitudes que as levariam para o *inconsciente recalçado*. Ao lado das mensagens que sofreram o fracasso radical de tradução, encontrar-se-iam também – nessa zona de latência, que em verdade pode ser considerada uma zona de passagem – todas aquelas outras mensagens que, gozando de um certo *estatuto de espera*, aguardariam a oportunidade de uma tradução ou de uma renovada tentativa de reinscrição tradutiva.

Mas, a seguir, Laplanche ainda descreve uma terceira acepção do verbete inconsciente. O *infans*, como já afirmado, confrontado a essas *mensagens enigmáticas*, não encontra, nos códigos que ele tem a sua disposição, saídas para essas traduções, o que o faz se voltar para o domínio cultural. Assim, ele tem acesso aos códigos do ambiente cultural em que se fizeram *esquemas narrativos pré-formados*, isto é, transgeracionais. Aqui intervém o universo mítico, esse que se oferece como uma saída semântica, ao encontrar sua compreensão no processo de reversibilidade que o faz endereçado a um outro mito. O sentido que se encontra pela indexação de um mito ao outro, lembra Laplanche, parece ser o pensamento de Lévi-Strauss, para quem o inconsciente encontra-se nessa dimensão mítico-simbólica, da qual falamos no Capítulo 3. Por conseguinte, a tradução far-se-ia com auxílio nesse léxico cultural, que, para Laplanche (2006), menos deveria ser assimilado a um outro inconsciente e, tanto mais, compreendido como uma outra latência, que tem sua vez nas inscrições do *aparelho de alma* da pequena criança, como prefere denominar Laplanche, o assim conhecido aparelho psíquico de Freud.

Destaca-se da construção laplanchiana o bebê como um ser em atividade, e que se define pela sua ação tradutiva. Em sua atividade pulsional, ele precisa se desembaraçar do que recai

sobre si como estranho ao seu ambiente psíquico. É a oportunidade em que o ambiente cultural vem ao socorro do recém-nascido para ajudá-lo a metabolizar essas parcelas do *outro* em sua existência em processo de constituição. A ordem simbólica proporciona ao pequenino ser aquilo que, recordando o personagem de Lévi-Strauss, Quesalid, oferece a sua comunidade ou à pessoa do doente nas operações de cura, isto é, uma *linguagem* na qual o sujeito possa se inscrever historicamente. A *linguagem* que atravessa a criança deve ser entendida não apenas em seu plano discursivo, mas com sentidos performáticos que estão amarrados ao corpo e às próprias palavras. Portanto, o que essa *linguagem* empresta, como pano de fundo, são as letras de um texto, do qual desprender-se-ão sons, cheiros, texturas, cores; enfim, a impregnação sócio-cultural está aí por ser traduzida.

O discurso-ambiente materno, que se manifesta como cena de linguagem a envolver a criança, é reconhecido em sua eficácia por diferentes autores. Para nós, se cuida de qualificar esse fenômeno, como já antes referido, como experiência estética construída pela díade mãe-criança. O fenômeno ganha variações interpretativas, mas mantém o núcleo semântico de creditar à criança o estofo psíquico que dará forma significativa à experiência viva de seu corpo e, posteriormente, às formas do discurso. O mais tenro bebê, esforçando-se em um trabalho de tradução dos *significantes enigmáticos* desdobrados do ambiente materno, pode ser equiparado, enquanto acontecimento primordial, ao *processo de formulação*, observado por Susanne Langer, para quem, em face de uma vivência sensível, já se opera certa elaboração da *coisa* a ser apreendida. Para voltar ao neologismo da autora, já empregado nesse trabalho, diremos que, nessas traduções, cuidam-se de elaborar expressões simbólicas das formas de sensibilidade *sensiente* (Langer, 1980, p.30).

Ainda nesse mesmo diapasão, embora não tenhamos nos debruçado sobre a obra dessa importante psicanalista, torna-se oportuno lembrar o eloquente trabalho clínico de Françoise

Dolto, que resgata a eficácia semiológica do sensível para a organização do aparato anímico do *infans*. Quando consultamos sua prática psicanalítica, encontramos fenômeno equivalente, descrito por ela, nos termos de *percepções languageiras* que chegam à criança. Essa *rede languageira* refere-se àquilo que “personaliza as experiências da criança, quanto ao olfato, à visão, à audição, às modalidades do tocar, segundo os ritmos específicos do aspecto exterior materno” (Dolto, 1992, p. 122).

Em suas reflexões, Dolto (1992) descreve uma passagem eloqüente, clássica de sua clínica, na qual foi consultada, pelo telefone, por um pai aflito que morava em uma cidade do interior, no tempo da guerra. O pai lhe relatou que sua esposa necessitava ser hospitalizada e, desde então, a filha do casal, Agnès, deixara de se alimentar. O bebê demonstrava fome, mas não aceitava a alimentação. Dolto recomendou ao pai que se dirigisse ao hospital e lá obtivesse, junto à mãe, sua camisola suada e em uso. Em seguida, deveria levá-la até o bebê e envolvê-lo com a camisola suada em torno do pescoço, oferecendo, nesse tempo, a mamadeira para Agnès. O resultado, comunicado depois pelo pai, foi que Agnès recebeu imediatamente a mamadeira outrora rejeitada.

O bebê, concebido por Dolto, não se alimenta só do leite, não lhe é suficiente o leite, se esse comparece a sua boca destituído da forma sensível com a qual ele pode ser metabolizado – realmente, o leite é um objeto de necessidade complementar da substância que é o desejo. Para Dolto (1992), se a criança não é atendida em seu pedido de comunicação sensível e palavras com a mãe, ela pode expressar esse vazio; primeiro, com demandas disfuncionais como a regurgitação, que pode estar no lugar da falta de comunicação; depois, com radicalidade, chegar à desconstrução de sua própria imagem. Na falta desse tegumento imagético que reveste o corpo da criança, ela pode regredir em suas imagens do corpo, e essa regressão a imagens cada vez mais precoces acaba por fazê-la topar no corpo somático. Quando esbarra na própria carne e chega à

diluição do corpo imaginário, resta apenas o real do esquema corporal. A presença materna disponível ao lactente é o estofo intersíquico que favorece a constituição intrapsíquica dele, presença essa significativa no cheiro da mãe, na textura de sua pele, na modulação de sua voz, na luz de seus olhos, ou em tantas outras *porções autísticas de mãe*, que só um modo de existência sutil, como a dos recém-nascidos, é capaz de capturar com a consistência de uma unidade.

Voltando à posição e função do analista, na situação de tratamento da criança ensimesmada e sem fala, acreditamos que ela guarda estreito vínculo com essa cena da sedução, que supomos inaugural, das *mensagens enigmáticas* que transitam pela díade mãe-bebê. O corpo do analista, ao se compor com as condições do ambiente, e quando disponibilizado à criança, pode induzir certa excitabilidade que renove na criança a necessidade de se abrir para a tradução de signos gestados no contato analista-criança. O analista torna-se uma modalidade de presença que toca o corpo da criança com as *apresentações* ou *mensagens enigmáticas* de seu próprio corpo. O que observamos, no trato do analista com as crianças, para as quais dedicamos nossa atenção, é que, além de excitar, ele pode ser também o continente para onde a criança aporta a sua excitação excedente; é ele também quem pode socorrer às demandas de proteção da criança, e o faz com gestos e maneiras de seu próprio corpo. Um lugar de produção eloqüente do analista é aquele que equivale à presença viva de seu corpo junto à criança, como podemos acompanhar nos recortes clínicos até aqui apresentados. Isso não resulta de um golpe de consciência. O que põe em marcha a atividade psíquica da criança, e essa é uma indicação da psicanálise e da fenomenologia, é o rasgo que conforma, pelo contato humano, o ato de perceber em um ato de significar. Por certo, essa é uma definição do corpo vivido.

Mas o desafio do analista é justo encontrar esses pontos vivos, os lugares indicados pela criança, nos quais a situação analítica possa ser vivida como réplica dessa situação originária, de onde certamente chegarão os ecos desses resíduos intraduzíveis, no caso, ainda não repousados

como inscrições inconscientes, que possam sustentar e promover a tramitação psíquica. Colocar em jogo o inconsciente da criança, que evita entrar em jogo com o outro e com o mundo, requer a fluência do inconsciente do analista, e quem sabe, com isso – o que não pode ser prescrito, apenas desejado – possa ele afluír para os lugares de encontro com a criança. Não é por elegância retórica que Jean Laplanche acredita que “o corpo da análise, o enquadramento ou o ‘*setting*’, como se diz, não desempenha sua função de manutenção se não for habitado pelo corpo do analista” (Laplanche, 1988, p.95). Assim o é para aquele que, cumulado de inquietações, se aventura a disponibilizar o seu corpo de analista para compor o *corpo da análise*, junto a uma criança que claudica pela carência de um corpo, que em sua utopia possa abrigar a realidade excitada de seu corpo real. A função do analista que cuida de crianças ensimesmadas e sem fala passa essencialmente pela ocupação do ambiente ou pela edificação de um *corpo ambiente*, feito também das sensibilidades arcaicas do corpo do analista – outra maneira de definir as representações-coisa. O *corpo ambiente*, releitura e *apresentação sensível* do ambiente materno, não traz a garantia, mas o favorecimento de que, nessa página da vida, feita pela clínica, possam se desenhar as *Gestaltungs* primárias, tal como a *Gestaltung* do olhar, rabiscada por Thiago (Subitem 2.2) e depois por Joaquim (Subitem 4.2), que transitam pelo analista e ganham outras figurações na vida da criança.

Ainda com referência ao trabalho do analista, não é demasiado dizer que sua inclinação para decifrar a criança sem fala está amparada na experiência de sua própria corporeidade, para a qual ele pode se voltar enquanto acervo semiótico de sua vida sensível. Soa oportuna a observação de Roman Jakobson, quando se refere ao trabalho do lingüista frente a uma língua que desconhece. Como não se trata de decodificação, posto que tal recurso só é dado àquele que dispõe do código da língua, para ter acesso às mensagens que lhe são endereçadas, resta ao lingüista decifrar. Nesse caso, o trabalho realiza-se em sentido contrário. Em vez de valer-se do

código para chegar às mensagens, “ele tenta deduzir o código da mensagem: dessarte, ele não é um decodificador, é o que se chama um criptanalista” (Jakobson, 1974, p. 23).

Se voltarmos lá atrás à ação de Quesalid, vemos que ele tenta decifrar a dor da paciente com a sua movimentação mítica. Quesalid decifra, encenando, performando a dor da paciente. Para usar das referências acima, diríamos que ele tenta deduzir o código da mensagem, no caso, mensagem inconsciente, situando-se próximo, portanto, do criptanalista. No trabalho do analista, seria insatisfatório, por exemplo, tratar o som de uma criança ensimesmada e sem fala como uma mensagem a ser decodificada, na suposição de que ele, analista, detém o código da mensagem que é o som. Portanto, é inegável o quão tentados ficamos à adoção do *criptanalista* para dizer, em parte, o que se passa com o nosso analista de crianças. Destituído de um código previamente concebido, o analista haverá de valer-se de seu próprio corpo, para, se não decifrar, compor-se com as cifras da criança, pois é na composição que se podem alcançar os signos sensíveis e o aporte recriado desses signos, que restarão disponíveis à própria criança. Contudo, nada nos garante que os elementos sensíveis sobre os quais o analista se debruça, ou se torna debruçado, tenham, preliminarmente, o estatuto de uma mensagem, salvo se os compreendermos no sentido de Laplanche, ou seja, o de serem *mensagens enigmáticas*. Não obstante, acontece ao analista performar esses signos no contato com a criança, a exemplo do que se pode conferir no relato clínico a seguir.

Uma expressiva vivência clínica de Joaquim pode ser conferida na seguinte narrativa. Trata-se da descrição de duas cenas que dizem da variação com que a criança manifesta o seu existir. Agora, Joaquim já tem quatro anos. Ele fala palavras, frases, mas ainda não goza de fluência na fala, embora possamos testemunhar o prazer de dizer. Mesmo quando suas palavras não são tão claras para o seu interlocutor, resta nítida expressão de satisfação no ato de dizer as coisas. O que queremos demonstrar, com esse estrato da clínica de Joaquim, é a convivência de

posições que, ao nosso ver, referem-se a momentos distintos de constituição do aparato anímico da criança, mas que, não obstante, convergem nessa etapa de sua vida. Por oportuno, vale dizer que essas cenas chegam a coexistir numa mesma sessão.

A primeira cena refere-se a um jogo musicado, desenvolvido pelo analista com a participação de Joaquim. O brinquedo musical consiste em o analista cantar uma trova ligeira com os seguintes elementos: “quaaaando a poooorta abriiiiu, quem estava lá?”. Antes, porém, de entoar esse refrão, ora analista, ora Joaquim definem uma letra, que será o mote da palavra que responderá a esse refrão. O jogo começa ao anunciar-se, por exemplo, a letra “b”. Segue-se a trova entoada pelo analista, que culmina com a intervenção de Joaquim, proferindo a palavra “bola”. Essa seqüência repete-se ao longe, até o enfado dos participantes.

Como Joaquim mostra, nessa oportunidade, flagrante interesse por carros, ele exhibe, nesse jogo, todo o seu repertório de marcas, modelos e fabricantes. Mas não só, ele enuncia também o nome de bichos, objetos e até mesmo palavra abstrata. À feição dessa última, ao final do refrão que tinha por mote a letra “m”, Joaquim responde,

para a estupefação do analista, com a palavra “mistério”, sendo essa a composição completa: – Quando a porta abriu, quem estava lá?

Resposta: – O mistério!

Na outra cena, que convive com a anterior, é preciso dizer que Joaquim dedica atenção lúdica a um grande caminhão cegonha, disponível na sala de brinquedos, cuja carga compreende dez pequenos carros alojados em três plataformas, que compõem a carroceria. Joaquim, repetidas vezes, providencia a descarga desse veículo pesado, evacuando os carros pela rampa de descida dessas plataformas. O interesse de Joaquim, por esse conjunto de carros, dá lugar a outro jogo, o qual passaremos a descrever.

Depois de peripécias variadas ao lado do analista, em que se montam diferentes vias para a circulação desses carros, com manobras da criança combinadas com manobras do analista, o pequeno chega à seguinte composição estética: ele elege um desses carros, mencionando a cor e o modelo; pega-o com a mão e entrega-o ao analista, cuja tarefa deve ser a de fazer o carro percorrer o corpo da criança, a qual se acha sentada ao chão em frente ao analista. A

pista de rolamento do carro começa pela planta do pé de Joaquim, vira na extremidade dos dedos em direção à perna, segue reto pela coxa, sobe pela barriga e alcança às costas, contorna pelo pescoço e desce pelo hemisfério oposto do corpo, em mesmo trajeto, até a planta do pé. Depois desse périplo, a criança espera que o analista cumpra um circuito em seu próprio corpo, sem o qual Joaquim protesta com prontidão. O analista, atendendo à criança, conduz o veículo pelo seu próprio corpo, ainda que, nesse caso, o faça em rotas algo desordenadas. Após a conclusão da seqüência, Joaquim escolhe um outro carro e um novo circuito se inicia. Tudo se passa sem o recurso à palavra, a não ser quando anuncia o carro de sua eleição.

O que chama atenção, nesse recorte clínico, é que a criança bascula entre posições distintas. O jogo de palavras sugere uma posição psíquica mais avançada, enquanto o trafegar dos carrinhos pelo corpo, o recuo às posições primordiais. Entretanto, em ambas, há prevalência de elementos de sensibilidade do corpo que estão presentes como organizadores do psiquismo da criança. A eficácia semiológica da palavra, na primeira parte do relato, inspira tanto mais pelo caráter sensível, que pelo caráter discursivo. A palavra transita entre analista e criança tal como os carrinhos percorrem as rotas pelo corpo de ambos. A cena está circunstanciada pelo cantarolar do analista e pelas palavras de Joaquim. O corpo do analista, não intencionalmente, coloca em

movimento o psiquismo da criança, pela situação de sedução que logo se estabelece. O corpo da criança é incitado a se expressar e as palavras que ela profere são a expressão de sua excitação. Nessa etapa, o simbólico manifesta-se para a criança como expressão de um outro primordial, o que poderíamos até supor como *mensagem enigmática*, pela qual ela se deixa alcançar e com a qual ela tece o seu psiquismo. Nas franjas da sedução, a palavra vai galgando o status de discurso, que logo, como sinalizado por esses movimentos, será alcançado pela criança.

As palavras, proferidas pela criança, são, provavelmente, registros de cenas anteriores e, pela oportunidade do jogo, carreadas à situação analítica. A palavra “mistério”, por exemplo, colhida na fala da criança, não carrega consigo o significado do vernáculo, mas compõe com o jogo. O jogo de palavras erotiza a situação analítica, e Joaquim experimenta essas palavras em seu corpo, ou melhor, ele se lembra das palavras que, em algum momento, experimentou em si mesmo. Nessa estação da jornada de Joaquim, podemos dizer que a palavra “mistério” pode ter o cheiro da mãe, a voz do pai, a textura do quarto de dormir, o arranjo da casa da avó ou a cor com a qual se vestiu em tempo recente. Essa palavra – e aquelas que acodem à lembrança da criança – está para Joaquim como o cheiro da camisola suada da mãe esteve no pescoço do bebê socorrido por Françoise Dolto, para que ele pudesse ingerir a realidade material. A evocação da palavra, pela criança, demonstra que há trabalho de tradução operando em Joaquim. Por certo, não se trata de palavra ociosa, desconexa ou fora de contexto, como uma apreciação afoita poderia supor, pois a palavra é justa e necessária. É essa a palavra que serve à sua constituição e não poderia ser outra. Não ajustaria ao corpo vivido, em vias de se reformar, um sinônimo, um equivalente ou um similar. Se o analista propuser qualquer substituição, a criança recusa, fica com raiva e a brincadeira pode chegar ao desenlace. Nesse sentido, dizemos que não há discurso, por não haver desvio do curso. Há que se passar por esse caminho estreito, determinado pela atividade inconsciente da criança, em formação de seus estratos, por onde também deve passar o analista.

Mas chegando até aqui, essa criança não está longe de alcançar a capacidade de realizar os seus próprios desvios, desde que possamos acompanhá-la nessas rotas essenciais à restauração de seu corpo. A estreiteza do caminho não está na largura de sua passagem, mas na exigência de que, nessa embocadura, possa caber um outro disposto a testemunhá-la. Eis, portanto, o mistério!

Na segunda parte da cena clínica, Joaquim não apenas nomina o objeto, mas a disposição de seu corpo convida o analista para brincar, o que ele faz sem o uso da palavra. Há um enlace recíproco pelo corpo, que podemos dizer enlace pela sedução, na medida em que o simbólico é o sensível, pelo qual analista e criança se vêem atravessados. Joaquim espera que o analista entre na brincadeira. Joaquim espera, pois há uma seqüência que se completa com o corpo do analista. Se ele não o faz, a criança protesta com veemência. Em parte, esse jogo, naquele exato momento, não pode ser substituído por outro, supostamente por ser um jogo constituinte de sua formação psíquica. O carro que passa pelo corpo de Joaquim passa também pelo corpo do analista. A criança aceita que a rota que se faz pelo seu corpo possa ser recriada pelo analista. Assim, a criança aceita a recriação de seu próprio corpo pelo analista. A reprodução que o analista faz em seu corpo, da rota percorrida no corpo da criança, é a devolução que ele faz à criança do corpo dessa mesma criança agora recriado, o que, em nosso entendimento, é o que se produz com o gesto de imitação. Em meio à situação de ilusão, a criança acredita que, ao eleger um carrinho, ela cria a coisa ou a rede de sensibilidade que se estende do analista até ela. Esse jogo ainda não é um faz-de-conta, posto que o jogo é *apresentação sensível* para a criança, fazendo-se como *representação-coisa* para ela e, portanto, *mensagem* criada na relação com o analista e constituinte das formações do inconsciente às formações do Eu.

CAPÍTULO 5

O CORPO DO ANALISTA ACONTECE COMO SEMÂNTICA DO SENSÍVEL

Na continuação do exame da perspectiva semântica do corpo do analista, tomamos como material de análise outro flagrante da clínica de Joaquim. Na seqüência de cenas, separadas por, aproximadamente, um ano de tratamento, acompanhamos a ação da criança ao encontro criativo de novas composições estéticas, lugar singular de sua morada. A cena inicial, em ordem temporal, antecede ao primeiro extrato clínico apresentado no capítulo anterior. Como dissemos naquela passagem, os sapinhos de madeira foram, no início do tratamento, um dos seus primeiros dispositivos sensíveis de eleição.

Ao final de sua primeira sessão, em presença da mãe e da babá, Joaquim interessa-se por um sapinho de corpo de madeira e pernas de arame que, dotado de uma ventosa, salta verticalmente quando pressionado em seu corpo contra uma superfície lisa. Encontrando-se sentado ao chão, ao lado da babá e do analista, Joaquim reage com escancarada gargalhada aos deslocamentos do sapinho. Para reprisar a ação do mesmo, ele pega na mão da babá ou do analista de modo a

fazê-los acionar esse mecanismo. Seu gesto é acompanhado por um som, como se quisesse indicar sua intenção. Na continuação do tratamento, esse jogo permanece, por algum tempo, entre suas brincadeiras eletivas, assume variações e, por fim, ele próprio já dominara o mecanismo de acionamento do pequeno brinquedo. O analista e, algumas vezes, sua mãe testemunham o júbilo da criança, participando ativamente da cena lúdica. A mãe, inclusive, introduz uma vocalização – Pula sapinho! pula sapinho! –, entoada justamente no interlúdio entre o acionamento da peça e a explosão de energia liberada em seu sorriso.

Contado aproximadamente um ano de trabalho, temos a segunda cena. Joaquim está sentado, manejando blocos de encaixe, cuja base se faz em um carrinho com rodas. Ele sobrepõe os blocos, desde a base, uns sobre os outros. Entretanto, como não exerce força suficiente para consolidar o encaixe das peças, essas se mantêm num equilíbrio instável, do que decorre a eventual derrocada da pilha de blocos. Em meio a várias tentativas, Joaquim se irrita. Esboça um choro curto e uma pequena agitação seguida de sons. O analista,

posicionado ao seu lado, imita a sua conduta de irritação, e se faz acompanhar de sons semelhantes. Vale dizer que toda imitação foi realizada com certo exagero. Joaquim volta-se para o rosto do analista e começa a rir. Não satisfeito, ele se aproxima, primeiro explorando a boca do analista com as mãos, para depois colocar a sua própria boca em contato com a dele. Feito isso, ele repete a tentativa de montagem dos blocos e provoca, intencionalmente, a queda das peças. As peças voltam a cair. Joaquim olha para o analista e emite um som. Segue-se nova imitação. Renovam-se sorriso e exploração da boca do analista.

Nesse período, o pequeno Joaquim combina condutas de ensimesmamento com realizações, nas quais alcança alguma gratificação. Nas preliminares da primeira cena apresentada, a criança estabelece uma relação de jogo incipiente, sem fazer apelo ao outro por meio do olhar, de vocalizações, de gestos ou de outros recursos corporais. Sua conduta, inicialmente, instrumentaliza o corpo do outro. Entretanto, no fechamento dessa primeira cena, a escancarada gargalhada da criança, aos deslocamentos do sapinho, abre a possibilidade de vínculos transferenciais. O analista permanece ao lado da criança, despossuído de recursos para ter acesso a ela; ele se rejubila e compartilha a alegria e o entusiasmo da criança nessa circunstância. Consideramos que o estado prazeroso do analista, ao ver uma criança ensimesmada

se voltar de maneira *normalizada* para o brinquedo, com uma gargalhada, esperada em outra criança que estivesse ali presente, também deve ser contabilizado como excitação do analista que circula pela criança, tal *sedução generalizada* precisa ser contabilizada no impacto do corpo do analista dirigido ao corpo da criança. O efeito da sedução do analista no trabalho de análise com a criança há que ser melhor compreendido, especialmente com atenção à excitação que dele se desprende na condição de *analista insuficientemente bom* (para corromper o termo), o que lhe pode caber. Resta saber em que condições a criança pode operar com suas *formas*, que são as suas traduções, para dar conta dessa dimensão, incontornavelmente, traumatizante do analista. Mas se a criança é levada, em alguma passagem, a ensaiar a tradução do corpo do analista, antes, provavelmente, é porque o analista se colocou em condições de pensar a criança com as vicissitudes do corpo dele, o que semeia o ambiente favorável ao trabalho psíquico da criança.

Na seqüência das sessões, esse acontecimento clínico vai ganhando variações. Joaquim passa a dominar o mecanismo de pressão do sapinho e aguarda o tempo de disparo após o acionamento do mecanismo. Assim, seus gestos e sons entram em harmonia com os movimentos do sapinho e ele demonstra a capacidade de esperar por algo que ele tem certeza que vai acontecer. Na evolução do tratamento, ele admite a modulação sonora do jogo realizada pela mãe, o que, depois, é assumido pelo analista. A vocalização introduzida pela mãe – pula sapinho! pula sapinho! – adiciona ritmo à seqüência de movimentos e, com tal recurso de linguagem, ela oferece uma tradução para a brincadeira e uma moldura para a mesma. Com a reunião desses elementos, a montagem vai assumindo a forma de jogo, e o corpo da criança entra em cadência e ritmo com a brincadeira. A brincadeira, quando mantida pelo ritmo e pelos gestos cadenciados, desfia os primeiros fios que se prestarão ao laço transferencial, ténue nessa ocasião, mas já possível, de vez que, é nos adiamentos da criança e nas pausas que se vislumbram o lugar do outro – a pausa de Joaquim deu lugar à vocalização da mãe.

Decorrido um ano de tratamento, abre-se novo cenário, no qual o insucesso por não conseguir empilhar os blocos, a contrariedade de Joaquim e a conduta de imitação do analista fazem com que a criança se descole da cena em que ela se encontra para entrar em cena com o analista. Os recursos, antes incipientes, tornam-se manifestos com maior vigor: a criança olha diretamente para o analista e ri, quando esse imita, exageradamente, o seu comportamento; volta-se para ele até a exploração do rosto do analista com as mãos e a própria boca; introduz cadência, por meio da repetição da brincadeira, e compasso, com vocalizações, sinalizando ao analista o momento de realizar a performance imitativa. Assim, o corpo da criança articula-se com o corpo do analista, de onde se deduz uma organização psíquica mais avançada em direção às formações discursivas. Do ponto de vista da relação transferencial, a criança marca a falta, ao não conseguir a montagem dos blocos, ou torna-se marcada por ela. Em face do obstáculo, ela desliza para um jogo sensual com o analista e, nessa cumplicidade, o brinquedo é reinventado e torna-se brincadeira.

A imitação enseja, na criança, a procura pelo corpo do analista, e a cena resvala para a sedução. Ela não procura por um signo para fazer falar a *coisa*. Nessa sedução, a ilusão ou a convicção da criança é a de que existe a *coisa*, e a de que ela pode alcançá-la. A cena passa a ser embebida de uma força que tem como roda de transmissão o corpo de ambos, analista e criança, experimentada no imediato do que está sendo vivido. À margem de qualquer representação, a ação que se desenrola é a tentativa de recompor ou recriar o real, reconfigurado ali na extensão do encontro do corpo da criança com o corpo do analista. Quando a criança examina a boca do analista, inclusive com a sua própria boca, a tentativa sugere procurar por algo sensível, materializado dentro da boca do analista. A ação conseqüente seria a de recolher para si o que se propagara da boca do analista: os sons e os movimentos correlatos que os produzem. Em seu contato, não parece procurar pela pessoa do analista: tudo se passa a certa distância de qualquer

personação. O que ela visa encerra-se no som e no movimento emitido pelo analista. O corpo do analista, para a criança, compõe uma *montagem*. O analista coloca-se disponível para a criança em meio a essa *montagem*, compreendida pelos corpos de ambos. Na condição de corpo erotizado, o analista se converte em ponte, na qual transitará a criança da posição de recusa e irritação, pelo insucesso, para a posição de jogo, justo quando *o corpo do analista acontece como semântica do sensível para a criança*.

O analista encontra uma maneira de decifrar a criança, isto é, de tornar-se *semântica do sensível* para ela, e o faz retirando da mensagem corporal da criança, capturada por ele, o recurso para a decifração pela imitação. Essa foi a maneira que o analista encontrou, no caso em tela, para exercer o seu ofício pelos atributos de seu corpo. Na suposição de situar-se em posição equivalente àquela do *criptanalista* (Jakobson, 1974), frente a uma língua que desconhece, o analista também desconhece o código da mensagem, por assim dizer, no qual a criança ensimesmada e sem fala leva a efeito a sua existência. Esse desconhecimento o coloca, inelutavelmente, desvalido frente à criança. Com efeito, como temos insistido, o desamparo do analista, lugar do não saber, uma vez metabolizado, o faz retornar para o vivido em seu próprio corpo, de maneira a emprestar-se à criança em parcelas sensíveis. Se o analista revive a experiência da criança por meio da imitação, ele se coloca em condições de devolver a ela parcelas sensíveis de seu corpo, desconhecidas até então, e atravessadas pelo corpo pulsional do analista. A criança tem a oportunidade de galgar gradativamente a apropriação de seu corpo ou de parcelas dele, pelo gesto de imitação do analista. Aproveitando-nos ainda da metáfora do *criptanalista*, diríamos, que o analista, desprovido de código previamente elaborado, retira da mensagem da criança, dada pelos movimentos do corpo, um código particular, que ele devolve a ela pelo gesto de imitação, isto é, o corpo da criança passa pelo corpo do analista para ser

recebido novamente por ela. Prova disso é que, a criança, valendo-se desse código recebido do analista, entra na cena lúdica com ele.

Quando a criança se vê tomada de angústia, ocorre a intervenção via corpo do analista, que faz as vezes da interpretação, colocando a criança na brincadeira. A imitação ocorre, na situação apreciada, quando a criança encontra um óbice à continuação de sua ação. A imitação, que é um recurso de identidade, tem a qualidade de recair como *peça* a remediar a falha narcísica da criança. Por mais inusitado que possa ser o gesto do analista, seu corpo está determinado antropologicamente e, por isso, afeito a um acervo cultural que organiza *corpo e movimento*. Tal acervo, por igual, envolve a criança no ato da imitação, esse também um desdobramento de filiação ao humano que dá forma à brincadeira.

E não teria sido essa a conversão a que Joaquim se sujeitara? Pois, de sua busca infelizmente de um comprimento de onda sonora ou de um segmento de movimento fez-se a oportunidade de invenção de uma brincadeira, que tramita pelo corpo da dupla ao alcance de um ente estético, cuja apresentação resulta da *transformação simbólica* operada pelo encontro clínico. O corpo do analista encontra o da criança ao imitar seus gestos e sons. O que o analista devolve à criança, em sua imitação, não é apenas a réplica mimética daquilo que a criança emitiu; o que aí tem vez está em ordem com a *relação antropológica fundamental*, mencionada no capítulo anterior por Laplanche (1988, 2006), quando a mais tenra criança há de fazer frente à sensualidade de seus cuidadores, escorando-se nos códigos do ambiente sócio-cultural em que a sua história é narrada desde antes do seu nascimento. Afetado pelo corpo sensual do analista expresso pela imitação, Joaquim coloca-se em uma posição ativa em relação ao seu próprio corpo e procura o contato com o analista. Quando o pequeno recai em uma fratura, isto é, quando não consegue empilhar os blocos e, ato contínuo, se irrita, ele se detém ante algo que interrompe subitamente a continuação de sua tarefa. Todavia, ao se sentir provocado pelo gesto imitativo, é

para o *analista-boca* que ele se volta. O que acaba por acontecer é que a criança procura a boca do analista em estado de regozijo, oportunidade em que se abre a situação transferencial ou o vínculo sensível via analista-boca. O que começou com uma atividade isolada da criança se expande por toda a corporeidade da dupla, ao ganhar movimentos cadenciados e sons ritmados, garantindo por um tempo a repetição do jogo. Numa situação clínica, se pronuncia o *analista-boca*; noutra diversa, pode se ressaltar o *analista-mão*, e essas coisas parciais e parcelares se sucedem e se integram junto aos objetos, suas disposições e outras texturas do contexto, porque não dizer, enfim, da sutileza de um aparelho psíquico *ad hoc*, a serviço da criança, dado pela reunião desses elementos.

O que se passa com o analista, na clínica com essas crianças, o coloca em contato com essa dimensão primordial para a qual se encontra, muitas vezes, despreparado, qual seja, a de não ser, pelo menos por um tempo, um objeto total para a criança. Estranha ao analista, essa condição pode torná-lo, como já o dissemos, desvalido de recursos imediatos para manejar a situação. Acontecer para a criança como analista-boca altera a organização erótica do corpo do analista e impõe a ele o encontro ou o reencontro com zonas sensíveis, possivelmente desertificadas de seu corpo – para o que reservamos a expressão *ecos de si* –, esmaecidas ou embaçadas pela avassaladora pregnância da palavra e dominância da fala. O que se faz indispensável dizer é que a função do analista, no trato com crianças ensimesmadas e sem fala, não se faz às custas exclusivas da interpretação, mas sim, inclusivamente, de uma intervenção que brota de seu corpo – *ecos de si* que podem promover o laço transferencial, na ausência das palavras.

Estamos a sublinhar a importância do que acontece ao analista e o leva a realizar sua função sustentada no que ecoa como atividade psíquica de seu corpo, incitando-o a imitar a criança ou realizar com ela outras composições estéticas, como descrito no recorte clínico de Guili, no Capítulo 2. Por oportuno, voltamos a consultar as anotações desse tratamento, num período em

que a frequência de Guili às sessões tornou-se irregular, pois dormia pela manhã, após passar parte da noite em claro, manifestando agastamento e irritação. Nesse tempo, uma das sessões mostrou-se particularmente eloqüente para a caracterização da comutação abrupta de seus estados emocionais e da afetação do analista. Propomos seguirmos a seqüência dessa sessão, que retrata os paroxismos havidos no desenrolar desse encontro.

Quando chega, Guili vai até o bebedouro e ali permanece enchendo copos d'água que são derramados no vaso de planta da área de entrada do consultório. Convido Guili a entrar na sala. Ele se recusa. Por fim, carrego-o sob protestos e levo-o até a sala. A partir daí, o que se sucede é uma reação muito forte de Guili. Ele grita e volta uma série de agressões contra mim. Procura enfiar as unhas, bater forte com as mãos e chutar, esse último, um golpe novo, para o qual ainda não me achava preparado. Faz isso ao mesmo tempo em que seus gritos são intensos e o choro incontido. Só pára de me bater ao me puxar até a porta, insistindo em protestar contra a minha ação que o descompensou. Procuro me defender, afastando-o do meu corpo ou esquivando-me dele. Guili não desiste e parte atrás de mim. Por um bom tempo, ficamos nesse enfrentamento cansativo.

De repente, eu me detenho inconsolável ajoelhado ao chão. Guili acena com uma trégua, que se faz num gesto quase extraviado de toda aquela pancadaria – sua mão levada ao meu rosto suado e apreensivo. Agora, já não era mais a mão convicta do ataque. A pequenina mão, um tanto incerta, parece imantada pelo olhar magnético que sabe ver e fazer repousar o que via. Essa mão, estendida sobre meu rosto, atravessa tantas camadas da minha sensibilidade, que não posso evitar a invasão de uma forte emoção, que me afeta de forma tão ampla, a ponto de descerrar em mim outras cenas, para além da qual nos encontramos. O que Guili encontra com sua mão me desnorteia e, assim, desato em lágrimas. Esse surpreendente desvalimento de mim mesmo me mantém no chão, mas, prostrado, assim permaneço. Guili não é um expectador a deduzir os próximos passos da ação. Imediatamente, e mais uma vez, ele se coloca como protagonista do que se passa, contorna meu corpo e vai se alojar atrás de mim, abraçando minhas costas. Por um tempo, permanecemos nessa composição, que me restitui um certo alento para continuar.

Logo, Guili retoma toda a sua inquietação. Numa das vezes, volta a usar o recurso de bater com as mãos sobre sua cabeça. Eu o imito nesse gesto, ele me observa e cede nessa iniciativa. Numa outra fase de toda essa seqüência, Guili passa a combinar momentos de agressão com outros em que, chorando, faz todo um gestual que sinaliza a procura por mim e pelo meu colo. Numa dessas vezes, eu o carrego e o aconchego agarradinho a mim. É notável verificar que permanecemos por algum tempo nessa posição. Mas eu devo, segundo o que suponho ser sua indicação, me manter parado e em pé, com ele no colo, pois qualquer tentativa de sentar ou andar pela sala leva à reação de protesto, que se faz por mordidas na altura do meu pescoço. Estar assim com ele é apaziguante, tanto para mim quanto, suspeito, para ele. Após permanecer esse tempo no meu colo, Guili volta toda a sua carga incontida aos mais diferentes atos. Assim, desce até a sala contígua, chuta o espelho e chega a lançar objetos violentamente. Toda essa agitação passa a fazer parte de um circuito, que inclui passar pelo meu colo e permanecer quietinho ali, por um pouquinho de tempo que seja. Por fim, ele passa a se

interessar por depositar o bloco de massinha na pia do banheiro.

Abre a torneira e ali permanece envolvido em lançar pedaços de massinha na água. Não quer mais largar essa atividade e, assim, permanecemos até o final da sessão, quando então, com muita dificuldade, consigo que ele deixe o banheiro e tudo o mais para trás.

Quando sai da sala, imediatamente se dirige ao bebedouro. Depois de lhe fornecer um copo, retoma sua lida de irrigar com água mineral a planta risonha e benfazeja, que recebe, impávida, a carga potável de Guili.

Há um ponto de inflexão, ao qual é preciso se ater, digamos, um ponto de inflexão transferencial, e ele se situa, para o analista, justo na dobradiça que se faz da defesa frente aos ataques de Guili à inação, desolação, quando o analista se acha prostrado e caído, e chegando a lugar de remanso, encontrado no estreitamento do abraço, da mão levada ao rosto ou do regaço recebido pela criança. A passagem consulta os recursos do analista com atenção para o seu corpo. Com maior fidelidade ao acontecimento, poderíamos dizer da escassez de seus recursos. As faltas e equívocos do analista são deveras eloqüentes para a consecução do ambiente de tratamento, que não é outro, pelo menos nesses casos, senão, o que se desprende de seu corpo, mesmo, e por excelência, numa situação de derrocada da alma. A eloqüência da cena está em mostrar, pelos extremos, o que procuramos situar como acontecimentos que vão, em diferentes escalas, performando o corpo do analista e o *setting* terapêutico, onde ele cria os recursos para levar a

termo os seus atos. Nessa passagem, de modo especial, o corpo do analista foi o espaço clínico da criança.

Recordamos uma vinheta clínica apresentada por Gilberto Safra, que narra o encontro dele com Ricardo, um garoto com vida autística. Safra (1999) conta as inúmeras tentativas, realizadas por ele, para ter acesso ao garoto ou estabelecer algum nível de comunicação. Assim foi com os biscoitos, para os quais Ricardo tinha voltado o seu interesse desde as primeiras sessões, os quais recebia da mão de Safra, para em seguida vomitar sobre ele.

“Para mim era evidente que lhe era impossível suportar que eu existisse em alteridade, sem que ele tivesse tido a oportunidade de criar-me como um objeto subjetivo. O meu gesto era vivido como intrusão, e com seus vômitos ele tornava o alimento um objeto desumanizado” (Safra, 1999, p. 27).

Após o passar dos anos, Safra comenta seu *desânimo*, frente à ecolalia e às repetições recalitrantes de Ricardo. Mas em certo dia, ainda tomado pela desolação, Safra tenta mais uma intervenção com palavras, repetindo, Ricardo, como de hábito. Uma mudança parece ter se operado, nesse momento, entre eles, de tal sorte, que Safra percebe na réplica de Ricardo não uma ecolalia, mas, sim, uma frase de melodia singular. Segue-se um jogo entre eles de criação e repetição de melodias. A estupefação de Safra, por ter encontrado o que ele tanto procurara pelas indicações de D. W. Winnicott, a inalienável *criatividade primária* de todos nós, se revela em sua exclamação: – *aí está ele, na melodia!*

Algo semelhante ao estabelecimento desse campo transferencial, de modulação sensível, pode ser acompanhado no desenrolar do tratamento conduzido por Tafuri (2003), com sua paciente de nome Maria, que culminou, pela imitação das vocalizações da paciente, com a relação ou comunicação denominada por ela de *jogo dos sons*. Os *grunhidos* de Maria se transmutaram em *balbucios*, os *balbucios* se deslocaram às *garatujas*, e as *garatujas* trouxeram

os primeiros desenhos das *palavras* à boca. Dito assim, tudo parece simples, seqüencial, progressivo. Mas aqui também, quando acompanhamos atentamente o depoimento da autora, encontramos seus próprios *balbucios*. Mas não nos referimos apenas às repetições, em espelho, das produções sonoras de Maria. O que quero destacar precisamente é que a capacidade de brincar com os sons emergiu em meio às desilusões, hesitações e medos da parte da analista, assaltada pelos basculamentos repentinos da menina, que iam do *ensimesmamento prazeroso* ao *ensimesmamento sofrido* (Tafuri, 2003, p. 62). Assim, ela nos conta uma dessas passagens:

“Houve uma sessão em que ela evidenciou como a exploração do meu corpo estava associada a uma relação afetiva. Eu tinha acabado de encontrá-la em um de seus esconderijos. Dessa vez ela ficou irritada e me mordeu o braço. Afastei-me, sentei-me no chão e esperei que ela se acalmasse. Ela se aproximou, sentou-se entre minhas pernas e começou a passar as mãos em cima das marcas dos dentes que haviam sido cravados no meu braço. Eu fiquei muito emocionada. Não consegui segurar as lágrimas. Tentei me recompor e fiquei com ela no colo, por um longo período. A partir dessa época, Maria começou a chupar as costas das minhas mãos e a brincar de ‘morder’: ela colocava os lábios em meus braços e ia apertando até encostar os dentes. Aí, me olhava, sorria e soltava” (p. 63).

Nas diferentes amostras clínicas podemos acompanhar como cada analista experimenta fases de incerteza e desânimo, e como o estado do analista entra na conta de seu encontro com a criança. Em que tempo ou lugar, o autor do presente trabalho, Gilberto Safra e Izabel Tafuri puderam estabelecer o vínculo sensível nos tratamentos de Joaquim, Guili, Ricardo e Maria? Quando pôde o analista se surpreender com o *mistério* introduzido na resposta de Joaquim, ou tornar-se para o mesmo o *analista-boca* que, ele, analista, jamais imaginou ou se preparou para sê-lo? Quando pôde a mão cálida de Guili se estender sobre a sensibilidade do analista, prostrado

ao chão? Quando pôde Maria recuperar o seu próprio corpo, cravado nos braços da analista, desvalida de forças? Quando foi possível ao analista se surpreender com o singular, se espantar com o tom que destoava, se desconcertar com Ricardo e dizer: – *Aí está ele, na melodia!? Ou ainda: Aí está ela, na marca indelével do braço! Aí está ele, no analista-boca! Aí está ele, na palavra mistério!*. Enfim, as crianças se deixam estar em partes do corpo do analista, por excelência, um campo de forças retransformado pelas explorações ativas dessas próprias crianças. Há uma movimentação no corpo do analista, de forma a fazê-lo, por vezes, desabilitado de si mesmo. Mas é justo o que opera o vínculo sensível da situação transferencial. Pois, nessa metamorfose, os ecos do corpo do analista podem se converter e acontecer à criança como semântica do sensível, produzindo sentidos para ela que envolvam a apropriação gradual de seu corpo, isto é, apropriação do corpo em seu sentido sensível. A *intercorporeidade* acontece, lembrando o conceito de Merleau-Ponty, quando um efeito de reversibilidade do sensível atua sobre nós, tornando-nos, a um só tempo, ativos e passivos em nossa experiência de percepção.

Introduzamos uma pausa, um descanso, uma imprecisão que só a poesia é capaz de prover. O poema de Drummond (1983), “Procurar o quê?”, segue por aí, vazado em versos como este: “tropeço no possível, e não desisto de fazer a descoberta do que tem dentro da casca do impossível”. Para aquele que deseja participar do campo dessas crianças, não são palavras ociosas, confinadas à arte das Academias. Senão, vejamos! O encontro com o impossível se deu justo quando Gilberto Safra, Izabel Tafuri e o autor do presente trabalho tropeçaram ante o descabido, a desrazão, o *nonsense*. Justo quando se achavam desguarnecidos de saberes e vulneráveis nas ações: desolados, desanimados e desiludidos. Dentro daquilo que apuramos, resta uma estrondosa *verdade clínica*, que não se deixa traduzir em nenhum ensinamento, pois *a coisa* que aqui faz sua aparição, em nada se conforma a uma disciplina. O analista que é capaz de tropeçar em tudo aquilo que está ao seu alcance – a convicção teórica, a filiação, a experiência, o

pensamento etc – acaba por esbarrar na *casca do impossível*, lá onde mora o irreconhecível sujeito. Nenhuma experiência clínica parece tomar isso de forma tão radical quanto àquela com a criança ensimesmada e sem fala. Pensamos que a situação transferencial se constitui no ponto em que as efrações do sujeito se encontram com o analista abandonado a sua sensibilidade, prazerosa ou sofrida, fonte de renovada criatividade.

Quando examinamos essas passagens clínicas, vemos que, pelo trabalho de análise, nos termos aqui considerados, a criança é levada a produzir uma *apresentação* originária ou uma *representação-coisa*, na qual ela possa contemplar o seu próprio reflexo. A mímica, a repetição, a imitação, a composição estética promovem o campo de experimentações favoráveis à eclosão desse efeito humanizante: um gesto de imitação (cenas de Joaquim e Maria); a participação na composição de uma forma em movimento (cena de Guili); outras *Gestaltungs*, do olhar (cena de Thiago), do tocar (cena de Joaquim), do cantarolar (cenas de Joaquim e Ricardo); ou ainda outras modalidades de composição pelo corpo. Todas essas crianças passaram a existir, não importa se aligeiramente ou demoradamente, em seus próprios corpos, quando elas foram capazes de se *apropriar* de uma réplica criativa de si mesmas, que tem lugar nessa zona, nesse intervalo especular definido entre o próprio corpo e o outro. O mundo, o não-eu, o outro, só são conhecidos a partir desse trânsito. De um som, por exemplo, que, partindo da criança, percorre uma trajetória, na qual se encontra a resposta especular do outro e retorna até ela, com a chance de ser *metabolizado* e convertido em um signo original.

Nos exemplos citados, os analistas despertaram para essa verdade sensível. Foi quando conseguiram estabelecer uma condição de contato e comunicação com a criança. Quando esse vínculo sensível acontece, acreditamos depositar-se, aí, uma experiência de valor constitutivo, nutritivo e semântico para a criança. À medida que o analista vai elaborando o que acontece ao seu corpo, em melhores condições ele se coloca para entrar em contato com a criança. É dessa

possibilidade que nascem as várias ações terapêuticas exercidas pela via do corpo. Como cada analista opera a tradução dessas mudanças e experimenta essa condição de desarvoramento, frente aos atravessamentos psíquicos de seu corpo, enseja uma ação estética, como mencionadas anteriormente. O movimento e as formas, eliciadas pela atividade pulsional, são promotoras de significados para a vida psíquica. Com base nessa constatação inscreve-se nossa proposição teórica, que agora podemos enunciar de maneira mais completa: o corpo do analista acontece como semântica do sensível favorável à geração de formas em movimento, constitutivas do psiquismo da criança.

5.1 – ESTÉTICA DO SIMBÓLICO

A experiência singular das crianças ensimesmadas e sem fala, na autogeração de *formas* e *Gestaltungs*, esse último termo que melhor parece abarcar a dimensão processual aí implicada, encontra na experiência clínica da psicanalista inglesa Frances Tustin destacada contribuição teórico-clínica. Utilizamos o termo *forma* (*shape*) porque assim foi adotado pela autora. Pensamos que os achados de Tustin (1975, 1984, 1990) ganham luz se colocados sob o foco dos aportes fenomenológicos de Weizsäcker, autor para o qual demos entrada no Capítulo 2. Lembramos que Weizsäcker procura compreender a gênese das *formas* de movimento em uma perspectiva *páthica*, que considera, dentre outros aspectos, a percepção do objeto como fenômeno gestado pelo tato e pelo contato. Embora Tustin utilize a noção de sensação para falar da produção das *formas* na criança com sintomas autísticos, vemos que essa noção, no ensejo das considerações fenomenológicas, é preterida em favor da experiência que se supõe mais recuada

face ao fenômeno da percepção. Weizsaecker mesmo conjectura a hipótese de o movimento determinar o lugar e o momento da sensação, com maior chance do que a sensação guiar o movimento, do que resulta para ele que o movimento, a exemplo de um escultor, cria o objeto que acontece ao nosso psiquismo (Weizsaecker, 1958, p. 195). Por conseguinte, recobremos que o automovimento, implicado, por exemplo, no ato de tatear um objeto, promove a forma do objeto na mão daquele que realiza a sondagem, de maneira que aquilo que se apreende no psiquismo é a *forma* que resta na mão, criada na ação de contato sobre o objeto. Em sua ação, o agente da percepção toca e vê-se tocado e afetado por aquilo que perscruta. Não obstante essa ressalva epistemológica, quando tratando com conceitos de Tustin, preservaremos o termo *sensação*, por assim estar convencionado e estabelecido em seu pensamento.

Tustin (1990) afirma que as *formas* das crianças com sintomas autísticos caracterizam-se pela idiosincrasia que as impedem de serem compartilhadas por outras pessoas. Tomada de maneira mais ampla, a geração das *formas* é um fenômeno de compreensão inusual, *a fortiori* para aqueles de nós que trazem o simbolismo pela palavra como prevalente dentre as modalidades de contato e comunicação. Não obstante, são experiências acessíveis ao cotidiano de cada um, o que Tustin (1990) procura reconhecer na seguinte consideração de caráter didático:

“Vivemos em um mundo dominado por palavras e pelas formas dos objetos reais. Ao estudarmos crianças autistas, temos que tentar penetrar em um mundo silencioso dominado por ‘formas’ planejadas, auto-induzidas, amorfas, não classificadas. Escrever este capítulo convenceu-me do quanto é difícil cruzar a soleira deste mundo. O leitor pode estar achando tão difícil quanto eu achei.

Para ajudá-lo a entender, tente uma pequena experiência. Esqueça sua cadeira. Em vez disso, sinta suas nádegas pressionadas contra o assento da cadeira. Isso criará uma ‘forma’. Se você se mexer, a forma mudará. Aquelas ‘formas’ serão inteiramente pessoais para você. A atenção da criança autista se

torna tão focalizada sobre essas ‘formas’ inteiramente pessoais que a cadeira, como tal, não é importante para ela, embora ela possa estar vagamente consciente de sua existência e possa mesmo saber seu nome” (p. 103).

Ao reconhecer a importância das *formas* para a consecução da vida entre humanos, a autora, em questão, dedica-se à compreensão do que conceitua como a produção de *objetos e formas autísticas*. A produção de *formas*, reconhece Tustin (1990), a exemplo dos fenomenologistas já mencionados, é um evento que pertence à constituição psíquica do mais tenro bebê. No desenvolvimento normal dos bebês, essas *formas* organizam a vida pulsional que transcorre pelas mucosas da boca em contato com o mamilo, estendem-se pelos invólucros do corpo e por toda a superfície gerada, com detida atenção, pelas modalidades da tatilidade. Logo, adianta a autora, cuida-se de uma disposição inata da condição humana.

“Essas primeiras formas originam-se da ‘sensação’ de substâncias corporais macias tais como fezes, urina, muco, saliva, o alimento na boca, e até o vômito, algumas dessas sendo elementos para experiências repetidas. Entretanto, as ‘formas’ são mais importantes para a criança do que as substâncias corporais. As substâncias corporais são meramente produtoras de formas” (Tustin, 1990, pp. 99-100).

Em sua pesquisa, a autora encontra, no desenvolvimento do bebê, as *formas* primordiais, nas quais as percepções do sentido tátil e olfativo se tornam, gradualmente, integradas com aquelas da percepção mais distante, como visão e audição. Quando envolvidas pelo ritmo da responsividade materna, essas *formas* elementares ou constelações de sensações associam-se com os objetos do mundo real, transformando-se em conceitos e perceptos que têm por referência o corpo, destacando-se dessas *formas* uma primeira experiência do Eu. À medida que essa percepção avança, logo surgirão lapsos esperados pela distinção entre o corpo da mãe e o corpo

da criança. Nesses momentos em que a ligação é cortada, o bebê recorrerá à memória de seus vínculos primordiais registrados nos termos das *formas* autogeradas na imersão do ambiente materno. Por oportuno, em sua habitual interlocução com a obra de D. W. Winnicott, Tustin (1990) assevera: “Na primeira infância, a coincidência de formas inatas com correspondências semelhantes no mundo exterior é a primeira ‘situação de *holding*’” (p. 74).

Com relação à compreensão dos *objetos autísticos*, lemos em Tustin (1990) que esses objetos são utilizados pela criança de uma maneira idiossincrásica, que se desvia daquela para a qual foram planejados. Eles não são tomados em seu conteúdo e nem se prestam a um jogo de faz-de-conta; portanto, a criança atém-se aos contornos e perfis desses objetos muito mais do que ao significado e função, privilegiando o aspecto sensível: “Não tendo fantasia associada a esses objetos, a característica que domina neles é o fato de serem objetos-sensação. Nessa condição prestam-se à criança na montagem de seus círculos repetitivos de atividades.” (Tustin, 1990, p. 87). Outra característica anotada por Tustin é a “promiscuidade” no uso desses objetos, por maneira que um carrinho pode ser substituído por um outro carrinho igual ou semelhante, mas se ela perde esse carrinho isso é sentido pela criança como se perdesse uma parte de seu corpo, pois o objeto entra no lugar daquilo que supostamente foi subtraído da criança, nas relações primárias com a mãe nutridora. Recorrendo novamente a um paralelo com o pensamento de D. W. Winnicott, a autora considera que esses objetos são distintos daqueles descritos pelo psicanalista inglês como sendo os *objetos transicionais*. Pela definição de Winnicott (1975a), os objetos transicionais situam-se em uma área de ilusão, na qual a criança encontra a sua primeira “possessão não-eu”; já os *objetos autísticos* apresentam-se como tentativas de produção do “eu”. Como prefere dizê-los Tustin (1990), os objetos autistas são “possessões-eu”. Em trabalho anterior, refletindo sobre a produção ecológica da criança com sintomas autísticos, Tustin (1984) lança a seguinte propositura de inestimável valor clínico, que complementa sua compreensão

desse fenômeno: “Ecolalia é a manipulação de palavras e sons como se fossem objetos físicos tangíveis, para transformá-los em ‘eu’. Assim, palavras podem ser ‘objetos-sensação’ ou Objetos Autísticos” (p. 143). No extrato abaixo, a psicanalista comenta o desenvolvimento desse *senso de eu* das crianças, onde ela situa os embaraços que podem acometer o fluxo sensível que garante o estabelecimento desse sentido arcaico de existência de todo sujeito.

“Tudo é experimentado em termos de ‘eu’, ‘eu’ sendo o fluxo das sensações físicas que constituem o primeiro senso de ‘ser’ da criança, mesmo antes do ‘não-eu’ ter sido claramente diferenciado, embora existam momentos oscilantes de consciência disto. O trabalho com crianças autistas convenceu-me de que este senso primitivo de ‘ser’ tem que estar bem estabelecido, antes que a consciência duradoura do ‘não-eu’ possa ser tolerada. Sem isto, não existe a necessária autoconfiança. {...} Nas crianças autistas, este senso primitivo de ‘ser’ foi perturbado” (Tustin, 1990, p. 50).

Quanto às *formas autísticas*, assim como os *objetos autísticos*, essas também se revelam como tentativas de reconstrução desse *senso de eu* interrompido em seu fluxo por adversidades provenientes do ambiente da criança, sem que, no mais das vezes, possamos atribuir motivação ou intenção para as intercorrências vividas como perturbação psicogênica das *formas* autogeradas da criança, que, por sua vez, podemos dizê-las também, com permissão para o neologismo: *formas* autogeradas desde que possam ser *formas* “altersustentadas”. As *formas autísticas* são uma exageração daquilo que, repetimos, aparece como disposição inata já desde o início da vida. Para Tustin (1990), a autogeração de *formas*, privilegiadamente a produção de *formas* táteis, são reações da criança à perda desse senso de existência, de maneira que passam a dominar o mundo dos sentidos da criança em sofrimento autístico. A sensibilidade tátil prepondera sobre a visão e a audição. A visão é usada como se pudesse tocar as pessoas e as coisas; o mesmo ocorrendo com a

audição, que passa a ser vivida como uma experiência tátil. As *formas* são geradas nas superfícies corporais ou nas superfícies de objetos não corporais, mas vividas pela criança como se do corpo dela fizessem parte. Tustin (1990) acredita que as atividades de balanceios e giros dessas crianças são tentativas de produção de *formas* a partir das substâncias corporais; na mesma direção acham-se as formações de bolhas com a saliva da boca ou o muco do nariz. Nesses casos, a experiência é a de um círculo em contato com o corpo e não a de um objeto externo. Por conseguinte, as manipulações das secreções e excrementos estão a serviço das *formas* que têm, como plano de inscrição e impressão, a superfície da pele da criança. Assim, Tustin (1990) diz de uma criança atendida por uma colega a quem prestava supervisão:

“As formas feitas com sua saliva parecem exsudar de seu corpo como cola espalhada sobre uma superfície à qual ele se sente ‘aderido’. Estar aderido a ‘alguma coisa’ provavelmente o ajuda a sentir que ele é *alguma coisa* e não um nada. Mas a adesão não é uma ligação ou uma união, porque não há espaço entre a criança e o objeto ao qual ela se sente ‘aderida’” (p. 116).

Para a autora, *as formas e os objetos autísticos* prestam-se a contornar o temor das crianças de escorrerem para dentro de fendas ou buracos, e assim se extinguirem, em face da vivência de queda, no abismo insondável, trazida pela separação ou corte traumático com o ambiente materno. Tustin (1975) retira da clínica com seu célebre paciente, John, a expressão “buraco preto”, que revela, em sua interpretação do paciente, o assombro vertiginoso desse despencar e desse desamparo. Para evitar a dissolução na verticalidade de um tal “buraco preto”, as crianças colocam-se em disposição imitativa com as superfícies do mundo, reproduzindo com os atributos sensíveis de seus corpos os contornos estéticos das matérias que orbitam em torno delas. As crianças modelam o mundo a partir da experiência retirada do próprio corpo, montando

equações de *forma* nas quais: “armários e gavetas são ‘equiparados’... com estômagos; aberturas nas coisas são equiparadas com bocas... apontadores de lápis são freqüentemente sentidos pela criança como iguais à sua cruel boca que morde...” (Tustin, 1990, p. 49); e assim sucedem-se as apreensões das coisas, emprestando, com tal vesgo, organicidade ao inanimado, que se revestiu de ameaçador pela insuficiência de um organismo humano contentor.

Após dedicarmos atenção ao pensamento clínico de Tustin, incumbe-nos a leitura do artigo de Pierre Fédida, em que realiza percuciente dissertação sobre o *auto-erotismo e a experiência autística*, firmando um diálogo fecundo com a clínica da psicanalista inglesa. Em seu pensamento, encontramos formulações que, tão próximas das aqui esposadas, nos confortam por saber que, separadas pelo tempo e em geografia diversa, essas experiências clínicas podem guardar similaridades e acontecer às diferentes mentalidades.

Meditando sobre essa dimensão das *formas*, Fédida (1991) recorda uma inserção clínica de Haag (1984, apud Fédida, 1991), na qual a analista refere-se à *amputação do contorno da boca* das crianças com sintomas autísticos. O psicanalista francês observa que a ação posterior de restauração dessa condição – quando a criança começa a aproximar os objetos do contorno da boca e/ou bate sobre a boca com outros tantos objetos – conduz à reflexão de que, nesse tempo, estamos verdadeiramente ante uma *produção de formas e imagens*, que tem como superfície de inscrição o próprio corpo ou a própria pele da criança. Nessa oportunidade, ele recupera o pensamento de Tustin, com quem corrobora a assertiva, *ad nauseam* comentada, de que a produção dessas *formas sensuais*, tão prevalentes na clínica da criança autista, está na base do desenvolvimento normal dos bebês, quando, muito antes de qualquer representação discursiva, eles já se vêem às voltas com as sensações de seus humores e excrementos. Esses últimos, portanto, são os elementos corporais que, muito cedo, se impõem ao *infans*, levando-o ao auto-

engendramento dessas verdadeiras superfícies especulares de sensações, tal qual podemos acompanhar no texto de Fédida (1991):

“(...) o corpo da criança autista *torna visível* – como num desenho – as formas de uma surpreendente significância corporal, regida por *direção de sentidos* (o que Binswanger chamava de *Bedeutungsrichtung*) tais como a vertical, a horizontal, a frente, as costas etc. Cada esboço de gesto não é tanto simbolizante quanto a primeira colocação em forma de imagens. A menos que se diga que é justamente aí que se encontra a simbolização (...).

O trabalho de F. Tustin esclarece de maneira bastante concreta a idéia do *auto-erotismo de um círculo de formas* (verdadeiro *Gestaltkreis*). Quando a criança autista se lambuza com seus próprios excrementos, seus movimentos relacionados a “seu” corpo (?) solicitam localmente deste último *sensações de formas* sobre a pele. Não se trata ainda de desenhos. ‘É a *impressão* de uma forma que estas crianças pequenas obtêm sobre as superfícies de seus corpos’ (citação de Tustin, trazida por Fédida). Estas *superfícies* não constituem ainda a pele como fonte diferenciada (interna/externa) auto-erótica: são superfícies de impressão ou, mais exatamente, projeções de superfícies a partir do suporte da pele. A pele não é ainda um subjétil, como poderia ser no caso do histérico. Ver assim as coisas através da formação-deformação das formas é reconhecer a tentativa da criança autista de se proporcionar (compulsivamente) um esquema parcial de identificação de si por meio de sua própria substância (o excremento) em contato com sua mão (preênsil) *criando* a superfície de impressão geradora de uma forma sensual-sensorial” (pp. 154-156).

Pensar no corpo ou mais propriamente na pele como superfície de *Gestaltkreis* conjuga-se com nossos esforços de trazer à pauta dessa compreensão o pensamento de Weizsaecker, especialmente, como já o dissemos, na ênfase que ele atribui ao movimento para a gênese das *formas*. Em uma perspectiva algo diversa de Tustin (1990), que considera o remodelamento

levado a efeito pela criança como segmento não saudável de sua existência, “na qual os dispositivos de criação de formas da mente humana seguiram um caminho desviante e vão” (p. 231); de nossa parte, com base em nossos achados clínicos, acreditamos que o movimento que a impele a imprimir *formas* sobre a superfície da pele, se por um lado marca o ensimesmamento da criança, por outro, deixa entrever uma abertura, estreita que seja, para o enlace, que podemos reconhecer como *círculo das formas* que pode se efetivar com a participação dos movimentos e do corpo do analista. O movimento da criança, em presença e pelo testemunho de outro humano, pode ganhar a *direção de sentido* da inalienável inventividade da condição humana, abrindo-se para o enlace da erotização e, assim, deixando de ser contabilizado apenas como repetição e desvio psicopatológico, especialmente quando as *formas* da criança ganham a qualidade de serem auto-erotizadas pela presença do outro. Aqui, somos remetidos, por exemplo, à lembrança da cena de Joaquim, quando faz circular o carrinho, em pistas abertas, em produção de *formas*, do corpo dele ao corpo do analista (Subitem 4.3).

As *formas* da criança são a tentativa de encontrar o balanço psíquico de seu corpo, desestabilizado pela percepção de perda de uma parte vital do mesmo, o que se poderia supor como perda vital do corpo da mãe. Essa tentativa reformula o corpo próprio e o ambiente que o contorna, e no caso do tratamento psicanalítico, incluído está, nessa reformulação, o corpo do analista. A experiência do analista, com suas *formas* associadas com as *formas* produzidas pela criança, já o dissemos de outra feita, transforma o ambiente de tratamento, pois o *mundo silencioso das formas* não o é apenas da parte da criança, e uma das dificuldades em *cruzar a soleira deste mundo* está em nos dispormos a compor com a criança, de tal sorte a alcançarmos *formas* em que possamos reconhecer o compartilhamento do corpo que nelas se efetivou. Acompanhando o estudo de Fédida, encontramos outros pontos de alinhamento com a clínica que realizamos, e eles estão na leitura que fazemos do corpo do analista, que resta afetado pelo corpo

da criança. Os *signos em formas sensoriais* da criança pronunciam-se sobre o corpo do analista e eliciam nele mudanças, assim consideradas pelo autor:

“A prática clínica com crianças autistas (e mais particularmente com crianças bem pequenas) solicita *imediatamente* uma subversão do espaço e uma tal modificação do tempo que a disponibilidade do corpo em relação àquilo que *se passa* transforma-o ao mesmo tempo no *lugar* estável de recepção dos mais discretos fenômenos (por ex., os imperceptíveis movimentos do olhar, as aparências de movimento do corpo da criança em sua imobilidade “cristalizada”) e um *lugar policênico* de produção de formas especulares, isto, de alguma forma, em troca dos esboços de signos sensoriais da criança. {...} Na presença de crianças autistas, o corpo do terapeuta é muitas vezes mantido, desde o início, em uma exterioridade radicalmente indiferente: e caso ele (o analista) pacientemente encontre o lugar de sua recepção sensório-cinestésica, nesse momento – embora aparentemente nada tenha mudado – tudo já é diferente. Este *lugar de recepção* é portanto o lugar do corpo deformável e transformável pelos signos sensoriais do corpo da criança (voz-ruídos/semblantes-aspectos de afetos brutos/gesto da imobilidade) *a uma distância imaginariamente móvel deste último*. Dir-se-ia que tudo acontece como se fosse necessário encontrar essa distância, e graças à sua mobilidade *cin-estésica*, uma invisível superfície de contato, adequada à lentidão do tempo e a uma outra percepção das *aparências*” (Fédida, 1991, pp. 153-154).

O autor acredita que a experiência do analista de tempo e espaço é alterada pelo vivido impactante trazido pelo corpo da criança. As *formas* inventadas pela criança incidem sobre o corpo do analista e o transformam, suscitando nele *figuras* que o incitam à criação e ao movimento, deslocando-o dos lugares habituais de seu próprio corpo e levando-o à produção, junto à criança, de novas *formas* passíveis de figuração pela linguagem discursiva. As formas inventadas pela criança engendram os lugares do corpo, as cavidades, os orifícios e as superfícies

nas quais essas mesmas *formas* são assentadas, isso propriamente conta como a tentativa da criança de engendrar lugares de *ipseidade*. Ao mesmo tempo em que a criança, pelo recurso repetitivo às formas, afasta o outro de si, por outro lado, ela procura por um *topos* onde possa recostar o seu existir, o que implica, por algum meio, aceitar a influência do outro ou aceitar o que está humanisticamente marcado. O corpo do analista, alterado pelos movimentos e pela experiência sensível da criança, pode operar como dimensão estética suporte dessas *formas*, que poderão ser figuradas pela linguagem, sendo, portanto, essa composição que se realiza entre o corpo do analista e o corpo da criança, uma modalidade estética de valor simbólico ou, como preferimos dizer, *estética do simbólico*. A leitura que fazemos da situação clínica assim concebida, na qual o corpo do analista recebe e é transmutado pelo corpo da criança, erguendo o que convencionamos chamar de *corpo ambiente*, pode se fazer, transferencialmente, com contornos de linguagem, na qual a criança venha a se inscrever com as *formas* sensíveis de seu próprio corpo. Mas não só: o próprio analista passa a exercer a sua função analítica a partir da experiência vivida em seu próprio corpo. É daí que ele retira os recursos para a apropriação significativa daquilo que a criança faz, do que ela realiza com o corpo dela, das suas evoluções, enfim, dos seus movimentos. O analista sustenta as formas eliciadas e geradas pela criança, pois sem a sua sustentação, sem a conformação e o concerto de um tal *corpo ambiente*, as *formas* da criança sofrem pela falta da sustentação e podem se esboroar: “Em suma, a percepção analítica durante o tratamento é transferencialmente uma *recepção visual* de formas que se tornam *figuráveis* pela linguagem e graças à qual novas formas podem ser geradas”(Fedida, 1991, p.155).

O analista, quando passa a compor com a criança um *corpo ambiente*, se amplia com vistas ao corpo em que ele antes efetivava a sua experiência vivida, mormente se aceitarmos que, nesse processo de reinvenção do corpo, ele também é levado a encontrar-se com o que designamos as áreas desertificadas de seu próprio corpo. Como já o dissemos, o corpo do analista

torna-se susceptível ao corpo da criança, de tal sorte que, na reversibilidade incessante da fenomenologia sensível, o analista, ao tocar a criança ou ao entrar em contato com ela, é levado a se tocar perante a renovada geografia estética de seu corpo, integrando áreas ou combinações de vias sensíveis antes esmaecidas em sua capacidade de experimentação – foi justo o que comentamos, por exemplo, no ocorrido com Joaquim (Capítulo 5), quando quis apanhar o som na boca do analista, renovando, com seu gesto, o corpo desse último. Para a compreensão do termo metafórico *desertificado*, do qual nos valem ao longo de nosso texto, tenha-se em mente que a paisagem desértica não é estéril, assim o parecendo apenas num exame preliminar, pois, como o sabemos, até mesmo as dunas são dotadas de mobilidade. É só por acreditamos nessa possibilidade, que o analista, nessas *formas* despertadas em seu corpo, pode se fazer a morada da ânima da criança.

As *formas* sensuais e sensíveis que se colocam em discussão na clínica com a qual laboramos, têm também seu correspondente em outros campos semiológicos. Pelo menos, essa é a proposição de Tustin (1990), título original de sua obra *Autistic Barriers in Neurotic Patients*. A analista inglesa, dentre seus exemplos, recorre ao paralelo entre a experiência autística psicogênica e a experiência relatada por um alpinista tomado pelo terror da queda iminente. O alpinista, inerte nos penhascos, está a ponto da desincorporação das garras do tempo transcorrido, com a paralisação da atividade psíquica e isolamento da experiência do mundo exterior. Em tal balanço psíquico precário, vivido como a perda de uma parte vital do corpo, restam-lhe reações automáticas. Essa experiência de perda e pânico é cotejada com o que acontece à criança com vida autística, em refazimentos contínuos para lograr, através de composições estéticas, a recomposição de seu senso de existência, supostamente extraviado pela perda vital de um corpo *alter*, vivido e sentido como *auto* (Tustin, 1990, p. 152). A autora conclui com a sugestão de que na constituição humana resta, quase sempre, uma porção de autismo em

todos nós. Remetendo-se ao ponto, Fédida (1991) subscreve essa apreciação, para quem é possível encontrar organizações da vida adulta que dão causa, por exemplo, a dores físicas, como se a dor, erguida pela atividade autosensual, estivesse aí para estabelecer um *lugar*, às avessas, comemorativo da abolição do outro no âmbito de si mesmo – um dos exemplos trazidos pelo autor é o das úlceras gástricas, que parecem remanescer como única fonte autosensual da incessante cavilação obsessiva.

“De fato, não é raro constatar, no decorrer da fala narrativa ou mesmo associativa, a oposição de verdadeiras zonas autísticas, que sugerem ao analista a imagem de um “buraco” ou de um “enclave”, de um desmantelamento ou de uma “identificação adesiva” (Meltzer) ou ainda de outras imagens que vêm significar queda vertiginosa no interior do corpo, invaginação, a autodeglutição, reabsorção catastrófica etc. Tais fenômenos – que podem ser denominados “autísticos”, mesmo na ausência de comportamentos comparáveis aos de uma criança autista – apresentam como principal particularidade o fato de se encontrarem isolados de uma fala que possa descrevê-los, produzindo apenas imagens sensoriais experimentadas pelo analista de uma forma completamente diversa daquela que poderia ser chamada ‘metáforas’” (p. 152).

A observação do autor se harmoniza com as impressões que temos recolhido da situação clínica com crianças que não falam ou mesmo quando, na extensão do termo, pacientes adultos experimentam o contato com suas zonas autísticas. Ocorre que, ao ser tomado por essas *imagens sensoriais*, o analista deixa de ser considerado em sua totalidade erotizante, para assumir parcelas do real que são os *ecos de si* ou ecos dos lapsos de vida havidos na insuficiência de *Eros*. Quanto a isso, restaria-nos cogitar e indagar da viabilidade de *Eros*, embora presente nas *formas autísticas*, não atender, nesses enclaves, ao *princípio de ligação*, assinalado por Freud

(1920/1996), como princípio característico das *pulsões de vida* que enlaçam e se organizam em crescentes agregados vitais com o universo humano circundante.

No extrato clínico de Joaquim, examinado linhas acima, falamos do analista-boca, quando queremos dizer de uma parte do analista que é isolada pela criança. Assim, desfocando do todo erótico do analista, ela se situa em uma porção, e ao fazê-lo, desperta no analista a sua própria experiência autística. Nessa experiência, o analista passa a produzir *formas* com as quais encontra um renovado lugar para o seu corpo, mas é justamente a experiência que o torna assimilável e sujeito de comunicação com a criança. A experiência estética do corpo tomada em isolamento pode se equiparar à paralisação da atividade psíquica do alpinista, na vivência de queda, mencionado por Tustin ou, de outra vertente, lembrar a experiência disruptiva dos analistas, nos tratamentos de Joaquim, Guili, Ricardo e Maria, anotados na seção anterior. Não obstante o isolamento dessa experiência estética de seu corpo, é nessa experimentação de queda, pela perda momentânea do todo erotizado de seu corpo, que ele, analista, pode se debruçar sobre a criança em posição de recepcioná-la – como assevera Fédida, nessa hora, *embora aparentemente nada tenha mudado, tudo já é diferente*.

Na continuação da consulta ao pensamento de Fédida (1991), afeito ao tema, o autor considera, a partir das formulações de Eugen Bleuler, dedicadas à esquizofrenia, a hipótese freudo-bleuleriana, na qual “é o sonho que representa o paradigma teórico-clínico do autismo” (p. 160). O fenômeno do sonho trata de uma experiência sensível e imagética, e nessa experiência tem lugar um sentido, isto é, o sentido do desejo. Agora, quando observa o corpo autístico e o que esse é capaz de trocar com o corpo do analista, estamos em um campo delimitado pela feliz expressão do autor: *sensorialidade do sentido*. Contudo, a hipótese do sonho encontra-se em dificuldade quando a ela se junta outra consideração de Bleuler, dessa feita para afirmar ser o autismo um auto-erotismo sem Eros (apud Fédida, 1991, p. 160). Mas, para cuidar dessa

contradição psicanalítica, que levaria à admissão de uma atividade onírica sem Eros, Fédida (1991) admite a seguinte distinção: “Eros referindo-se a um outro e Eros referindo-se ao si-mesmo” (p. 161). A distinção de Fédida, não obstante as dificuldades metapsicológicas dessa compreensão, a avaliamos proveitosa quando dá abertura para considerarmos as *formas* autísticas sensuais, na exclusividade do próprio sujeito, cogitação teórica que, em parte, responderia o que, logo acima, aventamos como Eros não atender ao *princípio de ligação* nesses enclaves autísticos. No prolongamento desse raciocínio, admitimos que, para as *formas* autísticas alcançarem a direção da *sensorialidade do sentido*, confiadas ao estatuto do outro, necessitam da presença e do testemunho de um outro corpo. Podemos dizer que a constituição do corpo da criança passa pela demanda de um corpo alheio, que se, por um lado a traumatiza, por outro, aporta a esse mesmo corpo as mensagens-excitação que a colocam em movimento, o que confere o *upgrade* indispensável para que as *formas sensuais* da criança se cumulem de movimento e, assim, adentrem ao *círculo sensual das formas*. Nesse caso, consideramos não só o movimento idiossincrásico da criança, mas também o movimento das *formas* que dão contorno ao seu mundo; portanto, nessa função de contorno do mundo da criança, o analista é provocado a se pronunciar e a encontrar o seu lugar ou as suas próprias *formas* de recepção da criança.

Apresentamos abaixo mais um recorte da clínica de Joaquim, na oportunidade, contando três anos de idade, no qual acompanhamos o seu movimento dirigido à boca do analista ou, como já o dissemos em vinheta anterior, dirigido ao analista-boca. Trata-se do momento em que paciente e analista chegam a estabelecer em seus encontros o freqüentado jogo das crianças de esconde-esconde, ocultando-se atrás de móveis, valendo-se de almofadas para tapar o rosto e assim por diante. Vale lembrar que, em tempo recente, o pequeno iniciara sua entrada na fala, predominantemente pelo uso das vogais.

O jogo começa com o seguinte apelo: *cadê ô ... ? Que nas suas letrinhas fica aproximadamente assim: {a-ê-ô- ...} . Segue-se o nome dele. Quando eu o encontro, muitas vezes agachado no centro da sala, devo dizer: achou! {a-ô-u!}*. Assim, o jogo vai ganhando *variação e revezamento entre nós. Numa das vezes, após achá-lo, eu digo a vogal {a}, e me demoro em concluir a palavra, retendo o restante {chou}*. O pequeno, na expectativa da minha conclusão, *insiste repetindo {ô-u}*. Não satisfeito com o retardo, e estando eu *sentado ao chão e ele em pé à minha frente, o menininho flexiona os joelhos e conduz seu olhar na direção de minha boca. Aproxima e explora a minha cavidade bucal, como se estivesse a ver e procurar, pelo toque, a parcela que lhe faltara.*

As *formas sonoras* que compõem e dão a marcação rítmica ao jogo tocam o corpo da criança, o complementam e são *per si* promotoras de movimento. Esse caráter de essencialidade atesta que as *formas sensíveis* fertilizadas pelo jogo de contatos estão para a criança, e logo assim se pronunciarão no analista, em um plano, para além ou para aquém, da coisa que representa e da coisa representada. Se do plano da representação se tratasse, Joaquim não precisaria encurtar a distância para tocar, ver ou sensibilizar-se pela peça estética cuja falta lhe ressentira. Se o corpo do analista recebe as *formas sensíveis* auto-engendradas pela criança, essas podem ganhar em

movimento, se fazerem pelo movimento e serem o motivo da aparição de novos movimentos. Nossa proposição *do corpo do analista como semântica do sensível favorável à produção das formas* encontra mais uma demonstração. Ao se aproximar, Joaquim procura no corpo do analista um referente, e ao fazê-lo, ele reconfigura a experiência da corporeidade entre eles. O analista jamais esperaria que a criança fosse procurar em seu corpo esse significante estético. Mas o movimento de Joaquim empresta semântica à vivência clínica; o analista se espanta com sua ação, e esse espanto desencadeia, no analista, a experiência *páthica* capaz de transformar ou reconfigurar as linhas de sentido de seu próprio corpo. No jogo de esconde-esconde, a criança inventa *formas* com sons vogais e movimento ou com sons em movimento. Cabe observar que a *sensorialidade do sentido* dessas *formas* toma a direção de algo essencial para a criança, isto é, essa peça estética que a criança supõe extraviar-se compõe a corporeidade da criança no contato com o analista. Pois, é justo o que também incide sobre o corpo do analista e o transforma, suscitando nele, por seu turno, novas formas *figuráveis pela linguagem*. De nossa parte, acreditamos que a clínica com a criança ensimesmada nos leva a consultar justa porção autística em nós. O olhar da criança toca o corpo do analista, assim como as palavras do analista tocam o corpo da criança, e assim se efetivam integrações intermodais da percepção. A criança procura pela palavra, pela massa sonora, pela experiência tátil do som, enfim, por uma porção de seu corpo que, para ela, deve estar na boca do analista. A criança precisa dessa peça acústica, pois nela corre parte de sua existência. A peça está em relação temporal e espacial com a criança, e a presentificação dessa peça evita a queda vertical e abissal de sua psique. Essa forma sensação, por paradoxal que seja, é o *topos* do outro que a criança realiza e aceita pelo viés de uma autogeração. A criança faz contato com o analista ao buscar nele uma peça produzida por ela, mas que também é o próprio analista ali existindo, juntamente com ela nessa escansão do tom afetivo, que a faz inclinar-se à cavidade sonora do analista. Ao nosso sentir, a busca de Joaquim

junto à boca do analista completa o *círculo das formas* sensuais, pois ela ingressa no movimento dirigido ao outro, na intenção de restituir o seu próprio corpo com aquilo que ela supõe estar do lado do analista.

Como já firmado, pretendemos, com o alargamento dessa noção de *zonas autísticas*, apreciar o trabalho do analista, agora dizendo respeito à experiência do analista com o seu próprio corpo atravessado pelo agir da criança, tal como trazido no exemplo de Joaquim. Seriam essas *formas ou imagens sensíveis, eliciadas no corpo do analista*, o remanso transferencial, *a produção de um topos para este outro*, como prefere designar Fédida (1991, p. 157), ao considerar essa a *obra transferencial da análise ou da psicoterapia*? Enfim, teria essa *figurabilidade sensível*, que circula entre os protagonistas da situação clínica, os atributos e a conveniência de uma *linguagem*? Temos feito indicações no sentido da eficácia do sensível, que está na base da linguagem. A eficácia simbólica encerra uma dimensão estética e pragmática, a ponto de acreditarmos que essa dimensão confere uma malha transferencial constituinte da situação analítica com as crianças.

Chegamos abaixo a uma última tomada da clínica de Joaquim, obtida em um tempo bem mais avançado de seu tratamento e percurso. Joaquim agora tem cinco anos. Depois da aquisição da fala, ele se vale dessa para manifestar necessidades, expressar desejos, nomear aspectos da vida humana, animal e material, e revelar alguns sentimentos; contudo ainda não é capaz de entabular um diálogo duradouro ou de contar histórias na linha do tempo. Em sua comunicação, utiliza frases completas, compostas com o pronome Eu: *Eu quero....* Com o acesso à fala, seguiram-se também manifestações de ecolalia tardia, onde reproduz frases supostamente ouvidas anteriormente, ocorrência que vem sendo mitigada e espaçada. Ele também tem feito progressos, ainda que mais modestos, com vistas às habilidades motoras com o lápis e demais movimentos que exigam coordenação fina, os quais não domina completamente. Já no campo das habilidades

lógico-matemáticas, demonstra facilidade para lidar com números e figuras geométricas: contando, classificando e montando formas com blocos ou outros recursos. De posse de um abecedário, já o dissemos anteriormente, composto por letras avulsas de material rígido, Joaquim é capaz de grafar palavras escolhidas por ele ou solicitadas por um interlocutor, arranjando-as na seqüência correta. Outro domínio no qual tem galgado avanços refere-se à disposição para brincar e estar na companhia de outras crianças, embora ainda perdurem situações em que prefere estar isolado ou evitar o contato, não atendendo aos estímulos e solicitações de outras pessoas. Entretanto, quando sua disposição se volta para o outro, faz contato pelo olhar, joga-se no colo, sinaliza com gestos de carinho e atenção e é capaz de estabelecer brincadeiras com ritmo, regra e cadência.

Ao longo de uma sessão em que se mostra vigoroso, o pequeno aproxima-se lépido da caixa plástica que guarda blocos de montagem. Ele os entorna no chão e dá início a sua frenética atividade. Sobre uma base móvel de rodas, pertencente ao conjunto de montagem, os blocos de tamanhos variados são encaixados uns sobre os outros. O trabalho de Joaquim se faz com avidez, e movido pela azáfama de ver o resultado de sua montagem, até o encaixe da derradeira peça. Concluído o encaixe, ele leva a montagem até o rosto, e logo aproxima, em um contato sutil, a lateral alongada do

bloco à tez de sua face. Feito isso, ele desmonta o arranjo com a mesma pressa, e parte para uma nova formação dos blocos, para, ao final, repetir a experiência, oferecendo a face de seu rosto à efetivação de um novo contato. Sentado ao seu lado, eu partilho e participo, com admiração, da cena, testemunhando sua ação.

O analista, ao contemplar essa cena clínica, identifica nela um valor singular. O analista se situa na cena à maneira *páthica*. Ele vive a cena como algo de muita importância, mas é difícil informar o que se passa, por não haver tradução plena e eficiente para o campo do discurso. Mas algo o faz destacar essa cena do conjunto das demais. Na situação clínica, os acontecimentos são os mais variados. Inclusive, há rotinas enfadonhas, passíveis de análise, e outros tantos pontos cegos para o analista. Mas é preciso qualificar o que o analista recorta em meio a toda sorte de produções da criança. A cena selecionada, por certo, toca a sensibilidade do analista. O notável prazer de Joaquim também tem seu lugar no analista. A ação do menino, nesse jogo, nos inspira à apreciação de que sua travessia para o psíquico alcança um nível diferenciado de resolução afetiva de seu corpo. Essa conquista libera a palavra, com conseqüente progresso no campo da linguagem. Quando dizemos linguagem, queremos dizê-la também no sentido do corpo vivido e pulsional que a suporta. Ao tempo em que se arroja para brincar, essencial à sua economia psíquica, Joaquim o faz com notável ganho em desenvoltura e fluidez, desempenhando e reverberando, no corpo, o resultado de sua construção prazerosa. Nessa altura de seu tratamento, a criança abriga abertamente a sua construção prazerosa no corpo próprio. Ele lapida o seu corpo com o prazer, quando procura o contato entre o resultado de sua montagem e o rosto. Assim, de

forma continuada, ele estabelece ligações mais duradouras entre o brincar, o prazer e o corpo. A face do rosto que recebe o toque é inflacionada pela energia psíquica aí mobilizada, e tomada como referência de identidade e regulação das tensões do jogo.

O que temos, verdadeiramente, no andamento dessa cena, é uma criança em condições auto-eróticas mais favoráveis. Ela demonstra capacidade para subverter o seu próprio corpo, assumindo uma posição que, em parte, ultrapassa o auto-erotismo. A superfície da pele, além de plano de inscrição da forma sensual-sensorial, sugere ser uma porção do corpo investida narcisicamente. Nessa seqüência singela, ele parece não apenas viver na forma sensual-sensorial produzida pela montagem dos blocos, mas também introjetá-la, aos moldes de uma “introjeção primária”, a qual mencionaremos no próximo capítulo. Isso garante condições mais harmônicas com o seu corpo. Podemos dizer que Joaquim realiza aquilo que Tustin espera no trabalho psíquico das crianças nessa clínica – fazer do não-eu um ponto de ancoragem para o Eu. Com isso, a criança pode colocar em marcha a sua própria história traumática, na medida em que seu aparelho psíquico ganha em complexidade, e ela pode ser acometida e surpreendida pela memória das diferentes instâncias psíquicas.

É tal a apropriação que Joaquim faz de seu corpo, nessa altura de seu tratamento, que ele se capacita, por exemplo, a protagonizar a seguinte passagem: quando não encontra algo na sala de jogos, algum brinquedo ou peça perdida pelo chão, tal qual um carrinho, ao não encontrá-lo, Joaquim esboça um choro curto e diz: - “ele voou, foi de avião, desapareceu...”. O pai de Joaquim costuma realizar viagens freqüentes a serviço. É comum Joaquim associar o pai às viagens de avião, especialmente nos períodos de ausência do pai. Ademais, Joaquim realiza agora uma equação simbólica, na qual associa perdas e faltas das quais se ressentia com a lacuna afetiva que se abre para ele em decorrência das ausências do pai. Aquilo que antes era vivido exclusivamente no corpo, já pode agora ganhar o status do imaginário e o de um signo privado e discursivo. No

próximo capítulo, discutiremos um pouco mais a importância do ambiente e sua construção para que a criança, ensimesmada, possa chegar a hospedar o Eu no corpo libidinal.

CAPÍTULO 6

TESSITURAS PRECOCES DO EU

Nos exemplos clínicos trazidos ao exame do leitor, temos pontuado o protagonismo da criança, acreditando que, em sua atividade sintomática, a criança tenta se valer de seu próprio corpo e do corpo do outro para tecer arcaicos e, tantas vezes, impenetráveis fios de seu psiquismo. Pois essa tentativa de refazer-se, de reinventar-se, nos casos com os quais tratamos, com recursos os mais primários que nossa imaginação possa alcançar, é algo inexcedível da condição humana. O sofrimento agravado pela desconstrução pulsional pode ter a aparência da “desominização”, desalojada ou mal arranjada que está a criança em seu próprio corpo, lugar do prazer, do gozo e do encontro com o outro. Quando tratamos desse outro como sendo o corpo do analista, consideramos que ele está atravessado pelo simbólico, por certo, não apenas o simbólico discursivo, mas o sensível como simbólico, o simbólico suscitado na relação de encontro. A disposição e ação desse aparato, em composição com a criança, faculta e fecunda, nessa última, tenras tessituras que, ao nosso sentir, inscrevem-se no plano dos sentimentos do Eu. O corpo do analista, performado esteticamente pelos próprios movimentos e pela presença sensível de cores, odores, texturas e demais caracteres pessoais e ambientais, em seu ciclo de prazer/desprazer, pode acontecer, ao lado da criança, igualmente envolvida por esse entorno, para dar lugar a essa que é – na alvorada da vida – uma das mais importantes produções estéticas do sujeito, qual seja: o Eu em suas primitivas formas e formações.

O movimento tem estreita relação com a construção do Eu, melhor dizendo, o movimento atualiza o nosso corpo, reveste o corpo psiquicamente e é, ele próprio, gestor e realizador dos

primitivos sentimentos de Eu. Observação que se confirma pela apreciação de nossas experiências clínicas. Esse suposto teórico se reveste em um fundamento animador da clínica psicanalítica com as crianças ensimesmadas e, principalmente, antes da ocorrência da fala. A existência de um Eu precoce, ou melhor, de um sentimento de Eu que se esboça na aurora da atividade psíquica, a compreensão dessa tênue superfície de *ipseidade*, encontra referências no eixo da psicanálise, referências que partem de Freud e seus colaboradores e sucessores, mas que também podem encontrar abrigo em fontes da fenomenologia, como já tivemos oportunidade de visitar.

Nem sempre é possível encontrar uma nomenclatura que possa orientar o leitor quanto ao emprego dos termos Eu, Ego, Self etc, cuja aplicação se faz, entre os autores, com variações de sentido. James Strachey, editor inglês da obra de Freud, observa a dificuldade em relacionar as acepções que ocorrem no texto de Freud (1923/1996) para os termos Eu e Ego: o Eu, em geral, tomado no sentido da totalidade da pessoa, incluído o próprio corpo; e o Ego, incidindo freqüentemente como elemento de composição do aparelho psíquico. Segundo o tradutor de Freud, quando em vinculação com o narcisismo, o Ego parece se aproximar da noção de Eu. Assim é que chega a ocorrer, em certos textos de Freud, conforme informa Strachey, a igualdade entre “*das Selbst*” (Eu, Si-mesmo, Self) e “*das Ich*” (o Ego). Já em outros momentos, Freud procura distinguir essas duas acepções presentes no termo alemão “*das Ich*”. Notamos que o sentido de “*das Selbst*” tem particular interesse na elucidação da cena cotidiana na qual uma mãe sustenta e cuida do corpo do bebê – *Self* –, o que importa na constituição psíquica da criança. Assim, as concepções freudianas do Ego parecem estar reunidas, para efeito esquemático, em duas vertentes: na primeira, o Ego aparece como um órgão que se diferencia do Id, pela influência do mundo externo intermediado pelo sistema Percepção-Consciência. Assim o é, por exemplo, no texto *princeps* “O ego e o id”. Uma das conseqüências dessa concepção é a de que o

aparelho psíquico e o Ego, por conseguinte, encontram seu assentamento no corpo. Na segunda vertente, o Ego deriva das operações psíquicas de identificação, introjeção, narcisismo, dentre outras.

Abraham (1995) nos alerta que o campo psicanalítico está situado “entre o ‘eu’ e o ‘me’, sujeito e objeto da reflexividade” (p. 197). Além do que, e esse é, por certo, seu efeito paradoxal, não há como transitar na extensão desse domínio sem que para tanto se coloque em marcha as partículas que o delimitam, novamente o “eu” e o “me”, agentes que promovem e sofrem a ação, historicizam seus agenciados e revelam as quebras, partições e segmentações dos mesmos. Do mesmo jeito que fazemos o eu falar de um Eu que se derrama para além da consciência e se subordina às determinações de um *núcleo inconsciente*, assim também sofrem os demais conceitos psicanalíticos retirados do texto freudiano. Portanto, prossegue o pensador, quando encontramos, na linguagem psicanalítica, palavras como Prazer, Id, Ego, Dinâmico etc, essas não são metáforas, metonímias ou qualquer outra figura de linguagem, pois sofrem, quando aplicadas ao campo psicanalítico, uma *des-significação*. Assim, as palavras são desidratadas de sua significação para então assumirem um outro núcleo semântico, a partir do qual serão irrigadas, mantendo a sua casca original. A esse estado de coisas Abraham (1995) denomina *Anassemia*. E continua para trazer um exemplo: somático não se refere ao sentido biológico, tampouco psíquico escapa à dessignificação. A *ciência anassêmica da psicanálise* sacrifica esses conceitos para ressaltar ou fazer nascer uma noção, para lançar luz sobre um mensageiro que realiza o seu itinerário nesse arco entre o somático e o psíquico.

Ressalvado o embaraço dos conceitos, voltamos a Freud para anotar que o aparelho psíquico, concebido por ele, encontra, nas expressões da motilidade, uma de suas destacadas características. A tendência a descarregar níveis de excitação desprazerosos, a transferência e inversão de cargas afetivas entre cadeias de representações são operações de rotina de um

aparelho que labora ao encontro das realizações pulsionais, e encontra trabalho de reação nas formações defensivas e inconscientes do Ego, arranjo dinâmico que se destina a alcançar estados de quiescência.

“Formamos a idéia de que em cada indivíduo existe uma organização coerente de processos mentais e chamamos a isso o seu *ego*. É a esse ego que a consciência se acha ligada: o ego controla as abordagens à motilidade – isto é, à descarga de excitações para o mundo externo. Ele é a instância mental que supervisiona todos os seus próprios processos constituintes e que vai dormir à noite, embora ainda exerça a censura sobre os sonhos. Desse ego procedem também as repressões, por meio das quais procura-se excluir certas tendências da mente, não simplesmente da consciência, mas também de outras formas de capacidade e atividade” (Freud, 1923/1996, p. 30).

O Ego, tal como proposto por Freud, acaba por assumir uma moldagem plástica, que o faz existir em diferentes texturas ou formas. Ele pode se expandir ou se recolher, também se lhe ocorre de receber a libido que decorre de um objeto sexual perdido ou abandonado, quando, com atenção às primitivas fases de desenvolvimento, podemos falar da introjeção. Muito antes, porém, dessa apresentação mais avançada das funções egoicas, haveremos de supor a arquitetura de uma tópica sutil do Ego, lugar de constituição psíquica, o que nos faz refletir sobre o corpo próprio e sobre a rede sensível na qual o neonato se vê envolto. Em seu artigo *O ego e o id*, Freud (1923/1996) propõe conceber inicialmente o Ego como sendo a projeção das excitações sensórias nascidas na superfície do corpo próprio. O Ego, por primeiro, seria um Ego corporal. Ora, um Ego que traz a textura do corpo, que se projeta para o psíquico e lá estabelece uma tópica rudimentar, nos parece pleno em significação, quando tratamos de encontrar uma teoria do corpo que possa fazer-se em concomitância com a prática clínica devotada à criança ensimesmada e

sem fala, pois, nesses casos, somos levados a cogitar, conforme já assinalado (Subitem 4.1), que essa superfície projetiva apresenta lacunas que levam à não constituição do próprio corpo psíquico, pela ausência ou insuficiência de um aporte humanizante que o pudesse inscrever na esfera psíquica. Em uma de suas contribuições mais tardias, Freud (1938/1996) recapitula as funções do Ego, reunindo de forma sintética suas enunciações anteriores:

“São estas as principais características do ego: em consequência da conexão preestabelecida entre a percepção sensorial e a ação muscular, o ego tem sob seu comando o movimento voluntário. Ele tem a tarefa de autopreservação. Com referência aos acontecimentos externos, desempenha essa missão dando-se conta dos estímulos, armazenando experiências sobre eles (na memória), evitando estímulos excessivamente intensos (mediante a fuga), lidando com estímulos moderados (através da adaptação) e, finalmente, aprendendo a produzir modificações convenientes no mundo externo, em seu próprio benefício (através da atividade). Com referência aos acontecimentos internos, em relação ao id, ele desempenha essa missão obtendo controle sobre as exigências dos instintos, decidindo se elas devem ou não ser satisfeitas, adiando essa satisfação para ocasiões e circunstâncias favoráveis no mundo externo ou suprimindo inteiramente as suas excitações. É dirigido, em sua atividade, pela consideração das tensões produzidas pelos estímulos, estejam essas tensões nele presentes ou sejam nele introduzidas” (p. 158).

Desde muito cedo, este dispositivo psíquico, o Ego, tem sua genealogia no corpo sensual da criança. Por vezes, o gesto do bebê, o movimento muscular da criança ou uma dada produção sonora concorrem enquanto fragmentos ao encontro de uma formação ordenada, nos termos de Glover, de um *núcleo do Eu* (apud Winnicott, 2004, pp. 58-59). Em certa medida, as produções sintomáticas da criança ensimesmada e sem fala são tentativas de recomposição ou constituição psíquica. As palavras, por exemplo, em geral, destituídas ou desconsideradas em sua força

semântica, tocam o corpo da criança, fazem contato com a superfície da pele, e isso se torna a oportunidade de transformar porções não-Eu, com as quais se encontra fundida e encapsulada, em sedimentos de Eu corporificado.

Lembrando o aporte teórico de Husserl (1912/2005), as *ubiestesias* referem-se àquilo que acontece ao corpo quando ele é tocado. Nesse sentido, podemos considerar que as palavras tocam o corpo da criança, despertam as *ubiestesias* nesse fenômeno tátil, definem um lugar, uma orientação, e isso funda um “sujeito do corpo”. Isso quer dizer um “sujeito do corpo”, que se traduz por um sentimento de Eu, volátil e cambiante, em acordo com a localização da experiência do tocar. O exemplo clínico de Guili (Subitem 2.1) foi capaz de possibilitar a leitura de que, naquela montagem estética, moldada pela criança, inscreve-se uma construção arcaica, mas em processo e tentativa de recomposição pulsional. A montagem da criança estabelece uma ordem psíquica provisória, tramada pelo corpo, em contato com os objetos e demais entornos. Portanto, a experiência tátil de Guili desperta *ubiestesias* e faz nascer, ainda que na volatilidade do tempo daquele tocar, um “sujeito do corpo”, que orienta o corpo psíquico em seus pontos de toque e dá lugar a um sentimento de Eu, isto é, uma *forma* em construção passível de eliciar sentido.

O fato de voltarmos nossa atenção para o estabelecimento dessa superfície tão cara ao trabalho analítico com crianças ensimesmadas, não deve transparecer que descuramos do estudo que se volta às fundações do inconsciente e a instância inconsciente. Se lembrarmos Freud (1925b/1996), em *Uma nota sobre o ‘Bloco Mágico’*, melhor compreenderemos a necessidade de admitir que, nas origens, a vida psíquica tem a capacidade de, concomitantemente, realizar a partida de diferentes instâncias que, com o tempo, vão se revelando em suas distinções, oposições ou conflitos, posto não haver prevalência de uma sobre a outra, pois é o que se passa quando pensamos na interação entre o sistema percepção-consciência e o sistema de memória inconsciente. Por outro lado, nos soa procedente a crítica de Green (2005), que incide sobre

tendências contemporâneas da psicanálise de inspiração ontogenética. Diz esse autor que a observação da relação mãe-bebê, ao centrar-se no Eu, dociliza o *aparelho psíquico* pela omissão do movimento pulsional e do irrepresentável, a contragosto do trabalho teórico de Freud que coloca em evidência a heterogeneidade do psiquismo e a radicalidade de instâncias inconciliáveis. Outrossim, quando pensa acerca do aparelho psíquico de Freud, Green (2005) propõe a leitura da investidura pulsional, base do psiquismo, em dois pólos. Num primeiro, mais aceito dentro da psicanálise, temos a realização pulsional pela via do objeto; e num segundo, temos a atividade pulsional com a função de “unificar a polaridade do eu: sua ação se exerceria em forma difusa, não expressaria nenhuma necessidade a satisfazer mas estaria consagrada a tecer a tela do eu que asseguraria a esse a sensação de existir em estado separado, de individualidade e de vontade própria. E, agregaria, especulando um pouco mais, seu apego ao ser” (p. 241). Julgamos relevante qualificar esse sentimento de existência e sentido de vitalidade que não se funda no conflito entre a pulsão e o Eu, mas na possibilidade da atividade pulsional contorná-lo, animá-lo e dotá-lo de presença e formas variadas. Quem sabe, tal propositura tracione, em parte, a distinção de Freud (1905/1996), já comentada, quando afirma que no trato das civilizações, a ênfase passou da pulsão sexual para o acento no objeto.

A propósito da necessidade de voltar ao pulsional na obra de Freud, é preciso lembrar a citação em que o mestre descreve a atividade de *chuchar* de um recém-nascido. Talvez essa descrição seja uma das mais extraordinárias fotografias da vida sensível de um bebê. No trabalho de dissertação (Abreu, 2007), de mesmo autor, foram variadas as imagens que criamos, ao longo do texto, para fazer falar essa dimensão. Pensamos mesmo que fomos ao extremo do atrito de uma palavra a outra, mas, ainda assim, resta a impressão de não termos conseguido *representar a coisa* que aí se passa: ritmo, repetição, puxadas; peças, dobras e mucosas em contato e fricção; sucção daqui e dali; rotas abertas em fina sincronia; acrobacias simultâneas, as mais variadas. A

pressão pulsional impondo trabalho. Enfim, artimanha que leva o bebê a compor, harmônica e criativamente, o prazer estético. Eis, portanto, a narrativa de Freud (1905/1996):

“Consiste na repetição rítmica de um contato de sucção com a boca (os lábios), do qual está excluído qualquer propósito de nutrição. Uma parte dos próprios lábios, a língua ou qualquer outro ponto da pele que esteja ao alcance – até mesmo o dedão do pé – são tomados como objeto sobre o qual se exerce essa sucção. Uma pulsão preênsil surgida ao mesmo tempo pode manifestar-se através de puxadas rítmicas simultâneas do lóbulo da orelha e apoderar-se de uma parte de outra pessoa (em geral, a orelha) para o mesmo fim. O sugar com leite alia-se a uma absorção completa da atenção e leva ao adormecimento, ou mesmo a uma reação motora numa espécie de orgasmo. Não raro, combina-se com a fricção de alguma parte sensível do corpo, como os seios ou a genitália externa. Por esse caminho, muitas crianças passam do chuchar para a masturbação” (p. 169).

Acreditamos que a obra de D. W. Winnicott – com a licença para uma afirmação hiperbólica – foi devotada a compreender o que se passa na atividade desse bebê capturado pelas lentes de Freud. Provavelmente, essa cena, tão bem desenhada, tenha encontrado inúmeras equivalências na clínica de Winnicott, pois foram de observações similares a essa que ele partiu para chegar a formular sua concepção de *fenômenos transicionais*.

"Esta linha demarcatória entre o interno e o externo pode ser muito fraca e apenas discernível; e poderia se afirmar que, no início, há toda classe de coisas diferentes, o que Glover chama "núcleos do eu": toda uma série de coisas a respeito das quais a criança pode usar o "eu" e que são apenas um pequeno fragmento de "eu", como um dedo do pé em que ela se vê, um dedo da mão que se move, suas vontades de comer ou o calor que emana de uma bolsa de água quente. Isto inclui tudo que faz intrusão na criança e da qual esta é consciente, e

que, em princípio, não está separado externamente do self, senão que só se separa de forma muito gradual" (Winnicott, 2004, pp. 58-59, tradução nossa).

A continuação dessa paisagem clínica e cotidiana se incrementa quando ele vê o bebê, ao tempo em que realiza essas explorações em seu corpo, levar um objeto à boca, que pode ser “uma bola de lã, a ponta de um cobertor ou edredom, uma palavra ou uma melodia, ou um maneirismo – que, para o bebê, se torna vitalmente importante para seu uso no momento de ir dormir, constituindo uma defesa contra a ansiedade, especialmente a ansiedade de tipo depressiva” (Winnicott, 1975a, p. 17).

Como podemos acompanhar na afirmação de Freud, o bebê é levado a “apoderar-se de uma parte de outra pessoa” ou, como propõe Winnicott, de um outro objeto, passando de uma atividade auto-erótica difusa, que compreende o *fenômeno transicional*, para a eleição de um objeto, uma *possessão não-Eu*, o que chega a caracterizar o *objeto transicional*. Esse objeto se situa numa área intermediária entre o ambiente externo e o ambiente interno, e pode se constituir em um espaço tranquilizador, para onde a pequenina criança resvala, quando assolada por alguma angústia que a ameace.

Winnicott (1975b), em sua jornada teórica, enuncia um princípio que para ele é fundante da condição humana, a saber: *o gesto espontâneo e criativo*. Assim, de um lado, está o impulso que inclina o bebê humano à criação e, de outro, a função do *ambiente maternante*. Se essa última função se realiza em sua amplitude de *adaptação ativa* da mãe (ou substituto) às necessidades da criança, então estará atendida a condição para que o bebê possa realizar seu gesto criativo. Essa identificação primária da mãe com o bebê faz com que, no dizer de Winnicott (1975c), no momento da amamentação, quando a díade se volta para o rosto de um e de outro, o bebê possa encontrar nos olhos especulares da mãe aquilo que ela contempla e, pelo entusiasmo contemplativo, passa a assumir em suas feições. A imagem que se forma nos olhos maternos o

bebê recolhe como sendo a sua própria imagem. Esse campo de experimentações entre a mãe e seu bebê, podemos reconhecê-lo em seus desdobramentos até o *Self*. São impressões mágicas e absolutas e, por igual, humanizantes. O impulso criativo, tal qual o escreve Winnicott (1975b), revela-se nos *lugares* originais da existência humana, quando “está presente tanto no viver momento a momento de uma criança retardada que frui o respirar, como na inspiração de um arquiteto ao descobrir subitamente o que deseja construir (p. 100).

É com base nessa vocação inalienável para a criatividade, que tem início as relações objetais. A função ambiente concebida por Winnicott (1975c) envolve o segurar, o manejar e a apresentação de objetos (p. 153). Se uma mãe é capaz de sustentar o seu bebê, não só com os seus braços, mas também com o seu desejo que a faz atenta e imersa às necessidades dele; se ela é capaz de manejá-lo satisfatoriamente; se é possível promover esse ambiente de cuidados, designados por esse autor, com as expressões *holding e handling*, estarão atendidas as condições para que a apresentação de objetos se faça no esplendor onipotente e criativo do bebê, tal qual o desabrochar da vida sensual foi registrado linhas acima por Freud. Nesse momento, o objeto apresentado ao bebê e do qual ele toma posse é vivido como se criado por ele fosse, sendo esse, portanto, um *objeto subjetivo*. Para reproduzir o cotejamento, entre Weizsaecker e Winnicott, já anotado no Subitem 2.1, parece viável reconhecermos que, pela ação do toque, isto é, daquele que é tocado pelo ato de tocar, o movimento e a percepção, aí implicados, carregam a virtude de renovar ou inventar o objeto que já estava lá.

Assim, na compreensão de Winnicott (1975a), o bebê, quando se retira ao encontro das cenestésias corporais, se depara com um mundo propício à ilusão. A mãe, em suas movimentações adaptativas, apresenta para o pequenino ser exatamente o que ele esperava receber, o seio, por exemplo. Assim, antes de o recém-nascido repetir o seio, ele o cria, ou só é capaz de perceber o seio real, disponível para ele, como resultado de sua própria criação.

Supomos que a integração de sensações reais que estimulam o bebê – cheiro, visão, tato, enfim, o automovimento – acaba por levar a uma formação estética que deriva do encontro do corpo do bebê com o corpo da mãe. Desse encontro, ou da *intercorporeidade* estendida da mãe à criança, redonda a conformação psíquica, que origina o psíquico na criança e transforma o psiquismo da mãe. Em outras bases, trata-se do sentimento de identificação primária representado pelos gestos que envolvem o movimento das mãos, o leite quente que chega à boca ou o dedo do pé em movimentos rítmicos: toda essa consciência corporal contribui para o estabelecimento do que venha a ser o *Self*. Winnicott (1994a) atribui ao *Self* a totalidade alcançada pelo processo de maturação. Numa palavra, ele diz: “O self se descobre naturalmente localizado no corpo, mas pode, em certas circunstâncias, dissociar-se do último, ou este dele. O self se reconhece essencialmente nos olhos e na expressão facial da mãe e no espelho que pode vir a representar o rosto da mãe” (p. 210).

A condição da mãe que se empresta egoicamente à criança, por sua capacidade de adaptação sensível, como descrita por Winnicott, bem se presta a pensarmos o corpo do analista que, igualmente, por nossa indicação clínica, também concede o auxílio egóico à criança, e o faz em melhores condições, quando consegue consultar as porções egóicas de seu corpo ou as possibilidades de seu corpo dele desconhecidas, como já o dissemos de outra feita. Tal conduta do analista implica a expressão de seu corpo tomado pelas moções de seu inconsciente, porque assim, o analista pode se reencontrar com sua *criatividade primária* e a disponibilidade para brincar, que em nosso trabalho pode se entender como a apropriação do corpo na composição estética e plástica com a criança, sem um sentido de finalidade, como já o observara Prinzhorn (1984), na produção plástica de uma dada *Gestaltung*; mas, especialmente, como também o encontramos no *jogo do rabisco (Squiggle Game)* de Winnicott. Nesse jogo, o analista reveza-se com a criança na realização espontânea de traços com o lápis, sobre uma folha de papel, que vão

se transformando de um desenho a outro pela ação de ambos. O psicanalista inglês lembra que em cada rabisco existe uma integração que é parte do analista, mas não chega à “negação do caos”; assim, “com freqüência o resultado de um rabisco é satisfatório em si mesmo. Assemelha-se então a um ‘objeto encontrado’, por exemplo, uma pedra ou um pedaço de madeira velha que um escultor poderia achar e estabelecer com uma espécie de expressão, sem precisar ser trabalhado” (Winnicott, 1994b, p. 232).

É claro que estamos tentados a dizer que, em nossa clínica, esse “objeto encontrado” pela criança, ou melhor, esse *objeto estético* estabelecido no encontro do analista com seu pequeno paciente pode afigurar-se como um sentimento de Eu da própria criança. A cada invenção de uma ilusão, em alguma medida, se inventa também uma porção de identidade, para a qual a existência da criança escorre e aflui. Esse é o tributo da flexibilidade incessante do psiquismo, observada acima por Abraham (1995). Por seu turno, Vergote (1994) também identifica e corrobora essas formações precocíssimas:

“A gente poderia dizer que, como na pessoa consciente, o ego está na mão que pega, na orelha que ouve, no pé que toca o solo. Mas, contrariamente a esse psiquismo formado, esse ego é difusamente imerso na mão, no pé, na orelha; assim, para adaptar uma fórmula célebre: o ego está ainda em toda parte e em parte alguma do corpo libidinal. Do ponto de vista clínico, eu ajuntaria que necessita que ele esteja assim no corpo libidinal, porque lá onde o pré-ego não habita libidinalmente o corpo arcaico, o corpo jamais será animado com prazer e ele não se organizará em uma unidade tomada sobre o mundo. Esse corpo não será, portanto, um corpo neutramente funcional, mas translado para o desprazer, ele será psicologicamente um corpo mutilado ou endurecido na defesa, assim o atestam diversas patologias” (p. 187, tradução nossa).

A vocação para se espargir em meio a essa capilaridade é algo intrigante quando estudamos essas formações arcaicas do Eu, tomadas nessa difusão pelo corpo libidinal, tanto mais quando sondamos sobre a vida nas superfícies e nas bordas do mundo da criança ensimesmada. O Eu é, ele próprio, uma obra psicossomática em construção continuada, pois justa longevidade do Eu traz em si a memória de lugares e tempos dos primevos filamentos do psíquico. Schotte (apud Martins, 2012c) desencoraja qualquer tentativa de *substantivação do Eu*, para o que propõe considerá-lo *em processo*. Por certo, se pensarmos o Eu primevo como projeção da superfície do corpo, corpo repartido por excitações, não há porque se falar em unidade – seu destino é a transmutação, a vulnerabilidade e a instabilidade.

Pensando nessa conformação corporal e arcaica do Eu, e nos seus avatares, podemos alcançar outras formulações que se revestem de importância e sofisticação. Ferenczi (1992), por exemplo, quando elabora sobre o trauma, nos fala que essa vivência traz a perda de uma capacidade afetiva humana que ele considera nos termos de um *sentimento de si*, quer dizer, o *sentimento de si* pode ser traduzido por um sentimento de segurança e confiança no mundo circundante. Assim, frente à comoção psíquica introduzida pelo trauma, a pessoa fica sujeita à subtração de sua *forma própria* e, portanto, susceptível de assumir uma *forma outorgada*. O que sugere, para esse autor, o estancamento da atividade psíquica – tanto da percepção quanto do pensamento –, restando a passividade (p. 109). A perda desse *sentimento de si* refere-se a esse primeiro sentimento de identidade.

Importa guardarmos isso que Ferenczi convencionou como sendo uma *forma própria* e, por outro lado, *o estancamento da atividade psíquica*. Quando dizemos da insuficiência de um aporte humanizante, ou da impossibilidade de adaptação sensível às necessidades da criança, como na interpretação de Winnicott, pensamos que esse é para o bebê o equivalente ao trauma psíquico. Mas, a partir desse ponto, o que se possa dizer faz apelo à entrada em cena da função do outro, e

das *formas outorgadas* pelo outro nas vivências de colapso da atividade psíquica. Há, quase sempre, uma reversibilidade incessante na composição desse sentimento de si ou sentimento de existência, de tal sorte que é no outro que se acha a imagem de si tributária das transformações do próprio sujeito, não obstante circunstâncias que o levem ao colapso. O Eu traz em si a vocação para ser multidão. O que nele é inalienável, se bem que possa haver contingências radicais que o mortifiquem, é o sentido de conservação, não apenas a conservação de si, mas, digamos, a conservação do outro e do mundo, esses objetos parcelares, dirigidos a sua sobrevivência. Vejamos a assertiva de Ferenczi (1991), quando elabora sobre a “introjeção”:

“Entretanto, uma parte maior ou menor do mundo externo não se deixa expulsar tão facilmente do ego mas persiste em impor-se, como que por desafio: ama-me ou odeia-me, ‘combate-me ou sê meu amigo!’. E o ego cede a esse desafio, reabsorve uma parte do mundo externo e a incluirá em seu interesse: assim se constitui a primeira introjeção, a ‘introjeção primitiva’”(p. 85).

Desde a vida recém-nata, o ser labora para acomodar em si toda espécie de *coisa* que possa ceder lugar ao mais incompreensível e diminuto sentido de existência. O pequenino ser introjeta e elabora, e o faz com as vicissitudes do corpo. Precisamente, no inventário do Eu, encontrar-se-á a memória como *sensorialidade do sentido*, passível de ser expressa por um cheiro, um movimento, um traço de pele, um contato ou a sublime textura de uma imagem fugidia. Essa história do Eu é também a própria ontogênese do sujeito, como já assinalara Ferenczi (1991, p. 84). Pois é dessa história sensível que se extrai e se deduz o *Eu corporal*, que garante o envelope psicossomático do sujeito. O trabalho com a criança traumatizada pela experiência autística, subtraída em seu sentimento de existência narcísica, em verdade busca refazer ou compor uma

história com o ambiente e seus componentes, com o corpo de um outro, elo perdido que a faz se retirar de si e de seu corpo, assumindo a *forma outorgada* por um objeto-sensação.

Na vinheta clínica de Joaquim (Capítulo 5), quando a criança joga com o sapinho modulado pela vocalização da mãe ou quando ela se volta para a boca do analista, pensamos que o analista e a mãe exercem essa função ambiente, oferecendo o corpo à criança ou, se preferir, oferecendo som e movimento, que nesse então é corpo pulsional, seja da mãe, seja do analista, de tal sorte a constituir um *corpo ambiente* que possa se estender como terreno favorável à transição do *objeto-sensação* ao *objeto subjetivo*. Intervenções como essas podem ser pontuadas como iniciativas que intentam restabelecer a historiografia do Eu. Tais intervenções sustentam a criança, pois elas refletem, nesse teatro que denominamos de *corpo ambiente*, o corpo da criança à guisa de se estabelecer e se estabilizar. Ambos atores, analista e mãe, se valem de seus próprios corpos pulsionalizados para fazerem retornar à criança o que dela lhes chega. Joaquim ultrapassa a si mesmo quando, alargando a sua atividade psíquica, ele é capaz de dar uma volta em torno do outro, ritmado por um outro corpo, e retirando daí uma experiência de prazer. O sentimento de si ou a sensibilidade do Eu acontece quando a criança tem seu corpo refletido pelo outro. Esse, por excelência, pode se dizer um corpo pulsional, que nasce na tensão que faz cada um vazar-se para além de si, sem nunca chegar a definir cabalmente o dentro e o fora de seu próprio psiquismo. O movimento de Joaquim sugere que ele possa ter experimentado essa condição de *transicionalidade*, ainda que fugaz, indispensável à constituição do psíquico e, por igual, inevitável à produção de sentido pelo sensível. É preciso acrescentar que, nessa arquitetura psíquica, há uma dimensão que qualifica a experiência do corpo vivido, tal como ele ali foi inventado pela criança: trata-se do ritmo.

Com atenção ao ritmo, Anne Denis (1995) nos ajuda a refletir sobre uma dimensão da temporalidade que não está em ordem com essa que regula o funcionamento dos processos

conscientes. A partir da concepção de Freud (1915/1996) da intemporalidade do inconsciente, o qual não se caracteriza pela linearidade temporal, assim como não atende aos princípios lógico-temporais da irreversibilidade e da não-contradição, próprios do processo psíquico secundário, a autora considera a existência da temporalidade arcaica. A temporalidade arcaica, por difícil que seja apreendê-la racionalmente, pode ser melhor dimensionada na primeira infância. Mas esse tempo bem se remete às cenas que comentávamos acima, no encontro do corpo da mãe e de seu bebê, especialmente quando marca e constitui o corpo vivido, esse termo de produção de sentido que temos feito se pronunciar em nosso trabalho. Nessa temporalidade primitiva, o tempo é capturado na simultaneidade da experiência, sem que se possa defini-lo ou medi-lo em sua amplitude, além do que, acrescenta a autora, essa temporalidade está em estreito vínculo com o auto-erotismo, e é fundamento para que se possa alcançar o tempo cedido por *Chronos*. Prossegue a autora, para corroborar que a temporalidade arcaica está fundada em experiências de ritmo – não só no sentido indicado por Boschan (1990, apud Denis, 1995), quando afirma que “nos estágios precoces da vida o tempo é experienciado em relação aos ritmos biológicos e às variações circadianas, isto é, basicamente, o ritmo de fome-saciedade” (p. 1110, tradução nossa) –, mas ampliando essa constatação por acreditar que “a gênese da temporalidade deve ser estendida para todos os ritmos biológicos e ambientais” (Denis, 1995, p. 1110, tradução nossa). O ritmo, que nesse caso pode ser compreendido como a marcação do tempo vivido, se acha em vínculo com o caráter ininterrupto da pulsão e o ciclo de presença e ausência de prazer. Anne Denis encontra, em Freud (1924/1996), precisamente no texto *O problema econômico do masoquismo*, uma passagem que qualifica o debate em torno dessa problemática.

“O prazer e o desprazer, portanto, não podem ser referidos a um aumento ou diminuição de uma quantidade (que descrevemos como ‘tensão devida a estímulo’), embora obviamente muito tenham a ver com esse fator.

Parece que eles dependem, não desse fator quantitativo, mas de alguma característica dele que só podemos descrever como qualitativa. Se pudéssemos dizer o que é essa característica qualitativa, estaríamos muito mais avançados em psicologia. Talvez seja o ritmo, a seqüência temporal de mudanças, elevações e quedas na quantidade de estímulo. Não sabemos” (p. 178).

O ciclo prazer/desprazer, destacadamente na clínica com a qual tratamos nesse trabalho, não deixa dúvida que está em correlação e função com as variações do ambiente. O ritmo é uma variável importante da função ambiente, tomêmo-la no sentido de Winnicott, pois é embalado por um dado ritmo que o “bebê de Winnicott” é capaz de inventar o objeto para si e de pô-lo entre ele e a mãe. O sofrimento autístico, acreditamos, está afetado pela ausência ou insuficiência de uma relação rítmica com o outro, que pudesse marcar o corpo do sujeito, de sorte a fazê-lo atravessado por um tempo arcaico. Para Denis (1995), um distúrbio precoce do ritmo vital dificulta a experiência auto-erótica e a existência psíquica. No estudo que consagra aos mitos e à origem, Brandão (1996) fala no *Illo Tempore*, tempo para o qual se voltam narrativas para contar como *algo que não era passou a ser*, pois, no *Illo Tempore*, a história ontogenética do sujeito começa a ser contada pelos meandros, sutilezas e desmandos da vida pulsional, nos entrechoques com o outro. Nessa existência precoce, uma primeira formação de *ipseidade* se levanta do corpo sensível, lavrada no ritmo e no contato. O corpo vivido resulta dessa experiência sensível envolta em contato, ritmo, prazer e desprazer, de onde o sujeito pode retirar uma primeira impressão do Eu. Com referência ao ritmo e ao contato, gostaríamos de aduzir algumas considerações de Jean Oury.

Como já tivemos oportunidade de registrar, Oury (2000) considera que, na experiência de contato com o outro, nós adentramos ao domínio *pré-páthico*, mais originário que o *páthico*. A coisa que aí se passa escapa à compreensão intelectual. Essa atmosfera *pré-páthica* está na base

do mover, do proceder e do agir do sujeito. Notadamente, é o fundo incognoscível ante o qual se dá o encontro entre humanos. No lugar de ambiente, o fundador da clínica de *La borde* prefere falar de *les entours* (os entornos), pois afirma ele: “termo banal que me parece mais evocador e mais poético que a palavra ambiente” (Oury, 2000, p. 1, tradução nossa). Na relação com o outro, devemos nos empenhar para procurar os raros momentos de encontro, que se fazem com base *nos entornos*, e trazem em si a condição potencial para alterá-los. Portanto, o encontro pode reposicionar não apenas os sujeitos, mas toda a moldura material e imaterial componente desse entorno humanístico. Oury lembra que o contato se passa com referência a *Stimmung*. A *Stimmung* – termo alemão derivado de *Stimme*, voz – traciona também o sentido de um acordo, isto é, aquilo que envolve as ressonâncias e harmonias promovidas ou havidas na situação de contato. No contato, intervém algo da ordem da *Stimmung*, completa o psicanalista francês, ao que acrescentaríamos que o termo alemão também comporta o sentido de uma disposição para algo, no caso, disposição para o outro, na situação de encontro. Na experiência autística, com maior interesse devemos atentar para o valor do espaço, da temporalidade, da atmosfera, do humor, da disposição, enfim, da *Stimmung* que convém ser apreendida com referência ao ritmo. O ritmo, arremata Oury (2000), “é o que coloca em forma a *Gestaltung*” (p. 7, tradução nossa). Quando o momento do encontro analista-criança se constitui com ritmo, ou quando o corpo do analista entra em harmonia ou é capaz de reverberar algo do corpo da criança, aí está a oportunidade harmônica da colocação em forma de uma dada *Gestaltung*, construção estética que, por vezes, acontece como invenção particular entre o corpo do analista e o corpo da criança. Com o próximo extrato clínico, procuraremos destacar nossa concordância com o valor atribuído ao entorno (*l’entour*), para essa entrada em ritmo do par analista/criança, até o afigurar-se de certa *Stimmung*.

Tábata iniciou tratamento aos três anos de idade, e nesse seguiu por aproximadamente dois anos. Nesse tempo, ganhou o seu primeiro irmão. A pequena apresentava manifestação importante de isolamento. Movida por considerável inquietação motora, era comum vê-la dominada por inopinadas carreiras ou corridas curtas, como habitualmente se mantinha durante as sessões. Quando em espaço aberto, encetava incansáveis e solitárias corridas de um lado a outro. Junto a essa propensão para o movimento, ela exibia uma notável habilidade psicomotora, realizando equilíbrios complexos, cambalhotas e outros malabarismos com o corpo. Nessa época, entre suas brincadeiras preferidas achavam-se o balanço dos parques e a cama elástica, deixando transparecer que o movimento era sua atividade mais aprazível. No período desse tratamento, não alcançou, efetivamente, um padrão de fala ou o entabular de conversas. Todavia, no último quarto do tratamento, os pais relataram que, estando Tábata no carro com eles, a menina falou claramente as seguintes palavras: mãã, papá e nenê. Nessa hora, o pai foi tomado por grande emoção. Outras ocorrências, em que esboçava palavras isoladas, também foram registradas: cadê, bebê, tchau, essa última, quando certa vez se despedia do analista. A mãe relata que, aos seis meses, Tábata sofreu de refluxo, porém, até ser diagnosticada, chorava com grande irritação. A mãe contou que, certa feita, se pegou deambulando pela rua, sem vontade de retornar para casa. Ia de loja em loja, e só depois percebeu que sua vontade de não retornar se devia à contrariedade com o choro da filha. A menina sempre demonstrou um franco apego pela mãe, o que foi tratado ao longo de nossos encontros, com atenção para a dimensão prazer/desprazer no convívio entre elas.

Tábata conservava uma maneira que, preliminarmente, se poderia dizer, anárquica, no contato com os brinquedos e demais objetos do consultório. Na primeira fase, colocava compulsivamente objetos na boca, especialmente pequenos bichinhos de plástico. O analista espelhava essa conduta, colocando esses mesmos objetos em sua própria boca. Seguiram-se fases

em que voltou sua atenção para uma grande bola de borracha (*fit ball*), na qual gostava de pular apoiando-se no analista, e com a qual executava outras manobras de corpo. Quase que concomitante a essa fase, seu interesse passou à caixa de bolas coloridas que eram derramadas no chão e lançadas a esmo. Acontecia à criança, de modo súbito, e em contingências não de todo esclarecidas, ingressar em estado de *angústia insondável*, o que a fazia chorar e gritar ostensivamente durante tempo incontável. A entrada nessa condição catastrófica reproduzia-se tanto em presença dos pais quanto durante certas sessões. Nesse estado em que se tornava inconsolável, o analista procurava maior aproximação de corpo. Quando ela o evitava, permanecia ao seu lado em silêncio ou, em outras vezes, tentava a produção de algum som ou o cantarolar de alguma cantiga. Observamos que essas são também modalidades de apresentação do corpo continente do analista, feito de ritmo e som. Faz-se mister dizer que Tábata possuía um travesseiro de estimação, com o qual se acalentava, pelo menos com efeito tranquilizador, em estados de irritabilidade não radicais. Na posse desse travesseiro, ela procurava, por vezes, choramingando, se aconchegar tanto ao colo da mãe quanto ao colo do analista. Ao longo do tratamento, Tábata ampliou o alcance de suas *formas* e demonstrou ganhos nas modalidades de contato e comunicação. Ela passou a procurar o contato visual e de corpo com o analista, chegando mesmo a abraçá-lo, revelando graça, sorriso e trocas afetivas, principalmente em atividades que envolviam a grande bola de borracha e a brincadeira de saltar do divã, para ser agarrada pelo mesmo. Atendia também aos comandos de se deter perante certas proibições, devolvendo às mãos do analista objetos que lhe eram solicitados, pela inadequação do uso. Algo sugeria que, em certas ocasiões, a menina tinha uma atenção, apreensão e compreensão aguda do que se passava em torno dela.

Tábata foi atendida na frequência de duas sessões semanais, tanto individualmente quanto conjuntamente com a mãe. Durante todo o tratamento, havia sessões regulares com os pais. Na

escola particular, era mantida em turma regular. Como no processo psicoterápico das demais crianças mencionadas nesse trabalho, o tratamento incluía também a participação de uma acompanhante terapêutica (AT), que desempenhava seu trabalho parte na escola, parte na casa de Tábata, cuja função consistia em acompanhar a criança em sua circulação pelos espaços sociais, sem preocupações com aspectos psicopedagógicos, mas, essencialmente, com atenção para a presença e companhia de outra pessoa na transição e produção da vida no social. Todas essas ações terapêuticas procuravam criar uma rede continente para a criança, e de escuta aos pais, amparando a fala entorno à criança, essencial à circulação da palavra para um sujeito em vias de constituição psíquica. A partir desse ponto, o que pretendemos demonstrar é que, decorrido aproximadamente um ano de trabalho, algo como um *corpo ambiente* foi sendo erguido, composto pelos objetos do ambiente e suas disposições, o corpo da mãe, nas vezes em que a acompanhava, e o corpo do próprio analista. Enfim, uma certa composição que tinha como nota o proceder e o agir. O que garantia a impressão dessa formação psíquica era um certo circuito sensível que ela, a criança, cumpria quando adentrava à sala de atendimento, e esse circuito pode assim ser descrito:

Tábata já me aguarda rente à porta. Está ao lado de sua mãe. Ao abri-la, ela entra como se uma decisão a habitasse em horas ainda não havidas. Nada hesita em seus gestos. De imediato, ela alcança os lápis coloridos sobre a mesinha de plástico, alojados em um compartimento no centro da mesa. Lança-os ao chão e segue como se devesse cumprir uma rota implantada em seu próprio corpo. Logo,

ela vira essa mesinha de cabeça para baixo. Agora, as caixas de brinquedo recebem as suas explorações. São três caixas empilhadas. Ela puxa as caixas e leva tudo ao chão. Os objetos de uma segunda mesa também não escapam a sua ação e, igualmente, são derrubados. Depois, segue para a caixa de bolas, que entram na vida sensível de Tábata. Ela vai até a caixa e pega uma em cada mão. Em seguida, lança-as à frente. Muitas vezes, as bolas tomam a minha direção ou a direção da mãe e, ato contínuo, nós as devolvemos. Por fim, Tábata acaba por entornar a caixa de bolas no chão. São pequenas bolas coloridas que, espalhadas pelo consultório, ela passa a chutar para todos os lados. Depois, ela apanha pequenos brinquedos de borracha e os macera com a boca. As peças levadas à boca são contornadas pela língua, imersas na saliva e chupadas. Eu espelho sua ação, levando as mesmas peças ou outras equivalentes a minha própria boca. Ela pára e me olha, algo surpreendida. Ocorre também de emitir uma seqüência de sons estridentes e gritar. Eu reproduzo esses sons. Ela enriquece suas vocalizações com o passar dos dias. Depois de um tempo estabelecido esse circuito, eu acrescento

detalhes, como o de chamar o seu nome e lançar as bolas coloridas em sua direção, quando ela me olha. Ela própria também amplia esse circuito, ao passar a saltar do divã para a mesa e daí até a poltrona. A movimentação da criança é febril. O traçado de suas pernas em carreiras rápidas encontra o limite das paredes da sala. Ela passa atrás da minha poltrona e segue atravessando a passagem estreita entre o divã e a parede. O que se acrescenta também com o tempo é que, ao lhe comunicar o fim da sessão, ela se deita no divã, e aguarda que eu arrume os brinquedos, sem jamais aceitar minha provocação de o fazer junto comigo.

Por certo, trata-se de uma passagem estreita. Esse é o dimensionamento da vida psíquica quando a criança se lança na tentativa de experimentar, pelo movimento, o tempo arcaico e seu lugar remoto, rente ao corpo, na tentativa de torná-lo lugar psíquico. O analista testemunha a ação da criança e, convidado que se sente a percorrer essas estreitas passagens, ele a acompanha e refaz com o corpo seus trajetos e seus manejos. O analista espera a criança lá onde o corpo da criança faz contato com o mundo dos objetos. Esse circuito, que a criança cumpre, tem o estatuto do seu próprio corpo: um contato aqui; uma fricção acolá; uma aproximação do corpo até o esbarrar; uma bola carente de direção; o objeto saturado pelos humores da mastigação; o som em escansão.

Nossa hipótese é a de que aquilo que se anuncia como estigma antivital, traga em si a potência e a qualidade para se converter nas malhas vicariantes de um sentimento de si. A apresentação dessa clínica de Tábata indica a tentativa, com os meios de que dispõe – o corpo e o entorno com o qual ela se compõe –, de emprestar ritmo ao seu agir. O alcance desse ritmo é a garantia que temos de que, em sua ação operosa, há trabalho psíquico. Mas isso não lhe é facultado na forma solipsista. A presença do analista, num primeiro sentimento, parece não ser percebida pela criança, mas é, na seqüência dos dias, na repetição do mover e do proceder, que algo começa a se estabelecer. Inicialmente, esse algo não encontra uma tradução. O tempo no qual é temperado escapa à apreensão imediata do analista, e mesmo é preciso considerar a intervenção do acaso, para que essa rotina produza efeito psíquico. O acaso, recordando Langer (2004), tem referência à experimentação, desordenada e sem sentido de finalidade, de sons dos bebês, elaborada no contato e na sinestesia de seus corpos. É dessa atividade, ao acaso, que nasce a *significância*. Na amostra, em tela, com rabiscos e grafismos feitos de *automovimento*, em meio ao *nonsense*, se encontra a produção de dada *Gestaltung*. Se Tábata está levada por uma *pulsão plástica*, com fim em si mesma, o que importa, com isso, é perceber que ela marca e demarca o ambiente com sua existência. Ainda, lembrando Prinzhorn (1984), diríamos que essa pode ser a *pulsion de parure* (pulsão de ornamentação) de sua existência estética, ainda que não possamos avaliá-la em termos de beleza e sofrimento. Então, dessa movimentação espontânea, pode se reconhecer: um ritmo, um tempo, um ciclo, uma disposição estética, um *sema*. É nessa confusão do sensível, que se opera a transformação simbólica, mas, até à eclosão franca dessa última, é preciso suportar o desvão de não encontrá-la.

Na medida em que a criança se organiza, inicialmente em condições que transparecem anárquicas, deixa entrever que o circuito sensível ganha compasso com o tempo. Isso encerra uma construção laboriosa, e precisa contar com a espera do analista. A espera do analista se faz

com o corpo sensível e vivido nesse *experimento* montado pela criança. Convém ao analista disponibilizar seu corpo ao improviso, ao acaso e para o acaso. É preciso esperar. Mas essa espera não é a espera objetiva de alguma coisa. Esperar é aceitar e suportar o *nonsense*, pois o tempo de espera o é também do *gesto espontâneo e criativo* – as bolas, lançadas em errantes direções, chegam ao analista, que as devolve para a criança, como se devolvesse o próprio corpo dela. Gesto equivalente se opera com os objetos levados à boca e a reprodução dos sons. Por diversas vezes o dissemos, a imitação não só devolve o corpo da criança a ela mesma, como também exercita o corpo do analista para entrar em ritmo com a criança. É um recurso, do qual o analista se vale, para compor o entorno, no qual pode se efetivar um encontro. A imitação regula o contato e mantém a vitalidade com base na *Stimmung*, determinada pelo protagonismo dos sujeitos em cena, colocando em questão aspectos que temos reunido em nossos argumentos: ela permite que a criança de voltas em torno do corpo do analista, esse que faz uma devolução sensual à criança pela imitação, que é a devolução do corpo à criança, matizado eroticamente pelo corpo de um outro; mas não só, a imitação é também uma experimentação que enseja a colocação em ritmo do corpo do analista em relação ao corpo da criança. A imitação é a oportunidade da ação de gestos harmônicos em sincronia com a criança, coisa que não se alcança de pronto, sendo mais um dos trabalhos de compasso psíquico, a intervalos variados, afluindo para o ritmo.

O ritmo, para o qual deve atentar o analista, lembra aquele da responsividade materna: adaptação ativa do analista à pragmática da criança. Portanto, o movimento, marcado pelo ritmo, não é repetição enfadonha, pois, a partir do estabelecimento do ritmo, renovam-se as chances para os *gestos espontâneos*. Tábata amplia o circuito sensível quando ela se regulariza em melhores condições de ritmo e compasso com o ambiente, inclua-se aqui o analista. E o que se evidenciou de maneira proeminente é que o circuito sensível se ampliou por meio de gestos

espontâneos: Tábata e o analista deram-se as mãos para que ela pudesse saltar pela trilha divã-mesa-poltrona; além desse salto, em um outro, ela enriqueceu e diversificou as suas vocalizações – nisso, há gesto criativo e tessitura psíquica.

Quando entre uma sessão e outra há um fio que vai se desnovelando, esse é um indício de que a montagem da criança tende para o estabelecimento de um vínculo sensível. Nós definimos isso, agora apresentado com as cifras de Tábata, com a nomenclatura de *corpo ambiente*. Se esse *corpo ambiente* se desenha em seus contornos, pode haver encontro ou ele próprio já é uma função do encontro, qual seja: ritmo e movimento *páthicos*. O *corpo ambiente* é o fundo do teatro de operações e movimentos do par analista-criança. Todas as crianças mencionadas, em nosso trabalho, demarcaram esse terreno, antes de chegarem às outras produções. Esse fundo estético é um *a priori* para elas. A instalação dessa moldura ambiente outorga abertura para o *intercorporal* (Merleau-Ponty, 2009), aquele da reversibilidade sensível entre o corpo da criança e o corpo do analista, como já temos visto. Isso faz com que a criança se veja, se sinta, se toque no som produzido pelo analista, e, assim, multiplique os seus sons. O analista pode se achar como objeto, peça, órgão componente desse *corpo ambiente*, mas ele está, aí, como elemento sensível. Se ele atina para isso, desperta para um corpo que lhe era intangível até então. Mas isso é o psíquico com o qual tratamos: acaso, ritmo e movimento, transladados a um senso primitivo de ser. O sentido arcaico de existência do sujeito está mantido pelo movimento e pelo ritmo, ao qual o analista só pode se engajar com aquilo que lhe escapa, isto é, o seu próprio corpo. Com isso, a criança pode se proporcionar um *esquema parcial de identificação* de si (Fedida, 1991). Chamemo-lo *Eu, Ego, Self, Das Selbst*, não sendo, nessa circunstância, a aplicação precisa do conceito o que importa. Trata-se, fundamentalmente, de reconhecer que esse *corpo ambiente* é a superfície sensível, composta de tantas *Gestaltungs* quantas se fizerem necessárias, desenhadas com os meios e os entornos da criança e do analista, às vezes, desenhadas, rabiscadas ou

lambuzadas em saliva, e com a chance, pelo testemunho, presença e participação do analista nessa textura psíquica, de se inscreverem na pele, no corpo, no sujeito. Por essas vias, podemos encontrar senhas para a existência da criança. Enfim, a performance da criança desenha uma moldura, moldura promovida por suas evoluções. Sem essa moldura, sem esse *corpo ambiente*, dado pelos meandros do circuito sensível, não há como esperar que esse sensível alcance conversões.

Recorramos a mais um exemplo, pois nos auxilia na direção de concluir. Em tempo não distante, visitando a escola de uma dessas crianças, a professora queixou-se, avalizada pela orientadora educacional, que a criança não se sentava para fazer uma determinada tarefa acadêmica, provavelmente, uma atividade com o lápis. Em vez disso, ela preferia estar próxima a um quadro, onde se encontravam o nome das crianças da turma e o planejamento das atividades do dia. Não ocorreu à escola, que as crianças estão no movimento e no gesto que dão causa; nas posições e angulações que assumem; nos sons que produzem; nos desenhos e nas formas que geram com o corpo, nos endereços que escolhem para se deixarem em fluxo com o seu existir. Podem também, com proveito, como pretendia a professora, transpor esses movimentos para o lápis, a tinta, a massinha de modelar, e nesses, igualmente, se hospedarem. Por suposto, sugerimos que, em vez de prescrever-lhe a posição *normopática* de mantê-la à mesa, sentada na cadeirinha, ela fosse se encontrar com esse fugidio *sujeito do corpo*, erguido, lá, rente ao quadro de planejamento da turminha, pois essa era para o momento, quiçá a vida, a geografia psíquica da criança. Era naquele *entorno* que alguém poderia se encontrar com ela, posto ser, naquele *entorno*, que ela se compunha com seu corpo, esbarrando no quadro, e em meio à vibração do nome dos colegas e das atividades, ou mantida por outra ordem diversa do vetor sensível. Quem sabe, lá, nesse remanso identitário, ela anuisse em realizar a tarefa que lhe propunham, e, assim,

se instrísse com a disciplina da escola, ainda que, no planejamento do dia, não houvesse a previsão dessa agenda, e nem tampouco a previsão desse lugar de morada.

CONCLUSÕES

*Repetir repetir – até ficar diferente.
Repetir é um dom do estilo.
(Manoel de Barros)*

Na atualidade, as teses do psíquico se vêem, cada vez mais, oprimidas pela sanha que quer vaziar toda a vida anímica em termos da herança genética, do funcionamento do cérebro e da atividade sináptica. Esse trabalho, por via, que podemos até dizê-la, lateral a esse debate, pode ser contabilizado entre todos aqueles que, em meio a essa tendência de viés totalitário, emprestam fôlego à causalidade psíquica. Resistimos aos que querem decretar o seu sepultamento, e o fazem anunciando, à voz alta das mídias de comunicação e dos congressos da ciência, a prova, material ou funcional, a *eureka* irrefutável do sofrimento psíquico e da vida entre humanos. Por certo, a vida autística e as modalidades de tratamento que lhe são afeitas, a exemplo da que demos passagem com nosso trabalho, se vêem atravessadas por essa precipitação.

Na afirmação do psíquico, discutimos o corpo, com especial atenção para a corporeidade que se vislumbra no encontro do analista com a criança ensimesmada e sem fala. Mas o corpo do analista, pelo menos para certas tendências do pensamento psicanalítico, é justo sobre o qual o analista deve se abster. Outro aspecto conceitual que encontramos conflitante, diz respeito ao fato de que a situação analítica se compõe na transferência e na interpretação, fecundadas nas diferenças de plano do psíquico e no campo da fala. Não nos propusemos a enfrentar diretamente esse debate. Por vezes, o tangenciamos, embora reconhecêssemos que ele compareceu no exercício de elaboração. Mas registre-se que essa discussão está colocada na agenda da clínica psicanalítica contemporânea, tem sido acalentada, e será inevitável a sua ampliação, notadamente

a partir da clínica com a criança. Esse, portanto, um fio necessário ao desdobramento de nosso trabalho.

A clínica com a qual tratamos, na maior parte das vezes, não foi animada pelo interpretar, esse que faz o analista saltar, com seu paciente, do plano psíquico manifesto para o profundo. Em vez de interpretar, impôs-nos a construção, a síntese, o entusiasmo de, em composição com a criança, deixar-nos levar até a tentativa da tessitura psíquica à superfície da pele – o que também encontra recusa, impossibilidade e derrocada da *forma*, tanto da parte do analista quanto da parte da criança. Por paradoxal que possa parecer, a clínica que escolhemos realizar, com o aporte da psicanálise, incomoda a esses marcos teóricos. Para nós, não poderia ser outro o trabalho de psicanálise com as crianças das quais tratamos, senão tocar uma certa franja de recalque que se opera sobre o corpo, a sedução, o movimento, a ação, a direção pragmática da linguagem, o infra-lingüístico, o não-verbal, o irrepresentável, quem sabe até coubesse dizê-lo, fazendo coro com a crítica já estabelecida por alguns autores, um certo afastamento do pulsional. A psicanálise clínica, esquadrihada por essas circunstâncias teóricas ainda se ressent de maior elaboração.

Outro aspecto que fomenta futuro desenvolvimento envolve o que se poderia colocar no âmbito de um fundamento empírico ou de um referente para a linguagem. Já houve quem dissesse que a linguagem, com especial atenção para a modernidade, não reclama mais, com tanta ênfase, a falta dos referentes, e, assim, cursa difusa, no deslizamento de uma palavra a outra, de um significante a outro, de um pensamento a outro, de uma interpretação a outra, numa reversibilidade ao infinito. Pois foi justo Foucault (2007) quem colocou o problema nestes termos, ao enunciar a seguinte questão: “com efeito, perguntava-se como reconhecer que um signo designasse realmente aquilo que ele significava; a partir do século XVII, perguntar-se-á como um signo pode estar ligado àquilo que ele significa” (p. 59). No transcorrer das épocas, a “coisa” desapareceu da pergunta ou apartou-se da “palavra”. Pensamos que a clínica com a qual

tratamos aporta certos aspectos à compreensão da operação de referência, pelo menos, no que tange ao corpo, quando o corpo, originariamente, entra na expressão e designação das coisas, em sua função de excitação, de movimento, de ato, enfim, de pulsão. Não buscamos a afirmação da experiência empírica e imediata para a ascensão ao horizonte da linguagem. Mas o aqui reunido, por igual, traz elementos para esse outro fio do debate.

Comutemos nossa discussão para dar passagem ao corpo do analista. Por diferentes veias, nos perguntamos em que medida o analista pode encontrar função galvanizadora em seu corpo, na forma de um fragmento, um elemento, uma projeção que leve à deflexão da criança ensimesmada ao encontro de um sentimento de si. Para tanto, pensamos que o analista encontra maior disponibilidade quando se lhe apresenta a oportunidade para *consultar* a sua própria ontogênese, sendo que, estaremos prontos a admitir, não cabe nisso qualquer voluntarismo. O corpo do analista, chamado a dar seu testemunho clínico, não tem palavras ou, pelo menos, não são exatamente as palavras do analista que gozam dos atributos que levam à direção que queremos apontar. Quando apelamos ao corpo do analista, não é, por óbvio, o corpo biológico de que se cuida. Pensamos que somos mesmo despreparados para o corpo que temos. Não o corpo simétrico dos órgãos, dissecados nas salas de anatomia. Esses são mais fieis a nós, e para esse corpo podemos nos preparar e até nos instruir. Até na dor ele nos aparece de forma leal, lealdade que, por todos os títulos, acaba também por ser incômoda e nos faz sofrer. O corpo para o qual nos encontramos despreparados é aquele do qual trata a fenomenologia, a psicanálise – corpo vivido, corpo erógeno, corpo psíquico. Ora, mas afirmar que estamos despreparados para o corpo que temos é quase uma definição do Inconsciente.

O que realizamos dá visibilidade para o corpo, reconsiderado pela clínica da criança com dificuldades autísticas. Dissemos que há algo que se passa nessa clínica capaz de transformar as expressões do corpo do analista, e esse algo tem importância para o que venha a ser a apropriação

do corpo e o brotar da atividade psíquica na criança. Reconhecemos o vivido no corpo, o movimento, o ato como fundamento e marco do psíquico. Para isso, exploramos um campo de demarcação e de experimentação do sensível, o que se passa na clínica da criança, ocupada pela *excitação*, e nos deparamos com a constatação de que a excitação do corpo, nas formas do movimento, é expressiva, pode demarcar um território, pode até mesmo expressar um outro e impelir um sentido. Mas pode haver sentido em um campo de experimentações infra-linguístico? Pois bem, o que nos satisfaz não é espancar a pergunta até o esgotamento da última gota de desconfiança e de dúvida, até porque não o fizemos. Nossa gratificação está em podermos enunciá-la ao final de nosso trabalho. Mas, por certo, ela se situou ao início dos trabalhos também. A bem da verdade, a pergunta pode estar em qualquer lugar. Apenas pensamos que sofismá-la ou silenciá-la seria um desserviço às tramas do psíquico. Ao final, a tomamos entre as interrogações necessárias à clínica dessas crianças, reconhecendo o denodo de autores, alguns trazidos ao nosso texto, no enfrentamento dessa complexa questão. Gestos e movimentos ainda restam como enigmas a serem desvendados por meio do sentido sensível.

Vimos Merleau-Ponty (2000) arrematar, afirmando ser o corpo uma expressão simbólica, ao tempo em que a linguagem é um segundo corpo, no que o acompanhamos quando ele acrescenta que um órgão móvel como a mão ou o olho já é uma linguagem, posto que é uma interrogação e uma resposta – um sentido pré-verbal, fora dos jogos de linguagem. Para Langer (1980), as *formas significantes* ocorrem, primitivamente, no jogo dinâmico da atividade perceptiva, em cuja integração perceptual já tem lugar um *processo de formulação* semântica. Isso nos parece presente desde os primeiros tempos da vida. A criança *autotradutiva* de Laplanche (1988) se esforça para dar direções ao seu psiquismo, em face das *mensagens enigmáticas*, não-verbais, e mesmo verbais, que decorrem das excitações paradoxais ancoradas pelo adulto, como aquela apontada pelo autor, entre o seio e o leite – excitação sexual e

substancial, respectivamente; outros *significantes enigmáticos* inscrevem-se nas *formas* do gesto, da imitação, do olhar, do toque, do sorriso, enfim, nas inextinguíveis afirmações do viver nos ângulos de silêncio e de som do corpo vivido de cada um. Ou o bebê ativo de Winnicott (1975a), em meio a essas produções enigmáticas, ingressa inventivamente na vida, dotando de identidade, singularidade e transicionalidade o ambiente materno que o contorna. Enfim, nossa pretensão foi a de realizar a exploração desse rochedo escarpado, escalado por notáveis pioneiros, a quem nos recostamos para lançar a nossa diminuta ponte ao encontro de uma dada dimensão psíquica, localizada na corporeidade bordada entre analista e criança. Localizada! É isso mesmo. O psíquico tem localização espacial, pelo menos quando hospeda seus fundamentos nos endereços do corpo – é o que aprendemos com Husserl (1912/2005).

O que fizeram, aqui, autores como Freud, Weizsaecker, Winnicott, Merleau-Ponty, Langer, Tustin, senão, entre outros primores, nos mostrarem que há uma ponte a se atravessar até o psíquico, e ela, por vezes, é estreita, ou pelo menos tem trechos de incontornáveis estreitamentos, que dificultam a passagem para o humano, isto é, para o corpo vivido como expressão humana e não apenas como sistema funcional de órgãos; e para que cheguemos a fechar esse circuito até o outro lado da passagem tornamo-nos *corpo-coisa, corpo-objeto, corpo-ambiente, corpo-forma, corpo-prazer, corpo-sofrer, corpo-do-viver*. A criança, com a qual estivemos nas cenas de nosso trabalho, necessita sobremaneira do mundo descarnado para completar o circuito em sua própria *carne* junto ao outro. A pele não é apenas o maior e mais pesado órgão do corpo humano. Ela é também a maior superfície psíquica de inscrição das *formas* humanas em transformação. Ela é o humano à superfície, inventado na prodigalidade das *ubiestesias* do tocar, do movimento, coextensivo ao outro, ao grupamento e ao ornamento que o envolve.

O corpo, asseguram os fenomenologistas que consultamos, se acerca de seu mundo sem que, para tanto, necessite ser chancelado pela função discursiva. Os achados da fenomenologia nos situam justo nesse instante anterior à reflexão sobre o mundo, que é o tempo clínico no qual laboramos. Com efeito, nessa clínica, o analista está convidado a compreender, ou melhor, a viver o universo sensível da criança, tendo por eixo o seu próprio corpo. Convém que ele pense a criança com o seu corpo. É o que prepara a situação transferencial. Percorremos alguns acontecimentos dessa clínica no encontro imediato de uma criança que, por vezes, tem apenas a sua expressividade desenrolada a partir de seu corpo em movimento, em presença do corpo do analista, ou em presença da experiência vivida do analista, tocado pelo corpo em movimento da criança.

O psíquico que vimos se erguer da clínica com as crianças não é um lugar de chegada. O psíquico que consultamos é aquele que Weizsaecker (1958) o entende em *Devenir*, o incessante vir a ser da disposição *páthica* e pulsional dos humanos. O *páthico* se revela nas circunstâncias do encontro humano, e remete às posições originárias da vida. E a disposição *páthica* com a qual nos defrontamos no encontro com *Guili*, *Thiago*, *Tomás*, *Joaquim* e *Tábata* foi aquela que estampa o movimento ou o automovimento, como também o definiu esse último clínico. A performance do analista que aceita se compor com os movimentos da criança, desenha uma moldura para a situação clínica, e essa moldura a qualificamos como *forma significante* (Langer, 1980). Essas *formas significantes* são sínteses que se realizam quando analista e criança conseguem dispensar parcelas do corpo, sem nenhum sentido de finalidade, mas que, ao acaso, redundam em composições estéticas, que são as formas *páthicas* do psíquico em movimento e ritmo continuado. Nesses termos dever-se-á considerar o pensamento clínico, aberto à metamorfose das *formas* pelas *formas*, pois é nesse ciclo que o analista reposiciona pulsionalmente seu corpo, e pode se encontrar com sua estética. Entenda-se por estética, o

interjogo de *estes* e *invenção*. Mesmo quando enfrenta as formas rígidas da estereotipia e da ecolalia, o analista apresenta-se como signo de composição. A estereotipia, por exemplo, acontece por uma torrente de excitação que não pode ser contida nos limites do corpo da própria criança. A excitação da criança pode ser amparada e modulada pelo corpo do analista, fazendo-a deslizar para outras possibilidades de movimentos de seu corpo. E assim, aquilo que, supostamente, chega como *corpo desvitalizado* pela repetição, pode ganhar vida, pela via do corpo do analista. Se a criança consegue “pensar” o analista com o corpo dela, procurando o sensível no corpo dele, e o analista, por sua vez, “pensar” a criança, a partir do que se agita nele como *apresentações* inconscientes de seu corpo, então, estará atendida uma importante condição da *terapia*, e aberta a chance a novas inscrições psíquicas. Procedendo aos fenômenos da clínica nessa perspectiva, o analista – ou as *formas significantes* de seu corpo – credencia-se como semântica do sensível. A distância entre o repetitivo e o criativo não é maior do que a de um tropeço inesperado – eis o que aprendemos com essas crianças. Nessas produções de *formas significantes*, falece a representação, remanesce a existência.

Ao longo de nosso trabalho, procuramos guardar a relação com *formas em movimento*, trazidas nas narrativas clínicas. Vimos com Weizsaecker (1958), que o *movimento* dissolve as categorias estanques entre o físico e o psíquico. Não é por acaso que, bem antes, essa fora também a ponte de Freud (1905/1996), com o conceito de pulsão. Pulsão e movimento estão, a um só tempo, implicados no ciclo de transformação das *formas* pelas *formas*. Pulsão e movimento determinam a gênese das *formas*. A pulsão, levada ao acometimento da existência, não chega a ser uma *coisa*, mas recai na *forma significativa da representação-coisa* de Freud (1915/1996). Qual o nosso esforço? Colocar o analista no palco desse acontecimento das *formas em formação* (*Gestaltung*), tornando-o, ele próprio, um signo sensível passível de se compor com a criança. O pensamento clínico, deduzido do trato com as crianças, nos afiança que é preciso

esperar pelo momento ou pelo movimento no qual a porção sensível do analista possa se compor e harmonizar esteticamente com a criança. Nessa clínica, por excelência, *Stimmung* é o fundo da existência, no qual se desenha certa *Gestaltung*. Nessa hora, o analista torna-se capaz de inventar a criança, o que quer dizer, sabê-la com um corpo para o qual, ele próprio, ainda não se acha desperto – é o que acontece quando analista e crianças tecem os fios de um vínculo sensível, renovando a organização pulsional e a percepção do próprio corpo. Entenda-se a percepção como o ato de mergulhar no tempo trazido pela ação da criança. Encontramos essencial que o analista consulte, em seu corpo, o que comparece como inusitado, o que permite que ele possa se desdobrar até a criança. Vem do *ethos* humano que se encontra em nós, aquilo que é ponte para um outro. Vem do *ethos* humano que, para se completar em contato com o outro, é preciso que sejamos tocados, em algo, em nós.

A função analítica não se completa, vimos Laplanche (1988) desfechar, se o analista não ocupa o *setting* com o seu corpo. Ao que, ainda, suplementamos por nossa conta, a função analítica não se completa, na clínica dessas crianças, se o corpo do analista não se converte no *setting* de recepção das *formas em formação* da criança. Aceitar as traições de seu corpo, seguir com elas, deixar-se afetar por elas, sensibilizar-se com o sensível exaltado pelas crianças em sofrimento autístico, dispor o corpo como *setting* psicanalítico parecem coisas quase inevitáveis no trato dessa clínica. Quando dizemos dessa possibilidade de a criança encontrar a qualidade do seu existir em um fluxo sensível com uma *forma*, ocorre que essa qualidade autística impõe uma reestruturação da experiência vivida do analista. Essa capacidade de se transportar para uma dada dimensão sensível, e lá evacuar o fluir da existência, implica aceitar ou acompanhar o vetor temporal que aí tem vez. E, como vimos, lança raízes ao tempo arcaico. O corpo do analista é função ambiente favorável ao tratamento da criança.

Por certo, para registrarmos uma crítica de ordem cultural, esse tempo que tentamos compreender tem sido obturado ou, pelo menos, esmaecido na vida contemporânea, onde o *vivido* torna-se degradado. Com maior expansão, tomamos conhecimento com essa *verdade* quando sofremos a ação dos sentimentos autísticos. A bem dessa verdade, a ênfase da existência, antes creditada aos méritos da pulsão sexual, deslizou para o objeto, essa a constatação de Freud (1905/1996), em sua alentada crítica ao andamento civilizatório. Ao que, vale repetir, o objeto, todos o sabemos, tem estado restrito ao negócio da mercadoria. Assim, nas sociedades ditas complexas, não há tempo para o “agora”. Vivemos no instante anterior ou saltamos para o momento seguinte, o que resulta numa quebra da unidade do tempo vivido e, portanto, da apropriação que fazemos do tempo. Daí que aumenta nossa dificuldade para apreendermos o tempo arcaico, trazido pela vida dessas crianças. Recuperamos esse comentário para dizer que estamos ao lado de uma criança que faz sua vida brotar num ciclo de condutas, no qual e para o qual ela realiza um ato de existência. Cuida-se do “agora”. Nesse agir da criança, não se cultiva o futuro, tampouco se lhe colhe o passado, pois ele é, essencialmente, o que pode ser vivido no imediato da experiência. Quer dizer, se há todo um dispositivo social de negação do tempo que passa, eis então uma clínica em que o tempo é, por excelência, consumido em favor de uma determinada modalidade de existência que, ainda, não consegue se deslocar para outras experiências do tempo. O desafio do analista é se aliar nessa tessitura do tempo que a criança realiza, sem a qual ele próprio pode se descobrir alienado. Essa tessitura do tempo é, por certo, um *trabalho de cura*, isto é, um trabalho de corpo, à guisa do tempo sensível, até os limites e as tessituras de um *sentimento de Eu*. Não raro, famílias e outros profissionais reclamam a necessidade de romper com a repetição inumerável dessas crianças. Com sofrida e justificada razão, eles reclamam o tempo que passa, deixando para nós, os analistas, o cogito de que naquele arranjo pode se encontrar, também, a experiência viva da criança, de onde ela retira um alento

para a sua subsistência psíquica. É nesse microcosmo que podemos recolher um gesto frágil, uma intenção rudimentar. Quando os analistas somos levados aos limites da experiência que se passa no imediato do corpo e seus entornos, convidados estamos a declinar do inventário do tempo que retorna como sintoma, para nos dedicarmos aquele que, sem demora, passa em nosso corpo em contato com a criança, mas que outro sentido não teria senão o de simplesmente passar. Embaraçoso desafio esse do analista, na clínica com as crianças, posto que está convidado – digamos, compelido – a realizar seu ofício num tempo para o qual, em parte, ele próprio se encontra exilado, se aceitarmos que, como o dissemos, na exigência de processamento maquinal sem trégua, dominam forças de denegação do corpo e dos tempos da criança. Por certo, a reintrodução do corpo nessa clínica converge com a inclinação de uma psicanálise antiintelectualista.

Nas vinhetas clínicas que coligimos, são escassas as associações por palavras, mas sobejam as associações pelo movimento. O que vimos as crianças realizarem? Elas correm pela sala, assumem posições com o corpo em angulações variadas, esgueiram-se por estreitos entre os móveis, produzem sons, pulam, lançam brinquedos, os embebem em saliva, chupam e lambem; com a saliva, fazem figuras na boca e demarcam um território. Quando falamos em *corpo ambiente*, pensamos numa certa maneira da criança, com as facetas de seu corpo, demarcar e reconstituir o seu entorno. É com base no estabelecimento desse fundo sensível, atualizado nos encontros clínicos, que se passa à condição de produzir figuras, tipo *Gestaltungs*, que procuramos descrever nessas cenas clínicas. Para fazer frente a isso, o analista se decompõe ou é decomposto pela criança, a exemplo do analista-boca – e em tantas outras frações de seu corpo ele poderia sê-lo. Por mais difícil que seja essa vivência para o analista, o permite acompanhar o fluxo no qual a criança realiza a sua existência, cuja síntese pode se fazer na fabricação de sons, na invenção de uma *forma*, na construção de um mecanismo, na repetição de um movimento, na iteração de uma

palavra ou no desfraldar de um gesto, em toda essa alentada estética podemos colher atividade psíquica.

Assim foi quando, vimos Guili, recostado sobre o analista, encontrar uma montagem, na tentativa de inscrevê-la à face de seu rosto; noutra cena, ele segue, ensaiando sua reconstrução psíquica, na procura, irrefreável, de novo fragmento sensível, que, cogitamos, pudesse recair, em seu psiquismo, na *forma da representação-coisa*. O que supomos é a ação da criança à cata de uma *identidade*, que, nesse caso, consultaria um fragmento sensível, se não ausente, não inteiramente estabelecido enquanto marca negativa originária. Para operar em si essa *representação-coisa*, que a um só tempo é o sujeito e a coisa, e que dá acesso ao próprio corpo, ela, em verdade, precisa do movimento, dos objetos em seu entorno e da presença do analista. A *mimesis* do analista encena para a criança a sua procura, mas não só, ela própria, a imitação, pode ser recepcionada pelo corpo da criança como *coisa* que lhe possa recair como referente psíquico, nos termos de uma tal *representação-coisa* extraviada ou não fundada. O corpo do analista pode se tornar a *representação-coisa* que falta ao fundamento psíquico da criança, revelando-se semântica do sensível.

Também acompanhamos Thiago rearranjar seu corpo, ao ver-se nos olhos da analista e atravessado pelo olhar dessa – ele se desvia do vesgo estereotipado, nos giros da roda do caminhão, para deixar-se tocar pelo olhar-corpo da analista, favorecendo a expressão de uma tal *intercorporeidade*. Por seu turno, chega a hora em que Joaquim entra no jogo ou entra no jogo de sedução com o analista, o que permite que as porções do corpo de um e de outro possam transitar entre a dupla, seja pela imitação realizada pelo analista, seja por recurso diverso, como o de simplesmente apreciar com entusiasmo as composições da criança, seja ainda pelo ato de percorrer com um carrinho o corpo da criança e, depois, pela exigência da mesma, seguir com esse, tendo por rota o corpo do próprio analista. Qual a resultante? O ambiente analista-criança

torna-se pavimentado por esse veículo do corpo sensível, nessa singela ação de mutualidade. O analista tem a chance de retornar à criança as figuras de sua produção, até a aguardada oportunidade dela se apropriar das mesmas ou de inscrevê-las na superfície psíquica de sua pele. Assim como a palavra, para ser plena, precisa tocar o corpo, e daí germinar algum *sentido*, também a criança precisa entornar sua *forma* sobre a superfície da pele para reaver a direção de seu corpo, e daí colher o *sentido* do sensível. Aqui vale repetir a precisa expressão de Fedida (1991), que faz justiça a Weizsaecker (1958), quando toma a produção dessas crianças por um verdadeiro *auto-erotismo de um círculo de formas – Gestaltkreis*. Nesses círculos, trazidos ao conhecimento do leitor, comparecem miudezas do cotidiano, que levam ao estuário de uma vida imprevisível. Como acreditar que uma criança possa pavimentar a corporeidade, quando se transporta para o contato de um carrinho, cuja pista de rodagem se alinha da pontinha de um pé até a descida do pezinho contrário? Mas assim o é, desde que a cena se complete como *Self*, entorno dotado de outro.

Quanto à sedução do analista, pensêmo-la com a expressão de Laplanche (1992), invertendo, elegantemente, o termo de Winnicott – *mãe insuficientemente boa*. Para nós, essa inversão, em nada ataca o *Self* elaborado por Winnicott, envoltório narcisante de cuidados, função igualmente dispensada pelo analista. Mas, com tal expressão, podemos cogitar as *formas em movimento* que se levantam do corpo do analista e dão trabalho à criança, ou melhor, incluem-se como labor psíquico da criança, seja de tradução, seja de invenção, seja de exploração, seja até de simples afetação pela excitação espontânea.

Faz-se a hora de abrirem-se as últimas palavras dessa jornada. Por sabido, o analista vive com a criança ensimesmada, na situação clínica, uma miríade de evoluções, arranjos, brincadeiras, ainda também, porque não dizê-las, rotinas enfadonhas, em cuja dormência ele deixa escapar pérolas do viver. Como diz esse *menino sabido*, a quem chamam *Rubem Alves*, que

anda pela vida colecionando inutilidades: “ostra feliz não faz pérola” (Alves, 2008). Sim, diz ele, a pérola resulta da dor da ostra incomodada pelo grão de areia. Do botão do inconformismo, do desacordo e da dor, desabrocha a beleza. Até hoje, nada nos recomenda que se possa passar diferente com o analista. A teoria é a dor do analista. Da sua dor com a criança, nasce a função estética, que, para nós, é a gênese da vida psíquica.

Em suas deambulações pelas montanhas, certa feita, Zaratustra depara-se com um jovem que tanto fez para evitar o encontro com ele. Depois de ouvir o prólogo do profeta sobre o regime de sua alma, o jovem, intrigado, retruca, ávido por saber como o adivinho o teria desvelado. Zaratustra prontamente replica, com um sorriso e estas breves palavras: “– Há almas que não serão descobertas, enquanto não se começa a inventá-las” (Nietzsche, 2011, p. 48). O aforismo de Zaratustra bem empresta palavras ao trato com crianças de tão poucas palavras. Como estar com elas se não for para inventá-las? Essa criança, da qual falamos, não é o Guili; não se iguala ao Joaquim; é distinta do Thiago; e diversa da Tábata. A narrativa encontra-se com as crianças, mas não se acha nelas. Porém, essa *peça* humana ficcional, que esteve conosco, precisa ocupar um lugar, pois é ela que se levanta para ceder assento às crianças. Depois de guardadas, em meio ao sono profundo dos oceanos, as *pérolas da dor* são pescadas para ornarem e embelezarem o corpo humano. Pura ficção à superfície da pele.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAHAM, N. & TOROK, M. (1995). *A casca e o núcleo*. Tradução Maria José Coracinil. São Paulo: Escuta.
- ABREU, I.G.H. (2007). *Origens autísticas do psíquico: tramas de sensações e pulsações*. Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília.
- ALVES, R. (2008). *Ostra feliz não faz pérola*. São Paulo: Planeta.
- ANDRADE, C. D, DE (1983). *Boitempo III*. In: Nova Reunião – 19 Livros de Poesia. Rio de Janeiro: J. Olympio.
- ANZIEU, D. (1989). *O eu-pele*. Tradutoras Zakie Yazigi Rzkallah e Rosali Mahsuz. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- BARROS, M. DE (2010). *Poesia completa*. São Paulo: Leya.
- BRANDÃO, J. S. (1996). *Mitologia Grega*. Petrópolis: Vozes, vol. 1.
- DENIS, A. (1995). *Temporality and modes of language*. The International Journal of Psychoanalysis, vol. 76, pp. 1109-1119.
- DOLTO, F. (1992). *A imagem inconsciente do corpo*. Tradução de Noemi Moritz Kon e Marise Levy. São Paulo: Perspectiva.

- FÉDIDA, P. (1991). *Auto-erotismo e autismo: condições de eficácia de um paradigma em psicopatologia*. In: Nome, figura e memória. A linguagem na situação psicanalítica. Tradução de Martha Gambini e Claudia Berliner. São Paulo: Escuta.
- FÉDIDA, P. (1999). *Entrevista concedida a Alain Braconnier*. Tradução de Saulo Krieger. Publicado originalmente em “le Carnetpsy”, fev/1999. Disponível em: <http://www.antroposmoderno.com/textos/entrevistafed.shtml>. Acesso em: 23 Mai 2012.
- FERENCZI, S. (1991). *Transferência e introjeção*. In: Obras completas. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, vol. 1, pp. 77-108.
- FERENCZI, S. (1992). *Reflexões sobre o trauma*. In: Obras completas. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, vol. 4, pp. 109-117.
- FOUCAULT, M. (2007). *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes.
- FREUD, S. (1900). *A interpretação dos sonhos*. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Tradução sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. 5, pp. 371-648.
- FREUD, S. (1905). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Tradução sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. 7, pp. 119-229.

FREUD, S. (1911). *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico*. In: Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Tradução sob a direção geral de Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2004, vol. 1, pp. 63-77.

FREUD, S. (1915). *O inconsciente*. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Tradução sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. 14, pp. 165-209.

FREUD, S. (1915). *Pulsões e destinos da pulsão*. In: Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Tradução sob a direção geral de Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2004, vol. 1, pp. 133-173.

FREUD, S. (1920). *Além do princípio de prazer*. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Tradução sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. 18, pp. 17-75.

FREUD, S. (1923). *O ego e o id*. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Tradução sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. 19, pp. 15-71.

FREUD, S. (1924). *O problema econômico do masoquismo*. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Tradução sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. 19, pp. 177-188.

- FREUD, S. (1925a). *A negativa*. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Tradução sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. 19, pp. 263-269.
- FREUD, S. (1925b). *Uma nota sobre o 'bloco mágico'*. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Tradução sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. 19, pp. 253-259.
- FREUD, S. (1930). *O mal-estar na civilização*. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Tradução sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. 21, pp. 67-148.
- FREUD, S. (1933a). *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise, conferência XXXII: Ansiedade e vida instintual*. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Tradução sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. 22, pp. 85-112.
- FREUD, S. (1933b). *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise, conferência XXXIII: Feminilidade*. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Tradução sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. 22, pp. 113-134.
- FREUD, S. (1938). *Esboço de psicanálise*. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Tradução sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. 23, pp. 151-221.

- FREUD, S. (1950). *Extratos dos documentos dirigidos a Fliess, carta 52 (6 de dezembro de 1896)*. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Tradução sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. 1, pp. 281-287.
- GREEN, A. (2005). *La causalidad psíquica: entre naturaleza y cultura*. Tradução de Laura Lambert. Buenos Aires: Amorrortu.
- HANNS, L. A. (1999). *A teoria pulsional na clínica de Freud*. Rio de Janeiro: Imago
- HUSSERL, E. (1912). *Ideas relativas a una fenomenologia pura y una filosofia fenomenológica: livro segundo investigaciones fenomenológicas sobre la constitución*. Tradução de Antonio Ziri6n Q.. M6xico: UNAM, Instituto de Investiga66es Filos6ficas, 2005.
- JAKOBSON, R. (1967). *Fonema e fonologia*. Tradução J. Mattoso C6mara Jr.. Rio de Janeiro: Acad6mica.
- JAKOBSON, R. (1974). *Lingüística e Comunica66o*. Tradução de Izidoro Blikstein e Jos6 Paulo Paes. S6o Paulo: Cultrix.
- KLEIN, M. (1996). *A import6ncia da forma66o de s6mbolos no desenvolvimento do ego*. In: Amor, culpa e repara66o e outros trabalhos (1921-1945). Tradução de Andr6 Cardoso. Rio de Janeiro: Imago.
- LANGER, S. K. (1980). *Sentimento e forma*. Tradução de Ana M. Goldberger e J. Guinsburg. S6o Paulo: Perspectiva.

- LANGER, S. K. (2004). *Filosofia em nova chave*. Tradução de Janete Meiches e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva.
- LAPLANCHE, J. (1985). *Vida e morte em psicanálise*. Tradução de Cleonice Mourão e Consuelo Santiago. São Paulo: Martins Fontes.
- LAPLANCHE, J. (1988). *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios*. Tradução de Doris Vasconcellos. Porto Alegre: Artes Médicas.
- LAPLANCHE, J. (1992). *O inconsciente e o id*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes.
- LAPLANCHE, J. (2006). *Trois acceptions du mot "inconscient" dans le cadre de la Théorie de la Séduction Généralisée*. In: Le concept d'inconscient selon Jean Laplanche. Paris: Ed. Psychiatrie Française, vol. XXXVII, n° 3/06.
- LÉVI-STRAUSS, C. (1967). *Antropologia cultural*. Tradução de Chaim Katz e Eginardo Pires. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- MAHLER, M.; PINE, F.; BERGMAN, A. (1977). *O nascimento psicológico da criança: simbiose e individuação*. Tradução de Jane Araújo Russo. Rio de Janeiro: Zahar.
- MARTINS, F. (2005). *Psicopathologia I: prolegômenos*. Belo Horizonte: PUC Minas.
- MARTINS, F. (2006). *Psicopathologia III: semiologia e psicanálise*. Laboratório de Psicanálise e Psicopatologia, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília: (documento inédito).

- MARTINS, F. (2007). *Ensaio acerca do sintoma simbólico: da cabrita desvalida ao senhor do mundo, e um pouco de todos nós*. Laboratório de Psicanálise e Psicopathologia, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília: (documento inédito).
- MARTINS, F.. *Metáforas símiles de L. Szondi e Jacques Schotte*. Disponível em: <http://www.franmarpsi.com/>. Acesso em: 23 Mai 2012c.
- MARTINS, F.. *O irrealis – tempo e modo verbal da mente humana*. Disponível em: <http://www.franmarpsi.com/>. Acesso em: 23 Mai 2012a.
- MARTINS, F.. *O pensamento clínico*. Disponível em: <http://www.franmarpsi.com/>. Acesso em: 23 Mai 2012b.
- MERLEAU-PONTY, M. (1971). *Fenomenologia da percepção*. Tradução de Reginaldo de Piero. Rio de Janeiro: Freitas Bastos.
- MERLEAU-PONTY, M. (1990). *Merleau-Ponty na sorbone: resumo de cursos: 1949-1952*. Tradução de Constança Marcondes Cesar. Campinas, SP: Papyrus.
- MERLEAU-PONTY, M. (2000). *A natureza: notas: cursos no Collège de France*. Texto estabelecido e anotado por Dominique Ségларd. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes.
- MERLEAU-PONTY, M. (2009). *O visível e o invisível*. Tradução de José Artur Gianotti e Armando Mora d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva.

- NIETZSCHE, F. (2011). *Assim falava Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução de Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis, RJ: Vozes.
- OURY, J. (2000). *Le pré-pathique et le tailleur de Pierre*. In: Revista Chimères, Les enjeux du sensible, n°40.
- OVÍDIO (1983). *As metamorfoses*. Tradução de David Jardim Junior. Rio de Janeiro: Ediouro.
- PRINZHORN, H. (1984). *Expressions de la folie. Dessins, Peintures, Sculptures D'Asile*. Paris: Gallimard.
- QUINET, A. (2004). *Um olhar a mais: ver e ser visto na psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- RICOEUR, P. (1977). *Da interpretação: ensaio sobre Freud*. Tradução Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago.
- SAFRA, G. (1999). *A face estética do self: teoria e clínica*. Tese de Livre-Docência, Universidade de São Paulo. São Paulo.
- TAFURI, M. I. (2003). *Dos sons à palavra: explorações sobre o tratamento psicanalítico da criança autista*. Brasília: ABRAFIPP.
- TUSTIN, F. (1975). *Autismo e psicose infantil*. Tradução de Isabel Casson. Rio de Janeiro: Imago.

- TUSTIN, F. (1984). *Estados autísticos em crianças*. Tradução de Joseti Marques Xisto. Rio de Janeiro: Imago.
- TUSTIN, F. (1990). *Barreiras autistas em pacientes neuróticos*. Tradução de Maria Cristina Monteiro. Porto Alegre: Artes Médicas.
- VERGOTE, A (1994). *La constitution de l'ego dans le corps pulsionnel*. In: Dimensions de L'Exister: Études D'Anthrologie Philosophique. Louvain, Paris: Éditions de L'Institut Supérieur de Philosophie Louvain-La-Neuve.
- WEIZSAECKER, V. V. (1958). *Le cycle de la structure (Der Gestaltkreis)*. Tradução do alemão para o francês de Michel Foucault e Daniel Rocher. Paris: Desclée de Brouwer.
- WINNICOTT, D. W. (1975a). *Objetos transicionais e fenômenos transicionais*. In: O brincar e a realidade. Tradução de José Octavio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago.
- WINNICOTT, D. W. (1975b). *A criatividade e suas origens*. In: O brincar e a realidade. Tradução de José Octavio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago.
- WINNICOTT, D. W. (1975c). *O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil*. In: O Brincar e a Realidade. Tradução de José Octavio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago,.
- WINNICOTT, D. W. (1994a). *Sobre as bases para o self no corpo*. In: Explorações Psicanalíticas, Org. Clare Winnicott, Ray Shepherd e Madeleine Davis. Tradução de José Octavio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artmed.

WINNICOTT, D. W. (1994b). *O jogo do rabisco [Squiggle Game]*. In: Explorações Psicanalíticas, Org. Clare Winnicott, Ray Shepherd e Madeleine Davis. Tradução de José Octavio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artmed.

WINNICOTT, D. W. (2004). *Introducción primaria a la realidad externa: las primeras etapas*. In: Acerca de los Niños. Tradução de Leandro Wolfson. Buenos Aires: Paidós.